O TEMPO
Bom. Temperatura estavel. Ventos de sueste a nordeste, moderados.
Máxima 27.4
Mínima 15.3

TRIBUNA DA IMPRENSA

ANO 2 – N.º 158 — Diretor CARLOS LACERDA — SÁBADO-DOMINGO
80 CENTAVOS — REDAÇÃO: RUA DO LAVRADIO, 98 — (Séde própria) -32-8188 (Rêde Interna) — RIO DE JANEIRO — 1.2 JULHO 1950

[illegible]
JEFFERSON

RECONQUISTADA SUWON PELOS AMERICANOS

PROSSEGUEM AS MANOBRAS NA CORÉIA

TÓQUIO, 1 (U.P.) — O Exército norte-americano regressou a Suwen, que fôra abandonada ontem à noite às pressas e por equivoco.

Esta cidade continua em poder dos Sul-Coreanos.

TAMBEM OS INGLESES ENVIARAO TROPAS DE INFANTARIA

LONDRES, 1 (AFP) — Os circulos bem informados ingleses recusam comentar a decisão do presidente Truman de enviar a infantaria norte-americana para a Coréia.

Segundo informações colhidas em boa fonte não se exclui nesta capital a possibilidade da Grã Bretanha seguir o exemplo norte-americano e enviar em caso de necessidade algumas unidade spara a Coréia do Sul, conforme à resolução do Conselho de Segurança de acorrer em auxilio do govêrno de Syngman Rhee.

Todavia, pode-se acreditar que ainda não foi tomada nenhuma decisão a êsse respeito pelo gabinete britânico.

A situação na Coréia continua a ser objeto de constantes trocas de opiniões entre Londres e Washington.

TSUSHIMA BOMBARDEADA

TÓQUIO, 1 (AFP) — A ilha japonesa de Tsushima foi bombardeada por um avião norte-coreano.

COMUNICADO DE MAC ARTHUR

TÓQUIO, 1 — (AFP) — Comunicado distribuido pelos Serviços de Imprensa do Q.G. de Mac Arthur, referente às operações de ontem:

"Todos os objetivos visados foram atingidos pela aviação dos Estados Unidos, ao longo do rio Han e ao oeste de Seul. Esses objetivos foram embarcações fluviais, concentrações de tropas, tanques e comboios nos cruzamentos de estradas. Segundo informação ainda incompleta, trinta caminhões foram destruidos assim como duas locomotivas, um

(Conclui na 3ª pag.)

Vozes da Cidade

O sub-chefe do gabinete civil da Presidência da República, Lopo Coelho, prometeu nomear os candidatos aprovados no concurso C-181 Oficial Administrativo, do S. P. F., que aguardam nomeacão há mais de dois anos, contanto que compareçam no proximo dia 4, entre 17 e 18 horas, à Avenida Graça Aranha, 81, 12.º andar, sala 1209.

Recomendou-lhes que devem levar seus titulos eleitorais...

* * *

O sr. Clemente Mariani, mandou dispensar todos os funcionários do Ministério da Educação, do expediente de hoje. Isto é, mandou sair às 10 horas, a fim de assistirem o seu discurso de despedida.

O sr. Mariani, às 11 horas de hoje, deixará a pasta da Educação.

* * *

Saiu da Prefeitura o coronel Gilberto Marinho, que lá fôra pôsto para conter os excessos do sr. Mendes de Morais.

Não póde mais.

JOSE' DO RIO

Enquanto o povo sofre

Getúlio, "Pai dos Pobres", carrasco dos trabalhadores, ri enquanto a policia cumpre as suas ordens de torturar e matar.

TEVE INICIO Á MEIA-NOITE O RECENSEAMENTO NACIONAL

A propaganda deficiente está prejudicando os serviços – Grande número de estudantes entre os agentes do S.N.R.

Por HILCAR LEITE

A meia-noite de hoje, quando os recenseadores, entre os quais o universitário Ivo Caruso, passavam pela esquina da rua dos Inválidos com a praça da República, iniciando os serviços do Censo de 1950, viram um homem dormindo na soleira de um prédio.

Acordaram-no e tomaram todos os dados necessários. Tratava-se de um homem que havia saido momentos antes da Delegacia de Vigilância e que, sem casa, havia se sentado ali para passar a noite.

Foi recenseado porque o devem ser tôdas as pessoas que se encontram no Rio a zero hora de 1.º de julho.

PROPAGANDA DEFICIENTE

A deficiência de propaganda que começou há poucos dias, prejudicou um pouco o serviço dos recenseadores. O Serviço Nacional de Recenseamento anunciou que o censo seria no dia 1.º, de modo que quando os recenseadores apareceram nos domicilios para fazer entrega dos formulários, surgiram casos.

Por exemplo: na residência de um guarda-civil novato, foi posta em dúvida a qualidade do recenseador, tendo o guarda-civil telefonado para o Distrito Policial e para a Delegacia de dia, que de nada sabiam. Apenas com a apresentação do cartão de identificação e com o pedido para telefonar para o Serviço foi que todos se convenceram de que o censo já começara.

ESTUDANTES

Os universitários são em grande número entre os recenseadores. Fizeram o exame nos primeiros dias de julho e receberam as primeiras aulas especializadas a partir do dia 15. Começaram a distribuir os formulários com certo acanhamento, mas já no segundo dia de serviço estavam agindo com todo desembaraço.

Perceberão, na zona central,

(Conclui na 3.ª pag.)

VOZ DE COMANDO DE EMILIO ROMANO:

"PODEM MATÁ-LO, QUE TENHO ORDENS DE GETULIO"

O MARTÍRIO DO SOLDADO JOSE' BASILIO DOS SANTOS

"Doutor não. Sou capitão do Exército. Você já caiu em contradições, mas como é um homem de responsabilidade, vai confessar agora mesmo e de qualquer maneira" — tais palavras foram ouvidas pelo soldado do 5.º Batalhão da Policia Militar do Distrito Federal José Basilio dos Santos, às 22 horas de 9 de julho de 1936, proferidas por Emilio Romano, na época chefe da Ordem Politica.

Depois de dizer aquelas frases, o "capitão" Romano, que acabou expulso da chefia da Ordem Politica por ter tentado extorquir dinheiro de Kirgué, chamando quatro "tiras" ordenou:

(Conclui na 3ª pag.)

POSSIVEL, HOJE, A VOLTA DE JAIR

JAIR — E' possivel o seu reaparecimento no "match" desta tarde

Brasil x Iugoslávia decide hoje a primeira das chaves de semi-finalistas da Copa do Mundo. O acontecimento está, durante êstes 3 últimos dias, centralizando a atenção da cidade, principalmente por se tratar da última oportunidade para o Brasil obter a classificação à disputa às finais do grande certame. Mas não é só o carioca que se deixou empolgar por êste prélio futebolistico. O Brasil, de norte a sul, está hoje com as suas vistas voltadas para o Maracanã, onde se realizará o embate. Aquêles que não puderam vir até o Rio, que não puderam acompanhar vários outros que viajaram até a Capital da República — ficarão atentos e apreensivos ao rádio vivendo a mesma inquietação, idêntica emoção, como se, de fato, estivessem assistindo com os próprios olhos ao cotêjo.

Maior afirmativa da preocupação do público está justamente nas vendas dos ingressos. Até ontem já tinham sido arrecadados perto de 3 milhões e quinhentos mil cruzeiros. E já há mesmo o "câmbio-negro" de entradas. Os espertalhões, infaliveis nessas horas, pedem agora 500 cruzeiros por uma cadeira e 100 por uma arquibancada.

Sôbre o quadro do Brasil ainda não temos uma palavra definitiva. Mas, de antemão, podemos adiantar que Zizinho voltará ao seu posto habitual. A inclusão de Jair, porém, não é uma hipótese inviavel. Poderá vir a se concretizar.

(UM NOTICIARIO MAIS AMPLO NA 10.ª PAGINA)

Sôbre a Lei Sindical (III)

A Unidade Sindical acarreta restrições à Liberdade

Conclusão da entrevista concedida com exclusividade à TRIBUNA DA IMPRENSA pelo sr. Dorval Lacerda

Falando sôbre o muito discutido problema da unidade e pluralidade sindical, disse o sr. Dorval Lacerda:

"Oliveira Viana julga que a unidade sindical importa necessàriamente no controle do Estado e que a pluralidade, ao contrário, gera o sindicato livre. Se assim fôr, não temos alternativa: a Constituição de 1946 instituiu a liberdade sindical, sem as restrições da de 37; logo, outra coisa não se poderia fazer senão adotar, sem mais discussões, que acarretariam sempre o pecado da inconstitucionalidade, a pluralidade sindical".

"E outra coisa na verdade não se poderá fazer — não porque a unidade acarrete, necessàriamente, o contrôle mas porque a unidade representa uma restrição à

(Conclui na 3.ª pág.)

Leia hoje

Na página 4
Perugia
Artigo de
TRISTÃO DE ATHAYDE
- - - - -
A utilidade de um candidato
Artigo de
CARLOS LACERDA

Ministro interino da Educação

Foi empossado interinamente, na manhã de hoje, no Palácio do Catete, nas funções de ministro da Educação e Saúde, em substituição ao sr. Clemente Mariani, o sr. Eduardo Rios Filho.

900 milhões para o desmonte do morro de Santo Antonio

Deu entrada no Tribunal de Contas da Prefeitura e deverá ser apreciado na próxima semana o processo referente ao decreto assinado pelo Prefeito sôbre o lançamento do empréstimo de 900 milhões para desmonte do morro de Santo Antonio.

Como se sabe, o sr. Mendes de Morais, apoiando-se no decreto assinado pelo presidente da República, em 14 de janeiro de 1947, que autoriza o Prefeito do Distrito Federal a fazer as operações de crédito que se tornarem necessárias para executar as obras complementares do plano de realizações urbanisticas, assinou decreto lançando o aludido empréstimo sem autorização da Câmara do Distrito Federal.

Essa matéria será apreciada pelo Tribunal para o indispensável registro.

FRACASSOU A HOMENAGEM

PARA O ALMOCO A MENDES DE MORAIS

Há muitos dias amarelece e se empoeira na portaria da Câmara dos Deputados uma dessas listas de almôço em homenagem, etc, etc. A data marcada era anteontem, 29, dia de São Pedro. Ontem, 30, quando foi afinal recolhida a lista só tinha a assinatura de um deputado — Eurico de Souza Leão. Mais um outro nome — Enio Carvalho de Oliveira. E só.

Era o fracasso. O continuo passou os olhos no papel: "Homenagem da Ala Moça do PSD do Distrito Federal ao general Angelo Mendes de Morais, em agradecimento ao apoio que o governador da cidade vem prestando à atuação dos jovens pessedistas".

No Instituto dos Advogados

Assunto político e não doutrinário a elegibilidade de Vargas

Após uma sessão bastante agitada o Instituto dos Advogados rejeitou ontem, por 34 votos contra 33 o exame da indicação Nabuco. (O advogado José Thomaz Nabuco havia sugerido ao Instituto dos Advogados que se pronunciasse sôbre se a Justiça poderia negar registro a candidatos cujo programa ou ação contrarie o regime democrático. A indicação não menciona nenhuma candidatura especificamente, mas sabe-se que o seu objetivo era provocar o pronunciamento do Instituto sôbre a candidatura do sr. Getúlio Vargas).

A rejeição do exame da tese pela maioria de um voto apenas dá uma idéia da animação dos debates. Tôda vez que o nome do sr. Getúlio Vargas era mencionado a sessão se tumultuava. Queremistas e comunistas uniam-se para protestar contra qualquer critica feita ao ex-ditador. Quando o professor Arnoldo de Medeiros, justificando seu voto contrário ao exame da tese, disse que debatê-la seria dar demasiada importância ao sr. Getúlio Vargas, quase foi agredido pela bancada comuno-queremista.

Terminada a votação e anunciado o resultado os queremistas se confraternizavam e convidavam-se para tomar champagne.

A saida disse o advogado José Thomaz Nabuco: "O espetáculo de hoje mostra que a nossa tese é temida". Disse o sr. Lúcio Bittencourt, ardoroso getulista: — "Ganhamos por um voto, mas ganhamos".

A CRISE DA UDN CARIOCA

SURGE UMA SOLUÇÃO

Sob a direção do sr. Odilon Braga encaminha-se, nas últimas horas, uma solução para a crise verificada na UDN carioca pela recusa de alguns dos indicados para figurarem em uma chapa na legenda udenista.

O novo presidente da UDN trata de aproveitar a crise para dar ao problema da formação de chapas no Distrito, em acôrdo com os dirigentes locais, de várias correntes politicas, uma solução completa, tendo em vista a conveniência de formar chapa que aumente a fôrça do Brigadeiro em vez de simplesmente sustentar-se dela.

O tempo de que dispõe o sr. Odilon Braga para os necessários entendimentos é muito curto, pois a Convenção fôra adiada para o dia 3. Tratando-se de uma solução ampla e completa, o sr. Odilon Braga pretende obter das diversas correntes uma dilatação do prazo para os entendimentos que começaram ontem, quando o sr. Odilon Braga ouviu os srs. Luiz Aranha e Adauto Cardoso.

A data nacional do Canadá

Todos os anos, no dia 1.º de julho, celebra o Canadá a sua data nacional, comemorando a fundação da nação canadense. Esse dia festivo foi fixado por Proclamação Real em 1867, logo após a aprovação do chamado Ato da América do Norte Britânica pelo parlamento inglês. Este feriado nacional que os canadenses designam como Dia Nacional do Canadá, significa para os filhos da grande nação setentrional o que o "Independence Day" significa para os americanos, o "Dia da Bastilha" para os franceses ou o "Sete de Setembro" para nós brasileiros. O cliché representa o monumento a Samuel Champlain, fundador do Canadá.

CONVENÇÃO DO PST

Conquistas sociais e jazz-band

Manifesta-se contra o messianismo e o fantasismo o sr. Cristiano Machado — Disposto a retirar seu nome o sr. Vitorino Freire

A nota curiosa da sessão de encerramento da Convenção do PST (Partido Social Trabalhista), realizada ontem à noite no Palácio Tiradentes, foi a presença, em uma das galerias, de uma "jazz-band" que de vez em quando entusiasmava a assistência com sambas, marchas e blues, tendo sido uma das músicas mais aplaudidas a toada nordestina "Asa Branca", que, na opinião do deputado pessedista padre Medeiros Neto dá azar e cuja execução tem sido responsável por várias catástrofes em Alagoas. O final dos acordes de "Asa Branca" era seguido de vivas ao sr. Cristiano Machado e ao "futuro vice-presidente da República, dr. Vitorino Freire".

A SOLENIDADE

O primeiro orador da Convenção foi o senador Vitorino. Declarou que o lançamento de seu nome à vice-presidência não poderia turvar o panorama politico, de vez que estava disposto a re-

(Conclui na 3.ª pag.)

Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A.
SESSENTA ANOS DE BONS SERVIÇOS

CHAPA PSP-DF

ALGUNS NOMES CERTOS

O Diretório Metropolitano do PSP está concluindo a organização da sua chapa para a Câmara dos Deputados. Sabe-se que nela figurarão: Mozart Lago, também para suplente de senador; Jonas Corrêa, eleito deputado pelo PSD; o promotor público A. Chagas Freitas; o professor Hélio Gomes; a doutora Maria José Watzel Americano; o engenheiro da Prefeitura Adalberto Cumplido de Santana e o irmão do chefe de Policia, coronel Lima Câmara.

Prezado leitor

Da Fazenda da Borda do Campo, perto de Juiz de Fora, escrevem três meninos, os mais velhos de uma familia de 9 crianças:

"Nós somos três irmãos. Eu que escrevo esta carta, sou Pedro. Vou fazer 13 anos depois de amanhã. O segundo é o José, que vai fazer 12 anos, no mês que vem. O terceiro é o Joaquim, que tem 10 anos.

"Nós somos filhos do administrador da fazenda. Como está faltando água, nós que transportamos as latas dágua para o Frei e nós ganhamos 0,50. Mas nós ouvimos falar no negócio dos "dutrinhas" para o Brigadeiro. O papai gosta do Brigadeiro e o Frei também. Então nós combinamos de dar os "dutrinhas" que nós ganharmos e nós já demos para o Frei vinte dutrinhas. O Frei falou que já mandou pro senhor dar pro Brigadeiro.

"E agora nós quizemos escrever pro senhor contar pro Brigadeiro que nós fazemos isso pra êle porque ouvimos falar que êle é bom, que êle é pobre, e por isso nós gostamos dele. Fala com êle que nós vamos rezar para êle ganhar. Nós mandamos um abraço pro Brigadeiro, para o senhor e pro nosso velho amigo da TRIBUNINHA, o Celestino Beijaflor. Nós vamos assinar todos três, porque a carta é dos três.

Pedro de Melo
José de Melo Filho
Joaquim."

Pela copia,

O REDATOR DE PLANTÃO

ANUNCIOS EXPRESSOS

ADVOGADOS

Alberto F. Bumacher
Av. Rio Branco 277, 11.°, grupo 1103. Tels. 42-6205 e 22-6780.

Dr. Abel A. da Rocha
PERICIAS CONTABEIS — APURAÇÃO DE HAVERES, ETC. — Rua Araujo Cardoso 251 e 1.° de Março 17, 2.°, sala 4. Tels. 29-5561, das 8 às 11; 43-5935, das 16 às 17

Benedicto Ultra
ADVOGADO
Tr. Ouvidor 18 — Tel. 52-3511.

Darcy Ribeiro
ADVOCACIA CIVEL E TRABALHISTA
Rua do Rosário 150, 1.° andar. Tel. 23-4430

Fernando Parga Nina
EDIFICIO COMERCIAL
Av. Graça Aranha 416, sala 824. Tel. 22-8171 (2246)

Guilherme Moretzsohn Brandi
Av. Almte. Barroso 90, 9.°, s/916. Diariamente das 9 às 11 e das 16 às 18 hs. Tel. 42-2574. (2468)

J. GERALDO GARCIA DE SOUZA
EDIFICIO CITY — Av. Rio Branco 85, 8.°, sala 802 — Tel. 23-5860.

DR. J. RIBA-MAR DE CARVALHO FONTES
ADVOCACIA CRIMINAL E CIVEL
Ouvidor 9, sala 407 — 43-2457.

Dr. Jader Medeiros
Rua Acre 47, 3.°, sala 302/4 (Edificio Jandira). Tel. (residência): 38-6578 (2245)

Dr Jayme Landim
Rua México 45, salas 205/206. Tels. 32-2724, 52-1254 (2504)

JOAO VIEIRA DO NASCIMENTO VENANCIO IGREJAS
INVENTARIOS
CAUSAS CIVEIS E COMERCIAIS
Rua Senador Dantas 20, 14.°, s/ 1401-3. Tel. 42-5075. Cinelandia.

Prof. Milton Rivera Manga
ADVOGADO
México 90, sala 204 — 22-7227.

Dr. O. Garcia Molina
DEFESAS FISCAIS E ADVOCACIA EM GERAL
R. Debret 79, 3.°, s/301 e 306. Tels. 42-1799 e 42-9655

Octavio Babo Filho
Rua 1.° de Março 6. Tel. 43-5256. (3914)

Octavio Simões Barbosa
R. Debret 23, 3.°, salas 811-12. Tel. 22-6400. (2209)

Ramon Benito Alonso
Praça 15 de Novembro 20, 5.°, sala 511. Tel. 43-3678. (2840)

[illegible]

N. Freitas
— ALFAIATARIA — CAMISAS SOB MEDIDA — GRAVATAS — LENÇOS — MEIAS — ETC.
Av 13 de Maio 23, 16.° sala 1626 - Tel 22-3350

[illegible]

VENDEM-SE

Copacabana
APTO 4 qts, 3 sls, jardim inv, 2 banhos de luxo em côr, copa, coz., 2 qts empr., garage. Milesimo, de frente, 4.° andar. Todo pintado a óleo, na Av. Atlântica. Entrada em 36 meses. Preço 950 mil e a/ grande financiamento. — ORGANIZAÇÃO IMOBILIARIA THEOPHILO — Rodrigo Silva 18, 10.°, grupo 1003. — Tel 52-0820. (3001)

[illegible]

CONSTRUÇÕES

ECISA
ENGENHARIA COMERCIO E INDUSTRIA S/A
Construções
AV CHURCHILL 109, 11.° ANDAR. Tels. 32-3645 e 22-8609

[illegible]

PERMANENTES!
Cabeleireiro RIO BRANCO Ltda. Av. Rio Branco 257, s/ 202. Tel 38-1609.

[illegible]

Arthur Azevedo Villela
Ouvidor 169, s/ 705 — Tel 43-6742. Diariamente a partir das 16.30. (1761)

J. A. da Silva Campos
— REASSUMIU A CLINICA —
Marquês de Abrantes 184, sala 909 — das 14 às 18. Tel. 42-0730. (1260)

MARIA NAZARETH BAPTISTA DE ANDRADE
DENTISTA DE ADULTOS E CRIANÇAS
Av. Rio Branco 257, sala 311. Tel. 32-4540

[illegible]

Britto
DESP. OFICIAL — Guias de trânsito, despachos de apól., letras, transf., predial e terr. — Av. Almte. Barroso 90, 4.°, sala 406. Tel. 32-2016.

Despachante Jordão
AV ERASMO BRAGA 277, 9.° S/ 906. TEL. 22-1720. (3912)

Despachante Peçanha
ASSENTOS, RETIFICACOES EM JUIZO E FUTROS QUAISQUER DOCUMENTOS — Tr. Ouvidor 21, 1.° — Tel. 52-3203.

Despachante Porto
Transferencias de AUTOMOVEIS no mesmo dia. Licenças, ESCRITURAS e Alvarás rápidos. Sta. Luzia 305. Tels. 42-2992 e 52-3081.

RUBENS E EDUARDO GUIMARAES
DESPACHANTES OFICIAIS
Quitanda 19, 2.°, s/ 12 e 13. Tel. 22-0092 — até 12.15.

EMPREGOS [illegible]

OFERECEM-SE

VENDEDOR — ofereço-me para vender qualquer artigo à base de comissão. Cartas para n. 5620, na portaria deste jornal. (3040)

PRECISAM-SE

Visitadores de médicos, dentistas e parteiras — precisam-se para serviço fácil, ligado à profissão. Lavradio 98, das 9 às 12 hs.

IMÓVEIS

ANTONIO SAAD DECIO LEFEVRE
Av. Erasmo Braga 277, s/907-12. 22-6070.

Carlos Mac-Dowell da Costa
COMPRA E VENDA DE IMOVEIS — Av. Rio Branco 108, s/701. Tels 42-9204 e 42-9527 (2242)

ERIC
COMPRA E VENDA DE IMOVEIS
Departamento jurídico especializado em propriedade imobiliária
AV CHURCHILL 94, s/ 508. TEL. 52-1848

F. R. DE AQUINO & CIA. LTDA.
ADMINISTRAÇÃO DE BENS — COMPRA E VENDA DE IMÓVEIS
Av. Rio Branco, 91 6.° and. Tel. 23-1830 (1858)

Julio C. Santoro
— CORRETOR DE IMOVEIS —
Av. Rio Branco 106-8, s/713. Tel. 42-2403. Das 9 às 11 e das 14 às 17.30.

COMPRA E VENDA DE CASAS E APTOS
LAVRA PINTO
Av. Graça Aranha 266, sala 707. Tels. 22-6417 e 32-7880. (3017)

Lemos, Borda & C.ia Ltda
ADMINISTRAÇÃO PREDIAL — COMPRA E VENDA DE IMOVEIS
AV. NILO PEÇANHA 26, s/701-2-3 e 4. 42-9597 — 22-2485
32-1993

Milton Magalhães
CORRETOR DE IMOVEIS
ADMINISTRAÇÃO DE BENS
Av. Erasmo Braga 255, 4.°, s/ 408 — Tel 32-6328. (3008)

APARTAMENTOS?
Corretor OLIVIERI
Assembléia 104.

Paulo Valente
CORRETOR DE IMOVEIS — COMPRA E VENDA — Av. Almirante Barroso 97, 11.°, s/1111 — Tel 42-2198.

QUER VENDER SEU IMOVEL? — Disponho de nossa organização técnica e assistência jurídica. PAN-AMERICA ENGENHARIA LTDA. (Diretor-Gerente: Engenheiro S. FRAGELLI) — R. México 45, sobrel. Tel 22-6011 (2810)

Theophilo da Silva Graça
— CORRETOR DE IMOVEIS —
Av. Nilo Peçanha 26, 7.°, salas 712-13. Tels 42-6596 e 22-6952. (2860)

[illegible]

Leilões da Semana
AFFONSO NUNES
VENDERA:
4a. FEIRA, 5-7-50, às 16 hs, no local, [illegible] — Predios residenciais em grande área de terreno, Rua Candido Benicio 37, 39 e 41.
AFFONSO NUNES
RUA CHILE 29. TEL. 42-2212

[illegible]

LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA E BRASILEIRA
Livro da Semana:
Steindler — REUMATISMOS Y ENFERMEDADES MEDICAS DEL APARATO LOCOMOTOR. Ed. 1950 - 800 pgs. - Cr$ 450,00
AV 13 DE MAIO 23, 4.° ANDAR. Edifício Darke — TEL. 52-5099

[illegible]

ALERGIA

Dr. Dias da Costa
CLINICA MEDICA — DOENÇAS ALERGICAS
Diàriamente das 16 às 19. Av. Graça Aranha 81, s/1005. Tel 52-0016.

ANALISES CLINICAS

Dr. A. Barbosa Magalhães
EXAMES DE SANGUE, URINA, ETC. — DIAGNOSTICO PRECOCE DA GRAVIDEZ — Tr. do Ouvidor 36, 7.° andar. Tel 52-2455.

Dr. Adhemar Ferrari
EXAMES DE SANGUE E URINA — DIAGNOSTICO PRECOCE DA GRAVIDEZ —
R. Mig. Lemos 44, s/801
Tels 47-3947 e 27-7913

Laboratório em Botafogo
— CLINICA SAO BENTO —
R. Paulo Fernandes 28 — Tel 46-3135
— ANALISES MEDICAS EM GERAL —

AP. CIRCULATÓRIO

Dr. A. A. Villela
Doenças do coração — Cons. Av. Rio Branco 277, s/801 — Tel 22-8250, das 14 às 18 hs. [illegible] (1404)

DR A. DE CARVALHO AZEVEDO
CURSO NA UNIVERSIDADE DE MICHIGAN E NO HOSPITAL HENRY FORD, U.S.A.
CLINICA GERAL — CORAÇÃO E ELETRO-CARDIOGRAFIA —
Cons. Av. Nilo Peçanha 12, s/ 407. Tel 42-3727, das 16 às 18. Resid: 37-8589. (3003)

AP. DIGEST. - Nutrição

Dr. Antônio F. da Costa
ASSISTENTE DA FAC. NAC. MEDICINA
Av. Copacabana 1130, sala 204, 3.°s, 5.°s e Sabs. das 17 às 19 hs. — Tel. 47-3380

Dr. Clementino Fraga F.°
Docente da Fac. Nac. de Medicina — Segs., 4as., 6as. das 15 hs. em diante — R. Araujo Porto Alegre 70, 9.°, s/902-3. Tel 42-9658

Dr. Hélio Silva
- INTESTINOS, RETO, ANUS -
Rua Rodrigo Silva 14, 3.° andar. Tels 42-3180, 26-0318 (1400)

Dr. O. Arantes Pereira
APARELHO DIGESTIVO — ESQUISTOSOMOSE
Cons. R. México 31, s/1204 — 2as, 4as e 6as das 13 às 15 hs. Tel. 22-5461. (2958)

Dr. Pedro Ribeiro de Carvalho
Clinic. Assist. Méd. Pessoal do IAPI — Cl. Méd. Ap. Digest. Nutrição — TUBAGENS, METABOLISMO BASAL. Av. 13 Maio 37, 4.°. Tels. 22-1000 e 47-3765.

Prof. Renato Souza Lopes
Doenças do estômago, intestinos e fígado — Nutrição — Raios X — México 98. Tel 22-7227 — às 16.30 hs. (2460)

Dr. Xavier Pedrosa
DIABETES — MAGREZA e OBESIDADE — R. da Quitanda 45-A, 4.° andar, sala 405. (1745)

AP. RESPIRATÓRIO

Dr. E. Graça Mello
CLINICA MEDICA - DOENÇAS PULMONARES
Cons. Rua Araujo Porto Alegre 70, s/612-3. Tel 42-4446 - Diàriamente das 15 às 18 hs. (2606)

Dr. Heitor Achilles
DOENÇAS PULMONARES
Av. Nilo Peçanha 155, 7.°, s/707 a 709. Tels 42-3671 e 27-2405. (2223)

Dr. José Moysés
DOENÇAS PULMONARES
Rua México 31, sala 303 — das 14 às 16 hs. — Tel 52-5861. (1406)

CANCEROLOGIA

Dr. Mário Kroeff
DIRETOR DO SERVIÇO NACIONAL DE CANCER
— RADIUM E CIRURGIA —
Uruguaiana 104 — Das 4 às 6 hs. (2824)

CIRURGIA

Dr Edgard Valente
CIRURGIA - PROTOLOGIA - HEMORROIDAS
Rua Miguel Lemos 44, s/ 901. Tels. 27-0400 e 37-5400

Dr. Fernando Paulino
CIRURGIA E UROLOGIA
CASA DE SAUDE SAO MIGUEL
Rua Conde de Irajá 110 (Botafogo)
Tels.: 46-0006, 26-2841

Dr Helbio Rego Lins
Cirurgia, ginecologia, varizes — Sanatório Ma Geraldo — Rua Marquês de Abrantes 190. 2as, 4as e 6as. — Tel 26-5765. (1400)

Dr. Jesse Teixeira
- CIRURGIA PULMONAR -
R. Araujo Porto Alegre 70, s/901
Tel 42-9646, depois das 17 hs.

DIABETE

Dr. Heitor Felix
POST-GRADUATE PELA UNIVERSIDADE DE HARVARD, E.U.A. México 168. Tel 22-5375 — HORA MARCADA — Tel res 25-5454. (2220)

DOENÇ. CRIANÇAS

Prof. JOSE MARTINHO DA ROCHA
Rua México 31, 9.° andar — Tels 28-1100 e 27-0900 —
HORA MARCADA (1610)

Dr. Rinaldo de Lamare
Av. Nilo Peçanha 26, 3.° andar — Das 9.30 às 12 hs. — Tel. 42-5088

DOENÇAS INTERNAS

Dr. Lauro Lana
MOLESTIAS INTERNAS —
CONSULTAS COM RADIOSCOPIA
Rua Visconde do Rio Branco 34 — Das 14 às 16 hora. — Tel 52-0740. (1411)

DOENÇAS NERVOSAS

Dr J de Abreu Paiva
PSICANALISE — PSICOTERAPIA
R. Santa Luzia 799, 2.° sala 204. Das 9 às 12 hs. Tel 52 1104. Res 32-8067 (3871)

Dr. Joubert T. Barbosa
DIRETOR DA CASA DE REPOUSO ALTO DA BOA VISTA (Centro de Medicina Psicossomática) — Tels 42-1524, 38-2576 e 28-0911 - Rua México 164, s/ 79 - HORA MARCADA (1509)

Prof. Maurício de Medeiros
CATEDRAT. PSIQUIATRIA FAC. NAC. MED. R. Miguel Couto 7, 5.° andar — 2as, 4as e 6as das 17.30 às 19. Hora marc. 27-5641.

DOENÇ. DOS OLHOS

Dr. Caldas Brito
LARGO DA CARIOCA 6, 6.° andar — Tel. 22-3245 — Das 9 às 6 horas. (1421)

DOENÇ. SENHORAS

Dr. Abel F. de Paula
CIRURGIA - GINECOLOGIA - OBSTETRICIA - PROTOLOGIA — Rua México 164, 11.°, sala 115 — 3as, 5as e sabs. das 3 às 7 — Tel. 22-6806 (2807)

Dr Cerqueira Dantas
CIRURGIA, GINECOLOGIA, OBSTETRICIA. TRATAMENTO DE VARIZES. Av. Rio Branco 257, 9.°, s/ 902. 3as, 5as, sabs. das 15 às 19 hs. Tels. 22-8757 e 52-1443.

Dr Eduardo P Vasconcellos
PARTOS — DOENÇAS DE SENHORAS — CONSULTORIO PREVENT. CANCER GENITAL FEMININO — Sen. Dantas 20, s/ 701-3. Tel: 37-1686 e 22-0956.

Dr. Elias Grego
GINECOLOGIA - CLINICA E CIRURGICA — PARTOS — Pr. Floriano 51/30 (Edif. Gloria), sala 301 — 2 às 5 — Tels: 22-7247 e 25-2846 (1562)

Dr. Fausto Cardoso
PARTOS — MOLESTIAS DE SENHORAS — CIRURGIA GERAL
R. Marechal Niemeyer 17 — Tel 46-1529

Dr. Ival T. da Gama
Cirurgia, moléstias de senhoras, partos — Av. Churchill 97, 4.° — 2as, 4as e 6as das 16 às 18 hs. Tels 32-6851 e 25-8718. (1412)

Dra Maria Luiza Mello
CLINICA DE SENHORAS — Senador Dantas 118, s/ 517. 2as, 4as e 6as das 13 às 18 hs. Tel. cons. 42-4886; res. 25-2285.

Dr Newton de Oliveira Passos
PARTOS — DOENÇAS DE SENHORAS
Av. Rio Branco 143, 5.°, s/ 1 a 3 — 3as, 5as e Sabs das 17 às 19.30. Tel 52-3827.

Dr Osmar Teixeira Costa
GINECOLOGIA - CIRURGIA - OBSTETRICIA
Rua México 41, s/1206 — 3as, 5as, sabs das 14 às 18. Tel 52-2916. (2208)

DOENÇAS SEXUAIS

Dr. Gilvan Torres
IMPOTENCIA — DOENÇAS DO SEXO E URINARIAS — PRE-NUPCIAL
Assembléia 99, sala 73 — Tel. 42-1071 — Das 9 às 11 e das 15 às 19 (1558)

Dr. Spinosa Rothier
DOENÇAS SEXUAIS E URINARIAS
Rua Senador Dantas 45-B, 9.° andar — de 1 às 7 hs. — Tel 23-2867. (1418)

ESTERILIDADE

Dr Campos da Paz F.°
Da World Medical Association e American Society for the Study of Sterility — TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL. CLINICA E CIRURGIA DE SENHORAS — Largo da Carioca 5, s/ 218 (Ed. Carioca). Consultas c/ hora marcada: tel. 42-7550.

HEMORRÓIDAS

TRATAMENTO DAS DOENÇAS ANU-RETAIS, DAS COLITES E RETO-COLITES AMEBIANAS E
hemorróidas
POR PROCESSO PROPRIO, SEM OPERAÇÃO
Dr. Luiz Sodré
RUA RODRIGO SILVA 14, 2.° ANDAR. TEL. 22-0606 (1413)

Hemorróidas -
TRATAMENTO SEM DOR E SEM OPERAÇÃO — Colites, fistulas, abcessos, lesões venéreas e tôdas as afecções ano-retais —
Dr. Oliveira
RUA VISCONDE DO RIO BRANCO 47, 1.° — Tel. 42-8800 — Das 14 às 18 hs. (1416)

HIDROCELE

Dr João Pacífico
CURA RAPIDA E RADICAL SEM AFASTAMENTO DAS OCUPAÇÕES — Frei Caneca 275, das 7 às 11. Tel 32-3838

ORTOPEDIA

Dr. Orlandino Fonseca
CIRURGIA ORTOPEDICA
Av. Rio Branco 257, salas 511/513. Tels 22-8757 e 37-1551. Das 2 às 6.

OUVIDOS-Nariz-Garg.

Dr. Alvaro Costa
OUVIDOS, NARIZ, GARGANTA, OLHOS
Rua Debret 23, 11.° — Das 15 às 18. Tels 42-1065 e 25-0200.

Dr Marcial A Salaverry
OUVIDOS, NARIZ, GARGANTA
Av. 13 de Maio 37, 4.° andar — 2as, 4as, 6as das 15 em diante. 22-1000, 49-7218. (3006)

Dr. Milton de Almeida
OUVIDOS, NARIZ, GARGANTA — 3as, 5as e Sabs. das 15 às 18 hs. — Lg. Carioca 5, 1.° andar, sala 101. Tels 22-0707 e 26-4585. (3600)

PELE E SIFILIS

Dr. Marques dos Santos
DOENÇAS DA PELE — SIFILIS — RAIOS X
R. Debret 79, 7.° — Diàriamente às 15 hs. Tel. 42-1183 (1484)

Dr. Oswaldo Cruz
ASSIST. CLIN. DERMATOLOGICA DO HOSP. DOS SERVIDORES DO ESTADO (IPASE)
R. Santa Luzia 732, 11.°, s/1118. Tels 52-5442 e 52-5272 (res)

RAIOS X

Dr Nelson Miranda
ELECTROCARDIOGRAMAS, TOMOGRAFIAS, ESTOMAGO EM SERIE. R. Carioca 48, 1.° (edif. Sepet, Inmueblis). Tel. 22-1729 — Das 9 às 12 e das 14 às 17. (3321)

Dr. Osborne
TOMOGRAFIA — [illegible] — Das 9 às 17. Tels 22-0434, 26-0465, 27-4221. (1421)

REUMATISMO

Inst de Reumatologia
TRATAMENTO DOS REUMATISMOS [illegible]
— CONSULTAS DIARIAS
— INTERNAÇÃO
Sorocaba 464. Tel 26-0470. (3474)

Dr. Nelson Senise
Clinica de Reumatismo
DIRETOR DO INST. DE REUMATOLOGIA
Rua Sorocaba 464 — Tel 26-0470
Diàriamente das 9 às 18 hs. (1488)

TELEFONE 32-8188

PREÇOS:
AVULSOS (ditados por telefone ou trazidos ao balcão) .... CR$ 15,00 por cm.
PERIODICOS (mínimo de 3 anúncio por semana até 31-12-50) .... CR$ 12,00 por cm.
PERMANENTES (mínimo de 1 anúncio por dia até 31-12-50) .... CR$ 9,00 por cm.

Onde pagar seu anúncio — ANDARAI E GRAJAU: Farm. N. S. Aparecida, B. Mesquita 986; Farm. Grajau, R. Bom Retiro 2224-A — BOTAFOGO: Casa Foto-Rádio, Vol. Pátria 300; Farm. Henrique, Passagem 148-A; Farm. Cristo Redentor, Humaitá 219 — CATETE E FLAMENGO: Farm. Jary, Catete 332; Siqueira Batista & Cia., Pr. Flamengo 130-B — CENTRO: Farm. Rio Branco, S. José 112 (Galeria Cruzeiro); redação da Tribuna, Lavradio 98; Dragão dos Tecidos, Av. Mar. Floriano 197 — COPACABANA: Farm. Leme, Av. Princesa Isabel 46; Avicarga S/A., Carvalho Mendonça 28-D e Xavier da Silveira 28 — GAVEA: Farm. União, Praça Santos Dumont 142 — IPANEMA: Farm. Central, Visc. Pirajá 146 — LARANJEIRAS E COSME VELHO: Alfaiataria Teixeira, Cardoso Júnior 16 — LEBLON: Alfaiataria Mirell, João Lira 84-B — RAMOS: Casa S. Jorge, Aureliano Lessa 45 — RIO COMPRIDO: Consultório do Dr. Geraldo Ferraz, av. Paulo Frontin 518 ap. 102 — TIJUCA: Farm. Espírito Santo, Haddock Lobo 1; Farmácia Saens Peña, Praça Saens Peña 24.

VIAS URINÁRIAS

Dr. Duarte Nunes
DOENÇAS DOS ORGÃOS GENITO-URINARIOS EM AMBOS OS SEXOS — HEMORROIDAS E SUAS COMPLICAÇÕES — Das 8 às 10 hs. R. Senador Dantas 85, sobr. Tel 23-6855.

Dr. Octacílio Gualberto
CLINICA UROLOGICA
— Cirurgia, endoscopia, radiologia especializadas — Rua México 41, 9.° andar, grupo 903 e 904 — Tels 22-1018 e 27-7184. (1418)

[illegible]

FABRICA DE MOVEIS — INSTALAÇÕES DE CASAS COMERCIAIS E BANCARIAS
A. F. SOUZA
R. Senhor dos Passos 49, Rio - Tel 43-4300

PROFESSORES E CURSOS

CONTABILIDADE

AULAS PRÁTICAS DE CONTABILIDADE
PROFISSIONAL COM LONGA PRATICA LECIONA POR METODO EFICIENTE E RAPIDO, ESCRITURAÇÃO MERCANTIL POR PARTIDAS DOBRADAS. TRES MESES SERÃO SUFICIENTES. TEL. 32-5547, PROF. ALMEIDA.

FRANCÊS

ASSOCIAÇÃO DE CULTURA FRANCO-BRASILEIRA
(ALLIANCE FRANÇAISE)
CURSOS DE FRANCES individuais e em grupos
COPACABANA: Tonelero 137
CENTRO: Av. Erasmo Braga 277, 3.° Tel 22-3451.

DESENHO

AULAS DE DESENHO E MATEMATICA para vestibular das Escolas de Engenharia, dadas por engenheiro civil. Informações pelo tel 47-0141. (3603)

MATEMÁTICA

AULAS DE MATEMATICA E DESENHO para vestibular das Escolas de Engenharia, dadas por engenheiro civil. Informações pelo tel. 47-0141. (3603)

SÍTIOS E FAZENDAS

COMPRAM-SE

DESEJANDO VENDER SUA FAZENDA PROCURE O CORRETOR
ARY COUTINHO
QUE TEM SEMPRE COMPRADORES NESTE GENERO. AV RIO BRANCO 173, S/ 802. TEL. 22-8303. DEFRONTE A GALERIA CRUZEIRO.

TRADUTORES E INTÉRPRETES

Prof. Aroldo Schindler
— INTERPRETE E TRADUTOR PUBLICO —
Av. Rio Branco 9, 1.°, sala 174 — Tel 23-5815 (2217)

VETERINÁRIOS

Dr A. Protasio Pereira
CIRURGIA GERAL
Tel 32-9560 — Diàriamente. Cx. Postal 3.964-Rio. ATENDE CHAMADOS

MISCELANEA

CO-JURÍDICA
CASAMENTOS, retificações no Registro Civil, documentação. — Visc. Inhaúma 113, s/ 101. Das 14 às 18 hs. Tel 43-8121.

O Dia na Justiça

VOLTA AO JURI O PROMOTOR MARCELO HEITOR DE SOUZA — A Procuradoria Geral da Justiça vem de designar o promotor Marcelo Heitor de Souza para substituir no Tribunal do Juri o seu colega Cordeiro Guerra — designado recentemente para responder interinamente pela Curadoria de Ausentes. No julgamento da próxima segunda-feira o conhecido promotor deverá fazer a sua primeira acusação naquele Tribunal.

Por onde anda o serviço especializado de fiscalização da Prefeitura? Por outro lado os juizes do Fôro Criminal, tendo à frente o juiz Mariz de Barros, reclamam cotidianamente contra o fato de o unico elevador existente naquele edificio estar parado. Segundo informações, o elevador parou porque há necessidade de se mudar uma bobina. O unico eletricista que sabe fazer o conserto está de férias e os outros dois técnicos não conhecem o assunto...

PARA BREVE O JULGAMENTO DO CRIME DO EDIFICIO ACLAMAÇÃO — Para o julgamento do crime do "Edifício Aclamação", ocorrido em outubro do ano findo, faz-se necessário apenas que o Gabinete de Exames Periciais envie à 5.ª Vara Criminal a conclusão de uma diligência requerida pela defesa de Lydstone Sampaio Cavalcanti. Flávio Antunes de Morais e Roberto dos Santos, acusados de roubo seguido de morte do capitalista Demóstenes da Veiga.

AMAURY DE LACERDA

Retificação

Na última seção, "Tribuna dos Estudantes", saiu como autor de um artigo chamado POROROCAS ESTUDANTIS, Lincoln Pope. Foi um êrro. O autor do referido artigo foi Lindolfo Collor Filho.

Obtiveram os comerciários um aumento médio de apenas 15 %

EXCLUIDOS OS ADMITIDOS DEPOIS DE 10 DE NOVEMBRO DE 1949 — A TABELA ONTEM APROVADA E A REVISTA

O Tribunal Superior do Trabalho julgou ontem, em grau de recurso, o dissídio coletivo dos empregados do comércio do Rio de Janeiro, concedendo-lhe um aumento que varia, em ordem decrescente, de 20 a 10 por cento, computados sôbre os salários anotados em carteira, por ocasião do último processo.

A TABELA

E' a seguinte: para os salários até Cr$ 1.500,00 — 20%; de Cr$ 1.501,00 a 3.000,00 — 15%; de Cr$ 3.001,00 a 5.000,00 — 10%. Os empregados que perceberem salários superiores a 5 mil cruzeiros serão excluidos. Os novos vencimentos entrarão em vigor a partir de 29 de março, próximo passado e não abrangerá os comerciários admitidos depois do dia 10 de novembro de 1949.

BASE

A decisão do Tribunal Superior do Trabalho, tomada pela contagem de 4 votos contra 3, baseou-se nos dados fornecidos sôbre o aumento de custo de vida, fornecidos pelo Serviço de Estatística da Previdência e Trabalho. Tal aumento, computado do dia do último dissidio a esta data, foi de sòmente 15%, segundo os dados oficiais.

A DECISÃO DO T.R.T.

O Tribunal Regional do Trabalho, de cuja sentença se recorreu para o T.S.T., havia dado um aumento geral de 30 por cento, independente de considerações sôbre data de admissão e nivel de salário.

ANUNCIOS EXPRESSOS 32-8184

PARA ACABAR COM A GORJETA

A Câmara local discutirá na próxima semana um projeto apresentado pelo vereador Moura Brasil segundo o qual os restaurantes ficarão autorizados a incluir na consumação, a titulo de gorjeta, um acréscimo até 10% da despesa efetuada.

Os comerciantes de bares, leiterias e congêneres cobrarão até 15%.

Os estabelecimentos cujos proprietários se aproveitarem da autorização, serão obrigados a afixarem cartazes com o aviso "Gorjeta incluida".

Notícias da Colônia Portuguêsa

VOZES DA CIDADE

Peço de empréstimo êste titulo à primeira página do nosso jornal, pois exprime, com rara felicidade, ao mesmo tempo uma informação atenta do que se passa à nossa volta e a nossa vigilância afetiva em saber o que se passa, tudo naquilo que é o sabor mesmo do que sabemos ser exato, mas por vêzes nos parece mais interessante considerar um rumor. Um rumor crescente tendendo a transformar-se num movimento de opinião pública.

Entre essas "vozes" uma das mais insistentes, e que muito nos honra, é a que vem até nós sôbre o interêsse progressivo que esta coluna está a despertar entre os portuguêses. A começar pelos 100 membros conselheiros da Colônia que são, de acôrdo com as "vozes" dos primeiros a ler as observações aqui feitas sôbre as suas atividades e inatividades. Já se habituaram a encontrar no que dizemos muito do que não gostariam de ouvir mas também muito do que no íntimo da consciência reconhecem ser irrespondivel porque exato, e de inatacável porque dito sem ódio, nem intuitos reservados ou pessoais. Tão importante pelo menos, e confirmando ao mesmo tempo essas informações que até nós chegam, é a visita de portuguêses de tôdas as condições a êste jornal, exprimindo a sua concordância e apoio, o seu regosijo, por haver uma coluna portuguêsa que com objetividade e independência diga o que é necessário dizer e como deve ser dito, serenamente, cordialmente.

A AUSENCIA DO SENHOR SOUZA CRUZ

Inútil argumentar com a ausência do sr. Souza Cruz. Nem a figura prestigiosa do que é de direito mas não de fato o chefe da Colônia, tem nada a ver com esta troca de impressões. Inúteis mistérios ou jogos de cabra cega.

Alguém assumiu desde há muito, e abusivamente, a direção da Colônia. O ser abusivo é grave; o ser incompetente não é por certo um titulo justificativo dessa posição.

Quem assume a direção de uma colônia deve saber dirigi-la, quem manobra deve saber manobrar, não para conservar prestigios ficticios e permanecer numa cúpula ôca, considerando necessário para defesa do bom nome da Pátria o desaparecimento da critica pública, confundindo deliberadamente a Pátria com o seu dominio sôbre a Colônia, servindo-se da Pátria como pretexto para fazer calar os homens independentes, visando com isso fazer desaparecer tôda a iniciativa, todo o contacto dos portuguêses entre si, conseguindo à custa de dissenções manter o dominio, conseguindo manter-se à custa do mais importante, à custa do marasmo deliberado, à custa do desaparecimento de Portugal no Brasil.

Quem dirige uma colônia deve saber o nosso desprestigio crescente, a situação de desconhecimento completo dos nossos valores, a dispersão das energias portuguêsas, a diluição das nossas tradições, a falta de uma estruturação das nossas vontades, a situação de "galegos" a que nós próprios nos reduzimos e condenamos a ser reduzidos os portuguêses humildes que aqui chegam, pois diante dêste admirável povo brasileiro desde há muito tempo perdemos o hábito de dizer-lhes o que é a nossa pátria, o que nós somos, o que fizemos pelo Brasil, o que representamos em cultura, em esfôrço, em realizações. Faltam escolas para educar os filhos de portuguêses, que são brasileiros, num espirito de verdade em face de Portugal, de forma a não terem de se envergonhar de seus pais, da terra, do sotaque, das maneiras, da face de seus pais. Faltam organizações de apoio aos emigrantes que vão chegar para os ajudar nos primeiros passos e em colaboração com as autoridades brasileiras integrá-los na produção — isto sim é amar o Brasil em atos, não em jantares e discursos em que são jantados o Brasil e o futuro dos emigrantes. Falta uma ordenação democrática na vida dos portuguêses do Brasil.

E há certos episódios ocorridos com estatutos, votados pelas autoridades brasileiras, que provam bem esta asserção. Falta uma ligação profunda para que os portuguêses sintam um apoio imediato e em têrmos de dignidade pessoal e de espírito patriótico quando necessitam e não sejam apenas lembrados quando se propõem conseguir número ou números.

Esta e muitas outras coisas faltam e são questões de interêsse nacional. Mas não se abordam, não se discutem, não se resolvem. Procura-se pelo contrário escondê-las e agir subterrâneamente para que os homens independentes se calem ou sejam calados. Este jornal nasceu sob o signo da verdade. Cumpre essa promessa em tôdas as suas atividades e aspectos. Tem um diretor que cumpre essa tarefa todos os dias e deseja por todos seja cumprida. Até ao fim — sem hesitações. Este é uma coluna que desejamos seja de todos os portuguêses, sem distincões nem reservas, onde se procura acertar, onde se procura colaborar, corrigir e ser corrigido. Esta coluna é vossa, portuguêses. Nela podeis colaborar. Nasceu para vos servir.

CASA DE PORTUGAL

Remidos — Damos abaixo os nomes de mais quarenta sócios remidos:

João Marques, Antônio Amorim, d. Elisa Cavaleiro, Rufino Rodrigues, Francisco Ribeiro, Augusto Vaz Martins, dona Maria Gomes Tavares, Abílio Tavares, Manuel Moreira, João Esteves, d. Rita da Silva Esteves, Aires dos Santos Marques, Henrique Almeida da Silva, d. Maria Rodrigues Leão, d. Maria Ribeiro, Arzelinda de Matos, Abel de Oliveira Aguiar, Antônio Rodrigues da Silva, d. Maria Damiana da Costa, Alvaro Ferreira, Emídio Ribeiro da Costa, José Marçal Martins, d. Carmelina de Souza Galvão, Joaquim Pereira de Almeida, d. Arminda de Almeida, d. Maria José Gonçalves, d. Olinda Pereira Batista, d. Matilde Olivia Biar, d. Jerônima Esmeralda de Souza Marques, d. Tereza de Souza Marques, d. Irene Augusta Pires, José Pereira, Joaquim Pereira Vilas Boas, dona Lidia Lourdes Sérgio da Rocha, d. Maria Isolina Sergio da Rocha, Joaquim Alves Leite, d. Maria Pinheiro, Jaime da Assunção Melo, d. Laurinda Costa Figueiredo e Eduardo Macedo Figueiredo.

CENTRO TRASMONTANO

Por não nos ter sido enviado o noticiário a tempo deixamos de incluir êste Centro.

CASA DO MINHO

Escola Nuno Simões — De acôrdo com o regulamento escolar êste departamento entrará em férias neste mês reabrindo as aulas em agôsto. Para o quadro social da Casa do Minho entraram propostos pelo sr. Luciano Alves Ferreira os srs. Manuel Queiroz, Francisco de Almeida e José Maria Pinto. Pelo sr. Guilherme Alpoim o sr. José Pereira Pinheiro; pelo sr. Manuel Esteves Cabo, o sr. Artur da Cunha Cabrera, e pelo senhor Agostinho Fernandes, o sr. Manuel Fernandes.

CASA DO PORTO

Sócios remidos — O conselho deliberativo resolveu suspender a admissão de sócios remidos até à realização da próxima assembléia geral.

BANDA LUSITANA

Aniversário da Banda — Foi transferido para o dia 15 dêste mês o aniversário da Banda Lusitana.

Sr. Mário de Oliveira — O industrial sr. Mário de Oliveira ofereceu espontaneamente para ajuda ao fardamento da Banda a quantia de Cr$ 2.000,00.

VIAGENS DE UM VALOR REGISTRADO

No dia 30 de março do corrente ano, o sr. Francisco de Almeida Lima, residente nesta capital, à rua Marquês de Sapucaí, 231, casa XV, remeteu de São Paulo para o sr. Gil Baião, tambem aqui residente, a importância de 300 cruzeiros num registro postal com valor, cujo comprovante tem o número .... 89.180.

Aqui chegando o registrado, foi o competente aviso expedido ao sr. Baião, que no entanto encontrava-se ausente. Decorreram trinta dias, no fim dos quais a importância foi devolvida para São Paulo, ao sr. Almeida Lima. Este já havia seguido para cá, tendo ido no dia 19 de maio à agência do correio da avenida Vinte e Oito de Setembro, pedir que fosse providenciada a remessa do dinheiro novamente para esta capital.

DO DR. PAULO AO DR. ASSIS

Em princípios do mês que ontem terminou, o sr. Almeida Lima recebeu uma comunicação da Tesouraria do Correio Geral, para que comparecesse à presença do chefe de seção, dr. Paulo. Recebido por êste, foi o sr. Lima informado de um despacho telegráfico para São Paulo, pedindo a remessa dos 300 cruzeiros para o Rio e que o interessado tivesse paciência, pois dentro de uma semana o caso ficaria definitivamente resolvido. Repetiram-se posteriormente os encontros entre o sr. Almeida e o chefe de seção dos Correios, sem que nada ficasse solucionado. Depois de ouvi-lo por várias dias, o dr. Paulo recomendou ao sr. Francisco Lima que procurasse o dr. Assis, funcionário do Gabinete do Diretor Geral. Este garantiu-lhe que segunda-feira, dia 26 do corrente estariam no Rio os 300 cruzeiros. Até ontem, segundo nos informou o sr. Almeida Lima, não chegou às suas mãos a aludida importância.

POR QUE?

Mais uma vez volta esta seção a falar sôbre o problema da falta d'água, que, ao invés de diminuir, aumenta dia a dia, atingindo tanto o humilde barraco como o luxuoso palacete. Só que para êste manda a Prefeitura seus carros-pipas abastecerem as caixas d'água, enquanto que permanece sêca a pobre e única torneira que abastece tôda uma população de favelados. A rua Cândido Mendes vem juntar-se às inúmeras ruas desta cidade onde a falta d'água tem se tornado o tormento dos seus moradores. O funcionário da Repartição das Águas, informou a um dos reclamantes que a bomba elétrica, que impulsionava a água para o reservatório do França (que abastece o bairro), sofreu um desarranjo em principios do corrente ano, não tendo sido até agora reparada. Por que o diretor daquela repartição não manda proceder os reparos necessários para que a referida bomba volte a funcionar, pondo têrmo ao sofrimento dos moradores da citada rua?

Por que?

SEMANA INTERNACIONAL

Paulo de Castro

A guerra da Coréia ocupa a atenção mundial. Todos os que seguiram mesmo de longe os acontecimentos sabem que os coreanos do norte armados e adestrados pelos russos invadiram a Coréia do Sul. O Conselho de Segurança da O. N. U. aprovou a moção americana no sentido de ser restabelecida a lei internacional e em cumprimento dessa resolução os Estados Unidos apoiam com fôrças aéreas e navais os coreanos do sul. Trata-se de impedir mais um fato consumado de estilo nazi e de manter a paz pelo respeito à independência dos povos, bem como de assegurar a autoridade da O. N. U.

O perigo de guerra existe, mas não dessa forma iminente que muitos puseram em evidência. A verdade é que os acontecimentos evoluem sem que a Rússia dê sinais de querer aceitar o risco de um conflito direto, pois indiretamente foi Moscou quem provocou, dirigiu e armou esta invasão da Coréia. Certamente não esperava a reação decisiva dos Estados Unidos e a sua posição parece-nos ser tirar sem o risco de um envolvimento direito, o máximo de proveito dos acontecimentos, em propaganda, em desgaste das fôrças norte-americanas, num espírito mais de test sôbre as reações dos povos asiáticos do que de esperança de vitória dos coreanos do norte. Continuarão a ajudar maciçamente os invasores e por detrás das linhas a orientar as operações. Por outro lado esta invasão da Coréia tem todo o aspecto de uma manobra diversionista em grande estilo para afastar as atenções da Europa. A Rússia não conseguiu na Europa nem mais um centímetro do que a terra ocupada pelo seu exército. O plano Marshall e o pacto do Atlântico liquidaram as veleidades comunistas nesse continente, no caso da sua aplicação continuar a ser possível mediante uma preferência dos Estados Unidos por essa frente, visto exigir grande esfôrço, dinheiro e elementos especializados para ordenação e articulação. Neste sentido a Coréia, ligada aos problemas do Extremo Oriente seria a manobra diversionista escolhida para enfraquecer uma frente, a européia, onde os russos têm sucessivamente fracassado. E isto seria mais um elemento para a nossa suposição de que a intervenção direta é a última hipótese em que pensam os russos, independentemente da rapidez da reação americana e do que lhes custava uma guerra ou seja a derrota a maior ou menor prazo. E' evidente que se os Estados Unidos estivessem desarmados já não existiria Coréia nem Europa, nem qualquer país livre no mundo. E se êles recorreram a uma manobra diversionista, entre outros objetivos, é porque sentem a sua fraqueza perante um mundo unido e forte. Se os norte-americanos não tivessem reagido neste caso como reagiram seria mais um Munique, mais uma desmoralização, mais uma onda de descrédito para as democracias, mais uma possibilidade de guerra mundial. Portanto, como manobra ou como recuo em face da decisão do Ocidente, ou como as duas coisas ao mesmo tempo por não poderem transformar essa manobra em ocupação simultânea de mais um povo livre, o que esta semana nos demonstrou é que a única maneira de defender a paz contra os que exploram a idéia de paz e provocam metòdicamente a guerra, é a ação rápida e eficiente, a fôrça ao serviço do direito, com a aprovação da O. N. U. e da opinião pública mundial.

O Brasil já definiu claramente a sua posição ao lado do Conselho de Segurança, em apoio do auxílio ao povo coreano. Urge compreender que mais do que nunca a posição de unidade das fôrças democráticas contra a quinta coluna se impõe, a quinta coluna unida por um ódio comum à liberdade, à legalidade, à Constituição que no plano nacional é a de 46 e no plano internacional é a O. N. U. Queremistas, "nacionalistas", comunistas, ademaristas e peronistas são os inimigos comuns, os que preferem o golpe na Coréia ou no Rio à legalidade, os que pretendem resolver pela fôrça o que deve ser resolvido pelo debate, os homens dos fatos consumados, da ação primando o raciocínio, do "telúrico" primando o lado espiritual do homem. Por isso a linha de resolução que levou à defesa da O.N.U. é, ou deve ser, a linha de resolução que se impõe leve à união das fôrças democráticas no plano interno. Não chegar a isto é não entender uma só palavra do momento histórico que atravessamos. E' antepor a pose à realidade objetiva, a mística de pessoas à mística da liberdade. E' evidente que esta e só esta nos dá o timbre do verdadeiro pensador e político democrata.

A UNIDADE SINDICAL...

(Conclusão da 1.ª)

liberdade associativa, consagrada pela Constituição. Assim, pode haver sindicato unitário sem contrôle do Executivo e, nesse ponto, êle seria livre. Mas livre não seria, por outro lado, eis que a sua afirmação seria negativa do direito de formar associações — o que é coisa bem diferente."

"Alguns, entretanto, argumentam: se o sindicato, seja êle plúrimo ou único, não sofre o contrôle da autoridade pública; se o indivíduo tem a liberdade de nele ingressar ou dêle sair, sem a injunção de fatôres estranhos à sua vontade; se o sindicato autodetermina-se — nesse caso êle é livre.

Tal argumentação pode, à primeira vista, impressionar. Porém não é verdadeira. Ou melhor: contém a verdade, mas não tôda a verdade.

Realmente, a unidade sindical não importa, fatalmente, na adoção do princípio do contrôle estatal, porque a atribuição de funções delegadas do poder público, mesmo feita, não basta, como vimos, para gerar essa forma de intervenção."

"Concordamos, por igual, que a unidade não é obrigatoriedade, isto é, não obriga o indivíduo a sindicalizar-se. Mas que a unidade ainda assim, acarreta, como consequência, restrições à liberdade sindical — isto é inequívoco."

"A Constituição Federal afirma que "é livre a associação profissional ou sindical". Ora, o que é liberdade de associação? Será apenas a autodeterminação? Ou o livre ingresso dos indivíduos? O bom senso, a experiência sindical nos países mais livres de vida associativa, a própria idéia de liberdade de associação, nos levam à certeza de que deve se entender também nesse princípio o direito de constituir livremente as associações, obedecidos apenas os limites constitucionais a respeito: profissionalmente, licitude e conformidade ao regime democrático."

"Apenas concordamos que os poderes delegados possam ser privativos de uma associação, a mais representativa dentre elas, porque a representação legal da profissão não comporta duplicidade (convenções coletivas, suscitamento dos dissídios, e, como verdadeira bonificação por êstes serviços prestados a tôda a categoria, a contribuição sindical).

"Argumentarão, entretanto, que permitir pluralidade será, evidentemente, enfraquecer a associação. O que importa dizer: enfraquecer a vontade coletiva pela multiplicação de órgãos intérpretes, cada um a seu modo, dessa vontade, que nada mais é do que o sustentáculo das vontades individuais, pois o operário só, sem apoio, não tem vontade. Logo, sob pretexto de suposta liberdade de criar sindicatos, o que se vai fazer com o reconhecimento de tal liberdade, é justamente burlar a finalidade precípua de tais órgãos: a unidade para criar a fôrça de resistência. Esse argumento tem sido dito e repetido pelos defensores da unidade sindical, com o fim, sincero ou não, de tornar a sua causa simpática às classes trabalhadoras. Êle é, contudo, contingente, sem base sólida."

- "Temos uma experiência de unidade sindical — o regime plural de 1934 nunca foi pôsto, na verdade, em prática, de 18 anos. Pode-se mesmo, sem receio, afirmar que êste é o único sistema que o Brasil conhece. Pois bem: são os sindicatos nacionais fortes? Congregam êles grandes massas, que impõem respeito e obtêm, para a categoria ou para os trabalhadores em geral, o reconhecimento de importantes direitos? Já vimos que não. Por que insistir então que a pluralidade debilita? O que debilita não é a pluralidade, mas a falta de confiança que determina a falta de coesão, o desentendimento entre os vários grupos existentes no seio da profissão, e que podem existir seja no regime da pluralidade, seja no seio do sindicato único".

DIREITO DE GREVE

"No que diz respeito ao direito de greve, achamos que esta é antes um fenômeno social que um fato jurídico. Assim, a sua eclosão não depende de um sistema, ou de uma lei, senão do consenso da maioria num sentido determinado, que é a paralização do trabalho. Ora, tal sentimento coletivo pode existir tanto nos sindicatos plurais quanto no sindicato único. Ademais, se ao Estado compete respeitar o direito de greve, a êle não cabe incentivá-la — e o argumento contrário se tornaria dêste modo, improcedente".

"Vê-se pois, que a pluralidade nos têrmos que adotamos fortalece o espírito de associação, porque ela é concorrência, é corrida em busca da prerrogativa de representação legal. E tem ainda a virtude de criar líderes de fato, e não de direito.

Só nestes têrmos se construirá no Brasil, um verdadeiro e duradouro regulamento coletivo: fortalecimento do espírito associativo, pela liberdade e desapêgo ao paternalismo estatal, que é compreensível nas coletividades inorgânicas, mas que impede, se levado a extremos, a organização, e, portanto, a personalização destas.

TEVE INÍCIO...

(Conclusão da 1.ª pág.)

Cr$ 2,70 por domicílio e Cr$ 0,70 por pessoa recenseada. Terão de apresentar diariamente a tarefa de 30 boletins preenchidos, já revistos em primeira mão no próprio domicílio.

O CENSO

Acompanhamos o primeiranista de Engenharia Ivo Caruso, pernambucano, de 21 anos, aprovado com 77 pontos no concurso para recenseador, que na manhã de hoje já havia feito 229 lançamentos, tendo distribuído os formulários pelos 184 domicílios que compõem o seu setor, constituído pelo quarteirão formado pela avenida Gomes Freire e ruas da Relação, Inválidos e Resende. Fomos com êle ao hotel Marialva, à av. Gomes Freire, para observar a entrega dos formulários já preenchidos pelos hóspedes. Estivemos com êle na residência do sr. Laurindo Vicente dos Santos, à rua da Relação 41, cuja espôsa fêz a entrega do questionário.

NA POLICIA

Durante a noite, sob a chefia do dirigente da circunscrição que está instalada na Escola Tiradentes, foi feito o censo nas delegacias de Vigilância e de Roubos e Furtos. Na primeira havia 65 presos e na segunda 50. Nesta última, os recenseadores tiveram de esperar muito tempo, porque de tempos a tempos chegavam presos conduzidos pelos investigadores.

20 DIAS DE TRABALHO

O serviço de coleta dos questionários distribuídos deverá estar terminado dentro de 20 dias, no máximo, de acôrdo com os planos elaborados pela direção do Serviço.

BORGHI E PERÓN

S. PAULO, 1 (Asapress) — A fim de conferenciar novamente com o general Perón, seguiu para a Argentina, em companhia de sua espôsa, o sr. Hugo Borghi, candidato do PTN ao govêrno do Estado.

SE SABE, DIGA:

QUAL O MAIOR PRODUTOR DE COBRE?...

CHILE?...

ESTADOS UNIDOS?

JAPÃO?...

Resposta na 4.ª página

Um concurso da TRIBUNA DA IMPRENSA

Um personagem à procura de um nome

Aqui está de novo o nosso personagem, hoje numa pose meio dinâmica. Conquanto não pareça, êle já está meio angustiado com tudo isso. Não é brincadeira ser personagem duma historieta com 50 tiras já feitas e ainda não ter sido batizado.

Como bom e digno carioca que é, êle sente, em certas horas, um desejo de agir, de fazer alguma coisa. Aqui na redação ninguem conseguiu arranjar-lhe um nome de acôrdo com a figura. Foi por essa razão que instituímos êste concurso. Cada leitor pode sugerir três nomes comuns ou incomuns, cômicos ou sérios, nunca, porém, ridículos.

O nosso personagem, reafirmamos, é uma pessoa digna e suave e nós precisamos ter por êle um certo respeito mesclado de simpatia.

Portanto, que os leitores se habilitem, enviando três nomes até o dia 15 de julho. Mandem também, seus próprios nomes e endereços.

O primeiro colocado receberá um prêmio de Cr$ 500,00.

O segundo ganhará uma assinatura anual da TRIBUNA e o terceiro, uma assinatura semestral.

Nós e êle, aqui estamos à espera.

CONQUISTAS...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁG.)

tirá-lo desde que os chamados pequenos partidos encontrassem outro à altura. Saudando os convencionais falou o deputado Altamirando Requião, da Bahia. Agradeceu o sr. Roberto Barroso, presidente do Diretório do Paraná. O quarto discurso foi do deputado João Botelho: em nome dos trabalhadores cariocas, o sr. Arlindo Sanches.

CONTRA O FANATISMO

Finalmente falou o sr. Cristiano Machado, que teve a divulgação do seu discurso como ocorreu no Rio Grande do Sul, sabotada pelo comitê de sua propaganda.

Fez um paralelo dos programas das duas agremiações, que defendem, a respeito da organização do trabalho, os mesmos princípios ideológicos. Manifestou-se, a seguir, contra o fanatismo e o messianismo (tendo sido tais palavras interpretadas como dirigidas ao Integralismo), lembrando as grandes etapas de que chamou "o aperfeiçoamento gradativo da política e da moral do trabalho", começando com o século XVIII, com a extinção da escravatura e da servidão, continuada no Século XIX, com a introdução do contrato do trabalho e aperfeiçoamento finalmente no Século XX com o sindicato e a lei de acidentes de trabalho.

Acentuou a seguir o sr. Cristiano Machado:

"Não são os indivíduos que logram imprimir à organização social um aspecto mais justo e mais sábio, e sim a universalização de sentimento dos nossos deveres recíprocos e o espontâneo desejo da alma para a felicidade".

Concluiu elogiando as conquistas sociais do trabalhador brasileiro no govêrno Dutra e a personalidade do sr. Vitorino.

Reconquistada...

(Concluido da 1.ª pág.)

número indeterminado de vagões e, sem dúvida, de 10 a 12 tanques. No curso dos combates aéreos, os pilotos americanos abateram dois aviões norte-coreanos. O aerodromo de Kimpo foi metralhado por caças. Ontem já foi bombardeado por Fortalezas Voadoras B-29. Foram destruídos no sul da Coréia 15 carros norte-coreanos".

O comunicado não faz menção do perfuramento da frente norte-coreana pelo inimigo, admitido em comunicado de Washington. E, como se vê, admite implicitamente, pois diz que foi metralhado por caças americanos, que o aerodromo de Kimpo está, de novo, em mãos dos norte-coreanos".

JA' EM AÇÃO A INFANTARIA AMERICANA

TOQUIO, 1 — (AFP) — As fôrças terrestres americanas, desembarcadas e lançadas de paraquedas na Coréia do Sul, já entraram em ação.

Os setores onde as operações têm caráter de urgência são: — 1) A região ocidental e sudeste do Soul, onde os norte-coreanos, tendo quebrado completamente a linha de resistência formada pelo rio Han, prosseguiram seu avanço em direção ao sul; 2) O extremo sudeste da Coréia, região de Pusan, em razão do desembarque, à noite de ontem, de tropas norte-coreanas em um local situado cêrca de 45 quilômetros a noroeste de Pusan.

VOLUNTARIOS AMERICANOS PARA A COREIA

WASHINGTON, 1 — (AFP) — O Departamento da Defesa anunciou que os americanos desejosos de se alistarem para combater na Coréia "poderão fazê-lo normalmente nos escritórios de alistamento".

Nenhuma disposição especial foi tomada no que concerne aos americanos de origem coreana, ou não, desejosos de servirem na Coréia.

De outra parte, a Escola de Línguas do Exército com sede na Califórnia, está aceitando alistamento de pessoas que falem coreano, japonês ou russo, as quais, depois de seis meses de estágio, poderão seguir para o Extremo Oriente.

FÔRÇAS AUSTRALIANAS

TOQUIO, 1 — (AFP) — De acôrdo com decisão tomada pelo govêrno australiano, o chefe das fôrças de ocupação do Commonwellth no Japão colocou à disposição do general Mac Arthur a 77.ª esquadrilha de caça australiana, que tem sua base no mesmo país. As citadas fôrças são compostas unicamente de australianos.

Recorda-se a propósito que os navios australianos "Bataan" e "Shoaleven" estão colocados sob as ordens do comandante supremo norte-americano no Japão.

SETE DIAS DE POLÍTICA

(Por um redator político da TRIBUNA DA IMPRENSA)

O drama do homem indeciso, que Shakespeare sintetizou na figura do infortunado príncipe da Dinamarca, é um drama de todos os tempos. Hamlet não foi o primeiro nem o último a sofrer a insolência da autoridade, as delongas da lei, as dôres do desprezo — mas foi dos poucos que preferem suportar tudo a providenciar remédios, com medo de aportarem a sofrimentos maiores. "Assim a consciência faz de cada um de nós um covarde!" — exclama o príncipe no auge do desespero.

Muitos vivem o mesmo drama não pela consciência, mas pela ambição. A política brasileira está cheia de exemplos de covardia pela ambição. Quase todos os partidos políticos têm passado pela experiência neste ano eleitoral de 1950, e agora chegou a vez do partido do sr. Artur Bernardes.

Vendo-se assediado pela UDN e pelo PSD, que lhe ofereceram compensações razoáveis em troca de seu apôio, o Partido Republicano parece ter se assustado com o prestígio repentino, e achou de regatear os seus votos. "Se dois grandes partidos estão perdendo tempo comigo" — deve ter pensado o sr. Bernardes — "é porque valho alguma coisa". Evidentemente o PR vale alguma coisa, mas certamente não vale o preço que o seu chefe lhe atribui. Animado com a insistência das propostas nesse estranho leilão, o senhor Bernardes foi colocando cada vez mais alto a sua ambição. Falou-se em dar ao PR o govêrno de Minas, a vice-presidência na chapa de um ou outro dos grandes partidos, não sei quantas pastas no futuro govêrno — e hoje o senhor Bernardes já pensa até em candidatar-se à presidência da República pelo seu partido.

Mas para visar tão alto, o chefe do PR deve contar com alguma esperança, ou mesmo com alguma promessa. E realmente parece que conta. Estando o movimento pela declaração da inelegibilidade do sr. Getúlio Vargas ganhando terreno, alguém teria soprado ao chefe do PR a idéia de se candidatar também, para receber os votos do "trabalhismo", caso o ex-ditador desista voluntàriamente ou seja levado a desistir. Seria uma vingança de Getúlio contra os outros partidos.

Enquanto isso, os elementos de valor do PR, aquêles que não deixam a ambição embaciar-lhes o julgamento, começam a matutar se valeria a pena continuar num partido cujo chefe não tem sabido compreender a gravidade do momento político. O sr. Artur Bernardes milita na política há quarenta anos, e se até agora ainda não adquiriu experiência nem aprendeu a discernir é porque não tem vocação para estadista. Aliás, para provar isso não é preciso desenvolver grande argumentação.

Tão desarrazoadas têm sido as pretensões do PR que a UDN e o PSD já se mostram desinteressados de negociar com êle. E quando o sr. Bernardes perceber que os títulos do seu partido não estão mais em cotação, cairá da nuvem em que se elevou, e acabará dando o seu apoio a trôco daquilo que êle realmente vale.

Porque a hipótese de vir o chefe do Partido Republicano a se candidatar à presidência é tão absurda que dificilmente será levada a sério mesmo pelos seus companheiros mais chegados.

Muito admira que o sr. Artur Bernardes, que se tem em conta de político sagaz, esteja retardando a decisão do PR estribado em promessas absurdas de Getúlio. Mas, quem acredita na invasão da Amazônia por paraquedistas estrangeiros é capaz de acreditar em qualquer coisa.

PODEM MATÁ-LO...

(Concluido da 1.ª pág.)

"Levem êste patife e dêem nele. Podem até matá-lo, porque tenho ordem do sr. Presidente da República". Exercia a Presidência da República na época o sr. Getulio Vargas, que havia conseguido impor ao Congresso o "estado de guerra".

José foi levado para uma sala vizinha ao gabinete de Romano. Estava mobiliada com duas camas de solteiro, um armário grande e uma vitrola, que foi ligada com tôdo o volume, logo que o preso entrou acompanhado pelos quatro investigadores. Arrancaram-lhe os policiais a túnica e as perneiras. José protestou, dizendo ainda ser soldado. Os "tiras" berraram-lhe que não era mais soldado e cairam-lhe em cima aos socos e ponta-pés, golpes de jiu-jitsu. Com casse-tetes de borracha esbordoaram-lhe os rins. Perdeu os sentidos.

CHOQUES ELETRICOS

Recuperou os sentidos, muitos minutos depois. Os policiais jogaram-lhe vários baldes d'água em cima. Abriram o armário, tiraram fios elétricos e os passaram pelas pernas e pelo corpo do soldado. Ligaram-nos à tomada da luz e, durante dois minutos, José recebeu violentíssimos choques elétricos.

Ameaçavam-lhe os policiais: o que aconteceu até agora ainda não é nada. Exigiam-lhe que confessasse pertencer ao Partido Comunista e denunciasse os seus companheiros.

AMEAÇA DE "SUICIDIO"

Enraivecidos os policiais voltaram a espancá-lo brutalmente, depois de desligar a corrente elétrica. Arrastaram José até a uma janela que dá para a garage da Polícia. A Ordem Social fica no último andar do edifício da Chefatura. Alçam-no ao parapeito e ameaçam jogá-lo da janela em baixo. Neste momento, entra Romano e grita: Não matem êste homem, porque êle vai para a polícia especial e lá êle irá contar o que sabe.

SEM SOCORRO MEDICO

Levam José no colo para uma sala próxima. Não pode caminhar em virtude das surras. Sangram-lhe o nariz, a boca, os ouvidos. Tôdo o seu corpo é testemunho da violência que passou. Largam-no numa cama, não lhe dão água e apenas uma pequena refeição diária. Passa aí três dias, ouvindo ameaças e insultos, sem ser medicado.

MAIS TORMENTOS

No dia 13, à noite, pois a noite na Ordem Social é o anúncio de que as torturas vão ter início, volta à presença de Romano. Pergunta o chefe da Ordem Social se quer denunciar os soldados comunistas do batalhão. José recusa mais uma vez.

Os espancadores voltam a carregá-lo para a sala onde foi torturado pela primeira vez. Tiram-lhe os sapatos, viram-no de cabeça para baixo e o suspendem acima do solo. E os "tiras", durante 10 minutos, batem-lhe com toda a violência na sola dos pés, até que perde a vítima os sentidos.

Reanimam-no os policiais, para voltar a surrá-lo com socos, ponta-pés e casse-tetes. Dão-lhe de qualquer jeito. Pegue onde pegar. Visam as partes mais sensíveis do corpo. Não querem apenas martirizá-lo. Parece até que visam destruir-lhe a própria virilidade.

E assim José sofre espancamentos até a madrugada. A aurora na Ordem Social é a esperança do torturado. O sol afugenta os espancadores e o preso descansará até à noite.

José é arrastado para a sala de "repouso", e jogado na cama. Passa mais três dias, sem socorros médicos e com apenas uma refeição.

VAIS MORRER NA COLONIA

No dia 16, José é levado novamente à presença de Romano. Este não perde tempo e manda que seja espancado, mas antes diz: Vais para a Colônia de Dois Rios, onde morrerás, pois o Canepa é um bocado duro com os comunistas.

José é espancado brutalmente. Os demônios se apoderam dos policiais e cada qual parece estimulado com a violência dos outros. As pancadas sucedem-se até ao amanhecer.

18 DIAS NO PORÃO

Foi a última surra. José é levado para o "porão" da Polícia Central. Tiram-lhe a camisa e os estrados do xadrez. Jogam água no piso. E assim passa 18 dias, comendo uma vez por dia, totalmente incomunicável. Depois é remetido para a Detenção, ficando preso 11 meses, sem que tivesse sido instaurado qualquer processo.

VOLTA A POLICIA

Em novembro, José é retirado um dia da Detenção, e levado para a Ordem Social, onde é apresentado ao seu companheiro de Batalhão Geraldo da Silva Mayrink. Romano diz a Geraldo que êle deve acusar José, sob pena de ser espancado. Os dois são encaminhados ao cartório do sr. Belens Porto.

No meio do caminho, Geraldo diz-lhe, chorando, que foi ameaçado de morte, depois de muito espancamento, se não acusasse a quem a Polícia quisesse. Fôra quebrada a sua energia. Fazia o que a Polícia queria.

LIBERDADE

Ascendeu o sr. Macedo Soares ao Ministério da Justiça e resolveu soltar os presos políticos. José foi posto em liberdade. Procurou o comandante do batalhão para obter a carteira de reservista. Foi-lhe negada. Comeu, com a sua mãe, de quem era arrimo, o pão que o diabo amassou e muitos anos depois a carteira foi-lhe dada com a nota de "excluído por ser elemento perigoso às instituições".

A DATA DA PRISAO

José foi preso no dia 9 de julho de 1936 e sòmente solto em maio de 1937. Estava de serviço na guarda do Tesouro Nacional, quando, depois de dar o seu quarto, ao recolher-se ao Corpo da Guarda, recebeu ordem do sargento Dario de apresentar-se preso ao batalhão. Foi para lá, entregou o armamento e o equipamento.

Depois, foi metido num "tintureiro" da Polícia e levado para a Ordem Social, chefiada na época por Serafim Braga. Este, mostrando-lhe uns papeis, disse que êle era acusado de pertencer ao Partido Comunista. Dissesse tudo logo, porque senão seria enviado para o Emilio Romano.

As 20 horas do dia 10 foi levado para a Ordem Social e Romano deu-lhe 24 horas para pensar e por-se a serviço da Polícia, denunciando todos os soldados da Polícia Militar que fossem comunistas.

No dia 11, às 22 horas, foi outra vez à presença de Romano, declarando que não se preocupava com questões políticas e não podia aceitar a proposta porque não conhecia nenhum soldado comunista. Chamou Romano de "Doutor", o que exasperou o "capitão", tendo início então o seu martírio.

Se Getulio voltar, voltarão as violências à simples denúncias. E talvez não haverá outra época em que os jornais possam tornar públicas as torturas da polícia do ditador.

ANÚNCIOS EXPRESSOS 32-8184

GABINETE DE HONORIO VIVEIRO DE CANDIDATOS

NADA MENOS DE QUATRO, INCLUSIVE UM DO P.T.B.

O pretexto do sr. Honório Monteiro, para deixar a pasta do Trabalho, foi o de se desencompatibilizar em tempo de trabalhar pela sua candidatura a uma cadeira de deputado, pelo Partido Social Democrático de São Paulo. Isso pode ser verdade.

Mas verdade é tambem, que o ex-ministro deixou de referir-se ao fato, que com êle se desencompatibilizaram quatro outros candidatos, que vinham servindo no seu gabinete.

São eles os srs. Cândido de Mota Filho, chefe de gabinete, candidato a deputado pelo Partido Republicano, seção de São Paulo; Paulo de Siqueira Castro, secretário particular, candidato a deputado pelo P.S.D. de São Paulo, núcleo de Cruzeiro; Dilo Guardia, oficial de gabinete, candidato a deputado pelo P. T. B., Seção de Espírito Santo, núcleo de Cachoeiro de Itapemirim e Nelson Sampaio de Abreu, secretário da Comissão do Imposto Sindical, candidato à Assembléia Legislativa de São Paulo, pelo P. S. D. daquele Estado, núcleo de Araraquara.

Hoje ou amanhã decide-se o PR

Segundo nos informou, ontem à noite, o deputado Munhoz da Rocha, o diretório nacional do PR deve ser convocado ainda hoje, ou amanhã, domingo, para deliberar sôbre a questão presidencial.

A nossa reportagem havia apurado que os republicanos delegaram poderes ao sr. Artur Bernardes para encaminhar as negociações, desde que duas correntes pleiteiam, dentro do partido, apoio a cada um dos candidatos democráticos, srs. Eduardo Gomes e Cristiano Machado.

Nas últimas 24 horas houve, porém, una paralisação nos entendimentos do PR com o PSD, donde terem aumentado as possibilidades do Brigadeiro vir a contar com os republicanos.

Quanto às conversas com o PTB parece mais certo se orientem no sentido da política regional mineira, em uma aliança que daria o governador ao PR e o vice ao PTB, na pessoa do sr. Otacilio Negrão de Lima.

A VERDADE SÔBRE PERÓN

Segunda-feira próxima publicaremos a conclusão da série de reportagens de MARIO MARTINS

O café continua em alta

S. PAULO, 1 (Asapress) — O mercado de café em Nova York funcionou ontem estável, com alta de 11 cruzeiros em saca. Essa situação favorável teve seus reflexos no mercado de Santos, onde houve alta de 18 cruzeiros.

KOSMOS CAPITALIZAÇÃO S.A.
Fundada em 1937
Sede Social: Rua do Ouvidor, 87 Rio de Janeiro
CAPITAL: Cr$ 2.000.000,00 — REALIZADO: 1.200.000,00
RESERVAS EM 31/12/49 — MAIS DE 142.000.000,00
Resultado do sorteio do mês de Junho de 1950
THX - BRI - NVP - CNS - OZK - MFO - MGI - WVL
Os sorteios são realizados no último dia de cada mês, no Edifício da Associação dos Empregados no Comércio, à Av. Rio Branco, 120, — Sobreloja, às 17 horas. Sendo o último dia útil do mês, um sábado, o sorteio será realizado às 12 horas.
VALOR DOS TÍTULOS LIQUIDADOS EM SORTEIO ATÉ 31/12/49
MAIS DE CR$ 97.000.000,00

PUBLICIDADE
RECENSEAMENTO GERAL DE 1950

A distribuição prévia dos questionários do Censo Demográfico visa a facilitar o trabalho de coleta e, assim sendo, não foi feita em todos os domicílios do Distrito Federal. Conseqüentemente, não deve ser motivo de estranheza o fato de muitas residências não haverem ainda recebido a visita do recenseador.

Iniciando-se hoje a coleta, o recenseador não apenas recolherá os questionários já distribuidos, como orientará o preenchimento dos boletins nos domicílios que ainda não os tenham recebido.

Tenha-se em conta, no entanto, que as informações a serem prestadas devem referir-se, necessariamente, à situação na noite de 30 de junho para 1.º de julho.

Se a demora do recenseador apresentar indícios de anormalidade, o Serviço de Coleta do Distrito Federal, sediado à Avenida Franklin Roosevelt, 166, deverá ser cientificado, através dos telefones 32-6930, 52-3696 e 52-3913.

ALÉM DE LEITOR, SEJA TAMBEM AMIGO DA "TRIBUNA"
Mande-nos hoje mesmo, junto à sua, as assinaturas de seus três melhores amigos e receba, desde já, nosso muito obrigado.
À TRIBUNA DA IMPRENSA
Rua Lavradio, 98 — Rio — Peço enviar 1 assinatura para:
NOME: ....
ENDEREÇO: ....
CIDADE: .... ESTADO: ....
Envie-nos êste cupon acompanhado da importância correspondente à sua assinatura, em cheque ou vale postal.

A utilidade de um candidato

O exame dos discursos até agora pronunciados pelo sr. Cristiano Machado, candidato do Banco do Brasil à presidência da República, revela uma irresistível propensão para o lugar comum, para a banalidade sorridente de que êle está sendo a própria imagem. Arvorou, desde que se fez candidato, um sorriso exagerado e permanente, com o qual pretende ganhar a eleição. Vemo-lo sorrir na entrada e na saída do avião, sorrir a esmo, sorrir aos socialistas, sorrir aos integralistas, sorrir falando, sorrir calado, sorrir quando está contente e sorrir também quando está sério.

Não é mais um sorriso, é um rictus. Duvido muito que êle possa restabelecer-se dêsse sorriso. Foi um ar que lhe deu. Há porém, quem julgue que êle obteve êsse sorriso emprestado do sr. Getúlio Vargas; que o retirou de uma velha fotografia do arquivo do DIP. Desde então encaixou na boca o sorriso de segunda mão e saiu por aí, a sorrir, a sorrir...

E' possível que, chegando ao Catete, se lá estiver algum dia sem ser de visita, o sr. Cristiano Machado devolva o sorriso à Casa Rollas, de onde saiu o empoeirado sorriso que acompanha a sua sólida dentadura de campanha.

Sorrir, afinal, é bom. Mas a atitude do sujeito que pretende tomar conta do Brasil, depois de quinze anos de Getúlio e cinco de Dutra não pode ser tão contentíssima senão quando o sujeito estiver dominado por uma completa, aperfeiçoada, requintada inconsciência. O sr. Cristiano Machado tem, como defeito maior, o de ser bom moço. Mas a inconsciência não é, que se saiba, um traço de sua personalidade. Então, para que sorri tanto assim? Disseram-lhe, talvez, que o sorriso ajuda o candidato. Não há dúvida. Um candidato macumbusio afugenta o eleitor. Mas tanto sorriso mesureiro dá uma impressão de leviandade que faz os homens desconfiarem e afasta as mulheres — porque o homem que sorri excessivamente parece a umas leviano e às outras, indiscreto.

Lembro-me de outro candidato a quem ensinaram, de uma eleição para a outra, que sorrir ajudava muito. Antes êle era sério, e perdeu a eleição. Pensou então que era por isso. Encaixou na boca o tal sorriso e pôs-se a percorrer o país. No dia seguinte ao da eleição, recolheu o sorriso a um belchior. Perdeu de novo. Chama-se Thomas Dewey, êsse homem.

Se passamos do sorriso à oratória do candidato oficial, teremos a explicação das puerilidades de uma coisa e outra. E' que a sua oratória também não cresceu mais do que o sorriso.

No discurso de aceitação da sua candidatura, o sr. Cristiano Machado ocupou-se unicamente de um tema, a sério: o municipalismo. Mas, qual o candidato que não se diz municipalista? Há questões que são como a goiabada com queijo nas pensões dos caixeiros-viajantes, que a denominam "Romeu e Julieta". Falar de Tiradentes em Minas, do Senhor do Bonfim na Bahia, do municipalismo no Teatro Municipal do Rio, é um lugar comum a que todos os candidatos estão condenados, mas ao qual não se limitará nenhum candidato que realmente tenha mais alguma coisa a dizer.

No discurso de Pôrto Alegre êle ensinou um pouco de história do Rio Grande do Sul aos gaúchos, que ouviram abismados os conhecimentos ginasianos que o candidato tem da história regional. Ao menos, terá dito algum dos seus ouvintes, êsse ainda se lembra do que aprendeu no colégio. Não há um conceito, um tema que nos fique na cabeça. Se fosse música, a oratória do sr. Cristiano Machado, no estado em que se encontra, seria de Ketelbey, aquele nhenhenhem do "Mercado Persa", do "Jardim de um Templo Chinês", autor de música de fundo para qualquer cenário, história ou estado de espírito.

Pior foi no Paraná. Disseram-lhe, e êle sabia muito bem, que no Paraná o mate é abundante. Não chegou a falar nas lavouras do mate, no fomento da cultura do mate, felizmente ainda não. Ficou implícito, no que êle disse, que o candidato sabe ser o mate uma planta nativa. Em suma: que no Paraná o mate é mato. Mas as alusões que fez à *ilex paraguayensis* são do gênero daquele professor de matemática que, tonitroante, prelecionava:

"Meus caros alunos: sabeis o que é a filosofia da algebra?"

E com um pigarro, um passeio pela sala — junto à janela havia um canário numa gaiola de flecha, atravessada pelos raios de um sol que dava às crianças uma agradável sonolência — explicava:

"Não sabeis o que é a filosofia da algebra? Pois — a filosofia da algebra... Tire os olhos da gaiola, *seu* Cazuza! — a filosofia da algebra, meninos, é... a filosofia da algebra!"

O sr. Cristiano Machado ensinou aos paranaenses que a filosofia do mate é a filosofia do mate. Nada mais disse nem lhe foi perguntado.

Embarcando no avião com o pesado fardo do seu sorriso — que paga excesso de bagagem a bordo — voltou aos braços do sr. Mendes de Morais, cujo lugar já êle, Cristiano, prometeu a um lote de novilhos perremistas.

Veio — e falou de novo. Falou, ontem, na Convenção Nacional do PST, do qual acaba de ser consagrado candidato, ao mesmo tempo que do POT — lembram-se do POT?

Não sei se sabem o que é o PST. O PST é o senador Vitorino Freire e um baú de empregos. Tirem do PST o senador Vitorino, e êle não será nada. Mas se tirarem ao PST o baú dos empregos, mesmo com o senador Vitorino o PST será coisa alguma. Quando o senador Vitorino viaja, o PST vai todo na comitiva. E' um estado-maior de presidentes de Instituto, de fiscais do Trabalho, de figuras proeminentes da satrapia do Maranhão. Quando o sr. Eurico Souza Leão quis ser ministro do Trabalho, matriculou-se no PST. Vendo que não seria ministro, cancelou a matrícula. No PST faz-se o vestibular do emprego público, sobretudo autárquico. Entra-se para êle como quem se inscreve no câmbio negro da carne ou na lista de casas impossíveis da Fundação da Casa Popular.

A Convenção do PST coincidiu com a venda, pelo grupo do Gileno de Carli, da antiga "Gazeta de Notícias" ao senador Vitorino Freire. O sr. Gileno queria 5.000 contos pelo negócio. O PST é rico, ou é como se o fosse. No "novo" órgão fomos ler, em corpo 5, o discurso do sr. Cristiano Machado.

"Orgulhai-vos de ser um partido de trabalhadores, aglomerados tanto no centro urbano como nas zonas rurais"... disse o sr. Cristiano.

Instalado numa das maiores fortunas do norte do país, o governador do Maranhão não deve ter gostado muito dessa classificação, que lhe diminui o crédito bancário. O PST tem tanto de um partido de trabalhadores quanto o PSD de social-democrático. O sr. Cristiano Machado ou não entendeu coisa alguma do PST ou está se divertindo à custa do sr. Vitorino Freire.

O mais engraçado, porém, é que o sr. Cristiano Machado não ficou naquela confusão inicial. Entrou pela confusão com uma desenvoltura cômica e, durante todo o resto do discurso, falou ao sr. Vitorino Freire como se dirigisse a um operário da construção civil.

As promessas do sr. Cristiano Machado aos trabalhadores são as seguintes:

1. "Garantia de estabilidade no trabalho, em termos justos".
2. "Fixação de salários que assegurem vida digna".
3. "Necessidade do saneamento dos locais onde se desenvolve a atividade produtiva".
4. "A segurança do regime higiênico (?)".
5. "Assistência ao trabalhador e de modo especial à gestante".
6. "Participação no lucro das emprêsas".
7. "Planificação e efetivação do seguro social em termos amplos".

"Este é o nosso programa, que não foi forjado para seduzir eleitores às vésperas do pleito". Certamente que não, pois com êsse programa não se seduz ninguém. O sr. Cristiano Machado não reparou que tudo o que êle promete já está na legislação trabalhista. A única providência que ainda não está em aplicação é a participação nos lucros. Mas esta, como confiar em que êle a converterá em realidade, se êle surge como candidato de um govêrno que também a prometeu mas não cumpriu?

Isso bem mostra o descaso, o descuido, o desleixo com que se está tratando de lutar contra a demagogia do sr. Getúlio Vargas. Enquanto êste vai buscar numa reivindicação sentida do povo trabalhador as fontes do seu prestígio, e promete estender aos trabalhadores rurais os benefícios da legislação que abrangeu até agora os urbanos, o sr. Cristiano Machado julga que com um sorriso e a promessa de que dará aos trabalhadores a "garantia de estabilidade no trabalho, em termos justos", matéria há muito tempo regulada por lei, atendeu ao ritual do pedido de voto ao eleitorado.

O "partido de trabalhadores" estava brilhantemente representado na Convenção. Lá estavam os "trabalhadores" do sr. Vitorino Freire: o sr. Archer, presidente do IAPC. O sr. Falcão, presidente do IAPM, O sr. Milliet, presidente da Caixa dos Ferroviários. O outro sr. Archer, da Casa Bayer, onde o depositário, cel. Trota, distribui anúncios a quem lhe dá vantagens na campanha eleitoral. O sr. Matos, do Banco da Borracha. E outros trabalhadores ali se aglomeraram, "tanto do centro urbano como nas zonas rurais", para ver sorrir, com um ar de *girl* de revista, que dança sorrindo e sorrindo cantarola, o candidato que ousa dividir as fôrças contrárias ao totalitarismo — e nem ao menos tem o que dizer e o que fazer, candidato sem programa, sem missão, sem outra função além da de garantir tôdas as *chances* ao sr. Getúlio Vargas.

Pois a candidatura do sr. Cristiano Machado, pelo que até aqui está demonstrado, tem um só resultado: dar ao sr. Getúlio Vargas a possibilidade de ser eleito com um têrço da votação, como Ademar foi eleito com 31% dos votos dos paulistas.

CARLOS LACERDA

TRIBUNA DA IMPRENSA

Registro 15.469 do Depto. Nac. Indústria e Comércio
Propriedade da S. A. Editora Tribuna da Imprensa
Capital: Cr$ 9 Milhões
Carlos Lacerda, Presidente —— Dinarte Piquet Carneiro, Diretor-Gerente

CONSELHO CONSULTIVO
Adauto Lúcio Cardoso, Alceu Amoroso Lima, Gustavo Corção, Heráclito de Fontoura Sobral Pinto, Luís Camilo de Oliveira Neto

Sede própria: Rua Lavradio, 98 — Telegramas: CARLACERDA, Rio — Telefones: Geral, 32-8188 — Redação: 32-8188 — Direção: 32-8187 — Publicidade: 32-8186 — Oficinas: 32-8185 — Portaria: 32-8184 — Anúncios Expressos: 32-8184

Diretor — CARLOS LACERDA. Redator-Chefe — ALUÍSIO ALVES.

Número avulso: 60 centavos. Atrasado: 1 cruzeiro

ASSINATURAS
Anual, Cr$ 240,00 — Semestral, Cr$ 130,00 — Trimestral, Cr$ 65,00 — Via aérea: mesmo preço, acrescido do porte. Exterior: mediante consulta.

A DIREÇÃO SE RESPONSABILIZA POR TÔDA A MATÉRIA PUBLICADA NESTE JORNAL

Os únicos cobradores deste jornal são os senhores: JOSÉ MARÇAL COELHO e MANOEL DA FONSECA.

REPRESENTANTE EM SÃO PAULO
"Repraler Ltda."
R. Felipe de Oliveira, 21 — 6º andar
Telefone: 3-0072

No PR: O garoto está enfezado

Desenho de [illegible]



"Espírito fluminense"

"— Há um "espírito fluminense", que nasceu de condições peculiares ao nosso desenvolvimento econômico e influi nos destinos do país". Eis uma realidade sôbre que construiu o seu discurso de candidato o sr. Prado Kelly, com rara felicidade. Porque êsse espírito fluminense, que pode ser acompanhado longamente em tôda a vida política nacional, fiel e seguro, e desponta, a cada instante, em homens, idéias e movimentos generosos, no Império ou na República, trouxe ao Brasil a riqueza do sentimento acrisolado no amor e no trato do rincão adorado para se desdobrar e engrandecer no mais perfeito espírito de brasilidade. O fluminense sempre atuou no desenvolvimento do Brasil como um elemento distinto, com características próprias, com peculiaridades que, todavia, nunca foram de regionalismo estreito e acanhado. E' assim que, fiéis a êsse impulso, sempre os fluminenses formaram nas primeiras linhas de defesa do regime.

E' inspirado em tal espírito que se justifica a candidatura do sr. Prado Kelly. Contra a confusão, enfrentando o arrivismo, opondo o justo sentimento de autonomia e as reivindicações legítimas de sua gente à ameaça de uma nova ocupação dourada ao ouro-banana das emissões e dos créditos fáceis, o líder fluminense apresenta à sua gente um programa de candidato que conhece a sua terra e sente com o seu povo. Os grandes problemas fluminenses, o desenvolvimento de suas riquezas, o aproveitamento da Baixada, agora saneada; a questão dos transportes, nas rodovias que é preciso acabar; nas estradas de ferro que têm de ser aparelhadas; nos portos que precisam ter movimento; na atração de braços para as lavouras na terra fértil; no prosseguimento de obras de rendimento econômico como Macabu, revela-se o estadista amoroso de sua terra, trazendo para ela o que aprendeu no cenário federal, o que estudou nos livros de seu gabinete, o que guardou de capacidade de servir.

O sr. Prado Kelly tem tido uma carreira brilhante. A sua indicação para o govêrno fluminense é um justo prêmio a um conterrâneo ilustre. Mas o discurso-plataforma com que se apresenta revela um homem de govêrno de que precisa o seu Estado, para voltar a ser o que era no passado glorioso, e para engrandecimento de nosso país.

O desmonte do "Santo Antônio"

O desmonte do morro de Santo Antonio é uma obra de utilidade pública que já está atrasada, pelo menos, de um decênio. Não é preciso desenvolver argumentos urbanísticos para demonstrar a necessidade absoluta e premente da sua realização, como a imprensa do Prefeito, "O Globo" à frente, está insistindo.

Mas o reconhecimento da premência de um empreendimento não é justificativa para negociatas nem protecionismos. A população do Rio de Janeiro quer a área do morro aplainada e entregue ao tráfego quanto antes, mas não precisa enriquecer os amigos da Prefeitura com os impostos que paga.

Como os leitores devem estar lembrados, quatro firmas entraram na concorrência recentemente aberta, e tôdas foram consideradas idôneas, técnica e financeiramente, pela comissão nomeada pelo Prefeito. Mas uma das propostas — a do Consórcio Franki — não resistia a qualquer comentário, segundo declarou a comissão no seu relatório.

Pois, que proposta pensa o leitor que foi aceita? Justamente essa que "não resiste a qualquer comentário". Apesar disso, por que foi aceita essa proposta em detrimento das outras? Por ser a de mais baixo custo — há de pensar o leitor. Mas engana-se, porque o custo da proposta Franki é justamente o mais alto (37,6 milhões de cruzeiros acima da segunda colocada quanto ao custo). Então... foi por ser menor o prazo de realização da obra. Outro engano, pois o prazo da proposta vencedora é justamente o maior (30 dias sôbre o prazo da segunda colocada). Então... é por ser mais baixo o juro das apólices a serem lançadas. Também não, pois entre a primeira e a segunda propostas há a diferença de juros de 1%.

Mas se todos os concorrentes foram considerados idôneos técnica e financeiramente — por que se deu preferência à proposta mais desvantajosa?

E' exatamente essa questão que a justiça está examinando, e daí o adiamento do início das obras. A pressa do Prefeito em dar início ao desmonte é compreensível; mas já que esperamos tanto vamos esperar um pouco mais e fazer as coisas direitinho.

Coerência de Ademar

A época é das apresentações dos candidatos... Apresentação no duro, de uma pessoa absolutamente desconhecida do eleitorado que é solicitado a votar nele.

Chegou a vez de São Paulo. Rico de homens e de realizações, cheio de tradições em que se inscrevem nomes de presidentes da República e fundadores do regime, teve indicado para a sua futura governança o ...(Como é mesmo que se chama?) Lucas Nogueira Garcez, pessoa que possivelmente é muito boa, apesar do padrinho, mas que ninguém sabe quem é.

Ademar indicou-o para herdeiro, o que compromete bastante. Agora, a *coerência* de Ademar. Êle é um dos chefes do movimento de rebeldia contra a indicação do Catete, que fez candidato do PSD o sr. Cristiano. Tôda a campanha dos totalitários, reunidos sob as asas de Getúlio, bate êste refrão. E Ademar — contra a intervenção de Dutra em sua sucessão, indica êle também o seu herdeiro...

IDÉIAS E FATOS

A reforma social e os socialistas

Volto a falar no problema da reforma social. Ontem procurei mostrar que esse empreendimento não deve ser considerado na perspectiva de um programa eleitoral sendo muito mais um movimento de base do que de cúpula. Hoje, introduzindo uma nova dimensão no problema, direi que essa reforma não pode ser simplesmente encarada como uma reestruturação da sociedade ainda que cresça organicamente de baixo para cima.

A reforma social exige um dado que os socialistas geralmente esquecem ou desprezam, imaginando que esse dado esteja na linha das consequências da reestruturação e não na linha das causas.

Refiro-me à reforma do próprio homem, do homem interior, da alma do homem.

A nossa batalha tem essas duas frentes, a das relações sociais e a da vida interior. Temos de conseguir ao mesmo tempo a melhor arrumação exterior e a melhor disposição interior; temos de procurar ao mesmo tempo as instituições adequadas ao exercício da justiça e a purificação interior das próprias fontes da justiça. Essa é a síntese que se nos impõe. Não a síntese obtida no termo de um processo dialético que encadeia contradições, mas síntese verdadeira que vigorosamente abarca os dois polos da vida que só parecem contrários por causa de nossa falta de vigor.

O homem é dual em múltiplas perspectivas e por isso só logra realizar a plenitude de sua natureza na medida que consegue "tenir les deux bouts de la chaîne", como queria Bossuet. Fora disto temos o panorama das mutilações de que o mundo já esgotou a teratológica variedade, embora, de tempos em tempos, reapareça com ares de postiça mocidade um desses erros senis.

Ora, no problema da reforma social, principalmente no aspecto que lhe dão os socialistas, são esquecidos sempre os componentes da vida interior, a necessidade da purificação, a ascese; como se fosse possível arrumar uma sociedade de homens sem lhes arrumar as paixões; como se fosse possível uma concórdia exterior deixando dentro do homem, na raiz de seu ser, os germes da discórdia; como se fosse possível a paz no mundo com a mecha do amor próprio acesa nos corações.

Há uma doutrina incansàvelmente proposta à surdez dos homens, que insiste na dualidade do problema, que recomenda ao mesmo tempo o equilíbrio das instituições e o equilíbrio da alma, que repete todos os dias que é dupla a perspectiva das relações entre o indivíduo e a sociedade, que em suma ensina que um homem é um homem.

Os socialistas desprezam essa doutrina, e continuam firmes na idéia de que, arrumados por fora, os homens automaticamente se purificam por dentro.

Mas serão só os socialistas que desprezam essa doutrina?

Aqui devo confessar a minha confusão. Baixo o tom de minha objurgatória, e quase me envergonho de ter razão, carradas de razão, contra o socialismo. O fato, assaz esquisito, é que conheço alguns socialistas que por doutrina não acreditam nos conselhos evangélicos de pobreza e renúncia, não acreditam em vida interior, em ascese, mas andam nas ruas com a misteriosa marca dessas coisas no rosto, no olhar, e nos gestos. E o fato ainda mais esquisito é que existem outros, que confessam a doutrina, que crêem, que sabem, mas andam pela vida correndo atrás das pompas e do prestígio do mundo.

Ambos são incoerentes. Nem podia aliás ser de outro modo. O socialista, sendo homem, e pela riqueza de suas reservas de humanidade, será sempre, ou quase sempre maior do que o socialismo. Nós também, sendo homens, e pela pobreza de nossa condição, seremos sempre menores do que a verdade que professamos. O socialista leva a vantagem de não ter razão. Nós levamos a esmagadora desvantagem de tê-la.

E daí? Que poderemos nós propor a esses homens que, com tão boas intenções, pretendem reformar o mundo e instintivamente, embora sem doutrina, procuram o primeiro passo da reforma no próprio coração?

O que nós podemos propor é entretanto muito simples. Olhem mais para a doutrina do que para nós e venham, venham servi-la melhor do que nós a servimos.

GUSTAVO CORÇÃO

Carta da ONU

O caso da Coréia-Auxílio á República da Coréia

(*Telegrama oficial de Lake Success*)

LAKE SUCCESS, 30 de junho —— Na terça-feira desta semana, o Conselho de Segurança qualificou a invasão da República da Coréia como rutura da paz e recomendou a todos os membros das Nações Unidas que prestem todo o auxílio necessário para repelir o ataque pela Coréia do Norte. O Conselho aprovou a resolução apresentada pelos Estados Unidos, por sete votos a favor e um contra; dois países — a India e o Egito — não participaram da votação. O voto contra foi o da Iugoslávia, tendo a India e o Egito declarado que não haviam recebido instruções de seus respectivos governos; mas no fim da semana já a India declarou sua adesão à decisão da maioria. Ao apresentar a resolução norte-americana, o representante dos Estados Unidos, sr. Warren Austin, informou ao Conselho haver o Presidente Truman, algumas horas antes, ordenado que as fôrças navais e aéreas dos Estados Unidos prestem ajuda às tropas do govêrno coreano que tinha sido vítima do ataque de fôrças do Norte, desde as primeiras horas do domingo passado. A resolução norte-americana, apresentada ao Conselho, chamava atenção para a necessidade de se adotarem medidas urgentes de caráter militar. A Iugoslávia, que se opôs à adoção da resolução norte-americana, apresentou uma outra resolução própria, instando junto ao Conselho para que êste reiterasse sua ordem de cessar fogo na Coréia e que o Conselho concordara em ordenar na sua reunião extraordinária de domingo. A Iugoslávia recomendava ainda mais que se processe à mediação, na qual teriam participação também representantes da Coréia do Norte. A sessão extraordinária do Conselho de Segurança, celebrada domingo último, foi convocada a pedido dos Estados Unidos. Na sessão, ficou aprovada por nove votos a favor, nenhum contra e uma abstenção, a resolução apresentada pelos Estados Unidos, na qual se qualificava a invasão da Coréia do Sul como rutura da paz e ordenava que cessem imediatamente as hostilidades e que se retirem as tropas do Norte para o paralelo 38, fronteira entre a República da Coréia e a Coréia do Norte. O Conselho pediu, também, à Comissão das Nações Unidas na Coréia que observe a execução da ordem de cessar hostilidades, recomendando, ao mesmo tempo, que os Estados membros cooperem na realização do acôrdo do Conselho. Em sessão extraordinária do domingo passado, o projeto de resolução, apresentado pela Iugoslávia, sugerindo um convite a representantes do govêrno do Norte da Coréia para expor seu ponto de vista e dar explicações ao Conselho antes que o órgão executivo da ONU tome a importante decisão, foi rejeitada por seis votos contra, um a favor e 3 abstenções. A Russia não assistiu a nenhuma das sessões do Conselho, celebradas esta semana, de acôrdo com sua atitude de não-participação adotada desde janeiro, em protesto contra a presença da China nacionalista. Na quinta-feira, o secretário-geral das Nações Unidas recebeu uma nota de Moscou, assinada pelo sr. Andrei Gromyko, exprimindo a opinião da Russia sôbre a resolução aprovada pelo Conselho na terça-feira passada. A nota soviética faz notar que a resolução não obteve a aprovação necessária dos cinco membros permanentes, por não se encontrar na reunião a União Soviética e porque o representante da China nacionalista não tinha direito legal para participar da votação. Chama-se a atenção em Lake Success para o fato de que as duas resoluções apresentadas pelos Estados Unidos, a de domingo e a de terça-feira passada, ambas aprovadas pelo Conselho, não invocam nenhum artigo da Carta, mas ambas empregam a linguagem do capítulo 7, que se refere à ação pelo Conselho de Segurança e Nações Unidas, no caso de ameaças à paz e atos de agressão. A Organização dos Estados Americanos e muitos países, no fim da semana, exprimiam sua adesão à resolução do Conselho de Segurança.

Cartas dos leitores

De um leitor que, infelizmente, não assinou o seu nome, recebemos a seguinte carta:

"A necessidade em lhe escrever esta, surgiu ontem 27, diante a leitura da TRIBUNA DA IMPRENSA, aproveitando êste ensejo para declarar que, o advento dêsse vespertino na imprensa de nosso país, fez-nos esquecer a existência de outros nesta capital, visto sua leitura ter vindo preencher, totalmente, o que faltava entre nós, isto é, jornal que nos desse a versão da verdade e a satisfação da justiça.

Passemos ao objetivo principal desta.

E' buscar um esclarecimento, provocado pela leitura ontem, do Redator de Plantão, que temos certeza, virá logo a seguir o recebimento desta, e todo êle, dialisado pela solução da verdade e da justiça.

Foi focalizado o que disse, em discurso, o general Estillac, no ato de posse da presidência do Clube Militar, — "a *maioria não pode*, (e não deve, acrescentamos) *mudar o regime*, etc.: — "*a maioria só pode tomar decisões de acôrdo com as regras pre-estabelecidas, etc.*" (pela justiça e pela democracia, acrescentamos).

E, no final: — "*Previna-se contra isto, o novo presidente do Clube Militar, que começa pretendendo isentar os militares do pagamento do impôsto de renda, etc.*"

Baseado na igualdade, na consciência democrática, na elevação da justiça, não admitimos haver uma só opinião contra a verdade: tôda a isenção é odiosa, suspeita, imoral, revoltante, impatriótica, anti-humana, principalmente perante a lei geral da igualdade e da justiça.

Pois bem, por que magistrados, jornalistas, professores estão isentos do impôsto de renda ?

Não desejamos senão, uma explicação consciencioso, equanime, patriótica, justa, moral.

E esta a esperamos ser lida, com altivez, verdade, personalidade moral.

Dizendo só, que é de acôrdo com a lei... é fraquíssima, e os que estão acobertados por êsse benefício legal, não podem negar a outros a mesma justa, necessária e fraternal medida de alcance, principalmente, para vida enquadrada dos militares, sempre lembrados pelos que temem o tosquiar do pêlo, nas horas de angustia pessoal. E' só... esperemos a explicação nítida, segura e verdadeira.

Agradecemos tôdas as referencias amáveis à TRIBUNA. Procuramos cumprir nossa missão. Quanto à isenção dos jornalistas, magistrados, etc., tivemos ocasião de exteriorizar, várias vezes, nossa opinião. Não se justifica, a nosso ver, a exceção nem para militares, como propõe, o general Estillac, nem para jornalistas, magistrados e professores. A boa justiça começa por casa...

SE NÃO SABE

A resposta certa é ESTADOS UNIDOS

PASSATEMPOS

PROBLEMA N.º 156 — EM 1-7-1950

Nome: ....

Endereço: ....

Horizontais:
1 — Parente.
3 — Via.
5 — Comprimido.
8 — Dois.
9 — Ruim.
10 — Amargo.
13 — Também.
15 — Matar.
18 — Metal.
19 — Seguia.

Verticais:
1 — Desloca.
2 — Suplique.
3 — Braço de rio.
4 — Socorreria.
6 — Órgão.
7 — Preta velha.
11 — Na pele.
12 — Ligo.
13 — Espaço de tempo.
14 — Interjeição.
16 — Muito.
17 — Ódio.

Com êste problema inicia-se o concurso do mês de julho, com um prêmio de assinatura da TRIBUNA DA IMPRENSA, por um ano, mediante sorteio entre os solucionistas exatos.

CHARADAS NOVISSIMAS

Quem bebe água num rio de Portugal cai no abismo. — 2-2.

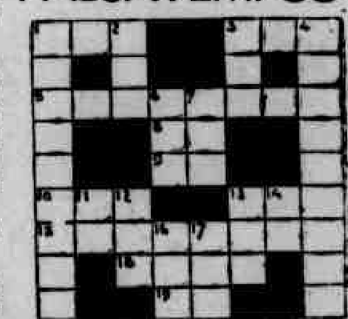
A onda apaga a luz para o inseto. — 2-2.

CHARADAS CASAIS

Guarda a arma indígena no cofre. — 2.
(Diofran)

O tesouro está no fundo da escavação. — 2.
(Diofran)

O CARTÃO DO DIA



Qual a sua profissão?

SOLUÇÕES DE ONTEM

Charadas novissimas — Recomenda: Cordura.
Charadas casais — Barro-a: Nata-a (seu carne por creme).
Charada sincopada — Cursivo-curvo.
O cartão do dia — Grafólogo.

BILHETES DO VELHO MUNDO

PERUGIA

TRISTÃO DE ATHAYDE

Será que Assis também terá sido estragada pela piedade intempestiva ou açucarada dos que reduziram o franciscanismo a uma piedosa burocracia ou a um vago panteísmo naturalista, como reduziram a alma forte de Santa Teresinha a uma santa de babadinhos? Vou perguntando a mim mesmo, à medida que o vasto ônibus da C. I. A. T. vai galgando e descendo caminhos inverossímeis para um tráfego de imensos caminhões com reboque, como a todo minuto se encontram nas estradas italianas. Que contraste com as desertas estradas de Espanha! Aqui tudo é vida, movimento, atividade. Estamos na fronteira das terríveis regiões onde acaba a liberdade. Do outro lado do Adriático, recomeça o silêncio, o terrível silêncio onde tôdas as monstruosidades se acobertam com o velho pretexto da "razão de Estado", dos "interêsses da Revolução", da "traição ao regime". Sentimos êsse silêncio antes de cruzar os Pirineus. Mas, dez ou quinze anos de paz, mesmo que seja de falsa paz, atenuam de muito o fanatismo dos "salvadores" e dos "chefes". Ao passo que, do outro lado do Adriático, os impecáveis "comissários do povo" estão ainda com os dentes afiados a mastigar os "inimigos do povo".

A Itália é realmente a linha de frente do Ocidente livre. Enquanto puder realizar o milagre da luta, sem renúncia aos valores morais e jurídicos que ainda sobrevivem aos seus próprios erros, estará realizando uma obra que resgata o passado fascista e merecerá a gratidão de todos os homens, que ainda não perderam de todo a confiança na natureza humana. A caminho de Assis, entre ruínas de castelos feudais, ou bordejando a centenas de metros de altura a bacia azul turquesa do admirável Trasimeno, vou sentindo de perto como se unem naturalmente, na história desta península privilegiada, a memória entrelaçada das lutas mais ferozes e das mais constantes preocupações de beleza. Um cenário de teatro quase inverossímel em certos momentos, e ao mesmo tempo um campo de batalha, em que os quadriláteros de cruzes ou de tábuas da Lei, dos cristãos e dos judeus norte-americanos, vindos do Iowa ou do Wisconsin, sem a menor compreensão de nada do que aquelas ruínas ou aquela beleza representam, para ali dormir para sempre.

À medida que a Umbria vai desenrolando a nossos olhos a sua placidez de tríptico primitivo, com os seus pinheiros-agulha sem franjas, seus lagos de turquesa, seus torreões de legenda — vou sentindo como nesta terra de contrastes tudo acaba se entendendo.

Não estão ali, Perugia e Assis, uma defronte à outra, separadas apenas por uns vinte quilômetros de campo chão, que em vinte minutos se atravessa e no entanto, tão diversas uma da outra? Perugia, tôda guerreira, Assis tôda pacífica. Perugia cercada de muralhas, Assis banhada de santidade.

Vai assim o meu pressentimento, embalado em reminiscências históricas ou estéticas, comprovar de perto a realidade com a imaginação.

Essas duas manifestações de uma mesma verdade, ora se encontram, ora se contradizem. As coisas confirmam ou desmancham as nossas antecipações.

Julguei encontrar em Perugia uma nova San Geminiano. Encontrei uma cidade moderna, cheia de casas altas e habitadas, com aquêle embandeiramento de roupas lavadas dançando ao vento a sua dança espetacular, tão típica das cidades italianas, com uma larga avenida em espiral contornando a montanha e acabando lá em cima na cidade fortificada, mas em que a história é completamente vencida pela vida atual, pelo terraço deslumbrante que domina tôda a planície e de onde, com o tempo claro que temos a sorte de ter, se divisa ao longe a sua velha rival de Monte Subásio.

Na terra do Perugino, o mestre de Rafael, não pudemos paradoxalmente visitar a pinacoteca, porque os museus italianos têm o péssimo hábito de fechar às duas da tarde. Numa terra onde tanto se trabalha, só malandreiam os guardas dos museus, essa espécie à parte de seres humanos, onde a saturação e o ceticismo secaram porventura tôda confiança no esfôrço da criatura... Na praça, entre o belo Paço Municipal, a cuja porta pendem as correntes tomadas nas lutas contra Siena, e a catedral inacabada há uma fonte admirável do século XIII, a primeira em que a escultura realista

(Conclui na 9.ª pág.)

ARTES

ESTAS PÁGINAS de "FIM DE SEMANA", que damos aos sábados, têm procurado não ser um dêsses simples e inócuos suplementos, que tante fariam sair no Brasil como na Conchinchina, tanto poderiam ter circulado em 1910 como virem a circular em 1960. Tanto quanto possível.

A matéria avulsa, os artigos, crônicas e poemas, procuramos selecioná-los entre o que tenha um sentido atual, preferindo aquêles que revelem uma busca da Verdade e uma luta pela Liberdade. Isto, entretanto, sem procurar forçar a nota, pois uma arte dirigida é detestável, seja ela dirigida para que lado fôr.

Quanto às seções fixas, o intuito é oferecer aos apreciadores de selos, ou aos curiosos de problemas de ciência, ou aos que se dedicam ao xadrez, ou aos entusiastas dos problemas relativos aos bichos, momentos de lazer e distração. Para isso se conta com redatores especializados e dedicados. E há ainda o registro de livros, sem muitas pretensões críticas (que isto caberá a Tristão de Athayde, tão logo acaba êle os "Bilhetes do Velho Mundo") mas com um intuito noticioso e informativo e o "Tapete Mágico", cuja intenção é distrair e recrear.

O primitivo e nós

J. GUIMARÃES VIEIRA

O artista da Idade-Média era um homem simples. Realizava a sua obra sem emaranhar-se em complicações intelectuais, pois visava afirmar a excelência da arte antes de afirmar sua própria excelência. Submetia-se à obra a ser feita, sem cogitar jamais de inverter as coisas, como se faz em nossos dias, isto é, de colocar a arte à serviço de sua caprichosa fantasia. Servia à arte, sem pretender ser servido por ela.

O artista moderno, embebido no culto da sensibilidade, fiel acima de tudo, como Cézanne, à sua "petite sensation", até mesmo à dolorosa consequência de sacrificar por vêzes a realidade objetiva da obra de arte, dirá que o primitivo era um homem tímido, mas eu tenho para mim que era um homem humilde. E tôda a sua fôrça brotou justamente dessa humildade diante da obra de arte a ser feita, pois a humildade foi em todos os tempos extremamente fecunda, como prova a experiência artística, a experiência mística e até mesmo a experiência metafísica, não obstante o que esta última possa sugerir de orgulho do espírito.

"E' necessário ser modesto — diz o dominicano Marie-Alain Couturier — desde que se entra nos domínios do espírito". Os primitivos, prudentes, pensavam e procediam justamente assim.

Ora, justamente por ser humilde, e não por ser tímido, é que o artista medieval dificilmente se deixava levar pela sedução da procura. Na verdade êle não procurava pelo meio de aventurar-se no mar largo, como fazem em nossos dias certos homens seguros de seus músculos, como Picasso e Rouault, por exemplo, e um número não pequeno de imprudentes suicidas. Simplesmente o artista não se entregava à procura, pela fidelidade de algum modo assombrosa à obra a ser feita. O respeito ao fazer moderava o ímpeto muito humano de abandonar-se ao desconhecido, refreava certo impulso inato de rebeldia ao passado.

Fazer era alguma coisa de muito forte e de muito grave na experiência artística da Idade-Média. Os escolásticos quando diziam que arte é fazer, jogavam êste verbo com tôda a sua admirável potencialidade expressiva. Afirmar que arte é fazer, significa, precisamente, que a grande realidade do fenômeno artístico, antes de ser um jôgo de intenções e de idéias, era uma disciplina de trabalho, dura, rígida, absorvente. Aqueles homens que construíam as catedrais não aspiravam a outros títulos além de obreiros, artesões, operários de Deus na fatura das belas obras. Havia monges que faziam do metiér artístico um modo particular de oração, pois a finalidade da arte não era traduzir uma expressão original do mundo, mas glorificar simplesmente as coisas de Deus. Êsse não foi sòmente o caso de um Fra Angélico, mas de todos aquêles obscuros e admiráveis monges que consumiam a vida trabalhando pacientemente as iluminuras dos missais.

De modo geral, a atividade artística do medieval era justamente o contrário do diletantismo, hoje tão florescente. O métier não era sòmente alguma coisa exaustiva e absorvente, mas sobretudo alguma coisa sofrida. Mallarmé, com tôda a fôrça incontestável de seu gênio, foi um diletante, em virtude do próprio conceito, que inspirou a sua obra, da poesia-jôgo, da poesia-"divertissement".

Em nossos dias, os obstracionistas, inumanos como o poeta de "L'après midi d'un Faune", fazem na pintura o mesmo jôgo surpreendente e vazio. O primitivo, pelo contrário, nunca endossou êsse conceito de arte-divertimento. Era um homem empenhado até às últimas consequências na obra a ser feita e a vocação representava para êle uma grave e terrível responsabilidade. Comprometia-se até às camadas mais íntimas de seu ser naquilo que fazia.

E que espantosas obras realizava o trabalho humilde e persistente. André Lhote diz que os primitivos eram inesgotáveis. A fidelidade à idéia factiva da arte conduzia a generosas intuições. O métier infatigável aguçava o olhar, estabelecia um clima de simpatia com o modêlo e impelia o artista, muitas vêzes, à intimidade menos devassada das coisas.

O conceito de beleza no artista da Idade-Média não era essa coisa que já se recebe teòricamente elaborada, como no academismo, nem alguma coisa possível de ser especulada, de ser perseguida, ou melhor, como se diz hoje, de ser buscada, como na arte moderna. Usando um têrmo em voga em nossos dias, diria que a beleza para o artista da Idade Média era alguma coisa existencial, prêsa à existência. Era intuída na longa e laboriosa experiência do métier, na prolongada convivência com os instrumentos de trabalho, na efetiva intimidade com o modêlo.

Era fazendo que o primitivo se tornava vidente, passava a descobrir nas coisas aquêle lado surpreendente, que se oculta de nós. O artista se apossava da beleza (ou se deixava apossar por ela, o que é mais certo), sem divagações literárias, sem análises rigorosas, mas intuitivamente, servido por um olhar que na intimidade do métier se fazia livre, pois se fazia limpo e reto.

Podemos compreender agora a distância que nos separa do artista da Idade-Média. A traição ao fazer, à idéia operativa, é um sintoma alarmante e que se agrava dia a dia na atividade artística contemporânea. O artista moderno perdeu a intimidade com o ofício. À fôrça de especular, estrangula alguma coisa que está na própria ordem da experiência artística. À fôrça de ansiar pelo diferente, de flirtar com o ineditismo, o artista moderno perde a realidade da criação artística, aquela realidade simples que se reduz a fazer coisas, isto é, em colaborar com Deus na criação.

Bloy, em carta a Maritain, advertia o conhecido filósofo: "ô professeur de philosophie, o cartesien, vous croyez, avec Malebranche, que la verité se recherche!" Os primitivos poderiam, do mesmo modo, advertir os modernos de que a beleza não se procura. Picasso se defendia das acusações de transformar a arte em instrumento de especulação, de aventura, dizendo: "Eu não procuro, eu encontro".

Stravinski, por outro lado, pensa com a seriedade de um primitivo (a sua "Sinfonia dos Salmos" foi composta para "louvar a Deus", como as catedrais góticas) quando afirma honestamente: "Agora é o momento de recordar que, no domínio que nos corresponde, embora seja certo que somos intelectuais, nossa missão não é de pensar, mas de fazer".

MORS LIBERATRIX

Na tua mão, sombrio cavaleiro,
Cavaleiro vestido de armas pretas,
Brilha uma espada feita de cometas,
Que rasga a escuridão como um luzeiro.

Caminhas no teu curso aventureiro,
Todo envôlto na noite que projetas...
Só o gládio de luz com fulvas betas
Emerge do sinistro nevoeiro.

— "Se esta espada que empunho é coruscante,
(Responde o negro cavaleiro-andante)
E' porque esta é a espada da Verdade.

Firo, mas salvo... Prostro e desbarato,
Mas consolo... Subverto, mas resgato...
E, sendo a Morte, sou a Liberdade".

ANTERO DE QUENTAL

CENTRO DAS EDIÇÕES FRANCESAS LTDA.
LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
Travessa do Ouvidor, 27 — loja Tel. 52-1876

LIVROS

MARC SANCNIER

FRANÇOIS MAURIAC

Escrevo estas linhas em Florença, no dia e na hora em que Notre-Dame de Paris recebe sob suas abóbadas os despojos de Marc Sangnier.

Não posso unir-me senão pelo pensamento, à imensa massa de seus amigos, que são todos seus devedores. Talvez haja jovens católicos que se espantem com a importância que todos atribuímos a êsse desaparecimento. E' que êles vivem neste Ano Santo de 1950, em que tôdas as nações afluem a Roma e aclamam o Pai comum, aquele a quem Santa Catarina de Siena chamava de "O Cristo na Terra". Na nossa pátria, o presidente do Conselho, Georges Bidault, é o filho espiritual de Marc Sangnier.

O sindicalismo cristão tornou-se suficientemente poderoso para que a CGT o leve em conta. Êsses jovens católicos não podem imaginar como foram os primeiros anos do século: a Igreja de França parecia cair, desmoronar-se na "debâcle" do anti-dreyfusismo; e naquela ocasião, o presidente Emile Loubet, visitando em Roma o rei de Itália, ignorava o Vaticano com ostentação; a Igreja, em França, se separava do Estado e as "lojas" faziam esvaziarem-se, alegremente, os conventos. A êsse assalto triunfante da Maçonaria no plano político correspondia um desastre de outra ordem: o equívoco modernista que, no plano social e intelectual, fazia surgir a Igreja como a inimiga dos tempos novos, prisioneira de tôdas as fórmulas obsoletas encadeada a todos os cadáveres da ordem antiga. E nós, adolescentes, que nos conservávamos fiéis, dizíamos, para nós mesmos, os versos de Claudel (cito-os de memória: *"Todo mundo era contra Vós: a ciência, a razão... E eu Vos preferia, como o amigo que prefere seu amigo..."*

Foi então que apareceu Marc Sangnier. Eu tinha 18 anos, quando o ouvi pela primeira vez. Marc separava a Igreja das velhas instituições políticas. Tornava-nos sensíveis à nossa responsabilidade como filhos de uma certa classe. Até então, acreditara eu que nossos direitos eram imprescritíveis. Marc Sangnier abria meus olhos para essa injustiça estabelecida, na qual nossos pais tinham vivido, muito embora fossem bons, sem sentirem o mínimo remorso, já que nem mesmo tinham do caso consciência.

O que faltou a Marc Sangnier foi uma doutrina fortemente ligada. Nele tudo era intuição, aspiração, movimento de coração. Maurras o superou, por certo tempo pelo menos, porque apresentava um sistema coerente de pensamento, porque ligava os privilégios da classe dirigente às exigências da ordem e ao interêsse da Nação, porque se servia, maravilhosamente, das armas que lhe fornecia o parlamentarismo degenerado da Terceira República. Maurras dava a seus discípulos burgueses a boa consciência de classe que Marc Sangnier tinha destruído em nós, simplesmente dando-nos coração.

Marc Sangnier parecia vencido, mas a História o justificou, e com que brilho! Tudo quanto veio depois dele, no tocante ao movimento social católico, a êle deve em parte a vida. O grão de mostarda plantado na cripta do Colégio Stanislas, onde Marc reunia seus fiéis iniciais, tornou-se esta grande árvore onde as aves do céu fazem seu ninho. De minha parte, fui "fiel" de Marc Sangnier apenas alguns meses. Eu era nesse tempo muito "barresista", muito "literato", muito ambicioso também talvez, para "perder meu tempo" no meio dêsses apostolos de gravata "à la Vallière" negra e berrante...

Aos vinte anos, eu encarnava tudo o que Marc Sangnier detestava. E o Mestre não me deu a mínima atenção. Como vingança tracei dele, no meu primeiro romance, uma caricatura, aliás não muito mesquinha. Mas o bem surgiu: bastou uma noite para que aquela grande alma comovesse a minha.

Hoje, após quarenta anos, acredito ainda estar ouvindo sua voz poderosa, embora fatigada, na noite de uma conferência de debate, que a todos esgotava. De que falava então Marc? Da nossa vida, da vida que nos fôra dada para que a déssemos. E nos apresentava, de novo, a pergunta de seu Mestre: "Também vós quereis me deixar?" Com essas palavras, interrogava os rapazes meus contemporâneos. E dos que o ouviram, uns foram fiéis, outros não à resposta negativa que então lhe deram. Mas não houve nenhum que deixasse de ficar "marcado" pela ansiedade daquela pergunta e pela expressão da resposta. E marcado para todo o sempre.

(Da "France Presse", exclusivo para o "Figaro", em Paris, e para a TRIBUNA DA IMPRENSA no Distrito Federal).

SEMPRE A VERDADE, NADA MAIS QUE O VERDADE, MAS TÔDA A VERDADE

Jean Jaurès

Não ficaremos melancolicamente a olhar essa mediocridade da raça humana que espera para prestar inteira justiça aos homens de trabalho e de combate que êles tenham desaparecido. Não. Mas desejaríamos que êsses exemplos sucessivos sirvam de lição a todos e que antes de acolher gritos insensatos e de aprovar acusações apaixonadas, desejaríamos que êles refletissem e que procurem discernir a verdade que mais tarde lhes aparecerá à luz reveladora da morte.

Sempre a verdade, nada mais que a verdade, mas tôda a verdade. E sempre o apêlo à razão.

A CORAGEM E' PROCURAR A VERDADE E DIZÊ-LA

A coragem não é entregar à fôrça a solução dos conflitos que a razão pode resolver, porque a coragem para nós todos, coragem de tôdas as horas, é suportar sem vergar as provações de tôda a ordem que a vida nos impõe. A coragem não é entregar a vontade ao acaso das impressões e das fôrças, mas conservar no cansaço inevitável o hábito do trabalho e da ação. A coragem é ser ao mesmo tempo, e qualquer que seja a profissão, um homem prático e um filósofo. A coragem é compreender a sua própria vida, defini-la e aprofundá-la, coordenando-a, porém, à vida geral. A coragem é dominar os seus próprios erros, senti-los mas não se deixar esmagar por êles e continuar o seu caminho. A coragem é amar a vida mas olhar a morte com tranquilidade, é ir ao encontro do ideal mas compreender o real, é de agir e de se entregar às grandes causas sem perguntar qual a recompensa que reserva ao nosso esfôrço o universo ou se nos reserva qualquer recompensa. A coragem é procurar a verdade e dizê-la.

UM ASPECTO DO PENSAMENTO DE RAUL PROENÇA

"A primeira verdade a pôr em evidência — escreve algures, com tôda a precisão, o pensador — é que é no direito individual e não no direito do número que reside a essência da Democracia".

Com efeito, tôda a filosofia política de Raul Proença se funda no princípio de que a forma de Estado mais inteligível e aceitável à luz do seu espírito — a Democracia — se define, substancialmente, como o regime de convívio em que a liberdade pessoal é reconhecida como o maior dos bens, tanto no ponto de vista jurídico objetivo como subjetivo.

Afastando-se de muitos democratas impulsivos e pouco seguros, o pensador sistematicamente recusa nos seus escritos legitimidade da imposição majoritária no campo das opiniões pessoais. As únicas divergências por êle reconhecidas como sujeitas a legítimas restrições são as relativas a atos materiais ou forenses, de natureza secundária, tais como: o fumar, o vestir, o andar dêste ou daquele modo, nesta ou aquela circunstância.

"... para mim (escreve R. Proença) uma noção fundamental é a da hierarquia dos direitos, pois julgo absurdo colocar no mesmo plano o direito que possuo de seguir por um lado da rua e o que tenho ou devo ter de defender os meus ideais. Um grau mais elevado, dentro dessa hierarquia, deve, pois, ser reconhecido desde logo aos direitos espirituais (religiosos, filosóficos, científicos, etc.) que importam infinitamente mais, tanto sob o ponto de vista de dignidade do homem como do valor social, que qualquer direito de natureza material."

"Ocupa ainda um grau superior nessa hierarquia o direito de falar e de escrever livremente sôbre as coisas públicas. E' um direito, êste, que se deixasse de ser exercido, viciaria o mecanismo mesmo da vida política, o funcionamento normal do Estado."

A não ser nos atos que poderão ser, com relativa legitimidade, objeto de regulamentação, digamos urbana, o homem que vive na Cidade tem jus a exigir que a mesma Cidade não amordace a sua opinião (se tal opinião se exprime com dignidade e intelectual decência), por mais discordante que o seu modo de ver ou de julgar seja relativamente ao daqueles, muitos ou poucos, que transitoriamente elaboram e defendem as normas da vida em comum.

Tanto a cêrca dos negócios de administração pública como dos assuntos meramente especulativos, tôda a pessoa deveria poder falar ou escrever sem a menor sombra de apreensão. Isto é, apenas com a precaução íntima relativa à legitimidade dos seus juizos. "Serei justo no que vou ou estou a dizer a favor disto ou contra aquilo? neste aplauso ou protesto?" — eis a única voz apreensiva que cada pessoa deveria escutar na véspera ou no ato de intervir no julgamento de qualquer ato ou homem público. Se em lugar dessa voz discreta e simples se faz ouvir, na lividez do modo, no ímpeto da decisão colérica, na perturbação visceral do ódio, outras formas espúrias de inibições ou impulsos, é porque não existe verdadeiro espírito de contrato na sociedade a que lamentavelmente pertence a pessoa política, ambas vítimas de tais sentimentos e ressentimentos.

Em uma boa atmosfera de respeito mútuo, de governantes e de governados, o primeiro preceito de deontologia das suas relações consiste no reconhecimento da elementar possibilidade, garantida pelas leis, de cada pessoa abrangida por uma certa ordem jurídica apontar os vícios existentes, ou que julga existentes, nessa ordem jurídica. Recusar ou limitar essa possibilidade de intervenção, em uma só pessoa que fosse, era, aos olhos do pensador, pôr em causa os fundamentos do acôrdo em que se baseia aquela melindrosa e inestimável forma de convivência a que se dá por vezes o nome simbólico de Cidade.

Carlos Lacerda
A MISSÃO DA IMPRENSA
Editôra AGIR
Cr$ 15,00

TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS NA
RÁDIO CRUZEIRO DO SUL
AS 21 HORAS
A PALAVRA SACERDOTAL

CRÍTICA

O Espírito e o Mundo

* João Etienne Filho *

BALANÇO DE MEIO ANO

Estamos no primeiro dia da segunda metade de 1950. Cabe uma pequena visão retrospectiva dêsses seis meses que já são História e que voaram.

Estamos por demais próximos das coisas que aconteceram, algumas, por sinal, acontecendo ainda. Por mais isentos que nos queiramos, ou presumamos ser, não temos perspectiva para julgar os eventos dos cento e oitenta dias que ontem se venceram.

Não é possível deixar-se de dar o primeiro lugar à tensão internacional, de que a situação na Coréia é o grande reflexo. Não é sem um calafrio que se pensa numa terceira guerra mundial num espaço de trinta e cinco anos. O eterno choque entre o Oriente e o Ocidente? Luta entre dois imperialismos? Conflito entre os que põem a Liberdade acima de tudo e os que estão sob um tacão de Autoridade?

Perdemos, no primeiro semestre, Laski, Blum, Mounier e Sangnier. Tão diferentes, tão grandes em seus setores, tão filhos dêste século.

No Brasil, perdemo-nos em especulações sôbre sucessão e lutas partidárias. Virão eleições, virá Recenseamento, vamos saber quem vai ser eleito, quantos somos, e isto nos valerá de grande coisa?

Houve a temporada de Jean Louis Barrault, que não foi só teatro, foi cultura, foi brilho de inteligência, foi a presença deste espírito francês de que cada vez mais temos necessidade de nos abebeirarmos. Umas poucas peças brasileiras, bem fraquinhas, um grande trabalho de Josef Guerreiro.

Já íamos dizer que nenhum grande livro surgira, quando nos lembramos de "Mensagem de Roma" de uma universalidade que nem parece livro de brasileiro.

E há o Campeonato Mundial do Futebol, helas! Não é possível desconhecer-se êste movimento de massas, esta energia acumulada de milhares de sêres, o que nos lembra a euforia de D. Martinho Mischler, ante a multidão que procurava assistir uma corrida de automóveis, e imaginava tôda aquela vitalidade encaminhada para um sentido alto da vida.

Começa o fim do ano, êste ano que é o último da metade do século e que é o Ano Santo, fixado pela Igreja para a meditação e a penitência, o que talvez, por isto mesmo, exaspere as fôrças desencadeadas do mal, numa competição que a economia divina permite, e dir-se-ia que estimula, lembrando Santa Teresa, a quem Deus disse que é assim que Êle trata os seus amigos...

EURÍDICE

Se de uma de nossas notas de sábado passado, ficou impressão desfavorável à peça de Pedro Bloch, "Eurídice", queremos deixar bem claro que não foi esta a intenção. Primeiro porque acreditamos no talento de Bloch. Segundo porque gentes muito boas nos têm elogiado a peça. E terceiro porque não a vimos. Naquele dia, daquele jeito, não era mais possível. Mas vamos vê-la agora que vai ser dada em espetáculos comuns. E temos a certeza de que vamos encontrar, quer no texto, quer na interpretação de Rodolfo Mayer, um alto teor, uma qualidade excepcional, que só não conhecemos ainda por culpa do P.E.N. Clube e do sr. Cláudio de Souza.

Existencialismo e Romance

ALFREDO LAGE

Escrevendo não há muito sôbre o romance americano contemporâneo, encontrava o crítico Otto Maria Carpeaux um critério de classificação dessas obras na atitude pressuposta nelas perante o problema do sentido da vida. Havia as que afirmavam e as que negavam existir um sentido da vida, ou melhor, que se baseavam num e as que se baseavam no outro postulado. Típicos das duas posições seriam, de um lado o belo romance (ou novela) de Thornton Wilder, "A Ponte de San Luis Rey" e de outro, o romance "The Sound and the Fury" de Faulkner. "Não seria possível, pergunta o crítico, agrupar as expressões literárias desta época conforme o critério "Wilder-Faulkner"? De um lado as obras em que se atribui sentido à vida; de outro lado as em que a vida não tem sentido?"

Como assinala Carpeaux, o título mesmo da obra de Faulkner é simbólico. As palavras que o compõem são alusivas ao monólogo de Macbeth, quando cercado no seu castelo e sentindo aproximar-se a ruína inevitável, recebe a notícia do suicídio da rainha.

..."(life) is a tale
Told by and idiot, full of sound
and fury,
signifying nothing".

De fato, tôda uma corrente da ficção atual parece filiar-se a essa tendência: muito estrondo e confusão, grande fúria de paixões, e nenhum sentido. No fim do romance deve o leitor concluir aturdido: foi tudo inútil. "L'homme est une passion inutile". Em vez da pacificação, da *cathasis*, a confusão mental, o sentimento da incoerência de tudo. Não deve a arte imitar a vida, e não é a vida supremamente incoerente?

Mas olhando a questão mais de perto, não parece muito fecunda a divisão. Com efeito, poda uma obra de ficção basear-se no pressuposto de que a vida não tem sentido? Tem essa afirmação algum sentido?

Ora, há duas maneiras de fazer uma tal afirmação. No primeiro caso, quando dizemos (em momentos de atordoamento) que a vida não tem sentido, queremos significar simplesmente que o sentido que deveria ter, ela o não alcança. Temos aí uma tese e uma hipótese. E a tese é necessariamente afirmativa. Para negá-la, na hipótese, temos a afirmação presente ao espírito. Pesamos as duas possibilidades e decidimos que no caso particular uma leva de vencida a outra. Mas essa decisão é uma decisão agônica, como a aposta de Pascal. A vida nos diz o seu segrêdo. No seu plano, que é o da experiência do concreto, ela repõe em equação perpetuamente a questão do seu sentido. E à arte, que a imita, pertence "chercher en gémissant".

Quando conclui afirmativamente é "como que através o fogo", e estrépito e a confusão que salve o sentido da vida. Quando conclui negativamente, afirma no universal (mas de maneira implícita) aquilo que nega no caso particular. Não há visão verdadeira da vida sem o sentimento de uma inadequação entre o homem e a realidade, entre o racional e o real, entre o homem e si mesmo. Mas de outro lado, não se concebe um sentimento de inadequação sem a afirmação implícita de uma adequação *possível*. E' por essa intimação metafísica do que *deveser* que afirimos os desacertos da realidade. E quanto mais vivamente sentimos os riscos de discordância e as causas de desconcerto, a dispersão das apa-

(Conclui na 8.ª pág.)

LIGANDO O ESTÁDIO MUNICIPAL AO MUNDO!

O desenrolar dos jogos internacionais de foot-ball desperta o interesse de todo o Mundo, principalmente dos países cujas equipes tomarão parte nas partidas finais.

Nesses dias, milhares de pessôas estarão atentas, distantes do Brasil, na espectativa das notícias transmitidas do nosso ESTÁDIO.

A Companhia Telephonica Brasileira, colaborando para o exito desse grande acontecimento esportivo, manterá ligações diretas do Estádio com as estações radiofonicas, as quais levarão a todos os continentes os lances das grandes partidas do foot-ball mundial.

COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA
COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA

FILATELIA

Camporto

VI RECENSEAMENTO GERAL

BRASIL CORREIO RECENSEAMENTO DE 1950 AÉREO Cr$1,20

Em todo o Brasil terá início hoje o Recenseamento.

Comemorando a data o Departamento de Correios emitiu 2 selos, um de 60 cts. e outro de Cr$ 1,20, que serão postos em circulação em tôdas as Diretorias Regionais.

Na sede da Secretaria Geral do Instituto Brasileiro de Geografia, à avenida Roosevelt, 166, funcionará um pôsto de venda de selos, instalado pelo D.C.T., onde o público encontrará também o carimbo comemorativo. O Pôsto funcionará das 9 às 12 horas.

BRASIL CORREIO RECENSEAMENTO DE 1950 AJUDE A VERIFICAR A GRANDEZA DO BRASIL Cr$0,60

FOLHINHA DO CAMPEONATO

Os selos do certamen mundial de football se, a rigor, não chegaram a constituir motivo de satisfação artística para os filatelistas, parece que comercialmente vêm atendendo as espectativas otimistas dos que determinaram a sua edição na quantidade de alguns milhões.

E o interessante é que, as deficiências de sua fatura artística têm sido supridas pelo apuro das "folhinhas" particulares" que, desta vez, supriram com vantagem a iniciativa estatal que vedou ao Departamento a edição de "folhinhas oficiais", proporcionando, acidentalmente (por omissão) ao grande público a leveza dessas pequenas coleções dos selos do campeonato, valorizados com a aposição sempre cuidadosa dos "carimbos de primeiro dia".

Em algumas — como as do Clube Filatélico do Brasil a estampa dos escudos das entidades esportivas responsaveis pelo certame, assomam interêsse de documentário, o que tem agradado sobretudo aos forasteiros.

Outras, como a chamada "folhinha Sá", da qual recebemos um exemplar, o aproveitamento das linhas dos três selos, dispostos de maneira original, permitem no conjunto policrômico um [illegible] de mais alta significação artística do qual, em [illegible] na parte superior [illegible] uma visão panorâmica do estádio municipal, colocada inteligentemente por sob [illegible] do único selo que se salva das três emissões do campeonato: o de Cr$ 1,20. E ainda há outras. Estas duas, porém, estão a se esgotar.

Não é bem a oportunidade para se debater o problema mas é lógico que, êsse sucesso comercial da iniciativa particular, está bem a indicar que, qualquer que tenha sido o motivo por força do qual o Departamento haja mandado suspender a emissão de suas "folhinhas oficiais", mais dia, menos dia, o assunto estará novamente em "ordem do dia". Sim, porque afinal, a função educacional ou cultural da filatelia, em todos os paises do Mundo é muito mais estatal, que da iniciativa particular.

Folhinha Comemorativa Campeonato Mundial de Futebol 1950

BRASIL CORREIO AÉREO CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL-1950 Cr$1,20

Carimbo de Borracha

EXPOSIÇÃO ESTADUAL de ANIMAIS — E.D.C.T. — Vitória — E. Santo — 24 Jun 50

Do dia 24 de junho até hoje, realizou-se em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, a 1.ª Exposição de Animais. Durante a realização da mesma, foram carimbados selos postais com o carimbo de que damos a reprodução nesta página.

VARIEDADES

CIÊNCIA POPULAR

A invenção do navio a vapor

Num dia quente de agôsto de 1807... — Fulton queria ser artista — Êle viu em vida o sucesso de seu empreendimento

Num dia quente de agosto de 1807 uma grande multidão se aglomerava nas margens do rio Hudson. Todos tinham ouvido falar que iriam ver o primeiro navio sem velas. Naturalmente, os céticos lá estavam, diante da nova máquina, rindo e duvidando de que ela se movesse sem velas ou remos.

Mas, logo a fumaça começou a sair e o barco lentamente foi descendo o rio. Robert Fulton, nesse dia, conseguiu o sucesso que o destino nega à maior parte dos inventores: provou que sua idéia era praticável e ao mesmo tempo abriu novos caminhos na América para os pioneiros e colonizadores.

QUERIA SER ARTISTA

Robert Fulton não começou sua carreira como um inventor; muito poucos inventores, aliás, o fizeram. Embora, em sua mocidade em Lancaster, na Pennsylvenia, demonstrasse grande engenho em mecânica, sua ambição era tornar-se um artista, como Benjamin West, um grande pintor americano que mais tarde se tornou presidente da Academia Real Inglesa.

Assim, pois, aos dezessete anos, Fulton partiu para Philadelphia com o fim de estudar pintura. Benjamin Franklin ajudou-o e logo ficou Robert conhecido como pintor de retratos e paisagens. Fazia também excelentes desenhos de maquinarias, pontes e edifícios.

Quando contava vinte e um anos, seu médico preveniu-o de sua saúde fraca, e, aproveitando essa oportunidade, foi reunir-se a seu velho amigo Benjamin West, na Inglaterra. Com a proteção de West, logo recebeu mais encomendas de retratos e paisagens do que lhe era possível atender. Mas pouco a pouco foi se dedicando mais a estudos mecânicos.

Fulton detestava a guerra, e tinha a idéia de que a única maneira de fazê-la acabar era destruindo os navios de guerra o mais depressa possível. Para isso desenhou um torpedo e mais tarde o submarino "Nautilus", aproveitando as idéias de um contemporâneo, David Bushnell. Em França, travou conhecimento com Robert Livingston, que era então ministro dos Estados Unidos na França.

O DESTINO INTERFERE

Livingston, com seu cunhado coronel Stevens e Nicolas Roosevelt, havia construido muitos navios a vapor, na América, mas não foi bem sucedido, o que entretanto não bastou para lhe arrefecer o entusiasmo pela navegação a vapor.

O FRACASSO INICIAL

Livingston e Fulton tornaram-se bons amigos e em 1804 construiram um modêlo de navio a vapor, mas a máquina era tão pesada que logo afundou quando foi experimentada no rio Sena. Mais tarde depois de mais desenvolvida e de diversas alterações, a máquina trabalhou satisfatoriamente e provou aos dois homens que uma escala de navios a vapor poderia ser feita com segurança.

Desviaram, então, sua atenção para a América, sua pátria, onde havia verdadeira necessidade dêsse meio de transporte. Era a América de depois da Revolução, uma terra onde havia milhões de alqueires de solo virgem para os lados do oeste, separados dos mercados somente por falta de transporte. Os obstáculos eram as cadeias de montanhas e os rios que somente podiam ser navegados na direção da corrente, por barcas e navios de remos.

Fulton e Livingston imaginavam centenas de navios a vapor transportando milhares de pessoas e toneladas de mercadorias e víveres, subindo e descendo os rios. Livingston empreenderia a parte financeira e Fulton ficaria com a parte técnica.

UM TRABALHO DE PACIÊNCIA

Fulton não inventou o *Clermont* de uma só vez. Na realidade, o navio a vapor, como o automóvel, não é uma única invenção, mas uma combinação de muitas invenções. As diferentes idéias não ocorreram de repente, mas foram o resultado de experiências e tentativas. Muitos homens deram contribuições essenciais. Um grupo, incluindo Newcomen e Watt interessara-se a locomotiva. Outro grupo, formado por Symington, Rumsey, Fitch, Stevens e Robert Fulton, reuniu as idéias para utilizar a máquina a vapor no barco.

Fulton tinha facilidades que os que o precederam não possuiam: grande habilidade mecânica e sendo artista, era capaz de expressar claramente, pelo desenho, todos os detalhes estruturais. Além disso, tinha o financiamento de Livingston e a necessidade da época de um meio de transporte mais eficaz. E, sobretudo, Fulton era tão hábil em coordenar todos êsses fatores de modo prático que facilmente se evidenciava seu grande valor, e de boa-vontade vieram trazer-lhe os recursos financeiros de que precisava.

UM DIA DE AGOSTO DE 1807

A competência de Fulton e a confiança de Livingston foram algumas das razões pelas quais, naquele dia de agosto de 1807 o ridículo se transformou em ovações quando o "Clermont" subiu o Hudson. E os milhares de inventores e financiadores que se seguiram são uma das razões pelas quais a América do Norte é uma das mais ricas nações do mundo.

TAPETE MÁGICO

Novidades "Melhoramentos"

— Mais uma obra de Flaubert programada pelas Edições Melhoramentos. Trata-se de "Bouvard et Pécuchet". A mesma editora já lançou daquele autor: "Salambô" e "Educação Sentimental". A sair, "Madame Bovary".

* * *

— "Sertões e Índios do Alto Xingu", mais um livro sôbre motivos indianistas e de devassamento. Autoria de Manoel Rodrigues Ferreira.

* * *

— Moacyr Werneck de Castro assina a tradução brasileira de "Major Bárbara", de Bernard Shaw. A editora programou inúmeras outras obras do famoso teatrólogo irlandês.

* * *

— "Botânica Divertida", de Anísio Godinho, recentemente lançado, é um estudo leve dos prodígios da natureza, apresentados em moldes de pequenas surpresas.

* * *

— "Valor", o famoso livro de Charles Wagner, obteve definitivamente a consagração do nosso público. Há pouco surgiu a décima edição brasileira.

* * *

— "Mozart", o Menino Prodígio", é curiosa biografia, escrita em moldes modernos, por Opal Wheeler, e que as Edições Melhoramentos publicarão na sua série biográfica de grandes músicos.

* * *

— Leônidas Bastos, que já publicou, há tempos, um livro infantil, "O Prêmio", apareceu, recentemente, com "Bicharada" pertencente à Coleção "Divertinstrui" dirigida por Alvarus de Oliveira.

Curso de Literatura Dram. Espanhola

Dando início às suas atividades, o Seminário de Espanhol da Faculdade Nacional de Filosofia fará realizar, no próximo mês de julho, um Curso de Literatura Dramática Espanhola, que compreenderá o estudo do teatro espanhol desde as suas origens até Frederico Garcia Lorca. O curso constará de 13 aulas, que serão ministradas pelo catedrático de língua e literatura espanhola, prof. José Carlos Lisboa, e por alunos da mesma cadeira.

As aulas serão às segundas, quartas e sextas-feiras, sempre às 16 horas, no 8.º andar (sala 85) do edifício-sede da F.N.F., à Avenida Presidente Antonio Carlos, 40, Esplanada do Castelo.

Na próxima 2.ª feira, dia 3 de julho, o prof. J. C. Lisboa inaugurará o curso, com uma aula sôbre "Caracteristica generales, origenes y desarrolo del teatro español hasta 1502".

O escritor

O escritor é essencialmente uma criatura que não se resigna à solidão. Cada um de nós é como um deserto, e um trabalho literário é como um grito no deserto, ou um pássaro sôlto com uma mensagem na asa, ou como uma garrafa atirada ao mar. O que é preciso é ser ouvido, mesmo que seja por uma pessoa só. Nossos pensamentos e, se somos romancistas, nossos personagens, devem ser compreendidos e amados e aceitos por outras inteligências e outras sensibilidades. O autor que afirma não ligar ao destino de sua obra, mente, e procura iludir-se a si mesmo ou aos outros. Todo homem sofre, se está só. O artista é o homem para quem e em quem êsse sofrimento toma forma física. Baudelaire tinha razão quando chamou os artistas de faróis. Eles acendem luzes na escuridão e em si mesmos para atrair o maior número de semelhantes.

MAURIAC

Pensar e fazer

Pensar e fazer, fazer e pensar. Aí está a soma de tôda a sabedoria reconhecida e praticada desde tempos imemoriais, mas ainda não compreendida por todo o mundo. Como aspirar e inspirar, fazer e pensar devem ocupar a vida num fluxo alternado e constante: como pergunta e resposta, nenhum desses atos deve ocorrer sem o apoio do outro. O gênio da compreensão humana segreda essa máxima ao ouvido de tôda criança recém-nascida. Quem se guia por ela, condicionando o pensamento à ação, a ação ao pensamento, não pode desviar-se. Se se desviar, não tardará muito a reencontrar o caminho certo.

GOETHE

Espírito da Primavera

Não me lembro se fui muito sensível à primavera, em minha juventude. Não acho que a criança, para quem tudo é novo, se impressione muito com milagres. A primavera da vida começa com a adolescência. Quando o coração se inflama com o vago amor e virtuosas resoluções ao mesmo tempo, e a carne com exigentes desejos, só então se compreende, sentindo-o no íntimo, o espírito milagroso da primavera. Sim, para sentir-se a primavera é necessária a comunhão e por si mesmo participar do jôgo.

GIDE

Nova revista policial

No endereço londrino de "Sherlock Holmes", (Baker Street, 221) instalou-se a redação de uma nova revista policial, cujo primeiro número já se encontra entre nós. Chama-se, naturalmente "The London Mystery Magazine".

50.º romance policial

Agatha Christie acaba de publicar seu quinquagésimo romance policial. Titulo: "A murder is announced".

Novo romance de Koestler

Arthur Koestler o autor de "O Zero e o Infinito" está acabando um novo romance, cuja ação se passará em Paris, e que se chamará provavelmente "The Years of Yearning".

"UM SONHO DE CRIANÇAS"

Quando as crianças custam a dormir, costumam imaginar grandes aventuras em que, tal qual os heróis dos contos de fadas, executam proezas que parecem inacreditáveis aos amigos e aos pais. Uns são, em fantasia, grandes guerreiros, outros inventores, outros cientistas, outros navegadores. Raras vezes êstes sonhos se realizam, mais tarde. Realizou-se um para os seis companheiros que resolveram atravessar o Pacífico, de balsa.

Parece realmente uma história de aventuras para adolescentes êste relato, rigorosamente exato, de um antropólogo norueguês, Thor Heyerdahl, que acha que a população original das ilhas dos mares do sul (Tahiti e outras) veio do Peru, há uns 1.500 anos. Teria vindo fugindo dos Incas, cuja invasão do Peru se dera então. E' uma teoria que o autor acha certa, e que outros acham errada, mas que tinha que estar errada desde que fosse impossível atravessar às 4.500 milhas do Pacifico, da costa do Peru até as ilhas mais próximas, numa simples balsa, que era o meio de navegação conhecido no tempo em que se teria dado esta migração. Pois Thor Heyerdahl resolveu fazer a experiência, arranjou mais cinco companheiros, e os seis atravessaram, de fato, o Oceano Pacifico, numa das mais arrojadas aventuras de que se tem notícia.

Nestes tempos, em que se pode confiar em tão pouca coisa, é repousante ler esta história de valores humanos. Valores simples, é verdade, mas genuinos. Coragem de, para provar uma teoria qualquer, expôr-se durante meses ao vento, à chuva, à falta de comodidade, a um forte risco de morrer, antes de tudo. Mas tiveram suas compensações.

A parte mais interessante da viagem e do livro, é esta oportunidade única que tiveram de entrar em contacto imediato com a fauna do alto mar, já que viajaram na própria superfície das ondas, devendo parecer aos peixes menos um navio do que um outro peixe.

A teoria acabou não sendo provada definitivamente. Mas ficou para sempre a história de uma aventura bonita e corajosa.

(Thor Heyerdahl, "*The Kon-Tiki Expedition*", Allen and Unwin, 1950).

E. Fr.

LIVRO SÔBRE ESTIGMATIZADOS

Saiu um segunda edição, póstuma, do livro de Montague Sumner, "The Physical Phenomena of Mysticism" (Rider, London) onde se trata principalmente das ocorrência dos estigmas em santos e misticos. Montague Sumner causou muita sensação, há anos, com um

(Conclui na 9a. página)

S. — "Eles pensam que eu sou um deus..."

XADREZ

Damiano

TORNEIO PREPARATÓRIO PARA O CAMPEONATO MUNDIAL DE BUDAPEST, 1950

	BRANCAS BRONSTEIN (URSS)	PRETAS STAHLBERG (Suécia)
1	P4R	P3R
2	P4D	P4D
3	C3BD	C3BR
4	B5CR	B2R
5	P5R	CR2D
6	P4TR	P4BD
7	BxB	DxB
8	C5C	0-0
9	C7B	PxP
10	CxT	P3B
11	DxP	C3B
12	D2D	PxP
13	0-0-0	C3B
14	P3BR	D3D
15	C3R	B2D
16	C3B	TxC
17	C4R	D2R
18	CxCch.	DxC
19	B5C	C1C
20	D4C	BxB
21	DxB	D2B
22	P4BD	C3B
23	PxP	C5D
24	D3D	PxP
25	TR1B	D5Bch.
26	R1C	T1D
27	P3CR	DxPC
28	P4B	DxDch.
29	T4D	P4R
30	PxP	CxP
31	T4D	C3B
32	TD5R	C4R
33	T5B	C5B
34	TR2B	P5D
35	P3C	P6D
36	PxC	P7D
37	TxP	TxT
38	T5CD	P3CD
39	T5R	T5D
40	P5B	TxP
41	T8Rch.	R2B
42	T8TD	T5Cch.
43	R1T	PxP
44	TxPch.	R3B
45	T5T	P4C
46	TxP	P5C
47	abandonam	

Outra partida:

	BRANCAS NAIDORF (Argentina)	PRETAS LILIENTAL (URSS)
1	P4D	C3BR
2	P4BD	P3CR
3	C3BD	P4D
4	B4B	B3C
5	P3R	0-0
6	PxP	CxP
7	CxC	DxC
8	BxP	C3T
9	BxC	DxPC
10	D3B	DxD
11	CxD	PxB
12	T1BD	B5C
13	C2D	TR1B
14	0-0	B2D
15	T3B	P3R
16	TR1B	P4B
17	P3TD	R1B
18	R1B	R2R
19	R1R	P4C
20	T3B	R1R
21	C4B	B1B
22	B6D	TxT
23	PxT	BxB
24	CxBch	R2R
25	R2D	B3B
26	R3B	T1CR
27	T1D	P5C
28	P4C	B5T
29	T4O	P4R
30	T2D	P5B
31	C4B	P6C
32	PTxP	PxPC
33	PxP	TxP
34	T2TR	B4C
35	TxPch.	R3R
36	TxP	R4D
37	P4T	BxC
38	T7D	R5R
39	RxB	TxP
40	P5C	PxPch
41	PxP	abandonam

Problema n. 20

MATE EM TRÊS LANCES

Solução do problema n. 19

O problema n. 19, apresentado no último sábado, tinha a seguinte solução: 1.T4CD.

LIVROS RECEBIDOS

ITINERARIO PARA ARAXA' — João Daudt de Oliveira — Civilização Brasileira Editora — Rio, 1950.

Problemas econômicos, financeiros; temas de indústria, de comércio, de transportes; importação e exportação, êstes e muitos outros, são os assuntos versados neste "Itinerário para Araxá", a que o sr. João Daudt de Oliveira deu o sub-título de "Discursos através do Brasil", pois são peças pronunciadas em capitais brasileiras as mais diversas.

NOVOS POEMAS — Antônio Girão Barroso — Edição da revista "Clã" — Fortaleza (Ceará) — 1950.

O autor faz parte de um dos mais laboriosos grupos de intelectuais da província brasileira. São apenas onze poemas, aqui reunidos, todos de boa feitura, com grande domínio de linguagem e reveladores de uma rica sensibilidade.

COMO ERA GONZAGA? — Eduardo Frieiro — Publicações da Secretaria da Educação de Minas Gerais — Vol. 2.º da Coleção Cultural — Belo Horizonte — 1950.

Mais uma curiosa contribuição do sr. Eduardo Frieiro às letras mineiras, que já tanto lhe devem. Muito bem documentado, o A. desfaz a lenda em tôrno de Tomás Antônio Gonzaga, segundo a qual aparece-nos como um garboso mancebo. Antes, era já velhusco, casquilho, ao tempo que conheceu Marília. Há um muito bem escrito prefácio do sr. Abgar Renault.

LIBERDADE SEXUAL OU CASTIDADE? — Mário Alcântara Silveira — Livraria Boa Imprensa Editora — Rio, 1950.

Em linguagem acessível e simples, o Autor trata do grave problema sexual da mocidade. Orienta-se pelos preceitos da doutrina católica e firma-se em sólidos conhecimentos científicos. Todos os aspectos do problema são abordados, de maneira instrutiva e eficiente.

OS TUNEIS — E. C. Caldas — Poesia — Pongetti Editora — Rio, 1950.

Tentativa de conciliação entre uma temática moderna, arrojada, avançada, e a forma clássica de versejar. Em muitos pontos, coroada de êxito. O poeta valoriza o cotidiano, as coisas simples. Ha versos remarcaveis neste pequeno volume de 66 páginas, dividido em quatro partes: Noturnos, Carnaval, Elegias e Silêncio.

PROIBIÇÃO — Alexandre dos Anjos — Pongetti — Rio, 1950.

Um romance? Uma novela? Num ou noutro caso, um livro perigoso para cair em qualquer mão. E' uma tentativa de fixação do problema das conjunções sanguíneas, mas ao qual o A. não dá propriamente uma solução. Como romance (ou novela) o livro é sensivelmente prejudicado por citações de cientistas e biólogos. Sem falarmos numa tirada sôbre a vida e sôbre a alma que merece os mais fortes reparos.

ARAXA', DA MALOCA AO PALÁCIO — Waldir Costa — Jaime Oliveira, Editor, Araxá, Minas, 1950.

A história e a lenda, em tôrno da maravilhosa estância mineral, estudos sôbre a geografia, a população, enfim, um trabalho curioso e leve sôbre a cidade mineira.

NO MUNDO DOS FANTOCHES — Floravante di Piero — Pongetti editora — Rio, 1949.

"Flagrantes psicológicos", chama-lhe o autor em sub-título. E nos desfila a psicologia do ingrato, do recalcado, do jogador, do ciumento, do intrigante, do diplomata, do mascarado, do ambicioso, do suicida, do escravo, da grã-fina, do poeta, do indeciso, do medalhão, do vencido, do velhaco, enfim de uma galeria infindável, de quase 60 tipos. Ao contrário do que poderia sugerir o sub-título, entretanto, não se trata de obra de profundidade, mas é antes uma crônica em que a leveza no modo de tratar os assuntos sacrifica o aspecto de peso e ponderação que poderiam e deveriam ter.

SEJAMOS BELAS — Léa Silva — Pongetti editora — Rio, 1950.

Em terceira edição, revista e aumentada, aparecem êstes conselhos de eugenia e beleza, da sra. Léa Silva, que pelo visto merecem a boa aceitação do belo sexo, sempre ávido de fazer-se belo, se não o é, e mais belo, se a natureza já o dotou bem.

NOÇÕES DE PSICOLOGIA — Iago Pimentel — 7.ª edição — Melhoramentos.

Um dos bons livros didáticos para o estudo de psicologia. Competência, clareza, facilidade de exposição didática, são os caracteristicos dêste volume que se deve ao conhecimento e à cultura do renomado mestre brasileiro.

DO SONHO E DA ESFINGE — Afonso Felix de Souza — Edição da revista "Orfeu" — Rio, 1950.

O jovem poeta goiano, hoje radicado no Rio, que há tempos nos dera "O Tunel" (1948), ressurge-nos com uma excelente coletânea de poemas em que se confirmam os dotes, que naquele primeiro livro se antecipavam, de um grande potencial lírico e de um domínio cada vez maior do material poético. Há aqui poemas aos quais podemos taxar de definitivos como "Soneto do Reencontro" ou "Poema da Permanência". Em todos, porém, a aguda sensibilidade, o senso rítmico do verso.

LIVROS INFANTIS

Das Edições "Melhoramentos" recebemos "Dudu de Puf", de A. A. Milne, tradução de Aloísio Ferraz Pereira, ilustrações de Ernest H. Shepard; "Maja, aventuras de uma abelha", de Waldemar Bonsels, tradução de H. Rohden, ilustrações de Marianne Jolowicz; e "Contos Populares das Américas", de Frank Henius e tradução de Aida de Carvalho Bergstrom.

Na excelente apresentação gráfica que caracteriza os livros para a infância, ou para a adolescência, da Companhia Melhoramentos de São Paulo, os três volumes que presentemente registramos são ótimos, cada um no seu gênero. Dudu-de-Puf é um urso, cujas aventuras e desventuras os são narrados em linguagem colorida. Maja é uma abelha, através de cuja vida se conhece a atividade maravilhosa dêstes pequenos modelares animaizinhos. E no terceiro dos livros que nos vem ocupando a atenção, são recolhidas as mais belas histórias que divertem as crianças dos paises da América. O original é inglês, e segundo um ligeiro prefácio, constava uma história do Brasil também. Mas nesta tradução, a lenda de nossa terra não aparece, o que é pena. Pode-se ver que várias histórias são comuns a terras diversas, assumindo apenas feições próprias. No fundo, porém, guardam aquele maravilhoso infantil, que não é de ninguém, mas que é da infância e do deslumbramento de qualquer parte do mundo.

Auto Copa Ltda.
R. Barata Ribeiro, 323-A
COMPRA E VENDA DE AUTOMOVEIS NOVOS E USADOS
TROCAS E FACILIDADES

CURSO PRIMÁRIO
Matrículas abertas
Mensalidades módicas
EDUCANDÁR[illegible]
RUI BARBO[illegible]
Rua Gago Cout[illegible]
25-Largo do Mac[illegible]

ZAQUE PEDRO

Maluh de Ouro Preto

Zaque Pedro morreu... José Pancetti chegou chorando "O Zaque morreu! meu discipulo, meu amigo, um rapaz de talento, pintor de futuro. Morreu sozinho... de uma hemoptise, foi encontrado na rêde...

Zaque Pedro morreu... A não ser nos meios puramente artisticos que reconheciam seu valor, a noticia passou praticamente despercebida e não teve repercussão. A imprensa não se preocupou com o fato, e apenas alguns jornais deram uma nota breve: "O pintor Zaque Pedro de trinta anos de idade, foi encontrado morto no seu atelier em São Luiz do Maranhão, onde estava realisando uma exposição individual". Ainda era muito jovem, quase desconhecido, com pouca fama e sem a aureola do sucesso. No entanto já conquistara no Salão Nacional medalhas de bronze e prata e um prêmio de viagem ao pais, e era agora um dos mais fortes concorrentes ao prêmio de viagem ao estrangeiro.

Zaque Pedro morreu... um rapaz pálido e muito alto, bonitão, de ombros largos, olhos prêtos e uma cabeça forte de nortista. Nascido no interior do Maranhão, com dezoito anos veio para o Rio tentar a vida como pintor. Logo encontrou Pancetti já consagrado, que gostou de seus trabalhos, animou-o, ajudou-o, protegeu-o, aconselhou-o. Zaque lutou muito, passou necessidades, dormiu ao relento, e para não morrer de fome teve que se empregar como pintor de paredes. Mas não desanimava e continuava pintando, pintando sempre os mesmos quadros tristes, paisagens cinzentas, esverdeadas, sem sol, com montanhas nuas e céus vazios. Pintava com tons apagados e amortecidos, ruas de subúrbios, o Morro do Jacarezinho, malandros cansados. Aos poucos foi vencendo, e finalmente em mil novecentos e quarenta e oito obteve o prêmio de viagem ao pais.

Conhecemos Zaque Pedro o ano passado, pouco antes de sua partida para o norte em gôzo do prêmio. Apareceu aqui uma noite com Pancetti. Ao entrar deu uma gargalhada. "Já estive cá antes, reconheci o edificio e agora reconheço o apartamento. Vê estas portas com os frisos? Fui eu que as pintei. Já fui pintor para a firma construtora dêste prédio, e quando havia um trabalho delicado, sempre me chamavam. Como é pequeno o mundo!" Depois estivemos com êle varias vezes e serviu-nos de guia no salão de mil novecentos e quarenta e nove. Antes de seguir para São Luiz veio despedir-se, e trouxe um quadro que eu admirara especialmente. Um quadro pequeno de indizivel melancolia, representando uma rua pobre e lamacenta, com casas tortas, um homem solitario na calcada e no alto um cantinho de céu. "Mas Zaque, não posso negar, estou sem dinheiro não é justo, você pode vender o quadro e ganhar mais!" Êle no entanto disse que não tinha importância, que eu desse um pouco, e o resto seria pago na sua volta, pois então sim, precisaria de dinheiro. Estava feliz, confiante no futuro, radiante de rever a familia e a cidade natal, cheio de planos para quando ganhasse o prêmio à Europa. Foi a última vez que o vimos. "Cuide bem do meu quadro", disse êle "algunm dia há de valer muito...".

Zaque Pedro morreu... Não faz um ano que partiu, ainda não acabara de gozar o prêmio. Morreu sozinho na rede, caido numa poça de sangue, sem uma mão amiga que o amparasse. Morreu no dia em que se encerrava com grande sucesso sua exposição em São Luiz. Morreu sem ter conhecido a glória, sem ter realizado seus sonhos, sem ter podido cumprir o que seu talento prometia. Não pintará mais paisagens cinzentas e magoadas, não vagará mais sozinho pelo Morro do Jacarezinho, e não mais ouvirá os conselhos amigos do Mestre Pancetti.

Zaque Pedro morreu... "Eu perdi um companheiro e o Brasil um pintor" disse inconsolável o grande Pancetti, enquanto olhavamos juntos o quadro pequeno e melancólico da suja rua suburbana onde Zaque morou, o quadro que não acabei de pagar, e que naquele momento parecia crescer, tornar-se maior e mais forte, grande como a arte, imenso como a morte.

Dia Social

Vera Lucia, de cinco anos, filha do sr. Ruy de Carvalho Oliveira

ANIVERSARIOS

Fazem anos hoje:

Senhores

Senador Salgado Filho.
Jorge Alves Fôsse.
Francisco Almeida Santos.
Dr. José Dautor Mótta e Silva.
Amadeu Alves Merlino.
Francisco de Lima Guimarães.
Waldemiro Gonçalves Fernandes

Filhos

Amaury Lacerda Almeida.
Enio Júlio Alonso da Costa.
Petrônio B. Caruso.
Paulo Cesar de Magalhães.
Arthur Ribeiro dos Santos.

Senhoras

Otilia Lacerda.
Maria Pereira de Lima.
Bella Borges Dião.
Yolanda da Silva Moreira.
Hilda de Souza.
Arlinda Gonçalves Pereira.
Carmen Alvares de Aguiar.

NOIVADOS

Participam o seu noivado:

A srta. Carmelina Nascimento, filha do casal Luiz Eusébio do Nascimento - Odette Pires do Nascimento, com o sr. Carlos Siqueira Filho.

A srta. Ida Condé, filha do casal Agostinho Condé - Lucia Rodrigues Condé, com o sr. Murilo de Freitas Barbosa.

A srta. Dinalva Loureiro, filha do casal Franco de Almeida Loureiro - Antonietta Gomes Loureiro.

PROXIMOS CASAMENTOS

Benedito Lellis Machado e Maria Pitiunga; Manuel Fernandes Alonso e Delmira de Paula e Silva; Manuel Inacio Mendonça e Neusa Fernandes Jonas; Alberto Botini e Dalva Câmara Vieira; Luis Carlos Palhano Leal e Terezinha de Jesus da Silva; Paulo Cordeiro de Carvalho e Aidé de Oliveira; Antônio Teixeira de Paula e Maria Gomes Vergara; José Augusto Dias e Zélia da Rocha Silva; Rosalvo Aniceto da Costa e Célia Machado Vieira; Roosevelt Barroso Becadi e Neide Teixeira Alves; Luiz Rodrigues Moreira e Maria de Lourdes da Costa; Benjamin Corrêa da Silva e Luisa Rodrigues Nolasco; Manoel José Camilo e Luzia Figueira da Silva; Aurélio Gonçalves Fernandes e Maria de Lourdes Nascimento; Antoniela Regis e Terezinha Bittencourt da Silva; João Silveira e Otilia Lopes da Silva; João de Souza Martins e Sofie Domingues Neri; David Goulart do Carmo e Elisia Soares; Mário de Almeida e Maria Rita Carvalho Jacinto; Expedito Soares e Lijanira Guimarães; Milton de Andrade Carqueja e Luzia Maria Dornelas; Julião Marcelino dos Santos e Maria Luiza da Conceição; Milton São Martinho e Renerina Gonçalves Pimenta; Aurélio de Castro Pinheiro e Custódia Teixeira; Herminio Lopes e Nélia de Carvalho; Arquimedes Antônio de Paula e Almira Soares; Antônio Martins Monção e Maria José Menezes Rocha; Américo Antunes Barbosa e Almerinda Lopes Cardoso; Alvaro Fernandes Neto e Eunice Soares da Silva; Paulo Ferreira Dias e Maria Guedes; Alexandrino Monteiro e Madalena Pereira da Conceição; Ailton de Azevedo e Iaiá da Conceição Paz; José Horacio Gomes da Silva e Euridea do Nascimento Silva; Mario Martins dos Santos e Elvia Torres da Silva; Washington Luis de Oliveira e Elza da Silva.

NASCIMENTOS

Ovidio, filho do casal Ovidio Sousa-Maria Bernadette Brito Sousa.

Célia, filha do casal José Narciso Neto - Maria José de Freitas Narciso.

Gilda, filha do casal Mário Gouvêa - Altair Gouvêa.

Osmar, filho do casal Osvaldo Simon de Brito - Maria Ribeiro de Brito.

Antônio Roberto, filho do casal Antônio Sebastião da Cunha - Noemia Salgado da Cunha.

BODAS DE OURO

Casal Honório Morais - Elvira Barros de Morais — Sua familia convida as pessoas de suas relações de amizade para assistirem à missa em ação de graças, que fará celebrar no próximo dia 3 de julho, às 9 horas, no Convento de N. Senhora de Lourdes, à rua São Clemente n. 438, Botafogo.

AÇÃO DE GRAÇAS

Sr. Severino Nunes — Será celebrada missa em ação de graças, no próximo dia 3 de julho, às 18,30 horas na igreja de N. S. da Glória do Outeiro, pelo transcurso de seu aniversário natalicio.

CLUBES

Clube Municipal — O Departamento Social do Clube Municipal, oferecerá aos filhos e parentes menores de seus associados, uma representação infantil, no proximo domingo, 2 de julho, às 10 horas da manhã, no Teatro Regina. Nesta ocasião será representada a peça de autoria de Heloisa Maranhão, intitulada "O Padeiro Braulinho".

CORRETOR DE FUNDOS PÚBLICOS
LUIZ A. C. DE MENEZES
JOÃO B. C. DE MENEZES - PREPOSTO
RUA MIGUEL COUTO 35 - 1.°
23-2231 — 23-1504 — 23-3567

CINEMA

"O Meu Maior Amor"

Juan Arrégui

BOM

O nome de Mark Robson não é inteiramente desconhecido do nosso público. Há pouco tempo tivemos a oportunidade de assistir "O Invencivel" (The Champion), que não sendo propriamente uma obra prima, era um trabalho interessante e que dava bem para se avaliar as possibilidades do novo diretor. Filiado à escola dos novos valores do cinema americano, Robson nos deu então, um trabalho firme e seguro, bastante moderno.

Usando os mesmos métodos, com uma linguagem cinematográfica viva e direta, volta-nos agora com um tema totalmente diferente, num espetáculo não menos interessante. O enrêdo de "My foolish heart" é exatamente o inverso do de "The Champion". Onde antes era violência e fôrça, agora é ternura e emoção. Onde antes havia suspense e perigo, há, agora, lirismo e romance. E podemos dizer logo que Mark Robson se sái da segunda experiência tão bem quando da anterior.

Na verdade, êste "O meu maior amor" é um filme agradável e interessante, sobretudo pela segurança e firmeza de direção. Seu enrêdo é simples, sem nada de novo, absolutamente. O cinema já contou um punhado de vezes a história da moça que se apaixona durante a guerra, cujo noivo ou espôso parte imediatamente para o *front*, deixando-a com o fruto de seu amor nos braços e a mágoa e saudade, no coração. "My foolish heart" é pouco mais do que isso, mas seu mérito está na maneira pela qual isso foi narrado cinematograficamente, na simplicidade de sua ternura, no uso muito bem adequado do *flash-back* (sempre meio perigoso e dificil), na beleza da parte musical, muito bem composta e admiravelmente bem empregada, servindo mesmo de ligação entre os dois personagens. A hora, por exemplo, em que o rapaz, no acampamento, pensa na moça e esta, no mesmo instante, em sua casa, também está pensando nele. Isso narrado sem uma palavra, um gesto, uma insinuação. A música, apenas a música de fundo, faz a ligação. Há, sobretudo, a composição titulo, um *blue* excepcionalmente bem inspirado.

Ao lado de tudo isso, vale a pena destacar a atuação de Susan Hayward que não tem tido, no cinema, o destaque que seu talento e sua graciosidade merecem. Sendo jovem e bela, com inegáveis qualidades para o drama, tem aparecido com poucas oportunidades. Esta pelicula lhe faz um pouco de justiça, dá-lhe uma boa chance, embora ainda não a definitiva. Dana Andrews é um galã discreto e seguro. Sua atuação é simples e simpática. Os outros coadjuvantes, sem grandes lances, satisfatoriamente.

Fotografia moderna, da melhor possivel, admiravelmente bem iluminada. E a música, que tanto elogiamos, pertence ao veterano e sempre agradável Vitor Young.

Pela inteligência dêste diretor novo e valoroso, aconselhamos "O meu maior amor" como um espetáculo BOM.

MÚSICA

*** **BALLET DA JUVENTUDE** — Sob o patrocinio da União Nacional de Estudantes, o Ballet da Juventude iniciará na segunda-feira um novo Curso de Dança clássica para principiantes, sob a orientação de Eduardo Sucena. As aulas serão ministradas às segundas, quartas e sextas-feiras de cada semana na sede do Ballet da Juventude, à Praia do Flamengo 132, 3.° andar.

*** **ESCOLA NACIONAL DE MUSICA** — Em sessão presidida pela diretora da Escola, efetuou-se a entrega dos titulos aos docentes livres daquela instituição musical, de acôrdo com os concursos de titulos e provas realizados no decorrer do ano. Entre os professores que recéberam os titulos contam-se: Iberê Gomes Grosso — violoncelo: Ilara Gomes Grosso — piano: Jayoleno dos Santos — clarinete: José Vieira Brandão — piano: Mário de Azevedo — piano, e Santino Parpinelli — violino.

*** **ORQUESTRA SINFONICA DA JUVENTUDE** — Sob a direção da professora Joanidia Sodré, a Orquestra Sinfônica da Juventude realizará dois concertos na cidade fluminense de Campos, tendo como solistas Mário Neves, Oscar Borghert e Lenir Siqueira.

*** **CONCERTO DE MUSICA SACRA** — O Côro da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil realiza hoje, às 20 horas, um concerto de música sacra no Templo da Igreja Metodista de Cascadura, sita à rua Coronel Rangel, 115.

*** **DECIMO FESTIVAL POPULAR DE MUSICA** — A Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro apresenta amanhã o seu décimo festival popular de música, sob o patrocinio da Sociedade Artistica Internacional, o qual terá lugar na Escola Nacional de Música, às 20,30 horas. Êsse concerto terá a colaboração do cantor Jorge Bailly, obedecendo à regência do maestro José Siqueira.

*** **CARROSSELO NAPOLITANO** — Deverá estrear em breve no Teatro República, contratada pela Emprêsa Viggiani, uma das mais significativas organizações recreativas da Itália: o Carroselo Napolitano, dirigido por Ettore Gianinni. A temática das suas criações é a história da cidade de Nápoles, representada em quadros de cunho popular e cativante variedade pelos 65 participantes da companhia.

*** **MARIAN ANDERSON NO MUNICIPAL** — O famoso contralto norte-americano Marian Anderson, que visitará o Brasil brevemente a convite da Emprêsa Viggiani, fará a sua estréia no Teatro Municipal a 6 do corrente, interpretando páginas de Haendel, Schubert, Donizetti, Villa Lobos, Debussy e Heckel Tavares, além de 4 "Negro Spirituals".

*** **RECREAÇÃO POPULAR** — Na série de concertos que vem sendo apresentada pelo Departamento de Difusão Cultural da Prefeitura, será realizado amanhã, no Teatro Municipal, às 10 horas, um recital da cantora Helena Pimentel. A entrada será franca.

JACY CAMPOS que continuará a apresentar com êxito no Teatro de Bolso "A Outra", "Um Casal Burguês" e "Uma Partida de Canastra", as três peças em um ato que constituem a primeira apresentação dos "Aprendizes". Uma sessão unica, segunda-feira próxima

TEATRO

NOTICIÁRIO

*** Recebemos do sr. Odilon Azevedo, atualmente o prestigiado "Mauricio" de "As Arvores Morrem de Pé" a seguinte noticia: "Tendo de partir para Buenos Aires no próximo dia 3 de julho a fim de cumprir um contrato com a emprêsa Gallo, para representar "Chuva" em espanhol ao lado de Dulcina no Teatro Grand Splendid, onde estrearei dia 13 de julho, despeço-me agora de meu querido público do Rio, participando-lhe outrossim que serei substituido em "As Arvores Morrem de Pé" a partir de terça-feira, 4 de julho, pelo meu brilhante colega Rodolfo Mayer". Boa viagem, então, senhor Odilon, que sempre tão bom foi para os que realmente gostam de teatro, que ajudou aos estudantes de teatro a assistirem a seus espetáculos com a maior generosidade — e volte em breve às "Arvores", que serão sempre "de Pé"! Entrementes, será sempre um prazer ver este excelente ator que é Rodolfo Mayer no papel de Mauricio. Outra noticia diz que Rodolfo Mayer, no dia 10 de julho, levará no mesmo teatro, o Teatro Regina, o espetáculo em dois atos mas com um intérprete só, "As Mãos de Euridice", da autoria de Pedro Bloch, e que tanto sucesso fez na sua apresentação no Pen Club do Brasil.

*** Hoje no Pen Club, às 4 horas, "Quebranto" de Coelho Netto, será apresentado pelo Teatro Universitário, sob a direção de Jerusa Camões e D. Esther Leão, com roupas de Regina Werneck. Presentes a este espetáculo estarão vários membros da familia do grande Coelho Netto.

*** Em vesperal hoje, mais um espetáculo da grande bailarina folclórica Katherine Dunham e seu elenco tão brilhante. Será às 4 horas. No teatro República vêem-se danças caracteristicas do México, do Haiti, da América do Norte, dos Indios, das Ilhas do Pacifico-Sul, da Africa... Não se deve perder tão grande expressão de arte.

*** Segunda-feira volta ao Teatro de Bolso o espetáculo de três peças em 1 ato, apresentado por Jacy Campos e os Aprendizes. Haverá uma sessão só, às 21 horas, sob a direção de D. Esther Leão. "O Outro", "Um Casal Burguês", e "Uma Partida de Canastra" são as três peças apresentadas.

*** Segunda-feira também, no Teatro Copacabana, o Teatro Independente Europeu sob a direção de Willy Keller, apresentará em segunda assinatura "The Constant Wife" de Somerset Maugham, com Lilian Berley no papel de Constance, e com Lieselotte Henke, Clarisse Andrés, Walter Hardt, Werner Hammer, etc.

*** O Teatro Infantil continua a florescer. A's 10 horas da manhã de domingo, no Teatro Regina, mais um espetáculo do "Padeiro Braulinho" de Heloisa Maranhão e hoje e amanhã, no Teatrinho Jardel, mais dois espetáculos (duas sessões) do Teatrinho de Joãozinho Ribas, às 15 e às 16,30 horas.

*** "O Carrossello Napoletano" de Ettore Gianini está chegando agora no Rio.

O tema de "Carrossello" é a própria e trepidante história de Nápoles, a bela cidade que todos aprendemos a amar, nas suas sonorosas e ensolaradas canções. Cada um de seus quadros é uma reprodução de aspectos marcantes da vida napolitana, através dos séculos. Assim, desfilam antiguissimas tradições, remotos costumes, legendárias crônicas, e surgem velhas canções de "serenatas", e procissões religiosas, e representações teatrais, e cenas de rua, e madrigais, e maliciosas histórias inspiradas na lirica plebéia... Enfim, a vida de Nápoles, de todos os dias, desde os começos do século XVI até os tormentosos dias atuais.

Esta é a Companhia que, dentro de breves dias, realizará uma temporada no Teatro República, sob os auspicios da Emprêsa Viggiani. Com o "Carossello", será encerrada — brilhantemente, aliás — a grande Temporada Internacional de Espetáculos Musicados com que esses empresários brindaram o nosso público, desde maio último.

A estréia do "Carossello Napoletano" está marcada para o dia 11 de julho. Sua temporada no Rio constituirá, certamente, um acontecimento.

No seu camarim, antes de representar "Constance" na peça de Somerset Maugham, que o Teatro Independente Europeu levará segunda-feira próxima no Teatro Copacabana, sob a direção de Willy Keller. A peça, em tradução alemã, teve grande aceitação na estréia

PARA HOJE:

TEATRO

CARLOS GOMES — Tel. 22-7581 — Fechado.

COPACABANA — Tel. 27-0020 — A comédia **HELENA FECHOU A PORTA** — às 21 hs. Cr$ 40,00. Com Tonia Carreiro, Paulo Autran, Armando Couto, Vera Nunes, Luiz Vilela e Paulo Monte. Uma história baseada na greve feminina iniciada por Lysistrata e continuada pela senhora de um ditador.
— Sab. e dom. às 16 horas.

FENIX — **OS FILHOS DE EDUARDO** — às 21 horas — Cr$ 36,50 — os Artistas Unidos e Mme. Morineau no grande sucesso de Marc Gilbert Sauvajon. Mme. Morineau é uma conferencista que não acredita em casamento e inventa um "pai" para seus três filhos. Tudo corre bem, até o dia em que êstes filhos querem casar...
— Sab. e dom. às 16 horas.

FOLLIES — Tel. 27-3216 — **PAUSA PARA UMPINAFRAÇÃO** — Companhia de São Paulo — às 20 e 22 horas — com Viviani e Lyson Gaster.
— Sab. e dom. às 16 horas.

GINASTICO — Tel. 43-4350 — Fechado.

GLORIA — Tel. 22-9146 — **ONDE DORMIU MEU MARIDO**, de W. Ellis, trad. R. Alvim — Sab. e dom. às 16, 20 e 22 horas. Comp. Jaime Costa. Heloisa Helena. Cr$ 30,00.

JARDEL — 27-5712 — Sab. e dom. às 15 e 16,30 — **TEATRINHO INFANTIL JOÃOZINHO RIBAS** — Cr$ 15,00.

J. CAETANO - Tel. 43-4376 - 6a. feira: **OLHOS DE VELUDO** — com Gilda Abreu, Vicente Celestino, Walter D'Avila e Manoel Vieira — às 20 e 22 horas — Cr$ 38,50 e 24,50.

RECREIO — Tel. 22-8164 — **CATUCA POR BAIXO** — com Dercy Gonçalves, e Antonio Mestre — Revista de Luiz Peixoto, Freire Jr. e Geysa Boscoli. Luz del Fuego aparece. — Cr$ 50,00 — às 20 e 22 hs.
— Sab. e dom. às 16 horas.

REGINA — Tel. 22-0217 — **AS ARVORES MORREM DE PÉ**, de A. Casona. — Companhia Dulcina-Odilon — Direção de Dulcina — com Conchita de Moraes, Odilon, Suzana Negri, Aida Ferreira. — Trad. de Waldemar de Oliveira. Uma instituição de beneficência diferente das outras, trata de substituir um "neto pródigo" para consolar uma avó inconsolável — às 20,45 hs. — Cr$ 36,50.
— Sab. e dom. às 16 horas.
— Domingo, às 10 horas, **O PADEIRO BRAULINHO**, de Heloisa Maranhão.

REPUBLICA — Companhia Katherine Dunham — Novo programa: **RITOS DE TRANSIÇÃO** e **RITMOS DE JAZZ** — às 21 horas — Poltronas Cr$ 50,00; balcões Cr$ 35,00 e 15,00. O segundo espetáculo reune os melhores números do primeiro com quadros de importância e ricos de beleza como "Caminhos do Haiti".
— Sab. às 16 horas.

RIVAL — Tel. 22-2721 — **SE O GUILHERME FOSSE VIVO** — Comp. Aida Garrido — Comédia de Carlos Llopis, trad. de D. Rocha — às 20 e 22 hs. — Cr$ 30,50. Uma viuva de Belo Horizonte vem ao Rio casar sua filha com a filha de um viuvo. Um duplo casamento e muitas complicações até o resultado dessa viagem. O sucesso de mais de 200 representações.
— Sab. e dom. às 16 horas.

SERRADOR — Tel. 42-5442 — **AI TEREZA'**, de Betaffi, trad. de Luiz Iglesias — Comp. Eva Todor. Uma mocinha casa com o médico que vem "justificar" por doença imaginária sua fuga do colégio. Mas depois ela sente falta de seus companheiros de colégio... — às 20 e 22 hs. Cr$ 30,00.
— Sab. e dom. às 16 horas.
— Dia 4 de julho: **HISTORIA DE UMA CASA**.

TEATRO DE BOLSO — Tel. 37-1289 — **O IMPACTO**, de Silveira Sampaio — às 20 e 22 hs. - Cr$ 30,00. Com Luiz Delfino, Laura Suarez e outros. História do herói político cuja esposa acredita que êle ama outra mulher, e que está enlouquecendo. A peça conta com a colaboração da sra. Cilô Prado, que estreia uma cena de comicidade irresistivel.
— Sab. e dom. às 16 horas.

CINEMA

A VINGANÇA DO CONDE DE MONTE CRISTO — Da Pradera Filmes — Apresenta a segunda parte do romance de Alexandre Dumas, contando as aventuras e desventuras, o amor e a vingança de Edmundo Dantés. — Principais intérpretes: Pierre Richard Willm, Michèle Alfa, Alexandre Rignault, Marcel Herrand, Aimée Clariond, Henri Bosc e Line Delamare. Nos cinemas PATHE, S. JOSE', ALVORADA, PARA TODOS e BRAZ DE PINA: 2 — 4 — 6 — 8 e 10 horas.

A COMEDIA DA VIDA (Dancing in the Dark) — Direção de Irving Reis — Com William Powell, Mark Stevens, Betsy Drake, Adolphe Menjou, Jean Hersholt (como êle mesmo). Comédia romântica, com músicas, de revolta contra a falta de generosidade de magnatas do cinema para com artistas em decadência e para com revelações. Nos cinemas S. LUIZ, ODEON, IPANEMA e CARIOCA: 2 — 4 — 6 — 8 e 10 hs.

ANJO OU DEMONIO (Angel o Demónio) — Da U.C.B. — Mais um filme tipico do cinema mexicano e principalmente tipico de Maria Antonieta Pons, que canta, dança e faz outras exibições.

... sem sempre recomendáveis. Além da estrêla, aparecem ainda Armando Calvo, rumbas e o "Trópico no rádio". Nos cinemas PALACIO, IDEAL, ROXY, AMERICA, MONTE CASTELLO e ODEON (Niterói): 2 — 3,20 — 5,20 — 7 — 8,40 e 10,20 hs.

ENTRE DOIS FOGOS (Raw Deal) — Da Eagle Lion — Direção de Anthony Mann, com Dennis O'Keefe, Claire Trevor e Marsha Hunt. Um assalto, o bandido, em fuga, apoia-se na lealdade de seu amigo... [illegible] Nos cinemas REX, PIRAJÁ' e FLORIANO: 2 — 4 — 6 — 8 e 10 hs.

O INTRÉPIDO (Red Stallion) — Da Eagle Lion — Direção de Lesley Selander — Com o garoto Ted Donaldson, Robert Paige, Noreen Nash, Jane Darwell, Guy Kibbee e outros. Um menino se esforça por salvar o rancho de sua familia, treinando um cavalo para uma corrida sensacional. Um urso, ferozes ataques e cavalo. Filmado quase todo ao ar livre, em technicolor. Nos cinemas VITORIA, RIAN, e AVENIDA: 2 — 3,40 — 5,20 — 7 — 8,40 e 10,20 hs.

O MEU MAIOR AMOR (My Foolish Heart) — Da RKO — Com Dana Andrews e Susan Hayward — Vigoroso drama de amor, em que uma jovem procura escapar à sedução de um homem que a subjugava. Nos cinemas PLAZA, PARISIENSE, ASTORIA, OLINDA, STAR, RITZ, COLONIAL, PRIMOR, HADDOCK LOBO e MASCOTE: 2 — 4 — 6 — 8 e 10 horas.

TRES ALMAS QUE SOFREM (Las Tres Ratas) — Da Mn Miguel Filmes do Brasil — Direção de Carlos Schlieper, com Mecha Ortiz, Amelia Bence e Maria Duval. Eram três irmãs, três temperamentos diversos, três gênios opostos, cuja vida em comum era um conflito permanente. No cinema IMPERIO: 2—4—6—8 e 10 hs.

MÃOS VERMELHAS — Da Brasilina — Direção de Jacques Becker, com Fernand Ledoux, Robert Le Vigan, Lucien Coëdel, Blanchette Brunoy e Line Noro. Uma pacata familia de uma cidade provinciana vê-se de repente envolvida numa rêde de misterios que domificaram tôdas as interpretações. No cinema PRESIDENTE: 2 — 4 — 6 — 8 e 10 horas.

A CENA DO CRIME — Da MGM — Com Van Johnson, Gloria De Haven, Arlene Dahl e Tom Drake. Um filme de "suspense", de revolta com uma comédia romântica. Nos dois METROS: COPACABANA e TIJUCA — 2 — 4 — 6 — 8 e 10 horas.

TRAIDOR (Conspirator) — Da Metro Goldwyn Mayer — Direção de Victor Saville, com Robert Taylor e Elizabeth Taylor. — Segunda semana — Um homem com um caráter estranho, que fêz com que a própria mulher que o amava, passasse a odiá-lo. Somente no METRO PASSEIO — 12 — 2 — 4 — 6 — 8 e 10 horas.

OUTRAS PROGRAMAÇÕES

BANDEIRA — A Bela Ditadora
CENTENARIO — Jim das selvas
EDISON — Balalaica
ELDORADO — O mundo é um teatro
FLORIANO — Sangue de campeão
GRAJAU' — Canção da India
GUANABARA — O vale da ternura
IRIS — Amor selvagem
JOVIAL — Mercadores de intrigas
MADUREIRA — O preço da glória
MARACANÃ — Posto avançado em Marrocos
MEM DE SA' — O céu mandou alguém
MODELO — Gôlpe de misericordia
MODERNO — Abbott e Costello na Africa
PIEDADE — Passaporte para o Rio
PIRAJA' — Refugia-se um bandido
POLITEAMA — Passaporte para o Rio
QUINTINO — Quatro destinos
S. CRISTOVÃO — Espada vingadora
TIJUCA — Gôlpe de misericordia
TODOS OS SANTOS — Melodia da noite e Bandoleiros contra bandoleiros
VELO — Trágica decisão
VILA ISABEL — Mercadores de intrigas

Em Niterói:

EDEN — Coronel no fogo
ICARAI — Malaia
IMPERIAL — Legião sinistra
ODEON — Comédia da vida
PALACE — Capitão Blood

Em Petrópolis:

CAPITOLIO — O que a carne herda
D. PEDRO — O gênio sai para a caça
PETROPOLIS — Um passo em falso

EXPOSIÇÕES

WALTER SILVA — Pintura. No Liceu de Artes e Oficios.

MARIA MARTINS — Escultura. No salão de exposições da ABI.

DAVID LAND — Pintura, retratos e paisagens. No salão de mostra da avenida Presidente Vargas 509.

LIVRO ARGENTINO — Na Editorial Glem. A exposição do Livro Argentino.

PROFESSOR E. LLOEFFLER — Pintura. Na Galeria Askanasy, à rua da Quitanda, 65.

ESCOLA DE PARIS — No Museu Nacional de Belas Artes, apresentando a pintura francesa com obras de Renoir, Degas, Bonnard, Vlaminck, Picasso, Rouault, Utrillo, Icart e outros.

A. IANELLI — Pintura. No salão do Palace Hotel, prolongando-se até o dia 30 do corrente.

PAOLO RISSONE — Pintura. No Instituto dos Arquitetos do Brasil, praça Floriano, 7.

ANGELO BIGI — Pintura. No "hall" de entrada do Liceu de Artes e Oficios.

GABRIELA PANTAS — Pintura. No Museu Nacional de Belas Artes, até o dia 28 do corrente, das 14 às 17 horas.

RADIO

PROGRAMAS DE HOJE

19 HORAS:
NACIONAL — História de cada samba; No Mundo do bolê; Ag. Nacional. GLOBO — Noticiário; Esporte ao sr. Ag. Nacional. GUANABARA — Gravações; Ag. Nacional. MIN. EDUCAÇÃO — Rádio-Jornal; Música para o jantar; Ag. Nacional.

20 HORAS:
NACIONAL — Dicionário Toddy; Rep. Esso; Acredite se quiser. GLOBO — Sessão infantil; Artistas natos do Brasil; Novela. GUANABARA — Repórter; Resultados do Guanabara; Comentário do dia; Clube do Samba; Reportar. MIN. EDUCAÇÃO — Lira da peça; Lendo e contando; Supl. musical.

21 HORAS:
NACIONAL — Comentário politico; Não estamos sós; Atire a primeira pedra. GLOBO — A canção do dia; Concerto de câmara; Jornal do Paraná; Pelos caminhos da Argentina. GUANABARA — Lúcio Pavalha; Rádio-baile. MIN. EDUCAÇÃO — Londres informa; Interlúdio; Um repórter no mundo das letras.

22 HORAS:
NACIONAL — As mais queridas melodias do Brasil; Diário de amor; Esquadrão noturno; Rep. Esso. GLOBO — Recepção em familia. GUANABARA — Rádio-baile. MIN. EDUCAÇÃO — Programa comemorativo da data nacional do Canadá; Música viva.

23 HORAS:
NACIONAL — Informativo da Rádio Nacional; Ritmos da Panair no ar. GLOBO — Música popular variada. GUANABARA — Rádio-baile. MIN. EDUCAÇÃO — Música, campos, músicas; Encerramento.

24 HORAS:
NACIONAL — Boletim da ONU; Informativo da Rádio Nacional; Encerramento. GLOBO — Música popular variada. Encerramento à 1 hora. GUANABARA — Rádio-bola até 1 hora.

Círculo de Estudos Cinematográficos

A diretoria do CEC organizou o seguinte programa para a sessão de segunda-feira, dia 3, no auditório do Instituto dos Comerciários:

1) "O bombeiro", de Carlitos.

2) "Amor no oeste", pelicula muda interpretada pelo famoso e saudoso Tom Mix, um dos mais notáveis nomes da história do filme "wester".

3) "Asilo sinistro" (Bedlan), da série Val Lewton (direção de Mark Robson).

A diretoria informa ainda que durante as segundas-feiras a tesouraria do CEC funciona desde as 10 horas da manhã até as 7 horas da noite, na sede do Circulo, à rua Senador Dantas 76, sala 706.

GRUMEX
GUARDATUDO
Telefone 42-4880

Alivio Instantaneo das
COCEIRAS
BOLHAS - RACHADURAS
Não faça regimens inuteis mas ataque logo o mal para se livrar dessa coceira intolerável. Skinizine, é moderna fórmula norte-americana — altamente concentrada e de efeito rápido — faz desaparecer, com poucas aplicações, pruridos entre os dedos dos pés e das mãos, eczemas, impingens, sarnas, frieiras e todas as infecções fungosas da pele, que se torna limpa e saudavel. Skinizine não mancha, é economico e o alivio instantaneo é garantido.
SKINIZINE
o ponto final das coceiras

ZECA E ZICO

por Robert Kai

SOCÔRRO! FOGO!
FOGO! SOCÔRRO!
EH! QUE ACONTECEU?
SOCÔRRO!
SEGURE-O, JOÃO!
ESTÁ SEGURO!
NINGUÉM, JOÃO?
VAZIO!

ROCAMBOLE

1 — *Uma vez na rua, Rocambole desata em gargalhadas. "Coitado de Kermarouet. Pensa que só Armand conhece o seu segrêdo. Um segrêdo que vale milhões!" E se Armand soubesse que ele ouvira tôda a conversa...*

2 — *Rocambole sabe muito bem que não poderá fazer nada sozinho e, por isso, vai imediatamente expor a Sir Williams o interessante caso. Andréa o escuta sem dizer uma palavra. E já a sua imaginação fertil arquiteta um plano diabólico.*

3 — *Fica encantado com a perspectiva de lutar contra o irmão, Armand. Nunca o perdoara pelo fato de ter herdado tôda a fortuna dos Kergaz. E compreende imediatamente que a posse do medalhão é imprescindivel à realização dos seus planos.*

4 — *Rocambole sabe que o medalhão está no cofre entre os papéis, pois ouvira o barão dizer isso a Armand. Andréa resolve que Rocambole irá à casa de Kergaz roubá-lo. Terá oportunidade, assim, de demonstrar suas qualidades.*

5 — *O jovem bandido fica contente com essa oportunidade. Passa os dias nas imediações da casa de Kergaz, observando com atenção todos os seus hábitos. Não tarda a verificar que Armand sai tôdas as tardes para dar um passeio a cavalo.*

Capitais brasileiras

FORTALEZA

Atingidos os "verdes mares bravios", cortados por audaciosas jangadas, inclusive as que têm suas velas pintadas a tinta de cajú, de estranha côr escura, sòmente o farol de Mucuripe registrará a aproximação de Fortaleza, bela capital do Estado do Ceará, cujo casário surgirá logo adiante, grandioso e convidativo.

O desembarque na capital cearense, oitava do país quanto à população, não é mais realizado em frente do centro urbano, muito ao largo e arriscando-se ao banho que Paula Ney afirmava ser uma prova da limpeza usual entre os seus comprovincianos. As obras do porto de Mucuripe já permitem que os navios se aproximem de uma nova ponte, e, se ainda não é possivel a acostagem, também não oferece insegurança à passagem para a pequena embarcação que até ela conduz.

Alcançado o atêrro, ônibus e automóveis levam ao centro da cidade de Fortaleza os passageiros marítimos, passando pelas proximidades, ricas em cajueiros, da praia de Iracema, hoje prejudicada pelas necessárias obras do porto, que modificaram o regime de suas águas.

A praça logo atingida é a que possui a primeira estátua, no Brasil, erguida a D. Pedro II. Hoje, rara é a capital brasileira que ainda não tenha homenageado, com um monumento ou uma escola (como êle decerto preferiria), o grande imperador. Depois as movimentadas ruas centrais, até as praças general Tibúrcio e do Ferreira, o coração da cidade, favoravelmente impressionam o visitante. O mercado, por exemplo, rico e barulhento, pela manhã, como o do Recife, comprova a variedade da produção cearense.

Para os amigos do passado, é obrigatória a visita ao Instituto do Ceará, museu, biblioteca e editora, continuando a obra do insigne historiador que foi o Barão de Studart. A ida à barra do rio Ceará, a nove quilômetros de distância, serve, também, para o conhecimento do local em que Martim Soares Moreno, o "guerreiro branco" de "Iracema", fundou a primeira povoação cearense. De volta, justa será a parada junto ao monumento José de Alencar, assim como, havendo tempo disponivel, a extensão do passeio à sua vila natal, Mecejana situada junto a uma lagôa entre carnaubais, ainda nas vizinhanças da cidade de Fortaleza.



VISTA AÉREA DE FORTALEZA

Templos e casas de diversões projetam-se no conjunto urbano da cidade, oferecendo à população a ocupação sagrada do culto e o praser lírico que as grandes capitais proporcionam.

Como centro de cultura, Fortaleza honra o pensamento nacional. Quem ali aporta, sente logo o incessante mourejar de um povo espiritualmente sadio, possuido de naturais atributos intelectuais e inclinado a divagações científicas. Terra de pensadores, de poetas e de "repentistas" — rapsodos anônimos, colaboradores dêsse imponente monumento cultural do país, representado pelo folclore do Nordeste, o Ceará tem dotado o Brasil de inteligências fulgurantes. Ainda hoje recordamos a Padaria Espiritual, viveiro intelectual de priscas eras e na qual pontificaram inteligências previlegiadas como as de Rodolfo, Teófilo e Domingos Olimpio. Não fôra já lhe valer o passado, Fortaleza possui atualmente, associações culturais que atestam o seu elevado índice intelectual.

O índice apresentado pela população de Fortaleza nos últimos anos, no que tange ao crescimento, é de caráter impressionante. Nascem anualmente cerca de 7.000 pessoas, entre masculinas e femininas, o que dá uma média diária de 18 nascimentos contra 11,1 óbitos que se registram em média tôdos os dias. O serviço de águas e esgotos é dos melhores do norte do país. A capacidade total dos reservatórios distribuidores é de ... 5.600.000 L.A.

A situação geográfica é predominantemente na zona litorânea, apresentando conformação topográfica constituida, em sua maioria, de planicies, onde os acidentes mais notáveis são os cômoros de areia movediça ou dunas, que se antepõem entre a praia e a região plana do interior. De maneira geral, o clima é bom e salubre, enquadrado, como está, no tipo marítimo favorável às grandes concentrações humanas.

A saida do porto de Mucuripe oferece extraordinário espetáculo ao viajante marítimo. Sôbre o fundo formados pelas serras de Maranguape e Caucaia, vai aumentando a distância entre o navio e Fortaleza, num alongamento progressivo, sem curvas ou interrupções. Se isso acontece à tarde, pode ser apreciada a volta das jangadas do mar alto, terminadas as suas pescarias. Noutras horas, elas ainda serão encontradas ao largo, prolongando o Ceará pelo oceano e aumentando a admiração que devemos à sua gente.

ACOMODAÇÕES — Excelsior Hotel (rua Guilherme Rocha, 172): quarto de solteiro s/banheiro — Cr$ 75,00 a Cr$ 100,00 e c/banheiro Cr$ 90,00 a Cr$ 100,00; apartamento solteiro — Cr$ 110,00 a Cr$ 150,00; as mesmas acomodações para casais: Cr$ 130,00 a Cr$ 180,00, Cr$ 160,00 a Cr$ 180,00 e Cr$ 180,00 a Cr$ 220,00, respectivamente. Nestas diárias está incluida a pensão. **Pálace Hotel** (rua Major Facundo): solteiro s/banheiro — Cr$ 70,00 e c/banheiro Cr$ 90,00 a Cr$ 140,00; as mesmas acomodações para casais: Cr$ 140,00 e Cr$ 160,00 a Cr$ 220,00, respectivamente. Também está incluida a pensão nestas diárias.

TRANSPORTE — Costeira: Cr$ 1.295,00 (1.ª classe), Cr$ 971,00 (2.ª classe) e Cr$ 518,00 (3.ª classe); **Lóide Brasileiro:** Cr$ 1.126,00 (1.ª classe) e Cr$ 451,00 (3.ª classe); **Aerovias Brasil:** aviões às segundas (4,20 horas), terças (4,35 horas), quintas (5,15 horas) e sábados (4,35 horas) pelos preços Cr$ 2.453,80 (ida-luxo), Cr$ 4.441,60 (ida e volta-luxo), Cr$ 1.871,40 (ida-misto) e Cr$ 3.392,50 (ida e volta-misto). **Panair:** aviões diários às 5,05 horas (domingo, segunda, quarta, quinta e sexta-feira) e às 4,50 horas (terças e quintas-feiras), com preços idênticos aos de luxo da Aerovias. **Cruzeiro do Sul:** aviões às terças e quintas às 6,05 horas, às sextas e sábados nos horários de 5,35 e 6,20 horas, respectivamente. Preços idênticos aos de luxo.

Aspecto do centro da cidade, vendo-se o edificio do Excelsior Hotel

Existencialismo..

(Conclusão da 5ª. pág.)

(Conclusão da 5ª. pág.)

rências e a facilidade do êrro, e mais apurado temos o ouvido para as dissonâncias do mundo, tanto mais claramente se nos impõem ao entendimento a beleza das consonâncias e a grandeza daqueles a quem é proposta a injunção de transcender essas aparências e de coincidir consigo. E' nessa dupla visão que se funda o sentimento do malôgro trágico.

A segunda maneira de afirmar que a vida não tem sentido é de afirmá-lo como tese, como quem enuncia uma necessidade metafísica. Equivale a dizer que o sentido da vida é não ter a vida sentido. E' a posição do "absurdo", à qual nos familiarizou o existencialismo e Sartre procurou sistematizar. Pois que outra coisa significam as teses de que a realidade humana é a perpétua tentativa, votada ao fracasso, do "pour-soi" para coincidir consigo, de que a liberdade é a faculdade que tem o homem de secretar o seu próprio nada, e de que "o homem é uma paixão inutil"?

Deixando de parte a estrutura dialética, sem dúvida prodigiosamente sutil, em que Sartre esteia o seu irracionalismo, limitemo-nos a indagar de suas consequências quanto à obra de ficção.

Ora, a posição, digamos espontaneamente, filosófica do romance clássico, que procurei caracterizar acima, tem a vantagem de não precisar socorrer-se de conclusões explícitas de caráter universal no plano mesmo da arte, que é o do caso particular. Para que a arte imite a vida, e a reflexão imediata sôbre a experiência, para que se reflita nela a perplexidade vital que caracteriza essa reflexão, é necessário e suficiente que não negue a afirmação implícita do senso comum, de que a vida *deve ter* um sentido.

Mas a posição irracionalista precisa necessariamente de aparecer de modo explícito, à maneira de uma certeza incutida por via discursiva. A simples incoerência não é filosófica. "Muito estrondo e confusão, grande fúria de paixões e nenhum sentido" é uma definição de melodrama. Para evitar êsse escolho não tem o romancista existencialista outro remédio senão comparecer pessoalmente, "ex-máquina", munido de suas teses. O romance existencialista seria, na hipótese mais favorável, arte de tese. As melhores passagens de "La Nausée" em que Roquentin-Sartre reflete sôbre a existência ficariam muito bem em "L'Être et le Néant". A ficção de Sartre é perfeitamente coerente com sua filosofia. Mas, justamente, Sartre é um romancista mediocre. Já outro romancista existencial (para não dizer existencialista, epiteto que repudia) de muito mais fôlego narrativo, Albert Camus, sentindo que o irracionalismo destrói a tensão trágica, procura caracterizar o "absurdo" como o conflito entre a exigência infrangivel de racionalidade, de que é dotada a inteligência e a irracionalidade também irredutivel do real. Para Sartre, porém, a própria realidade humana é totalmente ficção e artificio. Não há tensão nem choque com a realidade, simplesmente porque não há (moralmente falando) realidade — nem valores, nem natureza, nem tendência, nem vir-a-ser. E êsse irracionalismo moral é uma consequência do postulado metafisico segundo o qual tôda a realidade se concentra maciçamente no impenetrável mundo dos objetos, do "en-soi". Quanto aos seus personagens, sombras de sombras, faltalhes densidade moral, contensão interior, conflito.

Chegamos assim a uma conclusão paradoxal: a "filosofia do concreto", que pretende apreender a realidade deixando de parte as "categorias abstratas da razão", mostra-se incapaz de estimular a forma de arte que mais de perto atinge êsse "concreto" das situações humanas. Até hoje o existencialismo não inspirou nenhum grande romance. A forma de ficção que dele deriva (e sem excetuar as obras de Camus) se aparenta mais talvez ao apólogo filosófico.

O esquema mencionado por Carpeaux pode ser aceito de um ponto de vista descritivo. Mesmo assim é preciso advertir que êle contrapõe no romance alguma coisa que já não é propriamente romance.

Comércio & Produção

MOEDA ESCRITURAL — De 1939 a 1949:

Ano	Cr$ 1.000.000
1939	6.283
1940	6.251
1941	8.278
1942	10.457
1943	17.454
1944	21.247
1945	23.956
1946	26.162
1947	29.759
1948	32.224
1949	36.153

MINERAÇÃO DE AREIAS PARA FUNDIÇÃO LTDA. — Foi concedida autorização para funcionar, nos termos do Decreto n. 27.874, de 10 de março de 1950.

CIA. TERRITORIAL DE FINANCIAMENTO "COTEFI" — Pelos acionistas foram eleitos: João Pinheiro Filho, presidente; Aldemar de Melo Franco Filho, diretor geral; Harry William Gustv Oto Maulasen, Mário Kroeff e João Vidal Martins da Costa, membros do Conselho Fiscal.

CHAME IMPORTADORA E COMERCIAL — Para o Conselho Fiscal foram escolhidos: Elyeze Neisl, Diab Dubuly e Simon Fares Raey.

BANCO UNIÃO MERCANTIL — Constituir-se-á, em 1950, o seu Conselho Fiscal, dos seguintes srs: Eduardo Guilherme May, Mário Nascimento de Andrade e Oscar da Veiga.

FATORES NEGATIVOS — "Os fatores negativos que militam contra a reativação dos investimentos internacionais não se encontram apenas em nações importadoras de capital como o Brasil; êles também se fazem sentir nos próprios Estados Unidos, sob formas objetivas e subjetivas diversas" — adiantou o Chefe do Escritório do Brasil nos Estados Unidos, em trabalho que acaba de publicar.

EXPORTAÇÃO DE MADEIRAS PELO BRASIL
JANEIRO A MARÇO DE 1950

Especificação	m³	Valor Cr$ 1.000
JANEIRO		
Pinho serrado e laminado	9.547	7.820
Pinho compensado	124	[illegible]
Cedro	1.512	1.760
Aguano	176	191
Outras madeiras	1.652	1.310
TOTAL	13.411	11.386
FEVEREIRO		
Pinho serrado e laminado	3.956	4.536
Pinho compensado	223	1.565
Cedro	2.486	4.981
Aguano	289	287
Outras madeiras	5.701	5.399
TOTAL	12.957	18.900
MARÇO		
Pinho serrado e laminado	20.146	15.209
Pinho compensado	427	840
Cedro	1.535	1.651
Aguano	1.600	1.558
Outras madeiras	2.214	2.064
TOTAL	26.335	21.632

MADEIRENSE RUTHENBERG — Os acionistas elegeram para o Conselho Fiscal os srs. George Delme, Alexandre Ahberg e Raul Pimenta.

CIA. BRASILEIRA DE INSTALAÇÕES E MONTAGENS — Para o Conselho Fiscal foram escolhidos os srs. Luiz Gioseffi Jannuzzi, Luiz Santos Reis e Silvio Perdigão.

CIA. EDIFICADORA NACIONAL — A Assembléia de Acionistas elegeu: Carlos Marciano de Medeiros, Lincoln Comenentino e Aldo Ribeiro da Costa, para o Conselho Fiscal.

FALÊNCIAS DECRETADAS — De Casa Espanha Vidros Ltda., pelo Juiz da 10.ª Vara, a pedido de Jacinto Fernandes Ribeiro; da Casa Nortica Importadora, Ltda., pelo Juiz da 10.ª Vara, a requerimento de José Maria Marques Dias; de Benedito Gomes da Rocha, pelo Juiz da 12.ª Vara, a pedido de Costa Monteiro & Cia., e da Transportadora Lubrasa S. A., pelo Juiz da 4.ª Vara, a pedido do Curador.

CONCORDATA REQUERIDA — De M. C. Cavalcanti. Passivo declarado de Cr$ 607.461.

Banco do Comércio S. A.
Fundado em 1875
RUA DO OUVIDOR Ns. 93/95

BANCO FINANCIAL DO BRASIL S. A.
Rua do Ouvidor n. 69
A melhor garantia

Resumo de balanços

BOMBAS E EQUIPAMENTOS BENNET LIMITED
Encerrado em 31-12-1949
EM CRUZEIROS

Imobilizado	Disponível	Realizável	Não Exigível	Exigível
12.789	68.503	194.458	127.198	143.559

Capital	Reservas	Provisões	Lucros	Dividendos
45.000	—	40.738	60.223	—

NOTAS
1. Erracarreira constam do grupo "Disponível" as seguintes contas:
a) Contas a receber ..... 92.[illegible],61
b) Mercadorias em custo ..... 57.[illegible],61
2. Também, do grupo Exigível, as provisões para "[illegible]" e para "Perdas de Câmbio".
3. Representante no Brasil — Emilio [illegible]
4. Contador — Evandro Lobão dos Santos.

Cotações

BOLSA DE VALORES DO RIO DE JANEIRO
CURSO DOS TÍTULOS EM 30 DE JUNHO DE 1950

Espécies e Quant.	TÍTULOS	Preços Cr$	Últimas ofertas Vend Cr$	Últimas ofertas Comp Cr$
Ações	DIVIDA PUBLICA: União			
2	D. Emissões — port.	[illegible]		
5	Idem	[illegible]		
170	Idem	[illegible]		
12	Idem	[illegible]	700,00	[illegible]
140	Tesouro de [illegible]	[illegible]		[illegible]
15	Guerra — Cr$ [illegible]	75,00		[illegible]
1	Idem	[illegible]		
5	Idem de Cr$ [illegible]	[illegible]		[illegible]
5	Idem de Cr$ 500,00	[illegible]		[illegible]
1	Idem	[illegible]		
73	Idem — Cr$ 1.000,00	[illegible]		
32	Idem	[illegible]		
32	Idem	[illegible]	[illegible]	[illegible]
7	Idem — Cr$ 5.000,00	[illegible]	[illegible]	[illegible]
	Estaduais			
105	Minas [illegible] — Dec. 1.477	635,00		[illegible]
34	Minas [illegible] — Recuperação Econômica — C.J.	603,00	[illegible]	[illegible]
20	Minas — 1.ª série	191,00	192,00	151,00
110	Idem da 2.ª série	[illegible]		
19	Idem	[illegible]	[illegible]	152,00
147	Red. E. do Rio — [illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
1	São Paulo — [illegible]	207,00	200,00	205,00
	Municipais D. Federal			
3	Emp. 1914 — port.	168,00		[illegible]
8	Idem de 1917 — port.	152,00		152,00
14	Idem de 1921 — port.	[illegible]	152,00	[illegible]
	Municipais dos Estados:			
53	Pref. Belo Horizonte	530,00	531,00	530,00
	BANCOS			
600	Comércio — port. Cr$ 200,00	450,00	450,00	415,00
	COMPANHIAS			
300	Bula — Cr$ 100,00	27,00	28,00	27,00
50	Ferro Brasileiro de Cr$ 200,00	220,00		217,00
1.000	São Jerônimo — ord. de Cr$ 100,00	40,00	40,00	39,00
50	Belgo Mineira Cr$ 200,00 (antigas)	425,00		425,00
40	Belgo Mineira — Cr$ 1.000,00 (novas)	1.420,00	1.425,00	1.425,00
210	White Martins de Cr$ 200,00	400,00		

PREÇOS
Fechamento

MERCADO DE NOVA YORK
EM 30-6-1950

ALGODÃO

Para entrega em:	Cents. p/lb peso
Julho	32.65
Outubro	32.08
Dezembro	32.01
Março	32.98
Maio	32.53
Julho	32.60

CACAU

Para entrega em:	Cents. p/lb peso
Julho	25.30
Setembro	25.15
Dezembro	25.20
Março	26.32
Maio	26.19

CAFÉ
Contrato "D" — Santos mole

Para entrega em:	Cents. p/lb peso
Julho	48.70
Setembro	46.25
Dezembro	42.85
Março	N/cot.
Maio	N/cot.

"Contrato "S" — Santos estritamente mole

Para entrega em:	Cents. p/lb peso
Julho	49.25
Setembro	46.95
Dezembro	44.44
Março	41.75
Maio	40.19

LÃ
"Woolops"

	Cents. p/lb peso
Disponível	207.0 nom.
Para entrega em:	
Julho	207.1
Outubro	203.6
Dezembro	202.0
Março	196.7
"Gordurosa"	
Disponível	157.0 nom.
Para entrega em:	
Julho	155.5
Outubro	153.6
Dezembro	152.5
Março	149.0

MAMONA

Mamona, c.i.f. Nova York, por tonelada — US$	136.00
Óleo de mamona, n. 1, posto EE.UU., direitos e taxas pagas — cts. p/lb	18.25
Idem, n. 3 posto EE.UU., direitos e taxas pagas	17,00
Chimas dermas, c.i.f. Nova York, proveniência [illegible]	

SEDA

	Dólar p/lb peso
Dealer 13/15, branco AA	3.80
Dealer 13/15, branco A	3.75
Dealer 13/15, branco D	3.60
Dealer 20/22, branco AA	3.80
Dealer 20/22, branco A	3.75
Dealer 20/22, branco D	3.60

MERCADO DE METAIS

ALUMÍNIO	
99%, disponível Nova York — cts. p/lb	17.50
CHUMBO	
Disponível Nova York — cts. p/lb	11.00
COBRE	
Entregas Estados Centrais dos EE.UU. — cts./lb.	20.62
ESTANHO DO ORIENTE	
Disponível Nova York — US$	75.57
FERRO GUSA	
Pôsto Philadelphia, por ton. de 2.240 libras — US$	49.94
FERRO SUCATA DE AÇO	
N. 1, pôsto Pittsburg por ton. de 2.240 libras — US$	43.50
ZINCO	
Disponível East St. Louis — cts. p/. 3.75	15.00
CROMO	
Por tonelada de 2.240 libras — US$	37.50
[illegible] to do Brasil	14.00

TRIBUNAIS DO TRABALHO

Pauta para segunda-feira

1.ª Junta

Inicio: 12,30 — Artur Siqueira e outros x Simão Fraifeld; Augusta da Silva Brum x Cia. Fiação e Tecidos Confiança Industrial; José Antônio Ferreira x Cervejaria Sul América, Ltda.; Cesário da Conceição x Light; Joaquim Demétrio x Salsicharias Reunidas, Ltda.; Djalma José de Souza x Prefeitura Militar; Osmar Moresque x Venezianas Paramount, Ltda.; Walter José Sampaio x Light; Walter Alves Vieira x Jornal "A Manhã"; Oscar Américo dos Santos Andrade x Light; Trotta Michelangelo x Light.

2.ª Junta

Inicio: 12,30 — Pedro Tarreto Soares e outro x Fábr. Nacional de Bonbons, Ltda.; Maria Rafaela x Fábrica Brasil; Edelzuito Almeres de Souza x Padaria Primor; Jovino Borges x Cia. Antártica Paulista; João Misael da Silva x Emprêsa de Transportes Brazilia, Ltda.; Francisco Ferreira Cancella x José Rodrigues; Waltrudes Soares de Souza x Light; Georgete Orleans de Oliveira x Fábr. de Bijouterias Brasil; Carlos de Oliveira Nascimento x S. A. Usinas de Açucar Brasileiras.

3.ª Junta

Inicio: 9,00 — João Batista Olivelle x Light; Albertino Alves Pereira x Cia. Comercial de Vidros do Brasil; Ana Rodrigues x L. Lopat & A. Reis; Landina Gomes de Souza x Importadora e Exportadora Mohave, Ltda.; Charlotte Kramer x Cia. Real Holandesa de Aviação; Mario Mansur x S. A. Rádio Tupi; Marilda da Costa Braga x Padaria e Confeitaria Nobreza; Hermes Marciano Costa x Gráfica Aimoré, Ltda.; Mário Robélio Dias Cardoso x S. A. Rádio Tupi; Light x Aluizio Almeida Cândido de Oliveira.

4.ª Junta

Inicio: 14,00 — José de Souza Gomes x Antonio Corrêa; José Garcia Gomes x Light; Cesário da Conceição x Light; Mauricio Gomes da Silva e outros x Cia. Auxiliar de Viação e Obras; Antônio Pedro da Silva x Light; Lóide Brasileiro x Hildebrando Peres de Carvalho; Mateus Ferraz x Carlos Gonçalves de Carvalho & Cia. Ltda.; Altamiro da Silva x Calçados Melhor — Cia. Rocha Matos; Salvador Francisco de Paulo x Sociedade Construtora e Incorporadora, Ltda.; Joaquim Cohen Ferreira Leite x Rodolfo Gonçalves de Siqueira.

5.ª Junta

Inicio: 14,00 — Manoel Mauricio dos Santos x Estamparia Metalurgica Vitória, Ltda.; José Sidney de Freitas x Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes; Odete Rodrigues x Confeitaria Arco-Iris, Ltda.; Jaime Aragão dos Santos x Jaime Pereira de Melo; Argeu Antônio de Carvalho x Cia. Metalúrgica e Construtora, S. A.; Manoel B. Santos x Empr. de Transporte Flecha de Ouro; Sebastião Thomaz x Fábr. de Tapetes Brasangiuro, Ltda.; Agenor Vitorino de Andrade x Indústria e Comércio, S. A.

6.ª Junta

Inicio: 13,00 — Olimpio Tasara de Paula Filho x José Cessi & Oliveira, Ltda. Manoel Barbosa x Alvaro Gomes Alberto & Correia; Renato Faria de Araújo x Venezianas Paramount, Ltda.; Walter Ernani x Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Eugênio do Nascimento Monteiro x Cia. Fiação e Tecidos Confiança Industrial; Antônio Dalmiro Pazos Gil x Perez Lopes & Irmãos, Ltda.; Oscar Saldanha da Gama x The Leopoldina Railway Co. Ltd.; Papelaria Modêlo, S. A. x Américo de Carraino

7.ª Junta

Inicio: 13,00 — Sizenando Correia da Costa x Correio da Manhã; Franco Santos x J. P. Filho & Fernando F. Lopes; Ambrósio Ambrosioni x Sobraco Engenharia, Ltda.; Alvaro Nolanda do Amaral x José Gonçalves; Otávio de O. Mallet e outro x Viação Universal Auto-Ônibus; Roberto Merletti x Euclides Vieira; José Cunha x Light; Manoel Cândido Nascimento x Fundação da Casa Popular.

8.ª Junta

Inicio: 13,00 — Raimundo de Oliveira x Viação Glória; Vicentina Batista de Oliveira x Klabin Irmãos & Cia.; Severino Viegas dos Santos x Viação Suburbana; Raimundo de Oliveira x Viação Glória; Cirilo Celestino da Silva x Cia. Antártica Paulista; João Cecilliano Neto x C. Mendes Jr.; Otávio Manoel da Silva x Soc. Brasileira de Vinhos, Ltda.; Maria Helena Nicolau x Lavanderia do Lar, S. A.; Pilr[illegible]o de Las Casas x Fundação da Casa Popular; Aecyr do Amaral Valadão x Cia. Progresso Industrial do Brasil; Mario Cavallieri e outro x Confecções Ina, Ltda.

9.ª Junta

Inicio: 13,00 — Adelmo Menezes x Fábrica de Móveis Aimoré; Manoel Raimundo de Oliveira e outros x Sociedade Hípica Brasileira; Silvio Braga x Linotipo do Brasil, S. A.; Neusa de Oliveira Marques x Cartonagem Riachuelo; Nelson Sanches Dauphen x Light; Abelardo Menezes x Alfaiataria e Confecções Feleman; Joaquim Magalhães e outros x Emprêsa Rio de Janeiro Lighterage Company, Ltda.; Aiceu Ferreira Guimarães e outros x Itanhanga Golf Club; João Pamos de Campos e outros x Cia. de Fiação e Tecidos Confiança Industrial.

EXCLUSIVIDADE DA "TRIBUNA DA IMPRENSA"

ARSENE LUPIN
LADRÃO ELEGANTE
por MAURICE LEBLANC

118 Maurice Leblanc

RESUMO DA PARTE JA' PUBLICADA:

Arsene Lupin penetra no parque de Maupertuis e conversa sob nome suposto, com a filha do dono, Jeanne Darcieux. Consegue convencê-la de que está ameaçada de morte e oferece-se para defendê-la. Vai visitar o médico do pai da moça e, dizendo-se agente da Sureté, consegue entrar no castelo.

— Mas, disse ela, daqui a pouco o guarda vai levar comida ao cachorro... Quem o terá matado?

— A senhora mesma, para se defender contra um possivel ataque.

— Nunca uso armas.

— Devemos crer que usa, respondeu Lupin sorrindo, pois a senhora matou êsse animal e somente a senhora poderia ter feito tal coisa. E depois, acredite quem quiser. O essencial é que ninguém suspeite de mim, quando eu vier ao castelo.

— Ao castelo? Tenciona?...

— Ainda não sei como, mas tenciono. E já esta noite... Portanto, repito, fique tranquila, eu respondo por tudo.

Jeanne olhou para êle, dominada, conquistada pelo ar de segurança e boa-fé. Disse apenas:

— Estou tranquila.

— Então vai tudo andar do melhor modo possivel. Até logo.

A moça afastou-se e Lupin, que a seguiu com o olhar até o momento em que desapareceu, dobrando o canto do castelo, murmurou:

— Criaturinha bonita! Que pena se lhe acontecesse qualquer desgraça. Felizmente êsse valente Lupin está de alcatéia.

Pouco desejoso de que o vissem, ouvidos atentos, êle percorreu o parque em todos os seus recantos, procurou pela portinha baixa que observara do exterior e que era da horta, puxou o trinco, tirou a chave; em seguida esgueirou-se ao longo do muro e voltou à árvore que tinha galgado. Dois minutos depois, estava montado na motocicleta.

A aldeia de Maupertuis era quase contígua ao castelo. Lupin informou-se e soube que o dr. Guéroult morava ao pé da igreja.

Tocou a campainha, foi introduzido no consultório e apresentou-se com o nome de Paul Daubreuil, domiciliado em Paris, rue de Surêne e mantendo com o departamento de Segurança relações sôbre as quais exigia silêncio. Tendo tomado conhecimento, por uma carta rasgada, dos incidentes que haviam posto em perigo a vida de Jeanne Darcieux, vinha socorrer a moça.

O dr. Guéroult, velho médico do interior, que adorava Jeanne, admitiu logo, à vista das explicações de Lupin que

ARSENE LUPIN 118

aquêles incidentes constituiam indícios irrefutáveis de uma tramóia. Sobressaltado, ofereceu hospitalidade ao visitante e prendeu-o para jantar.

Os dois homens conversaram longamente. Chegada a noite, sairam juntos para o castelo.

O doutor subiu ao quarto do doente, no segundo andar e pediu licença para fazer entrar um jovem colega, a quem, pretendendo descansar, tencionava entregar dentro em pouco a clientela.

Da porta, Lupin avistou Jeanne à cabeceira do pai. Ela conteve um gesto de surpresa e, a um sinal do médico, saiu.

A consulta teve lugar em presença de Lupin. O sr. Darcieux tinha o rosto cavado pelo sofrimento, os olhos queimados de febre. Nesse dia queixou-se sobretudo do coração. Depois de auscultá-lo, interrogou o médico, com visivel ansiedade, e cada resposta parecia trazer-lhe alivio. Falou tambem em Jeanne, persuadido de que o enganavam e sua filha escapara de outros incidentes ainda. A despeito das negativas do médico, sentia-se inquieto. Gostaria que prevenissem a policia, abrissem inquérito.

Esgotado pela agitação, foi adormecendo.

No corredor Lupin deteve o doutor.

— Eu queria conhecer sua opinião exata. Acredita que a moléstia do sr. Darcieux posśa se ratribuida à uma causa externa.

— Como assim ?

— Imaginemos que um só inimigo tenah interêsse em eliminar o pai e a filha..."

O Dr. Guéroult pareceu muito impressionado pela hipótese.

— Com efeito... com efeito... a moléstia toma às vezes um aspecto tão anormal! Assim, por exemplo, a paralisia das pernas, quase completa, devia ter como corolário...

Refletiu um instante depois disse em voz baixa:

— Veneno, neste caso... Mas que veneno ?... Aliás não vejo sintoma de intoxicação... teriamos que supôr... Mas o que é que o sr. está fazendo?... O que é que há ?

Achavam-se então os dois homens conversando diante da salinha do primeiro andar, onde Jeanne, aproveitando a presença do médico junto ao pai começara a fazer a refeição da noite. Lupin, que olhava pela porta aberta, viu-a levar aos lábios uma xícara e beber alguns goles.

Precipitou-se e deteve-lhe o braço.

— O que é que está bebendo ?

— Mas, disse ela interdita... uma infusão... chá.

120 Maurice Leblanc

— Mas a senhora fez uma careta de enjôo... por que?

— Não sei... pareceu-me...

— Pareceu?...

— Sentir uma espécie de amargo... Mas deve ser do remédio que eu misturei.

— Que remédio ?

—Umas gotas que estou tomando ao jantar... Receita sua, não é doutor ?

— E', confirmou o dr. Guéroult. Mas êsse não tem sabor... E você bem que sabe disse Jeanne, pois está usando o remédio há quinze dias e é a primeira vez...

— De fato... murmurou a moça, e êste tem um gosto... Olhe, ainda estou com a boca ardendo.

O dr. Guéroult provou um gole da xícara.

— Puá, fez êle cuspindo, não há engano possivel!

Por seu lado Lupin examinava o vidro que continha o medicamento e indagou:

— Durante o dia, onde é que se guarda o vidro ?

Jeanne nem pôde responder, levara a mão ao peito e, lívida, os olhos revirados, parecia sentir-se horrivelmente mal!

— Está doendo, está doendo, gaguejava ela.

Os dois homens carregaram-na imediatamente para o quarto e estenderam-na na cama.

— Era preciso um vomitório, disse Lupin

— Abra o armário, ordenou o doutor... Tem um estojo de farmácia... Achou? Tire um dos tubinhos... êsse mesmo... E agora, água quente... Na bandeja de chá.

Chamada por um toque de campainha a criada que servia mais particularmente Jeanne, acorreu. Lupin explicou que a moça fôra acometida de inexplicavel mal-estar.

Voltou em seguida à sala de jantar, deu uma batida no bufete e nos armários embutidos, desceu até a cozinha, pretextando que o médico o incumbira de estudar a alimentação do sr. Darcieux. Sem que parecesse, fez falar a cozinheira, o criado, o guarda Batista que comia no castelo.

Voltando acima, deu com o doutor.

— Então ?

— Está dormindo.

— Não há perigo ?

— Nenhum. Por felicidade ela bebeu sòmente dois ou três goles. Mas é a segunda vez, hoje, que o sr. lhe salva a vida. A análise do conteúdo deste frasco vai fornecer a prova.

Cruz Montiel deverá ganhar o Grande Prêmio "S. Francisco Xavier"

A CORRIDA DE AMANHÃ

Montarias oficiais — Cotações — Possibilidades

Primeiro páreo — 1.300 metros — Às 12,50 horas Cr$ 40.000,00

ANIMAIS - JOQUEIS	Ks.	Cts.	POSSIBILIDADES
1—1 Oculta, L. Rigoni	53	40	Vem melhorando. Bom placê.
2—2 Bohemio, J. Portilho	55	38	Vai respeitar as máquinas.
3—3 Bicuiba, A. Aleixo	53	50	Não está no páreo.
4—4 Mont Royal, L. Leighton	55	28	Bom para a dupla
" Maggy, O. Ulôa	53	28	Deve ganhar.

Segundo páreo — 1.500 metros — Às 13,20 horas Cr$ 35.000,00

ANIMAIS - JOQUEIS	Ks.	Cts.	POSSIBILIDADES
1—1 Don Euvaldo, E. Moreira	53	30	Não manheirando pode repetir.
2—2 Cabo Frio, O. Ulôa	56	40	Competidor perigoso.
3—3 Califa, C. Moreno	56	60	Na areia estaria melhor.
4 Crato, S. Câmara	52	40	Vai correr bem. Cuidado.
4—5 Don Navarro, J. Tinoco	52	30	Pode reabilitar-se.
" Camelot, X X	52	30	Em ótima forma Estará no final.

Terceiro páreo — 1.600 metros — Às 13,55 horas Cr$ 30.000,00

ANIMAIS - JOQUEIS	Ks.	Cts.	POSSIBILIDADES
1—1 Never Looses, D. Moreira	50	40	Bom para o placê.
2 Ureno, C. Moreno	50	80	Turma forte.
2—3 Merlot, L. Rigoni	54	35	Grande chance.
" Botafogo, A. Aleixo	56	33	Competidor de primeira linha
3—4 Palmar, I. Souza	56	40	Está ensaiando um tiro.
" Carinhosa, O. Macedo	48	60	Vem readquirindo a forma antiga.
4—6 Abdin, R. Freitas F.	56	80	Vai melhor no sábado.
7 Leste, O. Ulôa	50	30	No tapete deve figurar bem.
" Hong Kong, J. Tinoco	50	30	Em período de decadência.

Quarto páreo — 1.600 metros — Às 14,30 horas Cr$ 30.000,00

ANIMAIS - JOQUEIS	Ks.	Cts.	POSSIBILIDADES
1—1 Elan, D. Ferreira	56	40	Está custando a ganhar.
2 Gallani, J. Tinoco	56	50	Não está no páreo.
2—3 Lovelace, O. Ulôa	56	35	Em ótima forma. Pode ganhar.
4 Mediador, G. Costa	56	50	Na grama tem possibilidades.
3—5 Boticcelli, J. Graga	56	30	Decaiu algo em sua forma.
6 Rio Formoso, I. Souza	56	25	Há adversários melhores.
4—7 Don Antonico, C. Moreno	56	30	No tapete é perigoso.
8 Mariano, D. Moreira	56	40	Tem um trabalho regular.
9 Cachimbo, J. Portilho	52	—	No sábado está melhor.

Quinto páreo — Grande Prêmio São Francisco Xavier — 2.400 metros Às 15,05 horas Cr$ 150.000,00

ANIMAIS - JOQUEIS	Ks.	Cts.	POSSIBILIDADES
1—1 Manguari, O. Ulôa	53	50	Está tinindo. Melhor para a dupla.
2—2 Giro, O. Reichel	57	80	Verbo de encher.
3—3 Cruz Montiel, F. Irigoyen	58	35	Provável vencedor.
" Radar, D. Ferreira	58	35	Ajudará o [illegible].
4—4 Carrasco, P. Vaz	58	25	Candidato ao placê.
" Salamalec, L. Rigoni	58	25	Melhor que o companheiro.

Sexto páreo — 1.000 metros — Às 15,40 horas. (Betting) Cr$ 30.000,00

ANIMAIS - JOQUEIS	Ks.	Cts.	POSSIBILIDADES
1—1 Illiada, O. Ulôa	54	30	Em bom estado. Pode ganhar.
2 Habenera, J. Portilho	52	40	Na grama não gostamos.
2—3 Satiro, A. Araujo	56	35	Bem no percurso. Vai assustar
4 Magestade, U. Cunha	46	40	O tropel é forte.
5 Cousinet, D. Moreira	56	50	Não está no páreo.
3—6 Pacalano, A. Barbosa	56	40	Prefere a raia de areia.
7 Hunter, Não corre	53	40	Não correrá.
8 Helper, J. Ramos	53	50	Com aquêles joelhos não é possível.
4—9 Negra Maria, J. Tinoco	46	30	Competidora temível.
" Inca, Não corre	56	—	Não correrá.
" Guatapará, D. Ferreira	56	20	Muito difícil.

Sétimo páreo — 1.000 metros — Às 16,20 horas (Betting) Cr$ 35.000,00

ANIMAIS - JOQUEIS	Ks.	Cts.	POSSIBILIDADES
1—1 Jacar.-assu, F. Simões	58	35	Bem na grama. Serve como azar.
" Veludo, Não corre	52	—	Não correrá.
2—2 Winning Post, C. Moreno	54	50	Ligeiro e duro. Pode surpreender.
3 Jerivá, S. P. Ribeiro	56	50	Muito difícil.
4 Brown Boy, A. Ribas	56	40	Anda muito bem. Cuidado.
3—5 Bosphorino, I. Pinheiro	52	40	E' dos "tiros" mas a turma é forte
6 Choró, A. Barbosa	54	35	No apito estaria melhor.
7 Minguinho, J. Tinoco	56	40	Levava fé mas é muito remangado.
4—8 Barcelona, D. Ferreira	56	30	Vai bem e gosta da distância.
9 Luetzow, E. Silva	55	30	Reaparecendo. Pode ganhar.
" Urucânia, I. Souza	54	30	Prefere a areia.

Oitavo páreo — 1.500 metros — Às 17,00 horas (Betting) Cr$ 25.000,00

ANIMAIS - JOQUEIS	Ks.	Cts.	POSSIBILIDADES
1—1 Carinho, F. Simões	56	50	Na grama nada.
2 Lipe, J. Tinoco	56	80	A turma agora é outra. Não gostamos.
3 Comendador, J. Martins	50	50	Só no azar.
4 Epilogo, S. P. Ribeiro	56	60	Nada fez. Não gostamos.
2—5 Ariana, D. Moreira	56	40	No tapete não está no páreo.
6 N. Prince, E. Moreira	56	50	Tem vitória em 1.500 metros. Difícil, contudo.
7 Elvira, S. Ribeiro	50	60	Ligeira. [illegible]
8 Choró, I. Pinheiro	50	35	Na seca não simpatizamos. Na pesada pode ganhar.
3—9 Braz. Star, J. Portilho	56	40	Está bem. [illegible]
10 Hipócrita, Não corre	56	30	Tem duas vitórias fáceis. Pode repetir.
11 Dona Stella, U. Cunha	54	40	Aqui é muito difícil.
" Manesador, B. Cardoso	56	50	Não está no páreo.
4—12 Guanumbi, O. Ulôa	56	35	Fugiu da areia. Difícil perder na grama.
13 Vaico, L. Rigoni	56	25	Cuidado. Seu estado é bom. Qualquer dia...
14 Al Arussa, R. Freitas F.	56	40	Tem vitória na grama. Pode surpreender.
15 Icaro, C. Moreno	56	50	Está sendo preparado para um tiro. Cuidado.
" Janda, A. Brito	56	50	Muito difícil. Não gostamos.

As 'máquinas' brilharão no 1.º páreo — Don Euvaldo corre muito no gramado — As estréias de Cruz Montiel e Salamalec — O reaparecimento de Carrasco — Barcelona aprecia os 1.000 metros — O programa em revista — Nossas indicações

O J. C. Brasileiro organizou para amanhã um programa de 8 páreos, onde sobressai o Grande Prêmio São Francisco Xavier, na distância de 2.400 metros e com a dotação de Cr$ 150.000,00.

Abaixo os leitores encontrarão a análise de cada carreira e as nossas respectivas indicações.

1.º Páreo

A parelha do Stud Paula Machado brilhará neste páreo inicial de reunião. Será apresentada em ótimas condições de treino e é composta de dois bons representantes da coudelaria Ouro e Cores azuis. Caso só corra um, o que é bem provável, a dupla será disputada por *Bohemio* e *Oculta*.

APRONTOS ANOTADOS:
BICUIBA — Al Aleixo .... 700 em 45"
MONT ROYAL — L. Leighton .... 600 em 38"
MAGGY — O. Ulôa .... 600 em 36"2/5
BOHEMIO — J. Portilho .... 360 em 22"

2.º Páreo

Credenciado por uma vitória bonita domingo passado na pista de areia pesada onde corre menos, *Don Euvaldo* deverá repetir. A dupla do Miro, em ótima forma, deverá secundar o ganhador, com *Crato* em terceiro. *Cabo Frio*, vindo de dois sucessos consecutivos, é ótimo azar, se puder folgar na ponta.

APRONTOS ANOTADOS:
DON EUVALDO — E. Moreira .... 600 em 38"
CABO FRIO — O. Ulôa .... 700 em 44"
CALIFA — Ot. Reichel .... 360 em 20"2/5, ontem
DON NAVARRO — J. Tinoco ..... 700 em 43"

3.º Páreo

Na grama sêca, pensamos, *Leste* é a melhor indicação para o poste de honra, malgrado tenha perdido, fácil, para *Merlot* a última vez em que os dois se encontraram. O pupilo de Levy Ferreira melhorou e vai com pêso pluma. O citado *Merlot*, muito bem de estado, *Never Looses*, que não anda respeitando pista nem turma, e o maluco *Palmar*, são os mais temíveis adversários do nosso preferido.

APRONTOS ANOTADOS:
NEVER LOOSES — D. Moreira ... 800 em 50"
URENO — Ot. Reichel .... 700 em 44"
MERLOT — L. Rigoni .... 600 em 37"3/5, ontem
PALMAR — I. Souza .... 700 em 43"
CARINHOSA — O. Macedo .... 360 em 24"
LESTE — O. Ulôa .... 800 em 54"
HONG KONG — J. Tinoco .... 800 em 52"

4.º Páreo

Elan, Lovelace, Boticelli, Rio Formoso e *Don Antonico* formam um campo equilibrado e difícil de se apontar o vencedor. Por simples palpite indicamos *Don Antonico* para a ponta com *Boticelli* na dupla. Como azar, *Mariano* não deve ser desprezado. O filho de New Year está em excelente estado e é depositário de muita fé. Sua corrida na grama, entretanto, foi péssima, o que não anima muito.

APRONTOS ANOTADOS:
ELAN — D. Ferreira .... 600 em 36"3/5
LOVELACE — O. Ulôa .... 600 em 37"
MEDIADOR — G. Costa .... 700 em 44"3/5
BOTICELLI — J. Graga .... 600 em 36"
RIO FORMOSO — I. Souza ..... 600 em 37"2/5
MARIANO — D. Moreira .... 700 em 43"

5.º Páreo

Cruz Montiel, a nosso ver, fará uma estréia vitoriosa em nossas pistas, levantando o G. P. São Francisco Xavier. O defensor do Stud Seabra, cuja principal característica é o final violento e impetuoso, encontra-se muito bem preparado para o compromisso, devendo encontrar em *Salamaleque* e *Manguari*, seus principais concorrentes. Quanto a *Carrasco*, ainda não está no último furo. Sua classe, porém, é indiscutível e poderá se valer dela para vencer.

APRONTOS ANOTADOS:
MANGUARI — O. Ulôa .... 1000 em 67", suave
GIRO — Ot. Reichel .... 1000 em 63"4/5
CRUZ MONTIEL — F. Irigoyen ... 1000 em 62"2/5
RADAR — D. Ferreira .... 1000 em 68"
CARRASCO — P. Vaz .... 1000 em 62"2/5
SALAMALEC — L: Rigoni .... 1000 em 63"1/5

6.º Páreo

No quilômetro *Negra Maria* tem a nossa preferência devido a ser grande ligeira e gostar muito da grama. *Iliada* e *Sátiro* são seus principais adversários.

APRONTOS ANOTADOS:
ILIADA — O. Ulôa .... 360 em 22"2/5
MAGESTADE — U. Cunha .... 360 em 23", ontem
PACALANO — A. Barbosa .... 600 em 36"4/5
HUNTER — J. Portilho .... 600 em 38"

7.º Páreo

Barcelona reaparece bem preparada e num percurso à feição. Terá a nossa preferência para a ponta, com *Luetzow* na dupla. *Jacarandá-Assú* e *Brown Boy* podem surpreender.

APRONTOS ANOTADOS:
JACARANDA'-ASSU' — P. Tavares 600 em 37"
JERIVA' — S. P. Ribeiro .... 360 em 23"2/5
BOSPHORINO — I. Pinheiro ..... 360 em 22"
CHORO' — L. Rigoni .... 600 em 38"2/5
MINGUINHO — E. P. Coutinho .. 800 em 52", ontem
URUCANIA — I. Souza .... 360 em 23"

8.º Páreo

Verdadeira loteria onde vários competidores podem ganhar. Dada a sua preferência pelo tapete, *Guanumbi* levará o nosso voto, com a *Hipocrita* na segunda colocação. *Al Arussa*, cuja última corrida na grama não foi de todo má, serve como azar.

APRONTOS ANOTADOS:
COMENDADOR — Lad .... 600 em 37"3/5, suave
EPILOGO — S. P. Ribeiro .... 600 em 38"
ARIANA — D. Moreira .... 600 em 37"2/5
HIPOCRITA — A. Brito .... 600 em 36"2/5
DONA STELLA — U. Cunha ..... 600 em 38"1/5
GUANUMBI — W. Meireles .... 700 em 44"1/5
VAICO — L. Rigoni .... 700 em 4[illegible]", suave
JANDA — A. Brito .... 700 em 45"

PALPITES

Maggy — Mont' Royal — Bohemio
Don Euvaldo — Don Navarro — Crato
Leste — Merlot — Palmar
Don Antonico — Boticcelli — Lovelace
Cruz Montiel — Salamalec — Manguari
Negra Maria — Iliada — Sátiro
Barcelona — Luetzow — Jacarandá-Assú
Guanumbi — Hipocrita — Al Arussa

LEMBRETES

Maggy regula com Monte Castelo.

* * *

Don Euvaldo e Crato correm muito na grama. O 1.º é muito baldoso, mas domingo correu bem.

* * *

Don Navarro era levado de barbada domingo passado. Fracassou, entrando último. Pode agora reabilitar-se, pois tem um bom 3.º para Torpedo e Martini na grama quase seca.

* * *

Ao contrário de seu companheiro Don Navarro, Camelot prefere a pista de areia.

* * *

Never Looses não tem preferência por pista. Tem triunfos na grama e na areia.

* * *

Em sua última apresentação na grama Merlot passeiou na frente dos adversários marcando 88"4/5 para os 1400 metros.

* * *

Carrasco não corre desde setembro de 1949 quando ganhou do Multiple em 4.000 metros.

* * *

Cruz Montiel é depositário de muita fé.

Negra Maria tem vitória em 1000 metros marcando 59"1/5. Se confirmar esse tempo passa por cima.

* * *

Guanumbi fez forfait domingo por causa da pista de areia. Contam ganhar no tapete.

ESTREANTES

CRUZ MONTIEL — Correu dezoito vezes, conseguindo 7 primeiros (5 clássicos), 7 segundos e 2 terceiros, descolocando-se nas restantes oportunidades. Levantou em prêmios 500.191 pesos argentinos. Sua melhor performance verificou-se ao derrotar Penny Post em 3.000 metros na pista de grama de San Isidro no Grande Prêmio Pelegrini. Caracteriza-se pelo "rush" final e estréia muito preparado com 131"2/5 para os 2.040 metros. Segundo Zuniga, apreciará muito uma grama macia.

*

SALAMALEC — Embora argentino, cumpriu tôda campanha no Uruguai em Maroñas, onde só perdia para Luzeiro. Adaptou-se muito bem à Gávea e não estranhou o tapete. Possui ótimos trabalhos, sendo o último bastante sugestivo: 2.400 em 156"3/5 com sobras.

*

MACANUDO — Veio do Uruguai junto com o "crack" Luzeiro. Correu em Maroñas apenas oito vezes, conseguindo 3 vitórias, 1 segundo e 3 terceiros. Trabalhou forte a semana passada no escuro e agradou a sua ação final. Esta semana floreou 1.400 metros em 91"3/5 muito fácil. No páreo em que está inscrito é sério concorrente, devendo regular com Selvático, também uruguaio.

*

CHENILLE — Tem tôda sua campanha na Argentina, onde correu oito vezes. Venceu 3 carreiras, obtendo 1 segundo e 1 terceiro. Seus prêmios chegam a 28.000 pesos argentinos. Trabalhou também no escuro e levam muita fé.

PERUGIA

(Conclusão da 4.ª página)

representa os meses do ano, pelos vários trabalhos do artífice e do camponês. Como Ambrosio Lorenzetti, pela mesma época o fez, nos a-frescos do Palazzo Vecchio de Siena. O proletário entra na grande arte. Duas tribunas se defrontam, ambas abrindo para a praça pública. De um lado, ao lado de uma escadaria, a tribuna das autoridades civis. Do outro, num dos flancos da catedral sem fachada, o púlpito das autoridades religiosas. Nas duas tribunas silenciosas e desertas que ali se defrontam, está vivendo a história de alguns séculos. Fico lembrando aquêle castelo de Guimarães em Portugal, onde do terceiro ou quarto andar, num pequeno púlpito semelhante a êste, abrindo para o pátio, bastava sussurrar as palavras, para que de lá de baixo tudo se ouvisse. A mesma experiência fizemos, San Tiago Dantas e eu, no teatro romano de Ostia. Extraordinária realização do senso acústico daqueles velhos construtores romanos ou medievais.

Quando desço das alturas perusinas, com os bolsos cheios do melhor chocolate da Itália — pois o sabor da Europa e o da Itália em particular é que aqui lidamos com os séculos como os prestidigitadores com os anéis e as bolas — quando desço a estrada espiralada, vou pensando no que teriam feito de Assis, para onde nos dirigimos, os homens piedosos e bem intencionados, a quem o povo atribui o calçamento dos céus...

JUIZO DE DIREITO DA DÉCIMA TERCEIRA VARA CIVEL

Edital de citação de terceiros interessados com prazo de 20 dias, requerido por Bufet Americano Ltda., na forma abaixo: — O doutor José de Aguiar Dias, Juiz de Direito da Décima Terceira Vara Civel do Distrito Federal, República dos Estados Unidos do Brasil. — Faz saber aos que o presente edital virem que, por êste juizo e Cartório se processam uns autos de liquidação da sociedade, requerido por Ladislau Strauss contra Bufet Americano Ltda., a qual tem o seu início pela petição do seguinte teor: — Petição de fls. 282 — Exmo. sr. dr. Juiz de Direito da Décima Terceira Vara Civel. O Bufet Americano Ltda., em liquidação, por seu representante legal, o liquidante judicial, vem dizer a v. excia. o seguinte: Que em virtude da alegação do sócio sr. Ladislau Strauss, de existência de credores da sociedade liquidanda, cujos nomes e quantias desconhece, débitos êsses contraídos na gestão de seu ex-sócio sr. Rasetti Giuseppi e como haja necessidade para o levantamento do balanço geral e inventário de que cogita o inciso n. I, do artigo 660, do Cód. de Proc. Civil, para conhecimento do seu passivo, vem mui respeitosamente, requerer a vossa excia., digne-se ordenar a expedição de "Editais" pelo prazo que vossa excia., haja por bem determinar, para que todo aquêle que se julgue credor da sociedade liquidanda apresente, devidamente, comprovado o seu crédito. N. têrmos, P. deferimento. — (a.) Gastão Nery. Despacho. J. Sim. D. F., 5-5-50. — (a.) A. D. Em virtude do despacho supra, mandou o meritíssimo juiz expedir o presente edital de citação de terceiros interessados, com o prazo de 20 dias e, outrossim, para ciência da petição e despacho acima transcritos e de que a sede dêste juizo fica na rua D. Manoel, 27/45, 5.º andar do Palácio da Justiça. Dado e passado nesta cidade do Rio de Janeiro, aos dezoito dias do mês de maio de mil novecentos e cinquenta. Eu, (assinatura ilegivel) subscrevo. José de Aguiar Dias. Está conforme. O escrivão (assinatura ilegivel).

O REGRESSO DOS ITALIANOS

S. PAULO, 1 — (Asapress) — Segundo se anuncia, à delegação da Itália regressará à sua pátria, na próxima segunda-feira. Como é de conhecimento de todos, com o empate de ontem entre o Paraguai e a Suécia, os peninsulares foram virtualmente eliminados do título.

A Iugoslavia na liderança da chave

Com os resultados das pelejas disputadas ontem pela Copa do Mundo, a Iugoslávia assumiu a liderança da chave onde está incluida. Na mesma chave, o Brasil ocupa o segundo pôsto, a Suiça o terceiro e o México é o "lanterna".

E' a seguinte a tabela de colocações com os números de jogos e os pontos perdidos.

CHAVE Nº. 1	Brasil	Iugoslavia	México	Suiça	Nº. Jogos	Nº. P. G.	Nº P. P.
Brasil		1-7-50 ? RIO	24-6-50 4x0 RIO	28-6-50 2x2 S. P.	2	3	1
Iugoslavia	1-7-50 ? RIO		28-6-50 4x1 P. A.	25-6-50 3x0 B. H.	2	4	0
México	24-6-50 0x4 RIO	28-6-50 1x4 P. A.		2-7-50 ? P. A.	2	0	4
Suiça	28-6-50 2x2 S. P.	24-6-50 0x3 B. H.	2-7-50 ? P. A.		2	1	3

O reinício do Campeonato de Basquetebol, em São Paulo

S. PAULO, 1 — (Asapress) — Reiniciar-se-á na noite de hoje, o campeonato estebolistico da divisão principal com os seguintes jogos: Paulistano e Palmeiras, Pinheiros e Rhodia e Tênis x Ipiranga.

Campeões o Guarani da Taça Cidade de Campinas

CAMPINAS, 1 — (Asapress) — Foi disputado ontem nesta cidade, o prélio entre as equipes do Guarani e do Ponte Preta, saindo vitoriosos os "bugres" pelo escore de 4 tentos a 3, sagrando-se campeão do Torneio pela posse da Taça "Cidade de Campinas". Marcaram para o Guarani: Dorival, China, Lumar e Renato. Para o Ponte Preta, Servilio (2) e Oliveira. O juiz da peleja foi o sr. Amaral Sobrinho que teve regular atuação. A renda do encontro somou em Cr$ 69.184,00.

TAPÊTE MÁGICO

(Conclusão da 6.ª pag.)

livro em que externou sua firme crença na realidade das bruxas e da bruxaria.

— Ao leitor T. S. (Rio) que nos pede uma ligeira bibliografia sôbre "Estética":

"Poética de Aristóteles. — "Scienza nuova" de Vico. Edição critica de F. Nicolini. Bari, 1928. — "Aesthetica" de Baumgarten, Ed. em homenagem a B. Croce. Editorial Laterza. Bari, 1936. — "Vorlesungen uber die Aesthetik" de Hegel. Berlim, 1842-43. — "Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale" de Benedetto Croce. Bari, 1938. — "Nuovi saggi di Estetica" de Benedetto Croce. Bari, 1926. — "Aesthetica in nuce" de Benedetto Croce, tradução ao espanhol por Italia Questa de Merelli, com amplo estudo de Gherardo Marone. Ed. Interamericana, Buenos Aires, 1943. — "Introducción a la Estética actual" e "Sistema de Estética", de E. Meumann, traduzidas ao espanhol. Calpe, Madrid, 1928-24. — "A Estética contemporânea" de E. Meumann. Trad. port. Imprensa da Universidade de Coimbra. 1930". "Filosofia dell'Arte" de Giovanni Gentile. — "Estetica" de Adriano Tilgher, Roma, 1932. — "Esthétique" de P. Guastalla. Paris, 1925. — "L'Esthétique et l'Art" de P. Guastalla Paris. 1928. — "Notions d'Esthétique", "L'Expression de la Vie dans l'Art", "Introduction à l'Esthétique" e "L'Art", loin de la Vie", de Charles Lalo. Alcan, Paris. — "Esthétique" de Félicien Challaye. Lib. Nathan, Paris. — "L'Imaginaire" de J. P. Sartre. Paris, 1940. — "La vie des formes" de H. Focillon. — "L'Esthétique de Benedetto Croce de J. Lameere. Vrin, Paris. — "Le concept du Beau" de N. Reimers. Vrin, Paris. — "História de las ideas estéticas en España" de M. Menéndez y Pelayo, monumental estudo comparativo das idéias estéticas, desde os antigos gregos e romanos até o século XIX. Existem várias edições em espanhol. "Psychologie de l'Art" de H. Délacroix. — "L' Avenir de l'Esthétique" de Etienne Souriau. — "Istoria della Critica d'Arte de L. Venturi, "Art et Scholastique", de Jacques Maritain.

E' uma bibliografia sumaria.

J. S. F.

PROGRAMA DE HOJE

1.º Páreo — 1.300 metros — Cr$ 40.000,00 — Às 12,15 horas.
1—1 Keamor!, L. Rigoni... 56
2—2 Onés, O. Macedo 56
3—3 Elaegi, O. Ulôa 56
4 Anciadinha, I. Souza .. 55
4—5 Girafa, Moreno 55
6 Vivianne, J. Tinoco ... 55

2.º Páreo — 1.300 metros — (Compulsório) — Cr$ 25.000,00 — Às 12,40 horas.
1—1 Medon, A. Araújo 54
2 Grey Peler, x x 54
3 Isis, E. Cardoso 55
2—4 Bourgo, E. Silva...... 54
5 Amir, J. Portilho 54
6 Apotí, Geraldo 52
3—7 Princesinha, U. Cunha 56
8 Cricaré, Pinheiro 54
9 Jangada, S. Câmara .. 52
4—10 Eu, J. Graga 56
11 Explosiva, R. Filho ... 59
12 Leviana, F. Coelho ... 59

3.º Páreo — 1.300 metros — Cr$ 40.000,00 — Às 14,10 horas.
1—1 Romano, Ulôa 56
2—2 Gulfstream, Câmara ... 55
3—3 Cangapé, Macedo 56
4 Sketch, Barbosa 56
4—5 Arcanciel, J. Tinoco 55
" Sente a Paz, C. Moreno 55

4.º Páreo — 1.500 metros — Cr$ 30.000,00 — Às 14,40 horas.
1—1 Argonauta, L. Rigoni... 56
2—2 Cachimbo, Armando ... 56
3—3 Lelo, L. Leighton 56
4 V. do Palmar, Mesaros . 56
4—5 Fulano, E. Moreira 56
6 Cherife, J. Portilho 56

5.º Páreo — 1.400 metros — Cr$ 30.000,00 — Às 15,10 horas.
1—1 Selvático, Rigoni 56
2—2 Macanudo, E. Moreira.. 56
3—3 Landa, S. Câmara 56
4 Cantinero, N. corre 56
4—5 Puritana, J. Tinoco 52
6 Chenille, A. Araújo 56

6.º Páreo — 1.400 metros — Cr$ 25.000,00 — Às 15,45 horas — (Betting).
1—1 [illegible], S. P. Rib. .. 56
2 [illegible], A. Brito 56
3 [illegible], C. Moreno 56
4 Lamêgo, Simões 56
2—5 Mon Rêve, Mesaros ... 56
6 Fra Diávolo, W. And. . 56
7 Bombo, x x 56
" Rábula, x x 56
3—8 Jalisco, J. Tinoco 56
9 Musa, A. Aleixo 50
10 Iman, A. Araujo 56
11 [illegible], x x 56
" Bom Crack, Pinheiro . 56
4—12 Don [illegible], S. Souza 56
13 [illegible], U. Cunha .. 50
14 [illegible], x x 56
15 [illegible], L. Mesaros 56
" Maracajú, F. Machado 56

7.º Páreo — 1.400 metros — Cr$ 25.000,00 — Às 16,20 horas — (Betting).
Ks
1—1 Drácula, J. Martins ... 56
2 El Alamein, Pinheiro .. 56
3 [illegible], x x 56
4 [illegible], A. Brito 54
2—5 Night Club, F. Simões . 50
6 Tupiara, J. Graga 54
7 Segredo, R. Filho 56
8 Galarin, Geraldo ...... [illegible]
3—9 [illegible], D. Moreira .. 52
10 Irak, D. Ferreira 56
11 Lisete, J. Ramos 48
12 Fanita, O. Macedo..... 48
4—13 Napoleão, Armando ... 56
14 Popeye, O. Fernandes 56
15 Borrachudo, Tavares .. 56
" Araçagy, XX 56

8.º Páreo — 1.000 metros — Cr$ 25.000,00 — Às 17,00 horas — (Betting).
1—1 Cavador, Tinoco 50
2 Dynamo, XX 56
2—3 Jamary, Ulôa 56
4 Segundito, S. Ribeiro ... 51
3—5 Marshall, C. Moreno ... 56
6 Abdin, R. Filho 56
7 Mustará, A. Araujo ... 56
4—8 Fogo Bravo, J. Portilho 56
9 Rio Verde, F. Coelho ... 46

LIVROS
nacionais, franceses — Escolares, científicos e literários — LIVRARIA BRIGUIET — Ouvidor, 109

O "GRANDE PRÊMIO SÃO FRANCISCO XAVIER" DESDE 1932

Ano	Prêmio	Proprietário	Vencedor	Jóquei	Dist.	Tempo	Segundo	Terceiro
1932	15.000,00	Antônio B. Rodrigues	VELAZQUEZ	R. Sepúlveda	2.400	156"2/5	Larraia	Conjurado
1933	15.000,00	J. C. de Figueiredo	SONETO	R. Sepúlveda	2.400	156"4/5	Tapú	[illegible]
1934	15.000,00	Rubem Noronha	BELFORT	M. Herrera	2.400	152"2/5	Bosphoro	Fila
1935	15.000,00	A. J. Peixoto de Castro	COLITA	S. [illegible]	2.400	149"	Bramador	Mon Secret
1936	15.000,00	Antônio Lourenço	TAPAJOS	M. Herrera	2.400	149"	Sargento	[illegible]
1937	15.000,00	Roberto Seabra	CARIOCA	J. [illegible]	2.400	158"1/5	Passo Largos	[illegible]
1938	15.000,00	Roberto Seabra	CARIOCA	S. [illegible]	2.400	154"1/5	Thales	[illegible]
1939	15.000,00	Alves & Fonseca	MACHUCHO	W. [illegible]	2.400	158"4/5	Mi Acierto	[illegible]
1940	15.000,00	Carlos da Rocha Faria	S. PORT	P. Gusso	2.400	148"2/5	[illegible]	Pharsala
1941	20.000,00	F. J. Lundgren	PAULISTA	J. [illegible]	2.400	163"2/5	Black Toni	Corona
1942	20.000,00	J. M. Aragão	LATERO	E. [illegible]	2.400	149"2/5	Alero	Riviera
1943	20.000,00	José Paulino Nogueira	LUNAR	E. Andrade	2.400	145"4/5	Burgueto	Xingú
1944	20.000,00	A. J. Peixoto de Castro	[illegible]	O. Ulôa	2.400	147"2/5	[illegible]	[illegible]
1945	50.000,00	Nelson Seabra	CANTARO	J. [illegible]	2.400	145"	[illegible]	[illegible]
1946	100.000,00	Stud Vasconcelos	VALIFOR	A. [illegible]	2.400	150"	[illegible]	[illegible]
1947	150.000,00	Stud L. de Paula Machado	[illegible]	O. Ulôa	2.400	153"	[illegible]	[illegible]
1948	150.000,00	Haras Faxina	DON PEDRITO	J. Vidal	2.400	148"	Bambino	[illegible]
1949	150.000,00	Stud Ascot	BIG RED	O. Ulôa	2.400	151"2/5	Carrasco	Teddy

RUBIGRAFO

COMPANHIA INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO
CIC
JUNHO DE 1950
NESTE MÊS FORAM SORTEADAS AS SEGUINTES COMBINAÇÕES

1º.	2º.	3º.	4º.
P.X.B.	V.P.R.	P.G.E.	F.J.N.
5º.	6º.	7º.	8º.
T.R.Z.	P.T.E.	G.X.M.	X.B.H.

OS PORTADORES DE TITULOS EM VIGOR CONTEMPLADOS SÃO CONVIDADOS A RECEBER O REEMBOLSO GARANTIDO.
SE POUCO MUITO VALE GUARDAR UMA VEZ TODO MÊS

• Os portadores dos títulos contemplados poderão receber as importâncias a que têm direito a partir do dia 4 do corrente, na Avenida Graça Aranha, nº 19 — sobre-loja.
A relação total dos contemplados neste sorteio será publicada na "Gazeta de Notícias".

CASA DE SAÚDE ESPERANÇA
Matias Barbosa — Fone 32 — Minas Gerais
Diretor: Dr. GUILHERME DE SOUZA
Clínica de repouso — Modernos métodos terapêuticos para doentes agudos. Proxiterapia para doentes crônicos. Tratamento moderno do alcoolismo. Elevados índices de curabilidade. A CASA DE SAÚDE ESPERANÇA está localizada em majestoso sitio.

AO BRASIL SÓ A VITÓRIA INTERESSARÁ

OS IUGOSLAVOS PODEM PENSAR NO EMPATE — "JOGAREMOS PENSANDO EM S. PAULO", DECLARAM OS CRAQUES — ÂNIMO E CONFIANÇA — CALADOS, OS "ITCHES" — GRIFITHS, O RESPONSÁVEL PELA ARBITRAGEM — UM NOVO RECORDE DE RENDA



Hoje, às 15 horas, no Estádio Municipal, será realizado o jôgo decisivo da chave 1, que será disputado entre as Seleções do Brasil e da Iugoslávia. Desde ontem, nos locais de venda dos ingressos, situados em vários pontos da cidade, enorme multidão se acotovelava, procurando adquirir a sua entrada para assistir ao "match" sensação. Estará por certo, o Estádio com tôdas as suas dependências lotadas, sendo de se esperar que, muito cêdo comece a romaria de torcedores, que para ali se deslocarão. O público apreciador dos bons espetáculos futebolísticos, vai ter oportunidade de presenciar uma pugna que por sua importância, deverá desenrolar-se dentro do melhor nível técnico e muita movimentação.

RESERVADOS, OS IUGOSLAVOS

Todos os integrantes da seleção iugoslava, mostram-se reservadíssimos, falando pouco e, o que é mais interessante, só fazendo comentários acêrca da luta de logo mais, quando interrogados com muita insistência. As poucas vezes que falam, expressam-se com palavras curtas, não dando chance para uma conversação mais longa. Não antecipam nada a respeito do compromisso de hoje, resumindo-se apenas a dizer que, farão o possível para manter a privilegiada situação de líderes invictos de sua chave.

CONFIANTES OS BRASILEIROS

Embora ainda abalados pelo inesperado empate com os suiços, os jogadores nacionais, aguardam a hora da peleja, calmos, animados e, o que é mais importante, confiantes na vitória do Brasil. Estivemos ontem em São Januário, ouvindo nessa ocasião a palavra dos integrantes do Selecionado Nacional. Disse-nos Augusto, capitão do quadro brasileiro, no que foi apoiado por todos os seus companheiros de equipe: O que aconteceu conosco no prélio com a Suiça, foi simplesmente, pura falta de sorte. Dominamos durante todo o tempo e por infelicidade, abandonamos o gramado, não como de outras feitas, com a cabeça erguida e sorrindo, mas sim, cabisbaixos, tristes e abatidos com aquele resultado, inesperado e mesmo surpreendente de 3 x 2. Foi para nós, pior que uma derrota. Quero lembrar que as cenas que assistimos no Pacaembú, no final do jôgo, ficaram gravadas na mente de todos nós. Exatamente no momento em que mais precisavamos da torcida, ela, dando mostras do seu desagrado, vaiou-nos. Estamos confiantes na vitória do Brasil contra os eslavos e, nos atiraremos à luta com todo o ardor. Venceremos e venceremos bem. Será essa a resposta que a torcida paulista terá para as suas vaias e agressões aos representantes da sua, da nossa terra, o Brasil. Apelo, neste momento decisivo pela Seleção, para a torcida carioca que, sempre soube incentivar os defensores brasileiros. Contamos com o apoio dos cariocas, para galgar êste obstáculo que se nos apresenta na conquista do título máximo do futebol mundial. Não se iludam com as críticas destruidoras que por aí andam fazendo. No Pacaembu não houve culpados, foi uma tarde adversa para os nossos. Não permitiremos que isto se reproduza e, diante do nosso firme propósito de vencer, tudo há de ceder. Lutaremos com todo o nosso sacrifício para que a Copa do Mundo fique em nossa terra, é o que prometemos ao público brasileiro".

Após ouvir isto, retiramo-nos, convictos de que o Selecionado brasileiro, com o apoio da torcida carioca, brindará os desportistas de todo o Brasil com uma grande vitória.

A ARBITRAGEM

Dirigirá o encontro o juiz Griffiths, do País de Gales. Funcionarão como auxiliares o austríaco Beraneck, e, o português Vieira da Costa.

TRIBUNA DA IMPRENSA

ANO 2 — Sábado-Domingo, 1-2 de julho de 1950 — N.º 158

Vitória cômoda do Flamengo sôbre o Botafogo

43 x 30, o resultado da peleja de ontem no Mourisco — A Atlética venceu o Vasco e o Sampaio voltou a perder — Preliminares e arbitragens

O Flamengo venceu o Botafogo por 43x30 na peleja de basquetebol disputada na noite de ontem na quadra do Mourisco em prosseguimento ao Campeonato Carioca, mantendo assim o rubro-negro a liderança e afastando o Botafogo da candidatura ao título máximo.

Nos demais jogos, a A. A. Grajau venceu o Vasco por 38 x 33 na quadra de São Januário e o Grajau Tenis venceu o Sampaio por 39 x 32 em peleja disputada na quadra da Av. Engenheiro Richard.

A VITÓRIA DO LIDER

O encontro Botafogo x Flamengo que vinha sendo aguardado com grande interêsse pelos aficionados do esporte da cesta, foi decepcionante. Isso porque esperava-se do Botafogo uma tenaz resistência ao quadro bi-campeão, e tal não aconteceu. A vitória do rubro-negro foi bem mais fácil que aquela obtida no primeiro turno, e definida logo na primeira etapa, não só pela diferença de 22 x 12 mas pela evidente superioridade técnica demonstrada pelos componentes da equipe da Gávea.

O Botafogo que de início, conseguira uma diferença de cinco pontos, foi subjugado a seguir, no comando do "placard" que descambou para o Flamengo até o final da peleja.

A segunda etapa foi tambem comandada pelo bi-campeão que revidava sempre a todo esboço de reação encetado pelo Botafogo, mantendo uma diferença média de dez pontos.

O Flamengo teve em Algodão, Zé Mario, Godinho e Alfredo, suas melhores figuras. No Botafogo apenas Arlein e Talles I tiveram bom desempenho. Talles Monteiro que reapareceu ontem, mostrou-se fora de forma e certamente receoso quanto as jogadas mais perigosas, dada a recente contusão sofrida em uma das mãos, em peleja anterior.

QUADROS E MARCADORES

FLAMENGO — Tião (5), Algodão (7), Zé Mario (10), Alfredo (10), Godinho (10), Raimundo, Evora, Jamil e Codas.

BOTAFOGO — Thales II (3), Ardelin (10), Thales I (7), Caco (2), Hermes (4), e Genilio (4).

PRELIMINAR E ARBITRAGEM

Na preliminar, o Botafogo foi o vencedor por 42 x 32.

A peleja foi arbitrada pela dupla Cezar Porto-João Cantuária com bom desempenho.

VASCO X ATLETICA

O quadro da Atlética que a contar por pontos perdidos alia-se ao do Flamengo na liderança, manteve-se na mesma posição, vencendo o Vasco por 38 x 33. A primeira fase encerrou-se favoravel a Atlética por 18 x 16.

QUADROS E MARCADORES

A. GRAJAU — Rui (7), Halinho (11), Passarinho (4), Cleto (12), Montanha (3), Barcelos (1), e Zé Luiz.

VASCO — Plutão (1), Falão (15), Rui (2), Dalmo (5), Haroldo, Cadete e Donato.

Juizes — Luiz Marzano e Ney Sodré.

PRELIMINAR E ARBITRAGEM

O encontro de juvenis foi vencido pela Atlética por 33 x 31.

Funcionou na arbitragem a dupla Luiz Marzano-Ney Sodré com desempenho normal.

GRAJAU X SAMPAIO

O Sampaio que ainda não teve o sabor da primeira vitória no campeonato foi novamente derrotado. O primeiro tempo foi tambem favoravel ao Grajau por 20 x 15, e o final da luta acusou a vantagem de 39 x 32.

QUADROS E MARCADORES

GRAJAU: Vilmar 4 — Conceição 8 — Lúcio 4 — Alfredo 2 — Boquinha 8 — Antonio 7 — Geraldo 1 — Antônio Carlos 5.

SAMPAIO: Valter 10 — Orlando 3 — Mário Flávio 6 — Tomé — Heitor 4 — Hugo 2 — Oonorato 2.

PRELIMINAR E ARBITRAGEM

Pedro Velasco e Jonatas Costa, arbitraram o encontro.

Na preliminar os juvenis do Grajau venceram por 27 x 24.

Assunto do dia

De Araújo Netto

Como se demoraram nas folhinhas êsses dois dias que sucederam ao jôgo Brasil x Suiça. Como foram lerdos, monótonos os ponteiros dos relógios nestas 48 horas que se antecipáram a êste sábado angustioso, aflitivo, que vivemos agora! De fato; nunca a vespera de uma festa foi tão temida, tão martirizante. Afortunadamente, entretanto, as emoções, os padecimentos, o tormento, as comichões que vinhamos encadeando em nosso espírito — poderão se extravazar em pouco. A batalha deixará de ser sòmente, ùnicamente, espera, expectativa, o futuro. E, neste momento, — tão solene como aqueles dos "chavões" dos flamejantes discursos — a realidade, o presente.

A invasão do Maracanã atingiu ao seu "Dia D". O povo será o general, o estrategista. Do seu comportamento, da sua ação nascerá o plano da vitória ou, ao contrário, o espantalho hediondo de um revés. Os "goals", êsses não os fará. Mas os arquitetará. Como?

— Acreditando em seu exército — no time brasileiro. Não esquecendo que êle também tem susceptibilidade, tem uma dignidade, um brio a defender. Não é menos brasileiro que nós...

Fomos, ontem, a São Januário. Revimos tôda aquela gente que andou sendo ameaçada, quase *trucidada* em São Paulo. Um pessoal bom e simples. Falamos com êles. São tolerantes, sabem perdoar. Vão jogar, pensando mais nos paulistas, nesse amigos e irmãos, melindrados e desapontados. "Faremos por que nos relevem as faltas" — asseguravam. E depois pediram: "queremos dos cariocas e dos brasileiros, em geral, muito pouco. Peçam a êles um grito, uma palavra que é muito para nós, um nome que é tudo: Brasil!"

Comovemo-nos, não negamos; e quisemos cumprir a nossa promessa. Quisemos fazer chegar até você êste pedido. Não é muito. Não será demasiado o seu sacrifício, atendendo-o, realizando-o no Estádio do Maracanã. Um grito, uma palavra, um nome, tudo: Brasil!

O resto êles saberão fazer, se não for irrealizável.



OS 22 DE HOJE

BRASIL:	IUGOSLÁVIA:
BARBOSA	MRKUSIC
AUGUSTO	HORVAT
JUVENAL	BROKETA
BAUER	TCHAIKWOSKY
DANILO	JOVANOVITCH
BIGODE	DJAJCH
MANECA	ONGAJNOV
ZIZINHO	MITIC
ADÃOZINHO	TOMASEVITCH
ADEMIR	BOBEK
CHICO	VUKAS



A ESTRÉIA DA BRIGHAM — O quadro da Brigham Young University, invicto nos jogos disputados até agora no Brasil, chegou ontem ao Rio para encerrar sua temporada com mais quatro jogos. Enfrentará a Atlética do Grajaú, Flamengo, Tijuca e um combinado. Inegavelmente superior ao quadro do Utah que recentemente visitou o Brasil e composto de jogadores mais moços e mais altos, dificilmente regressará às terras do Tio Sam com o dissabor de uma derrota. Estreará hoje contra a Associação Atlética do Grajaú, no estádio Hugo Pádula. Vem credenciado com expressiva vitória sôbre o América Mineiro, um dos mais fortes quadros do Brasil. A exibição da B.Y.U. é sem dúvida um espetáculo recomendável

Noticiário da Copa do Mundo

BOLIVIA — Os bolivianos farão sua estréia, amanhã, enfrentando em Belo Horizonte, os Uruguaios. O mais provável quadro, dos bolivianos é o seguinte: Gutierrez — Bustamante e Araoz — Greco — Valencia e Farrel — Algaranoz — Ugarte — Caparelli — Gutierres e Maldonado.

* * *

CHILE — Não aspiram mais os chilenos, qualquer pretensão, mas com tudo, esperam conseguir sua única vitória neste campeonato. O quadro Chileno deverá formar com a seguinte constituição: Livingstone — Alvares e Roldan — Busquete — Farias e Carvallo — Prieto — Cremaschi — Robledo — Muños e Dias.

* * *

ESTADOS UNIDOS — Os americanos, jogarão amanhã, em Recife, contra o selecionado do Chile. Se vencerem, ficarão para disputar, com Inglaterra e Espanha, o título de campeão da série, caso vençam os ingleses, o jôgo com os espanhois. O mais provável quadros dos estadunidenses para amanhã, é o seguinte: Borghi — Harry e Maca — Iiveny — Colombo e Bahr — Wallace — Parianni — Gaetjens — John de Sousa e Edward de Sousa.

* * *

ESPANHA — Amanhã, no Estádio do Macaranã, defenderão os espanhois sua posição de líderes invictos, bastando-lhes um empate, com os ingleses, para serem os campeões da série. Ramalleta — Alonso e Gonzalvo II — Gonzalvo III — Parra e Puchades — Bassora — Igôa — Zarra — Panizo e Gainza. Este, o provável quadro espanhol para amanhã.

* * *

ITÁLIA — Já está fora do campeonato, a "squadra azzura", mas tentarão a reabilitação, frente aos paraguaios, amanhã, no Pacaembu. Os italianos deverão embarcar, para sua pátria, em Santos, pelo "Sises", que parte dêsse pôrto, na segunda-feira. Os italianos para o jôgo de amanhã deverão contar com o seguinte quadro: Sentimenti — Giovanini e Furiassi — Annovazzi — Parola e Magli — Muccinelli — Boniporti — Capello — Campatelli e Carapellese.

* * *

INGLATERRA — Os ingleses, jogarão a sua sorte e a dos estadunidenses no estádio do Macaranã, basta um empate amanhã, para que a Inglaterra e os Estados Unidos, tenham como findo, a sua participação no quarto Campeonato Mundial de Futebol. O mais provável quadro Inglês é o seguinte: Willians — Ramsay e Astor — B. Wright — Hughs e Dickson — Finney — Mannion — Bentley — Mortesen e Muller.

* * *

MEXICO — Em Pôrto Alegre, os mexicanos lutarão pela sua primeira vitória, tendo pela frente, os suiços, que já conseguiram, um empate com sabor de vitória. O mais provável quadro dos mexicanos, é o seguinte: Carvallal — Zeter e Motemayor — Ruis — Uchôa e Roca — Septieme — Ortis — Casarin — Peres e Velasques.

* * *

SUECIA — Os suécos assistirão de camarote, a sorte do Paraguai torcendo evidentemente, para os italianos.

* * *

SUIÇA — Os suiços deverão enfrentar, em Pôrto Alegre, os mexicanos, contarão com: Stuber — Neury e Bouquet — Lusenti — Eggiman e Quinche — Bikrel — Antinen — Tamini — Bader e Patton, com sua mais provável escalação.

* * *

PARAGUAI — Os paraguaios no Pacaembu, jogarão para a vitória, já que um empate corta-lhes-á a possibilidade, de levar para a terra de Solano Lopes, a Copa do Mundo. O quadro mais provável dos "Guaranis" é o seguinte: Vargas — Gonzalito e Cespedes — Gavilan — Leguizamon e Cantero — Avalos — Lopes — Jara — Fretes e Unzain.

* * *

URUGUAI — Estrearão amanhã, em Belo Horizonte, os "Orientais", enfrentando os bolivianos, no único jôgo de sua chave. Os uruguaios contarão com. Maspoli — Mathias Gonzales e Vilches — Juan Carlos — Obdulio Varela e Rodrigues Andrade — Gigghia — Julio Perez — Miguez — Schiafino e Vilamide, no seu mais provável quadro.



CHICO, ADÃO e DANILO — Três que retornam ao quadro

Juizes para os jogos de amanhã

Para os jogos de amanhã, foram designados os seguintes juizes:

NO RIO
Espanha x Inglaterra
Juiz — Galleati

EM SÃO PAULO
Itália x Paraguai
Juiz — Ellis

EM PORTO ALEGRE
Suiça x México
Juiz — Eklind

EM BELO HORIZONTE
Bolivia x Uruguai
Juiz — Reader

EM RECIFE
Est. Unidos x Chile
Juiz — Mario Gardelli



O NOVO DAVID DO FUTEBOL é, sem dúvida, o quadro representativo norte-americano, que aparece acima. Derrotando o Golias inglês, [illegible], em Belo Horizonte, credenciaram-se à conquista do título de equipe de honra do campeonato. São onze rapazes que impressionam pelo bom humor e que, por isso, sabem cativar a simpatia do público. John de Sousa, o calvo que é visto ajoelhado, é a figura impar dos onze. Joga admiravelmente e, como bom filho de português, fala o nosso idioma corretamente. Dois fatos interessantes relacionados com a seleção do "Tio Sam": os números em sua camisa não obedecem à costumeira ordem e os seus integrantes gostam, especialmente, de falar e praticar o tênis...

SUPLEMENTO DE PERNAMBUCO

TRIBUNA DA IMPRENSA

ANO 2 — Sábado-Domingo, 1 -2 de julho de 1950 — N.º 157

ESTE SUPLEMENTO

Aí tem o leitor um conjunto de artigos, notas e temas sôbre Pernambuco. Salvo quando expressamente declarado o contrário, trata-se de material escrito e desenhado especialmente para êste suplemento da TRIBUNA. Pelas fotos agradecemos à Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife.

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE DA EDIÇÃO COMUM

BAIRRO DE S. JOSÉ DO RECIFE

Ao celebrar o seu cinquentenário, Manuel Bandeira, do Recife, fez para a TRIBUNA DA IMPRENSA êste bico-de-pena. Conterrâneo e homônimo do poeta, o desenhador pernambucano chama ao Recife "a minha cidade". O bairro de São José, cujos telhados aí estão, é o da meninice do artista — e é também o mais característico da capital do açúcar.

Aspectos da produção pernambucana

João Cleofas

O que parece caracterizar o administrador brasileiro da atualidade é o seu despreparo, mais do que o seu aleamento ou o seu desinterêsse em relação aos problemas fundamentais da coletividade.

No campo estadual, então, em que a ação administrativa tem de ser, logicamente, mais direta e mais próxima e em que os recursos são realmente mais limitados, sente-se, desde logo, aflorar mais rapidamente, os defeitos dêsse desentendimento.

Pernambuco, por exemplo, é um Estado em que, já há longos anos, vem se fazendo sentir os resultados dessa incompreensão sob vários aspectos e com repercussão mais intensa na sua economia.

Assim é que, ali se constituiu um magnífico parque industrial para aproveitamento de duas culturas agrícolas tradicionais no seu solo. Graças à iniciativa, à tenacidade, à energia do antigo senhor de engenho, desajudado de recursos externos e apenas contando com o seu próprio esforço, erigiu-se o atual parque da agro-indústria do açucar que ainda detem, nêsse setor de produção, o primeiro lugar entre tôdas as zonas produtoras do país.

Por sua vez, o equipamento industrial têxtil ocupa uma posição de relêvo situando-se em terceiro plano na federação e permitindo o aproveitamento e transformação da outra cultura básica da riqueza pernambucana.

Observa-se, no entanto, que a cultura da cana vive sofrendo um impacto permanente, frequentes vezes até mesmo uma hostilidade ostensiva, por parte dos agentes do poder público.

Pensam êles, não raro, e, provavelmente cedendo à inclinações demagógicas, que ela deveria ser substituída por outras explorações agrícolas.

Assim, não se considera o vulto e a extensão do equipamento industrial canavieiro instalado e em funcionamento e, portanto, a assegure a regularidade dêsse necessidade de assegurar-lhe matéria prima que permita ou que funcionamento.

Antes dessa preocupação primordial, o que se procura situar é uma atividade monocultora, exclusivista e absorvente. E chega-se assim frequentemente a imaginar que se criou um regime latifundiário responsável pelo desiquilíbrio econômico do Estado e pela carência da produção de gêneros alimentícios no nordeste!

Não há dúvida que a região nordestina sofre um deficit alimentar permanente, de tal sorte que 25% da importação total de Pernambuco consta de gêneros de alimentação.

Mas êsse deficit não é novo, nem por êle é responsável a intensificação da cultura canavieira.

Não é a usina, não é a grande exploração canavieira a responsável direta por essa situação de diminuta produção de gêneros alimentícios.

Cumpre desfazer êsse conceito errôneo e generalizado, deixando esclarecido que a carência de produção de alimentos no nordeste é uma herança do período colonial e uma resultante das nossas condições precárias de clima e solo.

Não é de hoje que ali se verifica o deficit de produção de alimentos.

Já no domínio holandês, Nassau, impressionado com o fenômeno, determinava a "todos os senhores de engenhos e lavradores de cana de qualquer qualidade e nação que fossem, plantassem nos meses de agosto e setembro, por cada negro e negra de trabalho 250 covas de mandiosa e outras tantas no mês de janeiro seguinte".

Idêntica medida, então, ainda foi tomada para o fumo e os cereais.

Outras providências, em tudo semelhantes, foram adotadas em diferentes épocas, nos séculos 18 e 19. Ordens severas eram dadas para que os "capitães-mores" exigissem "mapas de plantações de mandioca e de cereais".

Mas, apesar disto, o nordeste continuava como ainda hoje, experimentando a falta de gêneros alimentícios, ainda mais acentuada quando sobrevem uma maior estiagem que faz diminuir sua produção na única zona apropriada a produzir, que é a zona agreste — caatinga.

Entretanto, nos anos de maior coeficiente de pluviosidade, nos chamados anos de bons invernos, chega-se a aumentar sobremodo a quantidade produzida, tanto que os preços se aviltam e não é raro, é possível até mesmo exportar-se feijão ou milho.

O que, portanto, deveria importar ao poder público seria adotar medidas protetoras da produção cerealífera, naquela zona, a começar por dificultar ou impedir

(Conclue na 4.ª pág.)

A CASA DE BENNAND

A poucos minutos do Recife está uma casa de armação de ferro, que veio desarmada dos Estados Unidos. E' uma típica construção do fim do século passado, no esplendor do milionarismo americano. Dentro há um pátio — e em cada sala um tesouro de colecionador. O sr. Brennand (pai do jovem pintor do mesmo nome), tem ali, em móveis, jóias, objetos de arte, uma preciosa coleção. No antigo engenho, instalou êle uma cerâmica onde se começa a cozer porcelana de primeira qualidade, com motivos de extraordinário bom gosto. Dominando a paisagem, a casa de Brennand é uma das menos conhecidas e, não obstante, das mais apaixonantes belezas de Pernambuco.

A proposito de uma antecipação de Nabuco

Gilberto Freyre

Mais do que qualquer outra cidade do Brasil, o Recife foi, durante longo tempo, um centro de informação, de crítica e de irradiação de idéias. Não se verificou essa atividade do Recife apenas na época de Tobias e de Sílvio Romero. Ou na de Tobias e de Castro Alves. Já se verificara antes, através dos areópagos e das sociedades maçônicas. Através de Frei Caneca; jornalista de idéias e não apenas agitador político. Através do padre Lopes Gama, cujo jornal ou revista "O Carapuceiro", representa na história brasileira outro movimento recifense de crítica social e de idéias, êste no sentido de reação aos excessos de francesismo ou de modernismo que vinham se fazendo sentir nos modos de pensar e nas modas de trajar da nossa gente do litoral. Através da revista "O Progresso", de um mulato afrancesado, A. P. de Figueiredo, cuja crítica social, inspirada em socialistas franceses, marca outro ponto alto na história intelectual do Brasil, embora quase sempre esquecido pelos historiadores convencionais da nossa cultura.

De Figueiredo destaque-se que foi diretamente influenciado por um francês, Vauthier, que, no Recife, conseguiu fazer circular revistas ou publicações avançadamente socialistas francesas nos meios mais conservadores. Isto ainda na primeira metade do século XIX.

Da mesma época foi a atividade de Abreu e Lima no sentido da propagação de idéias liberais através de periódicos e de livros. A Abreu e Lima se seguiu o movimento não apenas político mas de renovação de idéias, que foi o representado pela atividade jornalística de Nascimento Feitosa e de "O Liberal Pernambucano".

No meado do século passado discutiu-se abertamente no Recife, na sua imprensa, o problema do socialismo, com Figueiredo, socialista avançado, mas de modo algum demagógico, de um lado, e do outro, o dr. Autran, professor da Academia de Direito. Discutiram-se outros problemas, então novos nos próprios centros europeus.

Veio depois "A Provincia". De 1872 até o fim do século foi êste jornal um centro recifense de irradiação de idéias, de crítica social, e não apenas de agitação política no sentido liberal. Nêsse diário como aliás no "Diário de Pernambuco" e no "Jornal do Recife", se publicaram, em série, verdadeiros ensaios ou estudos de economia e de para-sociologia, ao lado de artigos combativamente políticos, de interêsse apenas de momento. Foi "A Provincia" o jornal de Joaquim Nabuco, na sua fase recifense de abolicionista que coincidiu, aliás, com a publicação de interessantíssima revista de caricatura política, "O Diabo A Quatro", onde escreveram Franklin Távora e Inglês de Sousa.

Talvez a formação recifense de Nabuco como homem público explique a importância por êle atribuida ao jornal, ao livro, ao documento, à publicação de documentos, — poderia ter acrescentado a caricatura, — como meios de comunicação do renovador político ou intelectual ou artístico com o público ou, em certo sentido, a massa brasileira. Com efeito, a 16 de novembro de 1882, escrevia êle de Londres a seu amigo e companheiro de ação política, dr. Jaguaribe, que faltava infelizmente ao partido abolicionista uma coisa: dinheiro. Dinheiro para que? Para "as propagandas pela imprensa". Ao seu ver não faltavam ao movimento "talento, coração, coragem, abnegação, independência". O que lhe faltava era dinheiro. Dinheiro para jornal para livros, para publicações. Para maior contacto dos renovadores com o público.

Se houvesse dinheiro, poderiam os abolicionistas brasileiros publicar "obras abolicionistas, traduções de livros como a **Cabana do Pai Tomaz**, essa bíblia da emancipação dos escravos, vidas de abolicionistas célebres, poemas como o **Poema dos Escravos** de Castro Alves e edições de livros como os **Herdeiros de Caramurú** (sobretudo o 1.° volume) e documentos da nossa história como os papeis do tráfico".

Como homem público de

(Conclui na 4.ª pág.)

O RECIFE

Por JOAQUIM NABUCO

O Recife é bem a cidade de um povo de rio, que vive nagua como o pernambucano. O Recife é com efeito uma Veneza... não pelos palácios de mármore do grande canal, que mostram a meu ver a mais bela fase da Renascença; não por essa praça de São Marcos, que só tem uma rival no mundo, na velha praça de Pisa, com os quatro incomparaveis e solitários edifícios de sua glória; não pela tradição de máscaras e barcarolas, doges e pintores de amor e estilete, de canções e carnaval, que flutua sôbre as lagunas e envolve no fundo de suas gôndolas a grande, a heróica, a deslumbrante Veneza, numa poeira de glória dourada, com as cúpolas de São Marcos.

O Recife não tem nada disso, mas como Veneza é uma cidade que sai dagua e nela se reflete, é uma cidade, que sente a palpitação do oceano no mais profundo de seus recantos; como Veneza ela tem um céu azul, que parece lavado em suas aguas, como se lavam os navios de grandes toldos brancos, como nuvens; como Veneza, basta uma canção nagua, uma bandeira solta ao vento, para dar-lhe um aspecto festivo e risonho; e por fim, como Veneza, ela tem um passado, que a coroa como uma auréola e que brilha ao luar com as suas pontes e as suas torres como a alma de uma nacionalidade morta. Melhor, porém, do que Veneza, os canais do Recife são rios, a cidade sai da agua doce e não da maresia das lagunas, o seu horizonte é amplo e descoberto, as suas pontes são compridas como terraços suspensos sobre a agua e o oceano vem quebrar-se diante dela em um lençol de espuma, por sobre o extenso recife, que o guarda como uma trincheira, genuflexorio imenso, onde o eterno aluidor da terra se ajoelhará ainda por séculos diante da graça fragil dos coqueiros.

SAUDADES DO RECIFE

Luiz Jardim

(DESENHOS DO AUTOR)

Luiz Jardim, que vem de publicar o romance "Reminiscências de meu tio Gonzaga", e foi prêmio de contos Humberto de Campos, com o seu "Maria Perigosa", é um pernambucano que vive no Rio, onde é secretário executivo da UDN.

O Recife não é a minha terra no sentido vegetal em que nela eu tenha raizes profundas ou rasas de nascimento. Quer dizer, não brotei no Recife, não sou teluricamente das regiões ribeirinhas do Capibaribe ou do Beberibe. Todavia, sucede esta coisa particular: não pedi para nascer em lugar nenhum, por isso mesmo não tenho orgulho nem me sinto diminuido por ter vindo ao mundo lá além, ali na cidade limpa, bonita e fria de Garanhuns.

Mas, se há filhos adotivos de uma cidade inteira, a do Recife é a minha madrasta. E boa, contudo. Não direi que me quizesse um bem todo particular, mas sempre me afagou. Nela fui tudo: de caixeiro a jornalista, que é alta profissão.

Nos meus devaneios saudosos, cá distante, revejo de memória a cidade que me recebeu definitivamente quando eu tinha apenas dezesseis anos. Revejo o rio que corta as ruas com as águas barrentas e as pontes que o atravessam com passadas largas de barreira a barreira. Em baixo, deslizando mansamente, um atrás do outro seguem os batelões e barcaças ocas ou pejadas de coisas. Ouço ainda as vozes da aglomeração que fala mais alto no mundo. Com efeito, os cochichos do Recife parecem vozes de briga. E os abraços são de doer nas costas, tantas as pancadas de afeto que se dão. Revejo mais as mangueiras gordas e de um verde lustroso. Sinto os cheiros de jasmin, escuto as músicas matinais de mãos ignoradas de mulheres, que direi formosas, mais ignoradas ainda. Os noturnos vagos do Recife, com luas derramadas pelos becos estreitos. O cais do abacaxi; a rua do Apolo; Afogados; Casa Amarela; o Recife propriamente dito e a rua do Imperador.

No meu tempo havia aquilo que se poderia chamar a tertúlia permanente dos boêmios: o bate-papo do Café Continental. Joaquim Cardoso, o poeta (exportado a pulso de Pernambuco por uma das *desinteligências* mais raras do Brasil, isto é, a maléfica mediocridade do sr. Gercino Pontes), era a figura principal. O Rio de Janeiro até se orgulha de ter recebido de presente o bom poeta, que também é matemático e excelente professor. Pedro Dantas, o mais prudente dos homens, carioca da gema, já agradeceu de público ao dr. Garcino tão valiosa exportação. Pois bem, como ia escrevendo, nesse dito "Continental" até revoluções se prepararam. Só eu, graças a Deus, não

([illegible] na 2.ª pág.)

MOCAMBOS DO RECIFE

PONTES SOBRE O CAPIBARIBE

Telhados do Recife e a ponte Buarque de Macedo.

Vista aérea do Recife, pelo fotógrafo Benevenuto Teles, neto do grande pintor pernambucano Teles Júnior.

Quando Humboldt era considerado espião...

Leis contra emigração e os estrangeiros

(Estudo inédito)

Rodolfo Garcia

O pernambucano Rodolfo Garcia foi um grande historiador do Brasil. Honra-se êste jornal de divulgar hoje um seu estudo inédito, de intensa atualidade, parte do curso de História Política e Administrativa do Brasil, que êle deu em 19 apostilas, em 1931, no Museu Histórico. A obra será publicada, proximamente, pela Biblioteca Nacional.

A Legislação portuguesa sempre procurou obstar ou dificultar a emigração e embaraçar o livre trânsito dos súditos. Nesse sentido depara-se-nos um grande número de cartas régias, provisões e decretos, que alcançam de 1667 a 1744. De tôdas essas disposições, que se repetiam com uma insistência de pasmar, vejamos a lei de 20 de março de 1720, que, por ser a mais ampla e explícita, merece ser substanciada.

Não tendo bastado — diz o soberano no preâmbulo da lei — as providências dos decretos de 26 de novembro de 1709 e 19 de fevereiro de 1711 para obstar a que do reino passe ao Brasil a muita gente que todos os anos dele se ausenta, mormente da provincia do Minho, que sendo tão povoada, já não tem a gente necessária para a cultura das terras, cuja falta é tão sensivel, que se torna urgente acudir com um remédio eficaz à frequência com que se vai despovoando o reino, resolveu o seguinte:

RESTRIÇÕES

— Nenhuma pessoa de qualquer qualidade poderia passar às capitanias do Brasil, senão as que fossem despachadas com governos, postos, cargos ou ofícios, as quais não levariam mais criados do que a cada um competisse, conforme sua qualidade e emprego, e sendo os criados, em todo caso, portugueses. Das pessoas eclesiásticas sòmente as que fossem como bispos, prelados, missionários e religiosos das religiões do Estado, professos nas provincias dele, como também capelães dos navios que para aqui navegassem. (Aliás, a carta régia de 31 de janeiro de 1713 já havia determinado que se mandassem para o reino todos os religiosos sem conventualidade e todos os clérigos sem exercício, que se encontrassem nas conquistas, — carta régia que foi reforçada por outra no mesmo sentido, de 2 de maio de 1715). Das pessoas seculares, além das já referidas, que viessem despachadas com governos, postos, cargos ou ofícios, — só poderiam vir ao Brasil as que além de provarem ser portugueses, justificassem com documentos que vinham fazer negócio considerável, com fazendas suas ou alheias para voltarem, ou as que, outrossim, justificassem que tinham negócios tão urgentes e necessários, que lhes seguiria muito prejuízo, se não viessem acudir a êles. Sòmente nesses termos, e depois de rigorosa averiguação judicial, se lhes poderia ser dado passaporte na Secretaria de Estado.

Na leva da partida dos navios para o Brasil, estando êles já à vela, se lhes daria busca, e seriam presos todos os individuos encontrados sem passaporte, assentando-se praça aos que tivessem idade para isso, e sofrendo os mais seis meses de cadeia e 100$000 de multa. Os que não tivessem com que pagar a condenação, seriam degregados por três anos para a Africa. Os capitães dos navios em que assim fossem encontrados, pagariam 400$000 de multa. À chegada dos navios ao Brasil, e antes de comunicarem com a terra, repetir-se-ia a diligência da busca, e quantos se encontrassem sem passaporte e não pertencessem à equipagem, de que haveria uma lista, seriam devolvidos para o reino. E porque essas providências só por si não bastassem para atalhar a passagem de gente para o Brasil, a fim de torná-las mais eficases, resolveu o rei que metade daquelas condenações fosse para os denunciantes e a outra metade para as despesas do Conselho Ultramarino. E por que muitos estrangeiros, além dos que eram permitidos pelos tratados passavam às capitanias do Brasil a título de marinheiros, artilheiros e outros por criados dos cabos e oficiais que embarcavam para elas, e logo que chegavam se ausentavam e ficavam comerciando na terra, foi proibido que estrangeiro algum embarcasse com os referidos pretextos e outros quaisquer que fossem nos navios que partissem para o Brasil, incorrendo os capitães e mestres na pena já declarada.

Com relação às mulheres, a conveniência era que elas ficassem no Brasil. O alvará de 10 de março de 1732 e as provisões de 14 de abril desse ano e 20 de fevereiro do regente, determinavam que as mulheres não pudessem voltar do Brasil sem permissão do rei, salvo as que tivessem ido com seus maridos as quais poderiam recolher-se em sua companhia, se os mesmos obtivessem licença para isso. Os mestres de navios que as conduzissem fora das condições indicadas ficam sujeitos à pena de 2.000 cruzados pagos da cadeia.

Prova tôda essa legislação que temos citado quanto era a coroa de Portugal ciosa de sua conquista ultramarina. Parece que só vedando ou dificultando a imigração para o Brasil, o pensamento do legislador era conservá-lo eternamente bloqueado ou prisioneiro. Por certo, não era ao interêsse pessoal do emigrante que se procurava atender, mas ao interêsse geral do reino, ao seu predominio sôbre a colônia.

AS MINAS

— Procurei mostrar como, com os descobrimentos das minas no Brasil, se processou o grande deslocamento de gentes para os lugares onde aquelas minas existiam. Não houve medidas administrativas, por mais prudentes, por mais rigorosas, que pudessem impedir o formidável alude.

'A fama destas mesmas riquezas (dizia uma consulta do Conselho Ultramarino de 1732) convida os vassalos do reino a se passarem para o Brasil a procurá-las; e ainda que por uma lei se quis dar providência a esta deserção, por mil modos se vê frustrado o efeito dela, e passam para aquele Estado muitas pessoas, assim do reino como das ilhas, fazendo esta passagem, ou ocultamente negociando êste trânsito com os mandantes dos navios e seus oficiais, assim nos de guarra, como nos mercantes, ou com fraudes que se fazem à lei, procurando passaportes com pretextos e carregações falsas: e por êste modo se despovoará o reino, e em poucos anos virá a ter o Brasil tantos vassalos brancos como tem o mesmo reino; e bem se deixa ver que, pôsto em uma balança o Brasil e na outra o reino, há de pesar com grande excesso mais aquela que esta; e assim, a maior parte e a mais rica não poderá ser dominada pela menor, mas pobre; nem a êste inconveniente se lhe poderá achar fácil remédio". (Rev. do Inst. Hist. 7, 506).

As comunicações com as minas, de umas para outras capitanias, eram proibidas; as viagens para o reino sujeitas a mil embaraços e delongas. Só da Côrte era que se expediam passaportes para êsse fim, de modo que um oficial de ofício, um simples caixeiro, que haviam passado ao Brasil na esperança de fazer fortuna, e, ou porque a fortuna os não favorecia, ou por outra qualquer coisa eram obrigados à voltar à pátria; uma viúva a quem o desamparo impunha a mesma necessidade; todos haviam de dirigir sua petição ao rei, pedindo-lhe licença; ou autorisava o governador competente para despachar como fosse justo, ou, ainda, mandava-lhes que informassem sôbre a justiça da pretenção. E enquanto isso tempo ia passando, e os pretendentes sofrendo tôdas as necessidades na mais das vezes.

OS ESTRANGEIROS

— Mas é sobretudo contra as emigrações do reino para o Brasil que as leis proibitivas e penais são numerosas. Para os estrangeiros, principalmente, as leis e o govêrno olhavam com ciume e desconfiança, e sujeitavam nesta parte a mil prevenções e restrições. Em geral se lhes proibia o comércio e a posse de propriedade na colônia, e a simples residência encontrava óbices. Por infração dessas leis foram alguns condenados à morte; e deles houve que chegaram a ser justiçados, a pretexto de que propagavam a heresia. Do século XVII já temos algumas dessas leis. Assim é que por carta régia de 30 de julho de 1614, foi estranhado o governador geral do Brasil pela demora havida na execução da sentença de morte proferida pela respectiva Relação a dois ingleses e dois franceses, que em contravenção à lei que o proibia, tinham ido à capitania do Rio de Janeiro: mas, como se lhe tinha dado conta do caso, havia o rei por bem comutar a pena última em degredo perpétuo para galés. Por outra carta régia, de 29 de agôsto de 1618, negou-se a licença pedida por Simão Vaz para mandar um flamengo a Pernambuco, à cobrança de suas dívidas, por convir que se cerrasse a porta a tais licenças. Por carta régia de 4 de fevereiro de 1694, determinou-se que todo clérigo estrangeiro que fosse às conquistas, fosse recambiado na primeira frota que partisse para o reino. Por outra carta régia, de 18 de março de 1695, foi determinado ao governador do Grão Pará e Maranhão que fizesse apartar para esta última capitania, ou outro qualquer lugar remoto, o súdito francês Porte-Felice, que do Pará se comunicava com os missionários de Caiena, da mesma nação, fazendo-lhe sentir os motivos desta providência, e tolhendo por todos os meios tais comunicações.

HUMBOLDT

E' bem conhecido, é anedótico o caso de Humboldt, privado de continuar suas explorações científicas nas regiões amazônicas por suspeitas de espionagem. Vale, entretanto, a pena ler, para arejar a monotonia desta lição, os documentos que se referem a êsse pitoresco caso. Alegavam-se para a interdição razões de ordem política, talvez respeitáveis no momento, mas que hoje se nos afiguram simplesmente cômicas, e para lastimar tivessem prevalecido, privando à ciência brasileira da contribuição do maior naturalista de seu tempo. São estas as ordens régias que se referem a Humboldt:

"Para D. Francisco de Sousa Coutinho, governador e capitão general do Grão Pará. — O Príncipe regente nosso senhor manda participar a v. s. que na *Gazeta da Colônia* de primeiro de abril do presente ano se publicou, que um tal barão de *Humboldt*, natural de Berlim, havia viajado pelo interior da América, tendo mandado algumas observações geográficas dos países, por onde tem decorrido, as quais serviram para corrigir alguns defeitos dos mapas e cartas geográficas e topográficas, tendo feito uma coleção de 1.500 plantas novas, determinando-se a dirigir sua viagem pelas partes superiores da capitania do Maranhão, a fim de examinar regiões desertas e desconhecidas até agora a todos os naturalistas; e porque em tão críticas circunstâncias e no estado atual das coisas, se faz suspeita a viagem de um tal estrangeiro, que debaixo de especiosos pretextos talvez procure em conjunturas tão melindrosas e arriscadas surpreender e tentar com novas idéias de falsos e capciosos principios os ânimos dos novos, seus fiéis vassalos, existentes nesses vastos domínios, além de que pelas leis existentes de S.A.R. é proibida a entrada nos seus domínios a todo e qualquer estrangeiro não autorizado com especiais ordens de S. M.: ordena mui expressamente o mesmo augusto senhor, que v. s. faça examinar com a maior exação e escrúpulo, se com efeito o dito barão de Humboldt, ou outro qualquer viajante estrangeiro tem viajado, ou atualmente viaja pelos territórios dessa capitania, pois que seria sumamente prejudicial aos interêsses politicos da coroa de Portugal, se se verificassem semelhantes fatos; e confia S.A.R., que v. s. pelo seu zelo e eficaz desvelo empregará em negócio de tanta importância tôda aquela destreza e sagacidade, que é de esperar das luzes e circunspeção de v. s. pelo bem do seu real serviço; precavendo v. s. assim, e atalhando a continuação de tais indagações, que pelas leis são vedadas não só a estrangeiros, mas até aqueles portugueses, que se fazem suspeitos, quando não são autorizados por ordens régias, ou com as devidas licenças dos governadores das respectivas capitanias. E confia finalmente S.A.R. que v. s. procederá a êste respeito com a mais cautelosa circunspeção, dando logo imediatamente parte a S.A.R. de tudo que achar aos ditos respeitos, por esta secretaria de Estado, para que o mesmo augusto senhor possa dar as últimas providências, que exigem fatos de tal natureza. Deus Guarde a v. s. — Palácio de Queluz, em 2 de junho de 1800 — D. Rodrigo de Sousa Coutinho".

O TAL BARAO...

"Havendo notícia que um tal barão de Humboldt tenta seguir as suas excursões pelos sertões

(Conclui na 4.ª pág.)

Minhas duas viagens à Europa

(Trechos inéditos de CAMINHOS DE UM CORAÇÃO. "biografia muito íntima")

Mário Sette

MARIO SETTE, que morreu êste ano, foi o cronista da história de Pernambuco. Dos seus vários romances destaca-se "Senhora de Engenho", precursor da literatura regional do nordeste. O seu último livro foi "Arruar", crônicas do Recife antigo ilustradas por Percy Lau.

Damos aqui um capitulo de sua autobiografia, ainda inédita. Agradecemos à familia do ilustre escritor a gentileza dessa divulgação.

Aos cinco anos de idade fiz minha primeira viagem por mar. E logo para a Europa. Meu pai sofria muito do fígado e aconselharam-lhe uma estação de águas no Geres. Embarcamos num novo paquête da Mala Real Inglêsa: o "Madalena". Barco de três mastros e duas chaminés, um "monstro" de menos de quatro mil toneladas que se dava ao luxo de ficar no Lamarão onde os botes chegavam a dar perigosos pinotes nas ondas... Dizem que enjoei tanto durante a viagem que meu pai quase desembarca em São Vicente.

Dessa viagem, tenho impressões indiretas. De ouvir contar. Portugal, Espanha, França. Em Paris, pegou-nos a influenza pandêmica. Tiramos ali um grupo com caras de convalescentes. E regressamos no mesmo "Madalena", após seis meses de ausência.

Em 1895, voltamos à Europa. Embarcamos no "Clyde". Dessa viagem guardo impressões indeleveis. Até de pormenores.

Chegada: o Lazareto... o frio... fumaça pela boca... no parlatório gradeado, um amigo de meu pai, sr. Campos, vem falar-lhe e trás-nos frutas européas...

Hospedamo-nos, em Lisboa, no "Franfort-Hotel", largo do Rocio. Estátua de Pedro IV ao centro. O nosso Pedro I tão meu conhecido nas aulas de História Pátria. Da nossa mesa de jantar, viamos a Ribeira com seus tipos populares, cestos de frutas, peixes; ouviamos pregões e apreciavamos trajos. Na rua os jacintos, bondes que andavam também fora dos trilhos. Passeios: jardins, teatros, avenida da Liberdade, lojas, touradas, museus, arrabaldes. Fomos a São Vicente de Fora. Entramos no Panteon Real. Meio escuro, abafado, misterioso. Eu ia agarrado a minha mãe. Caixões de defuntos, corôas, bandeiras... Hum!... Se uma alma nos aparecesse! Diante de um caixão meus pais estacam. O guia, igualmente. Trás-nos uma escadinha. Meu pai sobe, afasta uma bandeira brasileira, espia... Permanece assim uns minutos. E desce enxugando os olhos. Minha mãe sobe por sua vez e demora menos. Agora meu pai me carrega, torna a subir e me mostra o que está dentro do caixão. Um velho de barbas brancas, fardado. Encolho-me, quero descer logo.

Eu não sabia ainda quem era D. Pedro II.

Gostei mais de ver, dias depois, numa batalha de flôres, na Avenida, um rei vivo, D. Carlos. Êle, a mulher e os filhos. Atiraram-nos uns saquinhos de bonbons.

Lisboa era a cidade querida de meu pai em Portugal. Minha mãe preferia o Pôrto. Para lá iriamos, num trem noturno, vagão que tinha camas. No Pôrto, hospedavamos, como da outra vez, no Hotel Universal. No mesmo quarto. Nossas janelas davam para o teatro São João. Dali assistimos a uma procissão de São Jorge. Solene. O santo a cavalo e seguido de tropas em grande gala. Entêrros à noite: velas acesas, panos pretos, ares tétricos. Faziam mêdo. Em compensação que bom o palácio de Cristal, com suas diversões, as retretas na Cordoaria, os passeios pela ponte de dois lastros... A torre dos Clérigos, a rua de Santo Antônio, ladeirosa, cheia de lojas. Ao meio dela o Armazem dos Herminios com tantos brinquedos. Erguera-se onde outrora existia o teatro Baquet incendiado numa noite de espetáculo, morrendo centenas de pessoas. Nessa rua, também a Ourivesaria Reis. Fizemos relações de amizade com a familia Reis e frequentamos-lhe a casa. Não me lembra onde. Uma das filhas do Reis, a Josefina, fez-se amiga de minha mãe. Tocava bem piano. Meu pai mandou buscar no Recife algumas músicas brasileiras e ofereceu-as à moça. Na noite em que as fomos levar, após o jantar, Josefina sentou-se ao piano e abriu uma das nossas músicas. Por sinal, a valsa *"Quanto dóe uma saudade!"* Executou-a com grande expressão. Repetiu-a. Lembro-me nitidamente de que ao terminar meus pais choravam...

Estranhei êsse choro em face de uma música. Hoje, não sòmente compreendo prefeitamente a razão das lágrimas e eu próprio ao ouvir essa valsa fico com os olhos cheios dágua...

Ultimo retrato de Mário Sette

Ao viajarmos para Geres, um engraçado episódio de trem. Meu pai comprara meia passagem para mim. Meu tipo permitiria a diminuição da idade. Partimos. Eu deitara a cabeça no colo de minha mãe. Vem o condutor, recebe os bilhetes e indaga:

— Quantos anos tem o menino?

— Sete, responde meu pai.

Levanto-me e protesto:

— Eu, já não fiz nove, papai Sette?

Paramos em Braga uns dias. No hotel do Parque, lá em cima do Bom Jesus do Monte. Bonito e aprazivel local — arvoredos, lagos, botezinhos, bichos... E o Santuário com sua escadaria e seus "passos" — capelinhas dentro das quais se viam em tamanho natural cenas da vida de Jesus. Tinha raiva dos judeus e atirava-lhes pedras...

Quatro horas de Braga ao Gerez. De quando em quando, uma aldeia. Troca de animais. Bebiamos vinho, tomavamos caldo-verde, comiamos maçãs, peras, morangos, cerejas. Meninos pobres pediam-nos esmolas e meu pai distribuia moedas de cobre. Hospedavamos no Hotel Ribeiro. Um casarão de janelas em ogiva. Agua na fonte, passeios por estradas ladeirosas e enfeitadas de flôres, um rio a pinotar nas pedras. Comida de dieta à mesa. Meu pai passava bem e ficava mais alegre.

Paris tinha-nos visto em 1891 e agora o reviamos em 1895. Da nova visita minhas recordações são mais nitidas, dentro de minha compreensão de menino. Nosso hotel era o Brasil-Portugal, sem luxo, mas preferido pelos brasileiros. Rue Montholon, pertinho da Avenue Lafayette. Anunciava-se nos jornais do Recife, segundo verifiquei. Percorremos o Louvre, Versalhes, os Invalidos, Arco do Triunfo, Cluny, Bois de Bologne, teatros, a torre Eiffel. Como gostei dessa torre! Assistimos ali a um ensaio de fonografo. Ouvimos vozes humanas em gravação e depois meu pai disse uma frase que foi reproduzida. "Perfeito!" Quanto daria hoje para reescutá-la! E as secões de brinquedos no Bon Marché, Printemps, Belle Jardinière? A feira de Saint Cloud com suas barracas de curiosidades... Os ônibus de dois andares, os sorvetes de baunilha nas calçadas dos boulevards. E a parada de 14 de julho! As danças no meio das ruas, as bandeiras francesas por tôda parte... Impressão fortíssima, para mim, a do museu Grevin: figuras de cêra. Tudo muito bem, no andar superior. Cenas pacificas, engraçadas, mundanas. Mas, nos subterraneos, quadros da revolução francesa. Prisões, guilhotinamentos, assaltos, Marat na banheira Carlota de faca em punho. Robespierre de cara feia, Maria Antonieta agarrada aos filhos... Voltei para casa aterrorizado.

Em Paris, iamos muito a teatros. Recordo-me de ver com grande encanto a peça mágica de Julio Verne: "A volta do mundo em oitenta dias". No Chatelet. Peça aparatosa, com um trem, feras, peles vermelhas, indianos, fogueiras, tudo em cena. Uma promessa das fitas de hoje.

De museus de arte e de história, de monumentos e figuras do passado, nada entendia na época, é claro. O destino me reservava essa ironia: a de haver tido diante dos olhos incompreensíveis de criança tudo o que seria agora motivo do máximo interesse e encanto para minhas preferencias intelectuais. Todavia, ainda bendigo a Deus que me consentiu ver êsse tesouro da humanidade e dele me lembrar um pouco. Ao menos, pude vê-lo.

Voltamos de Paris e passamos o inverno em Lisboa, menos frio. Alugamos uma casa de sociedade com a familia Halliday, pernambucana e nossa amiga, na rua Ivens, Chiado. O sr. Halliday gostava muito de mim e achava-me inteligente. Inverno... Aspectos interessantes para minha infância: noite às três horas da tarde, nevoeiro espesso, frio de doer, agasalhos grossos, cama em que fazia mêdo a gente se deitar...

E foi aí que tive grande alegria e fundo orgulho. Vesti minhas primeiras calças compridas. Um bêlo uniforme de marujo. Azul, com duas golas: uma, branca, bordada, e outra do mesmo pano da roupa. Um "rapazinho" exclamavam. Impei de satisfação e de convicção. Homem! Que diriam no Recife ao desembarcar assim!

Em Lisboa, "para não perder muito" naqueles meses de inverno, botaram-me num colégio misto, à rua do Chiado. Colégio Progresso, dirigido por uma senhora, dona Palmira Castelo-Branco, parenta do grande Camilo. Ia tôdas as manhãs com meu pai e voltava à tardinha. Com uma cestinha onde minha mãe me arrumava os livros, cadernos, lapis, merenda. Meus coleguinhas certamente olhariam com um pouco de estranheza o "brasileirinho" de sotaque diferente a repetir as lições de leitura, de contas e de História de Portugal com seus reis d. Afonso Henriques, sancho I, d. Diniz, o Mestre de Aviz...

Entre as companheiras distingui uma lourinha Isabel. Porque mesmo não sei. Talvez pelo seu nome histórico...

A verdade é que ela me fez escritor. Outro acontecimento de minha vida em Portugal. Meu pai comprara-me um teatrinho de brinquedo. Palco com pano de boca movel, cenários, bastidores, bonecos. Eu representava-lhe, de memória, peças a que já assistira, no teatro de verdade. Porém, quis mais. Escrevi um drama. Rabisquei-o, sim, e "montei-o". Na "premiere", meus pais e o casal Halliday compareceram e gostaram. Aplaudiram-me a obra.

E chamava-se ISABEL.

Iniciava-me na literatura por um gênero que não cortejei mais.

Pintora pernambucana na Europa

Rosa-Maria de Barros Carvalho Czajka—A pintora pernambucana Rosa-Maria, de quem publicamos o desenho acima, enviado da Suiça para esta edição, fez recentemente uma exposição de seus quadros em Lausanne, tendo merecido da crítica européia as melhores referências à sua arte. Trata-se de uma jovem artista brasileira.

Rio e Pernambuco na vanguarda do desemprêgo

Interêsse pelos resultados do próximo recenseamento a realizar-se no país

Examinando-se os resultados do Recenseamento de 1940, verificou-se, no que respeita à distribuição da população de 18 anos e mais, segundo ramos de atividades, que, em todas as partes do Brasil, as atividades predominantes são as agricolas e pastoris, evidenciando-se, entretanto, a importância das atividades no território do Norte e de Mato Grosso e a das Indústrias de transformação em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e no Distrito Federal. Curioso, entretanto, é o que assinalam os números do grupo dos que "não exercem nenhuma atividade", constituido pelos velhos, invalidos, vadios etc. No conjunto da União, êsse grupo constitui 5,10% da população de 18 anos a mais. Nas difeerntes regiões, varia a proporção: 5,71% no Norteste; 5,05% no Sul; 4,28 no Norte; 4,14% no Centro-Oeste. Olhados os Estados sob êsse aspecto, encontra-se Pernambuco com 6,94% ao lado de Mato Grosso com 3,25% e vê-se Alagoas com 6,78% ao lado do Paraná com 3,40%. A percentagem do Distrito Federal, supera a de Pernambuco, apresentando-se a Cidade Maravilhosa com a proporção de 9,39% de pessoas de 18 anos e mais, que não exercem nenhuma atividade. Aos estudiosos, cabe averiguar as causas dessa alta percentagem. A nós, o que interessa é aguardar o Censo de 1950 para verificar se ela aumentou ou diminuiu nestes últimos dez anos.

SAUDADES DO RECIFE

(Concluido da 1.ª pág.)

acreditava nelas. Deram em mais do que nada: desabrocharam em coisíssima nenhuma.

Naquele anti-acadêmico Café se juntavam homens heterogêneos: o poeta Gris, de fraque imenso, Benedito Monteiro, rara e estranha inteligência, o baiano e grande músico Manoel Augusto, outro filho adotivo do Recife, o bicheiro de um romance esdruxulo e tantas e tantas outras figuras singulares. E' nisto que o Recife é grande: na capacidade nada cosmopolitana mas humanamente magnífica de não discriminar, não pedir o atestado de procedência para adotar e querer. A minha grande cidade do Recife se parece com a outra minha e maior cidade do Rio de Janeiro pelo santo amor de acolher. Apaguem-se da história da cidade chamada Mauricéa, que é apelido antipático, os grandes nomes de aparentes forasteiros, e dela grandes capítulos se rasgarão: Tobias Barreto, Castro Alves, Silvio Romero, para citar apenas três. Quem me dirá, hoje, o paraibano Olivio Montenegro não é um grande recifense? E Estevão Pinto, nascido em Alagoas, não é porventura cidadão da rua Formosa? Era a propósito disso que me dizia outro dia o meu amigo, deputado Ernani Sátiro: "Sinto Recife como se fosse minha. Gerações e gerações de outras partes ficam ali por lei misteriosa de adesão". Conheço cariocas aferrados a Recife como hoje me apego às plagas deste Rio de Janeiro, cantando para desafiar:

"Daqui ninguém me tira"...

Creio que a lei estabelecida pelo paraense Jaime O'Vale (carioca da gema, aliás) está plenamente verificada em mais de uma região: nem sempre o filho de uma terra é quem melhor a representa, segundo certas caracteristicas. E êle vai mais além, provando o que afirma, quando declara que o maior carioca morador no Rio é um turco lá da Penha, de linguagem ainda perra e cheio de tatungem.

O Recife também é assim. Cidade que estende um grande abraço a quem, pacientemente, possa esperar o seu afago, para depois então se entenderem num perfeito acôrdo de compreensão e "adesão".

Burgo ilustre de praias claras, onde os coqueiros, como uns enormes leques, abanam no espaço a brisa morna dos trópicos; burgo antigo de rinhas históricas, cheio de impetos quixotescos mas sempre românticos: cidade lenta e plana, às vezes tumultuosa, às vezes calma — como todo êsse conjunto da bela Recife maltrata pela saudade aqueles que, como eu, não a vêem há tanto tempo!

Quando V. S. fôr ao Recife
VISITE
A MAIOR CASA DE MODAS DO NORTE DO PAÍS
SEMPRE NOVIDADES, IMPORTADAS DA AMÉRICA E DO SUL DO PAÍS
A PRIMAVERA
(FUNDADA EM 1891)
378 — RUA NOVA — 378
PERNAMBUCO
ALFREDO FERNANDES & CIA LTDA.
INSCRIÇÃO N.º 1109

MATRIZ
Rua do Imperador Pedro II, 447
Caixa Postal : 390 – Fone : 7448
Telegrama : NERVEDO
INSCRIÇÃO N.º 979

FILIAL
Rua Presidente João Pessoa, 135
Fone : 205
End. Teleg. NERVEDO
Campina Grande — Paraiba

NERVA, AZEVEDO & CIA.
TECIDOS E ARTEFATOS POR ATACADO
RECIFE PERNAMBUCO

BANCO DO POVO S/A
MATRIZ: — RECIFE
FILIAIS : — JOÃO PESSOA — CAMPINA GRANDE — NATAL — CIDADE DO SALVADOR E MACEIO'
AGENCIAS : — GARANHUNS E CARUARU
END. TELEGR. "BANCOPOVO"

Tecidos, Perfumarias, Artigos de Armarinho e Aviamentos para Alfaiates, em Grosso e a Varejo
FORTUNATO RUSSO SOBRINHO & CIA.
TELEG.: "FORRUSSO" — TELEFONE 6115
RUA DA PENHA, 3, 9 e 13 — Térreo, 1.º e 2.º andares
RUA DO RANGEL, 120/124
RECIFE PERNAMBUCO

BEBERIBE

POEMA DE CESÁRIO DE MELO
(Ilustração de Ladjane)

Em 1948 revelou-se um poeta pernambucano, Cezário de Melo. Desde os tempos de Otacílio Alecrim vinha êle com o Grupo agitacionista da Faculdade de Direito do Recife (1934), mas só há dois anos divulgou poemas. Nascido no subúrbio recifense de Beberibe, dele se ocupa num livro de estréia da editora Nordeste, "Cantos da hora undécima", a sair agora.

BEBERIBE, voltei hoje às tuas margens
onde outrora de ladrão brinquei,
não vi mais os ingás de minha infância
nem ouvi as canções das lavadeiras.

Beberibe, mudaste, envelheceste,
como eu mudei e também envelheci,
mas boiando no escuro de tuas águas
reencontrei meu retrato de guri.

Beberibe, onde está Pedro Cotó,
negro bom de coração de plumas?
A louca Laurinda das cantigas
que nas noites repousantes do crescente
me fazia de mêdo não dormir?

Beberibe, mudaste muito, muito,
já não és aquele rio das andanças
que criança endiabrada conheci.
Muitas luas beberam tuas águas,
mas guardaste com olhos de namorada
a lembrança de garôto que eu perdi.

Reminiscencias de Pernambuco

José Augusto

O veterano deputado José Augusto está escrevendo as suas memórias. Aqui está um capítulo sôbre Pernambuco

Na República derrubada em 1930, a chamada República velha, as Câmaras se sucediam de três em três anos, com a reeleição de grande maioria dos seus componentes, raramente chegando a 20% os que não logravam recolocação nas chapas oficiais, as únicas que conseguiam diplomar a quase totalidade dos seus candidatos.

Eram, assim, Câmaras quase unânimes. Lembro-me mesmo que em uma das legislaturas em que participei das atividades legislativas, a oposição só dispunha de um representante.

Na legislatura que se iniciou em 1915, aquela em que pela primeira vez vim como deputado pelo Rio Grande do Norte, uma das correntes oposicionistas estaduais que conseguiu se fazer representar foi a de Pernambuco, então sob a direção de Rosa e Silva, o grande chepe apoiado do poder pouco tempo antes, no período das salvações, como foi batisado aquele em que a presidência da República coube ao Marechal Hermes da Fonseca e em que as sucessões presidenciais nos Estados, sobretudo do norte, se processaram por entre motins, desordens e lutas acerbas, determinando a queda das situações dominantes desde o começo da República, as chamadas oligarquias do norte.

Pernambuco oposicionista conseguiu mandar três representantes seus à Câmara Federal, um de cada distrito, recrutados no estado maior do rosismo em pleno ostracismo, João Elísio, Julio de Melo, Estácio Coimbra.

João Elísio era um velho professor de direito, popularíssimo entre os seus alunos, membro por largos anos da Assembléia Estadual, político ativo e militante, com prestígio pessoal em Recife e outros pontos do distrito, feito de serviços constantes, ininterruptos, diário a tôda a gente, incansável no encaminhar e procurar solução para as mil questiúnculas, para os mil casinhos que a vida partidária provoca ininterruptamente e que fazem o inferno nas preocupações de um chefe político. João Elísio movimenta-se, agitava-se, estava presente a tudo, cátedra de professor, missas de defuntos, aniversários de correligionários, reuniões sociais, alistamento eleitoral, comícios, tribuna da Assembléia, multiplicava-se por mil. Era o político na amplitude de faces e aspetos que a vida partidária de então gerava e de que não podia prescindir.

Julio de Melo fôra um combatente enérgico e decidido, viera desde muito para a Câmara Federal, onde chegara à liderança de sua bancada, prova da confiança que inspirava ao chefe do partido e aos seus companheiros, e, a ser o vice-presidente, manifestação evidente do seu prestígio e da consideração que lhe dispensavam os seus pares.

Estácio Coimbra era dos três a figura central. Moço, inteligente, enérgico, decidido, combativo, leal, fôra o Governador deposto pela salvação pernambucana, chefiada pelo general Dantas Barreto, mas não obstante a derrota, continuava na estacada, centralizando os correligionários dispersos, congregando os companheiros no ostracismo, os que, (e eram a maioria), continuaram fiéis ao velho credo, porque alguns, como é comum na hora da queda e das catástrofes, haviam passado com armas e bagagens para as vileiras vitoriosas.

Aqui cabe acentuar, como homenagem aos pernambucanos e como justiça ao chefe derrotado, que Rosa e Silva soubera fazer um partido de elite, chamando aos postos de direção e comando não os que porventura mais o procuravam para o aplauso incondicional ou para o louvor imoderado, mas as figuras representativas do partido, os encanecidos no seu serviço, os veteranos na luta pelos ideais comuns, um Correia de Araujo, um Gonçalves Ferreira, um Segismundo Gonçalves, um Herculano Bandeira, todos de existência substantiva na política pernambucana.

Daí o haver baqueado a situação que todos representavam e encarnavam, conservando-se unidos e coêsos os seus principais chefes e condutores, ligados indestrutivelmente a um partido cuja direção não se orientava pelas suas preferências e predileções pessoais, mas buscava inspiração, na hora dos acessos e promoções, na próópria fé de ofício, na folha dos serviços reais dos seus soldados.

Estácio Coimbra fôra um desses preferidos, em virtude das suas qualidades de firmeza, combatividade, lealdade.

Estácio Coimbra fôra um desses preferidos, em virtude das suas qualidades de firmeza, combatividade, lealdade.

Na hora da borrasca, naquela em que o partido teria inevitàvelmente de sofrer as mais rudes provas, fôra o escolhido para o posto mais arriscado, para o govêrno do Estado, do qual teria de ser inevitàvelmente afastado pelo tufão revolucionário que então soprava de todos os quadrantes do país e que já apeiara das situações dominantes, os chefes tradicionais de várias unidades da Federação.

Derrotado e vencido, Estácio Coimbra redobrava de esforços e multiplicava energias para congregar os fiéis do seu credo partidário. Era já então o chefe de fato do partido, a sua figura primacial, o seu condutor e guia.

Foi nessa época que o conheci de perto, retornando como delegado e líder das hostes oposicionistas de Pernambuco, e ocupando a sua cadeira na Câmara, por entre homens de valor incontestado, no seio dos quais exercem sempre marcada influência, decorrente das suas excelsas qualidades pessoais.

Não era um orador de evidência, não era também uma grande cultura; mas a sua palavra era fácil, enérgica, decidida, e tinha o suficiente conhecimento dos grandes problemas que interessavam à vida publica do país.

Com êsses dotes, e mais com aquela coerência de atitudes e integridade de caráter que lhe marcavam e definiam a personalidade varonil, fácil lhe foi dentro de pouquíssimo tempo retomar e reconquistar as posições perdidas, e ei-lo em breve líder da Câmara dos Deputados, vice-presidente da República, novamente governador de Pernambuco...

ASPECTOS CATOLICOS

Luiz Delgado

As atividades católicas em Pernambuco estão agora mais tranquilas e caladas do que o foram, alguns anos atrás.

De duas maneiras pode-se explicar êsse fato que, a mim, pelo menos, parece indiscutível: talvez seja êle o resultado de uma preocupação maior pelos problemas interiores, depois de superada uma fase de propagandas e divulgações, que, pela própria natureza, exteriormente ressoavam; talvez seja, porém, a simples consequência de uma diminuição de iniciativas e esforços.

Caso seja verdadeira essa segunda hipótese, haveria menos um esmorecimento dos trabalhos dos católicos dentro de uma sociedade ativa e enérgica, do que uma repercussão neles do estado geral dessa sociedade. Muita coisa entre nós tem morrido, quase que sem saber nem sentir. Anda uma espécie de rarefação do ar, nestes climas: os pulmões não se enchem como deviam, o ritmo da vida decai na economia, na política, no pensamento. Poder-se-ia, por certo, enumerar muitos índices de uma realidade contrária; no entanto, é possível que fossem êles episódios isolados, contrastando com a linha geral dominante. Assim também numa planície de mato pequeno, duas ou três árvores altas e robustas.

Em favor da primeira hipótese, militaria a circunstância de não se apontar nenhum setor que houvessem os católicos abandonado ou perdido. Antes, seria legítimo falar-se em uma espécie de consolidação de posições: certos empreendimentos que, há dez ou quinze anos atrás, eram novidade ou façanha, estão integrados no costume, na rotina talvez, e já não dão nas vistas.

Nenhum observador criterioso deixará de ver quanto se estendeu no Recife uma obra variada e múltipla de assistência social não só de inspiração religiosa mas de caráter essencialmente católico. A circunstância de que não existe qualquer centralização, restringe o que se chamaria a visibilidade de semelhante esforço. Contudo êle se nota em tôda parte — e são êssas umas palavras em que não há exagêro. Escolas e centros médicos são as expressões mais frequentes dêsse trabalho.

Algumas paróquias, como as de Água Fria ou Belém, algumas ordens religiosas, como a dos Franciscanos, destacam-se pelo que têm feito nêsse terreno.

Nos últimos tempos, a capital pernambucana cresceu demograficamente e sua população é sobretudo pobre. Multiplicaram-se bonitos automóveis nas ruas centrais mas multiplicaram-se, em algarismos maiores, os mocambos subindo os morros ou descendo para os mangues. Os bairros novos e mais ou menos elegantes, do mesmo modo que as "vilas" surgidas nas zonas mais centrais, afastaram a penúria ou a miséria para as faixas mais distantes. Pois foi nessas pègadas que caminharam as instituições católicas de assistência, crescendo sem uniformidade, segundo as preferências pessoais deste ou daquêle sacerdote e as condições deste ou daquêle local.

O Seminário de Olinda, entre coqueiros

Infelizmente, não se registra o mesmo progresso no campo das iniciativas econômicas. O cooperativismo católico, por exemplo, não existe mais na terra brasileira onde nasceu, nos começos do século. E só o Circulo Operário, ao que me consta, promove práticas de previdência, dentro do seu vasto sistema de ação social.

Convém salientar a atenção que, ao longo de todo o govêrno episcopal de d. Miguel Valverde, mereceu o problema da santificação dos domingos.

Ainda a administração pública não interferira em tal questão e já era o Recife, mediante acordos do arcebispo com o comércio e a indústria, uma cidade onde se guardava o dia do Senhor. O crescimento dos interêsses econômicos trouxe atentados a essa observância e na boa ou má vontade das autoridades administrativas — quando o assunto passou a ser delas —, ora se teve um apoio, ora um obstáculo — e êste mais sério do que aquêle. A existência das feiras aos domingos em cidades do interior, complicou o problema, sobretudo nas zonas de usinas açucareiras, por ativa oposição dos donos dessa indústria. Conseguiram os católicos, por intermédio da tenacidade do padre Felix Barreto, que a Constituição Estadual tratasse do assunto mas as tergiversações dos legisladores ordinários vieram toldar as águas. Servem todos êsses incidentes, porém, para mostrar como se persiste entre nós, embora discretamente, na luta pelos objetivos principais.

Em questões de pensamento, há que registrar, antes de tudo, a morte, há alguns anos, de Andrade Bezerra. O laicato pernambucano não sei quando se refará de semelhante perda. A cultura e a inteligência que nele se harmonizavam e eram ambas poderosas, deram-lhe um enorme prestígio em todos os círculos e faziam com que êle fosse capaz, a qualquer instante, de abrir caminhos e espalhar esclarecimentos, estando pronto sempre a servir à Igreja, onde e quando quer que o chamassem.

Sua morte quase coincidiu com o encerramento de uma fase de polêmicas para as quais êle não fôra feito e que, no entanto, o atingiam e magoavam. Por isso ou por aquilo, estavam passando de moda as discussões e as dissenções em torno da Ação Católica, da liturgia ou de Maritain. Certos ensaios de exploração política do catolicismo à sombra do velho Estado Novo — ou de bem intencionado apostolado que se queria valer, porém, de métodos não apenas apostólicos — dissipavam-se com as transformações políticas a que assistíamos então. Isso quer dizer que melhorava o ambiente para a ação de Andrade Bezerra a quem devemos, por exemplo, com a primeira lei de acidentes no trabalho, as bases de nossa legislação trabalhista, — quando Deus o levou.

Pequenina igreja colonial, no litoral pernambucano, na areia da praia

A sombra de sua cultura e de seu devotamento, muito se fez para que o mundo intelectual pernambucano voltasse à Igreja.

Foi êsse um aspecto sob o qual a posição dos católicos muito progrediu.

Nem a Faculdade de Direito é um reduto anti-clerical, nem a Faculdade de Medicina um laboratório materialista, nem o Instituto Histórico um conclave maçônico. Um velho juiz que foi um grande cristão e passou longa parte de sua vida a "fazer versos a Jesus", o dr. Manoel Cirilo Vanderlei, dizia-me, há tempos, como se sentira só, em sua fé, nos seus dias de acadêmico; é o que não ocorre mais hoje: alunos e professôres conquistaram para o pensamento católico plenos direitos de respeitosa audiência. Mesmo os que não crêem, não se espantam nem se ofendem com a fé alheia. Um surto ou outro de certo anti-catolicismo mais furioso ou espetacular é que parece deslocado ou anacrônico. E se é certo que isso resulta de uma mudança geral verificada no mundo, não é menos certo que os católicos pernambucanos souberam viver e aplicar essa mudança nos âmbitos de sua terra e de sua existência.

Presentes junto do povo pela assistência e junto das elites pelo estudo, os católicos, em nossa província, só alargam a sua ação na medida em que aprofundam a sua vida de piedade.

Detalhe da igreja de Cosme e Damião

Esse é um aspecto do silencioso e incessante crescimento. Pouco importam os ataques do protestantismo e as invasões do espiritismo: poderíamos opor às conquistas que êles fazem, as vitórias que obtemos também sôbre os adversários, os indiferentes ou os descuidosos. A frequência dos sacramentos e a instrução religiosa, a penetração na liturgia e na inteligência da Igreja, avançam nas almas. Crescem as paróquias e as dioceses. E' a última reunião dos bispos da província eclesiástica de Pernambuco (Arcebispado de Olinda e Recife, Bispados de Pesqueira, Petrolina, Garanhuns, Nazaré e Caruarú) deixou-nos um documento que indica e sublinha não só as nossas preocupações dominantes nêsse setor como também o espírito exato e discreto com que caminhamos nele sob a direção dos Pastores.

Infelizmente, há um problema que dificulta a solução de todos os outros — a escassez do clero. Muitas obras disputam as horas de um só assistente eclesiástico. A multiplicidade dos afazeres impede uma necessária especialização. E quando a Igreja reclama um de nossos sacerdotes e conduz-lo para outros campos — Dom João Costa, por exemplo, ou dom Luiz Mousinho — ou a Providência leva-nos um padre Barata ou um padre Carlos Barreto, o choque é sensível e a falta é grande.

Mas a Graça permanece. A Graça é a caridade.

LUIZ DELGADO

A Imprensa em Pernambuco

Jorge Abrantes

Bibliotecário da Diretoria de Documentação e Cultura, é dos que melhor poderiam escrever sôbre a imprensa em Pernambuco, pela objetividade de seus estudos.

A imprensa pernambucana sempre foi, em concordância com a significação cultural do Recife, das mais importantes do país. Das mais importantes e das mais antigas.

No livro do primeiro centenário do Diário de Pernambuco, aliás o jornal mais antigo em circulação na América Latina, o saudoso jornalista Manuel Caetano, diretor da desaparecida **A Provincia** e um dos mais ilustres e completos homens de imprensa que já tivemos, estudou "um século de imprensa em Pernambuco", louvando-se inclusive nos trabalhos do grande pesquisador que foi Alfredo de Carvalho, os quais infelizmente não temos à mão no momento em que redigimos êste artigo, sob grande premência do tempo.

O ensaio de Manuel Caetano é uma fonte valiosa para o estudo da história da imprensa pernambucana. Por êle desfila extensa série de nomes de jornais e de jornalistas, aquêles, em maioria, tendo tido a vida efêmera peculiar às instituições dêsse gênero num país da pouca densidade cultural do nosso. Observa Manuel Caetano que nos primeiros tempos depois da independência o jornalismo brasileiro, refletindo o espírito de uma época atormentada e tumultuosa, era um jornalismo essencialmente político "inspirando-se o pernambucano preferentemente nos ideais franceses da enciclopédia e das declarações dos direitos do homem de 1791, uma vez que, segundo parece, eram pouco conhecidos, mal divulgados entre os sul-americanos daquela época, ou tidos por êles em diminuto aprêço, os progressos anteriormente realizados na Inglaterra e, mesmo nos Estados Unidos, em igual terreno.. se não em terreno mais sólido. O estilo dos nossos jornalistas, políticos na grande maioria, conforme ficou dito, era, em geral, veemente e interjectivo, no molde dos panfletos e das arengas dos clubistas revolucionários de Paris, assim como dos oradores da Convenção francesa. Latinos, de resto, todos — os de aquém e os de to, todos — os de aquem e os de além mar".

Manuel Caetano abre uma única exceção: o **Diário de Pernambuco**, fundado em 1825 pelo perito tipógrafo e publicista A. J. de Miranda Falcão, e que "se declarava resolvido a fornecer a seus leitores apenas informações de interêsse mercantil e vagamente social". O que é atribuido pelo autor do ensaio à contingência em que se encontrava Miranda Falcão de mostrar-se cauteloso, suspeito como era de participação na revolução de 1824, motivo porque chegara a ser prêso.

Ainda nos nossos dias, persiste esta nota dominantemente política, paralelamente à prática sobrecarregada de uma política de superfície, inspirada em figuras, grupos e paixões efêmeras, sem maior aprofundamento das idéias e dos problemas. Exceções há e tem havido, quer para o lado do estudo dos problemas, quer para o do elevado debate de idéias. No passado pode citar-se, principalmente quanto ao último aspecto, **O Progresso**, revista editada no Recife entre 1843 e 1848, sob a direção de Antônio Pedro de Figueiredo e que teve como colaboradores José Soares de Azevedo, Maciel Monteiro, Louis Léger Vauthier, o engenheiro francês que colaborou no govêrno do Conde da Boa Vista e construiu o Teatro Santa Isabel, e outros. Muito a propósito vem esta referência, pois vai aparecer brevemente uma reedição de **O Progresso**, por iniciativa do jovem historiador Amaro Quintas, com a colaboração do sr. Ivan Seixas, sendo a edição da Imprensa Oficial de Pernambuco, patrocinada pelo Govêrno do Estado. A reedição de **O Progresso** virá reviver o espírito, as inquietações, os problemas de uma época e mostrar como há um século um grupo de estudiosos e de homens de letras se dedicava a sério às questões vitais da sociedade em que viviam e até às idéias socialistas que então começavam a propagar-se no mundo.

Além de **O Progresso**, Manuel Caetano cita vários outros órgãos do que ela chama o "jornalismo alheio à política", está se compreendendo, é bem de ver, na acepção mais corrente no Brasil, em que, segundo uma expressão gasta, é escrita com p pequeno. Aliás, jornalismo está aí entendido no sentido mais amplo, pois a maior parte das publicações referidas são revistas: de filosofia, de letras, etc.

Quanto ao jornalismo especificamente considerado, deixando de lado uma infinidade de jornais, vários dos quais mencionados como excelentes, que existiram nos últimos anos do regime imperial e nos primeiros tempos da República sob a inspiração das idéias republicanas e positivistas, cremos poder dizer com exatidão que o maior jornal naquêle período e até 1930 foi **A Provincia**, baluarte de apaixonantes causas cívicas e por cuja redação passaram grandes nomes da intelectualidade pernambucana. Em sua última fase, ao tempo do govêrno de Estácio Coimbra (1926-1930), **A Provincia**, esteve sob a direção do sr. Gilberto Freyre, que lhe imprimiu, a despeito de órgão oficioso, um cunho apolítico e atraiu para as suas colunas a colaboração dos maiores nomes da cultura pernambucana e brasileira.

Um jornal de longa vida e grande prestígio foi também o **Jornal do Recife**, desaparecido há vários anos. Vive ainda o **Jornal Pequeno**, vindo dos princípios do século: jornal saborosamente provinciano, pela matéria e pelo estilo em que era redigido até pouco tempo, quando era o único jornal do Recife a ser composto ainda em tipos móveis. O sr. Gilberto Freyre já se referiu a êsses aspectos do **Jornal Pequeno**. Outros jornais menores que existiram no Recife de uns trinta anos a esta parte, desapareceram por completo.

A campanha da Aliança Liberal fez surgir no Recife um grande jornal, o **Diário da Manhã**, de propriedade do usineiro Carlos de Lima Cavalcanti, chefe da Revolução e depois interventor em Pernambuco. O **Diário da Manhã** encarnou menos as idéias do que os sentimentos, as paixões populares que explodiram naquêle movimento e, uma vez estabelecida a nova "situação", tornou-se o órgão "oficioso" da mesma. Em torno dele reuniu-se um grupo de brilhantes jornalistas que, servindo-se do material novo e moderno que lhes oferecera o sr. Lima Cavalcanti, renovaram por assim dizer a técnica do jornalismo em Pernambuco. O **Diário da Manhã** possuia excelente serviço de clicherie e cremos que foi o primeiro dos jornais recifenses a servir-se das grandes agências modernas de informação internacional. Com o **Diário da Tarde**, vespertino da emprêsa surgindo algum tempo depois, agil e movimentado, marcaram realmente uma época no periodismo do norte do país. Fizeram-se na escola do **Diário da Manhã** ou por êle passaram jornalistas como José de Sá, Alvaro Lins, Murilo Marroquim, Renato Vieira de Melo e outros que hoje se encontram fixados no Rio, bem como muitos outros que ainda hoje militam em diferentes órgãos da imprensa do Recife.

Ao mesmo tempo que fez surgirem dois novos jornais, a Revolução de Trinta fez desaparecer, para ressurgir quatro anos depois, um órgão muito sólido e conceituado, o **Jornal do Comércio**, fundado em 1919 pela família Pessoa de Queiroz, e dirigido pelo ex-diplomata e político F. Pessoa de Queiroz. Essa família abastada, que era ligada à "situação" derrubada em 1930, foi duramente atingida em seus bens pela fúria incendiária e destruidora da revolução. Entre êsses bens achava-se o **Jornal do Comércio**. Poucos anos depois, os Pessoa de Queiroz, homens trabalhadores e tenazes, haviam recuperado o que perderam no sorvedouro da Revolução e aumentado mesmo, consideravelmente, o seu patrimônio. O dr. F. Pessoa de Queiroz reabriu em 1935 o **Jornal do Comércio**, em moderno edifício de oito andares e servido por um material gráfico de primeira ordem. A dura lição de 1930 parece que serviu muito a essa família, que de então em diante resolveu ausentar-se da política. O **Jornal doComércio** transformou-se num órgão imparcial, independente de grupos e situações, motivo porque é grandemente acatado pela opinião pública do Estado, inclusive pelas facções políticas, que nele veem um ator de equilíbrio e uma fonte de informação fidedigna. Em 1946, a emprêsa do **Jornal do Comércio** lançou o **Diário da Noite** vespertino moderno, movimentado, muito estimado pelo público, especialmente pelo seu caráter apartidário e pela desenvoltura com que, por isso mesmo, comenta os fatos políticos. Em 1948 surgiu ainda, da mesma emprêsa, o **Rádio Jornal do Comércio**, estando em preparação uma rêde de emissoras no Interior do Estado.

O Estado Novo trouxe a **Folha da Manhã**, do sr. Agamemnon Magalhães, a qual também se desdobrou numa edição vespertina, em que tôdas as tardes o interventor fazia a sua doutrinação do Estado Forte ou comentava problemas diversos à maneira dos oráculos. A despeito de jornal oficioso a **Folha da Manhã**, pelo seu formato e material gráfico,

(Conclui na 4ª pág.)

Atualidade Literária de Pernambuco

Aderbal Jurema

.Desde os dez anos de idade, o paraibano Jurema vive no Recife, onde leciona hoje na Faculdade de Filosofia e dirige o Colégio da Madalena, além de ser redator-chefe de "Nordeste" e crítico literário do "Jornal do Comércio". Fundador, ao tempo de estudante, de uma das mais interessantes revistas literárias do país, ("momento", com Odorico Tavares, poeta valoroso absorvido pelos Diários Associados da Bahia), Aderbal Jurema esteve no Rio, dirigindo o serviço de Divulgação Agrícola, quando foi ministro da Agricultura o sr. Neto Campelo, mas assim que pôde voltou para o Recife onde, eleito presidente da seção local da associação de Escritores, conseguiu mantê-la fora das influências de grupo e de partido.

O Recife tem sido, através da história literária brasileira, o principal centro de irradiação cultural do nordeste. Daqui saíram e por aqui passaram os vultos mais representativos nas letras e nas artes nacionais. Poetas, ensaístas, críticos, oradores, romancistas, contistas, pintores de ontem e de hoje trazem sempre a marca da "luz do Recife", na expressão do poeta alagoano Lêdo Ivo, uma das vozes mais altas da poesia nova, que sentiu em seus nervos e seu sangue a fecunda suavidade dos reflexos noturnos do Capibaribe ou da ofuscante claridade das praias pernambucanas. Ainda há poucos meses, Gilberto Freyre nos dizia que não é de todo verdadeira a crítica de que o Recife não tenha dado, senão avaramente, os seus romancistas. E citava o caso de José Lins do Rêgo que, embora paraibano de quatro costados, tôda a sua obra reflete o espírito literário do Recife. Do Recife que não esqueceu, no canto de seus poetas e nas observações de seus ensaístas, o nordeste dos engenhos, do massapé, das lutas nativistas, da miscegenação.

Na verdade, essa preocupação pelos problemas locais repercute em tôda literatura que recebeu a luz do Recife, desde os homens de letras nascidos em Pernambuco até os que para aqui vieram em busca das escolas superiores ou de ambiente para uma vida intelectual mais ativa. Por isso o Recife é uma espécie de síntese magnífica da geografia cultural do nordeste. Aqui vivem cearenses, riograndenses do norte, paraibanos e alagoanos que misturados com os pernambucanos vão fazendo a história literária desta província sem preocupações bairristas, todos êles irmanados pela velha e irradiante luz do Recife que ora brilha nos corredores da Faculdade de Direito, ora reverbera na velha casa de espetáculos de Vauthier, o Santa Isabel, ora ganha a rua, a praça misturada com o povo, como aconteceu durante a jornada democrática de 1945.

A pobreza da maioria da gente do Recife sempre se refletiu na vida e na obra de seus legítimos intelectuais. Daí o homem de letras, nesta província, continuar a ser um homem como os outros, com atividades comuns aos seus companheiros de bonde, de ônibus" ou de automóvel. A burocratização da cultura é um fenômeno que ainda não chegou ao Recife porque as precárias condições da profissão de escritor entre nós, não permitem que o intelectual provinciano viva de fazer artigos para jornais ou revistas. Por isso raro o escritor no Recife que viva exclusivamente de seu labor literário. Na maioria exercem as profissões as mais diversas e variadas, desde o magistério e o jornalismo até o comércio e a indústria. E isto se explica diante da ausência até hoje de uma grande editora capaz de assegurar condições de publicidade eficientes para o escritor pernambucano. O que tem aparecido até agora, no terreno editorial, são tentativas sem base financeira capaz de assegurar uma sólida estrutura publicitária. Mesmo assim poucas cidades no Brasil têm dado homens de letras como o Recife. Homens de letras que aqui nasceram ou que aqui aportaram e que daqui se projetaram para o resto do país. Enumerá-los seria fugir ao âmbito dêste artigo onde desejamos fixar somente o atual momento literário pernambucano através de suas gerações mais novas.

Contrastes do Recife: a velha matriz de Santo Antonio e a nova avenida de arranha-céus, na praça do "Diário de Pernambuco". Nessa praça morreu assassinado em mil novecentos e quarenta e cinco, o estudante Demócrito de Souza Filho

Pode-se tomar como ponto de partida o ano de 1931 para se fixar o inicio do atual movimento literário do Recife, sem esquecermos os dias neutros e sombrios do longo período de 1937 a 45. Em 1931, um grupo de estudantes de Direito lançou uma revista, "Agitação", que definiu em nota redacional o sentido do movimento: "O agitacionismo, movimento cultural de natureza estética, traduz-se de duas maneiras: pela palavra e pela imprensa. Pela palavra, sem o artifício dos malabarismos verbais e da retórica vazia de significação. Pela imprensa, sem o eruditismo pedante e inoportuno que caracteriza, entre nós, infelizmente, quase todos os movimentos de natureza cultural." O grupo não foi estéril. Deu um crítico da altura do sr. Alvaro Lins oito anos depois, um poeta como o sr. Odorico Tavares, um ensaista como o sr. Evaldo Coutinho e um historiógrafo da fôrça do sr. Manuel Diégues Júnior, sem esquecer o proustiano Otacílio Alecrim, o teórico do agitacionismo estudantil.

Naquela época, fora da Faculdade de Direito do Recife, mas tão ligado à sua vida cultural através de sua influência como orientador dos estudos sociais entre nós, Gilberto Freyre, recém-vindo da Europa, dava novos rumos à sociologia regional com a publicação de "Casa Grande & Senzala" e escritores como Silvio Rabelo, Estevão Pinto e Olívio Montenegro já o consideravam, com justiça, um mestre de gerações.

Jacobinamente católicos, os componentes do grupo de "Fronteiras" reuniam-se em torno do escritor Manuel Lubambo para, pouco depois, fracionarem-se no jornal "Tradição", dos srs. Guilherme Auler e Jordão Emerenciano.

Somente o sr. Luiz Delgado, num trabalho quotidiano e fecundo de escritor católico, mantinha-se à margem dos grupos e como pensador cristão onde o crítico literário ponderado e compreensivo estava sempre presente nos rodapés do "Jornal do Comércio".

Da velha escola de Direito e de outros centros culturais do Recife, com o golpe de 1937, só nos chegavam o silêncio e a desolação. No período compreendido entre os anos de 37 a 45, o que surgiu, com raríssimas exceções, trazia a marca da acomodação da mordaça dipeana. Somente com o movimento da resistência democrática é que começaram a aparecer novos poetas, críticos e ficcionistas, retomando a tradição da "luz do Recife". E' bem verdade que não se pode esquecer a atitude dos intelectuais democráticos durante a última guerra, simbolizadas corajosamente na conferência de Gilberto Freyre, no Gabinete Português de Leitura, em 1942.

Atualmente o Recife conta com uma porção de nomes novos na poesia, no ensaio e na ficção. Desde a revista "Estudantes", de Marcelo Pessoa, onde apareceram poetas como José Laurênio de Melo, Rodolfo Maria de Rangel Moreira, Ariano Suassuna, Duarte Neto e outros, até as publicações periódicas como "Nordeste", "Região", "Resenha Literária" e outras já desaparecidas, tôdas elas refletem, de par com os nossos suplementos de jornais, o panorama heterogêneo do atual momento cultural pernambucano. Momento literário pernambucano que tem contado com expressões harmônicas de grupo como o Teatro do Estudante do Recife, dirigido por Hermilo Borba Filho, com o incentivo de um Césio Regueira Costa à frente da Diretoria de Documentação e Cultura e a compreensão de poetas como Mauro Mota, Edson Regis, de jornalistas como Anibal Fernandes, Esmaragdo Marroquim e Nilo Pereira.

Entre os escritores mais jovens pode-se destacar nomes como José Antonio Gonsalves de Melo Neto, autor de "Tempo dos Flamengos", Amaro Quintas, pesquisador incansável da história pernambucana, Valdemar Valente, estudioso de antropologia, José Gonçalves de Medeiros, autor de um livro recente sôbre Castro Alves, e Carlos Moreira, sonetista moderno de grande fôrça lírica, sem falar em jovens professôres de Direito como Pinto Ferreira, muito festejado e discutido recentemente num concurso que venceu, com rumor e brilho, na Faculdade de Direito do Recife, ou pesquisadores sérios como os professôres Oswaldo Gonçalves de Lima, Nelson Chaves, etc.

Da velha guarda continuam em plena atividade, cronistas como Silvino Lopes e críticos como Olívio Montenegro, historiadores como Estevão Pinto, poetas como Mariano Lemos, Austro Costa, Araujo Filho, etc.

Se fôssemos anotar, através dos suplementos pernambucanos, os velhos e novos valores em atividade, a lista seria interminável e, bem sabemos, não escapariamos às desgraçadas e involuntárias omissões.

O que nos alegra, porém, é afirmar que das velhas margens do Capibaribe continuamos sempre correndo para o mar metropolitano, acompanhados de perto pelo clarão lírico da velha e heroica "luz do Recife".

SURGE UM PINTOR

FRANCISCO BRENNAND — Nasceu em 1927 no engenho São João da Varzea, no Recife. Aos 20 anos começou a pintar, sob forte influência mística. Em 47 e 48 concorreu em salões estaduais. Foi a Paris em 49, hoje está com sua mulher numa casa da praia da Boa Viagem, preparando-se para nova viagem à Europa. Da nova geração de pintores brasileiros é êle um dos que mais prometem. A sua vocação irrecusável junta êle uma extrema seriedade no aprendizado e na dedicação à pesquisa artística. Dentro de poucos anos o país inteiro ouvirá falar desse moço de 23 anos de idade que saiu da bela casa de Brennand, dentre coleções de móveis, de jóias, de antiguidades e de uma atmosfera romântica para a dura lide, o corpo-a-corpo com a pintura.

A saúde pública em Pernambuco

Nelson Chaves

Atualmente secretário da Saúde Pública do govêrno pernambucano, o professor Nelson Chaves tem sido um pesquisador infatigável de questões de alimentação, mortalidade infantil, etc. Com Osvaldo Gonçalves Lima fêz demoradas pesquisas sôbre a "mucunã", concluindo pela sua toxidez, em comunicação à Soc. de Medicina de Pernambuco, em contraposição às afirmações do seu conterrâneo Josué de Castro no livro "Geografia da Fome". Politicamente é membro do Partido Socialista, mas figura no govêrno sem vínculos partidários

Pernambuco, como todo o Nordeste brasileiro, debate-se diante dos grandes coeficientes de mortalidade e morbilidade. Seus problemas de saúde pública são da maior importância e exigem providências amplas e bem planejadas, no sentido de promover a recuperação do homem, cuja decadência vem desde muito longe e se afirma, não só pelos elevados índices como, também, pelo aspecto físico, demonstrando velhice precoce, má dentadura e estatura muito abaixo da média normal.

Sub-nutrido, corroído pela esquistossomose e outras verminoses, o homem do Nordeste, além de pagar o tributo do clima tropical, com tôdas as suas restrições e repercussões na economia, vem sendo secularmente abandonado ao domínio das causas que o depauperam e o aniquilam. A devastação das florestas, numa economia extrativa, posta em prática, desde o período colonial, roubando ao solo o seu humus, os seus fixadores de nitrogênio, os seus protetores de erosão, que são as árvores, determinou o empobrecimento progressivo, repercutido, consideravelmente, na fertilidade e por consequência nas colheitas. Solos ácidos, como são os da região do litoral-mata do Nordeste, menos férteis do que os solos alcalinos, esgotam-se muito facilmente. E como a vida vegetal constitui o fundamento da vida animal e fator de nutrição do solo, a destruição das árvores interrompe o ciclo do carbono e do nitrogêneo e, assim, o ciclo vital das espécies animais e vegetais. Foi isto, justamente, o que ocorreu no Nordeste brasileiro, de maneira desvairada, como que preparando-o para um futuro deserto.

A energia para o funcionamento das máquinas, das fábricas, inclusive as de açucar, foi quase exclusivamente a térmica, retirada das matas que se queimavam, de sol a sol. A Great Western queimando lenha nas suas máquinas, à medida que penetrava nas regiões já semi-nuas do litoral-mata, ia fazendo, também, sua devastação. E na fumaça de suas máquinas se desdobrava a decadência dos solos do Nordeste.

Todos êsses fatores, ao lado das sêcas periódicas, da monocultura latifundiária da cana de açucar, em Pernambuco e Alagoas, especialmente, impuseram a fuga do homem para outras plagas — S. Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e, na fase áurea da borracha, para o Amazônas, onde os nordestinos foram deixar, nas margens do grande rio, suas carcaças, em estado miserável.

Pernambuco, em virtude da sua posição geográfica, sua tradição histórica e cultural, com raízes bem sólidas e profundas, em Olinda e Recife, constituiu-se o Estado líder do Nordeste e aquêle que está mais capacitado para dar assistência ao homem. Basta dizer que Pernambuco é um dos Estados do Brasil que dá mais ampla assistência médica, através dos serviços públicos, ao povo, ocupando o Recife um dos primeiros lugares na América do Sul, no amparo à maternidade. Em consequência dessa maior capacidade assistencial, a cidade do Recife é o ponto de convergência, não só da miséria do interior do Estado, mas também dos demais do Nordeste.

Ignorância de técnico — Por tôdas essas razões os problemas de saúde, em Pernambuco, são de maiores proporções e cada dia mais se distanciam dos recursos naturais decorrentes da verdadeira base econômica do Estado. Não é possível encarar os problemas de saúde, sem olhar para a retaguarda e analisar a base econômica, a produção e o transporte. Do contrário seria obra de cego, de novo bárbaro, ignorância de técnico. Os problemas têm que ser considerados no seu conjunto e não se pode, em saúde pública, colocar à margem a história, a economia política, a geografia humana, a antropologia, etc.

Pessoal e material — Ao assumir a Secretaria de Saúde, tive a preocupação inicial de organizar uma equipe capaz de planejar nêsses termos gerais e executar uma obra dentro das nossas reais possibilidades. Como medida preliminar tive de ajustar, com os meus companheiros, as desproporções entre as verbas de Pessoal e Material, sacrificada como estava a segunda pela primeira, seguindo uma regra geral, bem brasileira, resultante do empreguismo, meio posto em prática, voluptuosamente, no Brasil, para sangrar a economia do Interior, complicar a vida das grandes cidades e burocratizar, o mais possível, a administração pública, tudo isso porque os homens têm os olhos muito compridos no eleitor, sòmente como eleitor. A Secretaria de Saúde gastava, em 1947, 68,4% com Pessoal e passou, em 1949, para 41,6% e, em 1950, para 41,1%.

Básicos — Os problemas básicos de saúde, de Pernambuco, são sem dúvida, o saneamento do Interior do Estado, a tuberculose, a mortalidade infantil, a esquistossomose, a enfermagem e a subnutrição. Considerando, assim, foi que a Secretaria de Saúde solicitou do sr. governador do Estado a prioridade da instalação de serviços de água, em relação à esquistossomose. Embora êsse critério não pudesse ter sido integralmente tomado pela Secretaria de Viação e Obras Públicas, em virtude da necessidade de água, para beber, em algumas cidades do sertão e do agreste, êle mereceu a maior atenção. Deste modo, estão sendo instalados os serviços de água em várias cidades.

Água e esgotos — Em virtude de um convênio, feito entre o Serviço Especial de Saúde Pública e a Secretaria de Saúde, vão ter serviços de água e esgoto, do melhor padrão, as cidades de Palmares, Gameleira e Ribeirão, onde são elevadíssimos os coeficientes de esquistossomose, segundo inquéritos feitos em escolares e outros agrupamentos humanos. Naquêles municípios se concentram as principais usinas de açucar do Estado, com suas grandes áreas muito populosas. O saneamento de tais cidades trouxe à baila a solução do problema das caldas. As caldas das usinas e destilarias, lançadas nos rios, destroem os peixes, roubando, assim, às populações pobres, uma magnífica fonte de proteina animal, inutilizam as águas para bebida, lavagem de roupa, etc., além de, segundo alguns estudos feitos entre nós, contribuirem mesmo para a propagação da malária e da esquistossomose. Espero que, dentro de pouco tempo, o problema, ora em andamento com o Instituto do Açucar e do Alcool, esteja definitivamente resolvido.

Tuberculose — Existindo em forma epidêmica em Pernambuco, estava a exigir providências rápidas e enérgicas. Por isso foi criada a Divisão de Tuberculose, tendo sido reformado um dos hospitais, ampliadas as instalações de outro e inaugurados cinco modelares dispensários, no Recife, estando em preparo mais dois, para o Interior do Estado. O Serviço Nacional de Tuberculose está construindo, em área de mais de 40 hectares, doados pelo Estado, um conjunto sanatorial para mil leitos. A enfermagem, nos hospitais de tuberculosos, teve uma melhoria de 70%, em consequência da utilização dos serviços de enfermeiras diplomadas. Para demonstrar o que é o trabalho da atual Divisão de Tuberculose, basta dizer que dispomos, hoje, de uma organização de tal ordem que nos foi possível passar de 3.321 abreugrafias, no ano de 1948 para 62.534, em 1949, nos Dispensários. Possui a Divisão um serviço cirúrgico especializado, dos melhores do Brasil, onde foram feitas, em 1949, 401 intervenções de alta cirurgia, entre as quais 12 ressecções pulmonares.

Mortalidade infantil — Combater a mortalidade infantil, considerando sòmente a ampliação da ação direta, isto é, procurando dar assistência direta, com os recursos do Govêrno, a tôdas as crianças que dela precisem, é carregar água em cesto, nas nossas atuais circunstâncias. Se tôdas as crianças verdadeiramente necessitadas do Recife, recebessem assistência direta do Estado, seriam gastas importâncias que abrangeriam mais de 50% do orçamento geral da Secretaria de Saúde.

A mortalidade infantil só poderá cair, eficientemente, à medida que se eleve o nível econômico-social, mesmo porque, para uma ação direta, ampla, é preciso que haja recursos e êstes só podem vir da produção e da riqueza. Diz Pedro de Alcantara que "os índices de mortalidade infantil sòmente caem com a elevação e homogeneização da riqueza econômico-espiritual da coletividade".

Embora tenham proeminência os fatores econômico-sociais, não se deve abandonar as causas diretas e a assistência direta precisa ser ampla e eficiente. Apenas ela não é capaz de, por si só, reduzir apreciavelmente os coeficientes. Foram inaugurados na Secretaria de Saúde, nos anos de 1948 e 1949, seis Postos de Puericultura no Interior e oito Dispensários de Higiene Infantil, no Recife. Estão sendo construidos, no Interior, diversos Postos de Puericultura.

Enfermagem — Era outro problema fundamental de saúde, em Pernambuco. Há entre nós grande distância entre o nível médico e o de enfermagem. Para corrigir esta situação a Secretaria procurou instalar e inaugurar uma escola de alto padrão.

Em junho próximo será inaugurada a Escola de Enfermagem de Pernambuco, entregue ao SESP, mediante convênio e sob a direção de uma das mais cultas e mais completas enfermeiras do Brasil, d. Cecília Sanioto, auxiliada por três instrutoras de alto padrão.

Assistência aos escolares — Também grande preocupação da atual Secretaria. O desenvolvimento da Merenda Escolar, destinada a fornecer, às crianças famintas, uma quota de proteina animal, de primeira categoria (leite e queijo), é uma comprovação disso. Em fevereiro de 1948, apenas 6.800 crianças recebiam merenda, diariamente, em 50 escolas. Em 1949, o número de crianças beneficiadas, diariamente, subiu a 40.450 e o número de educandários passou a 223.

Estes problemas básicos não deixaram no esquecimento as questões de rotina e o programa de ampliação dos serviços gerais de saúde. Está quase concluido um Centro de Saúde Modêlo, no Recife, e no Interior foram inaugurados já 11 Postos de Higiene, contra 9 encontrados; inaugurados 2 hospitais e uma Unidade Sanitária e estão sendo concluidos mais 2 hospitais. Ainda no Interior estão sendo construidos numerosos Postos de Higiene. O rendimento hospitalar revela a grande ampliação dos serviços: em 1947 foram internados, nos hospitais do Estado, 15.500 doentes; em 1948, 25.500 e, em 1949, 35.500.

Seguradora Indústria e Comércio S/A
e
Seguradora Industrial e Mercantil S/A
Organização de seguros, operando em todo o país nos seguintes ramos:
ACIDENTES DO TRABALHO
INCÊNDIO
TRANSPORTES
CASCOS
ACIDENTES PESSOAIS
SEDE — No Recife:
EDIFÍCIO SEGURADORA
7.º ANDAR
END. TELEG. "SIC" E "SEGUTIL"
TELEFONES: 6799 — 6699 — 7490
Agências na Capital Federal:
WILSON, SONS & CO. LTD.
AVENIDA RIO BRANCO, 35/37
End. Teleg. "Anglicus"
TELEFONE: 23-5988

Aspectos da...

(Conclusão da 1.ª pág.)

que ela se vá transformando em região de pecuária, como está acontecendo.

E, para a zona canavieira, em vez de se procurar operar uma verdadeira distorsão tentando transformar as suas condições ecológicas naturais, o que se deveria fazer antes de mais nada, seria auxiliá-las e orientá-las.

Fóra disto continuaremos como até agora, dentro do mesmo ambiente de incompreensão e de desentendimento com a realidade.

A propósito...

(Concluido da 1.ª)

formação recifense, isto é, herdeiro de uma longa tradição de homens públicos que, em vez de se conservarem distantes do público, sempre desceram dos seus sobrados para a rua ou para a praça. Joaquim Nabuco se antecipou no Brasil, a grandes do Império e até da República, em proclamar a importância do livro, do jornal, do documento, como meios capazes de tornar verdadeiramente vitorioso um movimento de renovação social ou cultural que não se contenta com os trunfos fáceis ou de superfície.

A Imprensa em...

(Concluido da 3.ª pág.)

entre outros fatores, não conseguiu alinhar-se entre os grandes jornais da terra. A edição vespertina era muito lida ao tempo do Estado Novo.

O velho **Diário de Pernambuco** integrou-se há vários anos na cadeia dos Diários Associados. Êle e o **Jornal do Comércio** são os dois grandes jornais da terra. Obedece àquela padronização imposta aos jornais dessa cadeia, mas no espírito é muito regional e dedicado às coisas da terra. Na campanha de 1945 esteve ao lado do brigadeiro Eduardo Gomes. Em 1950 proclama-se partidário de uma frente única de todos os partidos democráticos contra o comunismo e o getulismo.

Outro sustentáculo da campanha do brigadeiro foi o **Jornal Pequeno**, adquirido por bom preço aos antigos proprietários, tendo perdido inteiramente aquêle seu aspecto típico. Até deixou de ser composto em tipos móveis... O **Diário da Manhã** acompanhou exatamente a trajetória política do sr. Lima Cavalcanti, um homem que queimou a sua riqueza na política (outros a arranjam nela). Depareceu em pleno Estavo Novo. Tem levantando a cabeça por várias vezes, inclusive agora, sob a direção de outros donos. Mas não passa da sombra do que foi.

A resenha que aí fica é a mais apressada e incompleta possível e visou principalmente a dar uma idéia da imprensa do Recife nos últimos vinte anos. Gostariamos de citar nomes, de referir os jornalistas que têm enobrecido a carreira, quer permanecendo na velha província, quer transportando-se para a capital do país, onde brilham, e são mestres. Gostariamos de falar no espírito de nossa imprensa, em grande parte enquadrada ainda naquêle qualificativo de "jornalismo político" a que se referia o velho Manuel Caetano, muitas vezes válvula de escapação dos sentimentos liberais e dos ardores revolucionários do povo pernambucano. Que explodiram em movimentos às vezes mais de revolta do que de reforma, mais de destruição de "situações políticas" do que de construção de situações sociais e econômicas novas. Expressões de uma política confinada em si mesma, política pela política, assente no dorso frágil e caprichoso das paixões populares, sem inspiração em princípios sólidos e permanentes, sem base partidária nítida, sem programa sério de realizações. Antes canalizados, por vezes, para "vinditas" de cunho pessoal, como em 1930, ou expressos, em seus ímpetos renovadores, em medidas isoladamente inócuas como a repressão ao abuso dos carros oficiais ou a proibição do batismo de obras públicas com o nome de gente viva...

Mas não tem sido êsse o mal da política e do jornalismo brasileiro? Graças a Deus, cá e lá já estamos melhorando.

"O PROGRESSO"

AMARO QUINTAS

Autor da "Gênese da revolução de 1817", e autoridade nos estudos sôbre a revolução praieira de 1848, o sr. Amaro Quintas é professor da Faculdade de Filosofia do Recife

Dentro de mais alguns dias será publicada a nova edição da revista de Antônio Pedro de Figueiredo, denominada "O Progresso" e que circulou no Recife de 1846 a 1848. Era êsse um velho anseio meu e que agora vejo concretizado em realidade graças ao auxílio do Govêrno do Estado, desde o sr. Amaro Pedrosa, então interventor federal, que autorizou a reimpressão, até o sr. Barbosa Lima Sobrinho que apoiou plenamente a minha iniciativa de tirar do esquecimento em que jazia uma das mais interessantes e sugestivas publicações periódicas do século passado.

E' pena que viva tão ignorada dos intelectuais brasileiros a figura do mulato socialista que foi, sem nenhum favor, um dos mais argutos e profundos analistas da sociedade patriarcal pernambucana, baseada na monocultura açucareira e no braço escravo. Coube incontestavelmente ao sociólogo Gilberto Freyre a primazia na percepção da importância de Antônio Pedro de Figueiredo como um estudioso sério — numa época, como a sua, tão repleta de demagogia e de divagações utópicas — dos nossos problemas, dentro de um critério socialista, onde, se havia muita coisa da influência do socialismo romântico da primeira metade do século XIX, era isso compensado pelo senso objetivo que o jornalista de "O Progresso" possuia em alta dose e que o fazia antecipar-se de um século a muitas soluções de temas sociais do seu tempo. **Nordeste** e **Um Engenheiro Francês no Brasil** revelaram o vulto de Figueiredo, situando-o no seu verdadeiro lugar de precursor dos estudos sociológicos no Brasil, ao lado de um Tavares Bastos, de um Silvio Romero, de um Alberto Torres. Impunha-se agora completar o conhecimento já iniciado pelo sociólogo de **Casa Grande & Senzala** com a divulgação da revista que Antônio Pedro de Figueiredo escreveu, nela deixando fixadas as bases de sua orientação ideológica.

O sr. Gilberto Freyre acentuou com muita razão ter sido o "Cousin Fusco" — alcunha que lhe deram os seus adversários pelo fato de ter traduzido a **História da Filosofia** de Victor Cousin — um autêntico tipo de revolucionário intelectual que já viveu nas nossas plagas. A ação que êle desenvolveu em **O Progresso** e nos jornais recifenses contra os abusos do latifúndio e na divulgação dos princípios socialistas então difundidos na Europa, colocam-no no rol de um crítico severo da ordem social existente que numa sociedade como a nossa, de base escravocrata e agrária, agravada pela exploração econômica dos antigos dominadores políticos nos meios urbanos, aí adquiriu um aspecto dramático. Figueiredo agitou no velho burgo do Recife temas avançados e ousados para a mentalidade de então, temas muitos deles que não eram extranhos a outros vultos provincianos, alguns até homens de ação, e não simplesmente de gabinete como Figueiredo, verdadeiros líderes revoluncionários, como um Borges da Fonseca, um Inácio Bento de Loiola, um Abreu e Lima, um Nascimento Feitosa, um Barros Falcão, um Afonso de Albuquerque Melo. E foi dêsse debate de idéias nos jornais e pasquins que se consubstanciou o conteúdo ideológico da Revolução Praieira que Borges da Fonseca preferia chamar de Revolução de Novembro por não a considerar como simples obra da Praia e sim uma resultante da participação de vários elementos políticos, dentre os quais predominava a sua ala republicana e socialista.

E' curiosa a atitude de Figueiredo em frente às competições políticas de seu tempo. Nada, nem mesmo os mais violentos ataques de seus inimigos, o demove da sua posição serena e anti-demagógica. Nem, do mesmo modo, a gratidão que nutria pelo barão da Boa-Vista — o "Cousin Fusco" foi grandemente protegido por Francisco do Rego Barros, muito embora as idéias de Figueiredo tão hostis e demolidoras fossem do regime social vigente — fê-lo ocultar os graves prejuizos para a provincia oriundos do sistema agrário existente, do qual os Cavalcantis, e com êles Rego Barros, eram lídimos representantes. Diz o jornalista mulato na sua revista "O Progresso": "Em 1839, 40 a 41, quando o sr. Barão da Boa-Vista estava no apogeu da sua popularidade, as posições oficiais do interior da província, pela maior parte, eram ocupadas por seus parentes ou aliados, que, por seus haveres ou relações de família, possuiam grande influência real... Esta concentração de autoridade legal nas mãos de homens já poderosos por si mesmos, e entrelaçados pelo laço de família, tão poderoso entre nós, gerou na província uma oligarquia que em pouco tempo tanto se enrobusteceu, que impôs leis ao govêrno e quis dominar despoticamente o país. Daí resultaram incontestavelmente 3 coisas más: em primeiro lugar, a opressão do povo; depois o aniquilamento do govêrno, e emfim, o exclusivismo que fazia dos empregos públicos propriedade de uma família, e dos seus aliados e aderentes". Achava êle, entretanto, que não se resolveria o problema do modo simplista como queriam alguns chefes políticos praieiros, temerosos de vôos arriscados, sòmente pela destruição da influência social e econômica dos Cavalcantis. Numa linguagem que lembra, pela fraseologia empregada, a do líder praieiro padre Miguel do Sacramento Lopes Gama — ambos referem-se sempre acrimoniosamente ao "feudalismo" do regime rural — mostra ser a destruição dessa influência um mero processo de "substituir a supremacia da família Cavalcanti por um grande número de famílias menos poderosas, sem grande vantagem para a maior parte da população, que se acha sempre curvada sob o jugo da feudalidade". Figueiredo via longe. Compreendia que o mal não residia numa família e sim no sistema dominante. Diz, mesmo, de modo incisivo, num pensamento que parece ser atual: "... lógica e infalìvelmente resulta (o despotismo) de se não achar a forma política do govêrno em harmonia com o estado social, com a distribuição atual da riqueza e dos instrumentos de trabalho".

Afirma o sociólogo Gilberto Freyre: "o mal que inquistava a Figueiredo não era e dos homens então no poder, mas o do sistema de propriedade e de trabalho predominante: o de quase feudalismo bassado sôbre a exploração latifundiária da cana de açucar e sôbre a escravidão do negro" (**Nordeste**, pág. 155). E' de lamentar que êsse homem que debatia, quer nas páginas de **O Progresso**, quer nos jornais em que colaborava — uma sua seção intitulada **A Carteira**, publicada sob o pseudônimo de Abdalah-El-Kratif no **Diário de Pernambuco**, foi um magnífico instrumento de análise social e de idéias — assuntos tão sugestivos e progressistas tenha sido quase um incompreendido pelos seus contemporâneos. E' êste, muitas vezes, o destino dos visionários dos profetas.

O socialismo que Figueiredo propagou com ardor desusado e intenso entusiasmo, contrastando com um temperamento pouco propenso às agitações meramente políticas e às manifestações demagógicas, filia-se, de fato, às tendências vigorantes na corrente utópica da primeira metade do século XIX. Fala êle constantemente em Owen e Fourier. Alfredo de Carvalho declara que o Cousin Fusco soube dar às teorias econômicas de Saint-Simon, Owen e Fourier "uma orientação própria e original". E é justamente a originalidade dessa orientação que o situa numa posição diferente diante dos socialistas do seu tempo, colocando-o quase nas linhas do socialismo chamado científico. Quase, sim, porque dele se distancia Figueiredo pela sua tendência anti-materialista, pela sua preocupação em resolver a questão social dentro dos lineamentos cristãos, pela sua atitude muito impregnada de espiritualismo. Em nenhuma ocasião melhor se definiu o sentido cristão do socialismo de Figueiredo do que na discussão mantida em 1852 nas colunas do **Diário de Pernambuco** e de **A Imprensa** com o professor de Economia Política da Faculdade de Direito de Olinda, dr. Pedro Autran. Afirmou o **Cousin Fusco** em **A Imprensa** de 6 de setembro de 1852: "A fórmula geral da escola socialista a que pertenço, é a realização progressiva do princípio cristão de liberdade, igualdade e fraternidade, efetuada sem violência, e por meio de medidas apropriadas às necessidades dos diversos países". Não repudia, entretanto, as demais correntes, conforme sua asseveração no **Diário de Pernambuco**, de 12 de agosto de 1852: "... cada escola socialista oferece meios diferentes, mas não há uma sequer cujas intenções deixem de ser puras e generosas, cujo ideal não seja a realização na terra dos princípios de liberdade e fraternidade". Essa diretriz cristã do seu socialismo parece aproximá-lo muito mais, em certos pontos, do grupo de Buchez ou de Pierre Leroux e dos socialistas românticos do que mesmo do pai do saint-simonismo e do criador dos falanstérios. Parece, todavia, difícil conciliar as suas afirmativas meio líricas, acima citadas, com certas manifestações, por êle esposadas em **O Progresso**, de franco intervencionismo estatal na economia, numa linguagem que lembra a doutrina hodierna da planificação social e econômica. Solidário com os revolucionários que, em junho de 1848, se levantaram em Paris num movimento de amplas reivindicações sociais, sendo batidos de modo drástico pela reação de Vacaignac, exclama Figueiredo numa plena definição de atitude: "... e aquêles que haviam feito a revolução de fevereiro, — os mancebos das escolas, socialistas e operários, tornaram a empunhar as armas e fizeram a revolução de junho. Foram batidos, é verdade, mas cedo ou tarde a vitória caberá às idéias que êles defendem. O mundo não será para sempre o patrimônio de alguns privilegiados, ao passo que a imensa maioria se estorce sob as angústias da miséria. As máximas selvagens dos Malthus e J. B. Say já reinaram; é tempo de cederem o lugar a outras máximas mais justas e generosas... O que pretendiam os revolucionários de junho; o que nós também pretendemos é que o govêrno, como representante da sociedade inteira, intervenha nos fenômenos da produção, distribuição e consumo, para regulá-los e substituir pouco a pouco uma ordem fraternal ao desgraçado estado de guerra que ora reina nestas importantes manifestações da atividade humana: os nossos votos hão de ser realizados".

A republicação de **O Progresso** irá assim revelar, de modo completo, aos intelectuais brasileiros a figura admirável dêsse mulato socialista que, no Recife dos meados do século passado, melhor representou os ideais revolucionários e reformadores da geração de 48, geração que fez uma das primeiras revoluções sociais do mundo: a Revolução de Fevereiro. E dêsse modo, cem anos depois, venha afinal a sair do esquecimento a obra dêsse agudo observador da nossa realidade social que tanto interêsse demonstrou pelos problemas pernambucanos intentando dar-lhes soluções, nem sempre desprendidas de certo simplismo e de certa ingenuidade, mas onde o possível excesso de idealismo era superado por uma preocupação de equacionar as questões em função do nosso meio, mesmo porque, conforme precisou o sr. Gilberto Freyre, Antônio Pedro de Figueiredo se esforçou em adaptar as suas teorias socialistas, cheias das influências do socialismo romântico de seu século "às condições e necessidades da região" (**Nordeste**, pág. 152). Que finalmente seja retirado, por inteiro, da sombra em que se achava êsse homem tão voltado para os assuntos objetivos e sérios, especialmente para os relacionados com Pernambuco, e possa ficar êle ocupando a posição a que faz jus na galeria dos estudiosos da sociologia no Brasil.

QUANDO...

(Concluido da 2ª. pág.)

deste Estado, se faz preciso que v. mce. fique prevenido e expeça ordens a tôdas as vilas desse govêrno para no caso de se verificarem as referidas notícias, ou sucedendo aparecer outro algum estrangeiro viajante no distrito dele, o fazerem conduzir a esta capital com tôda a sua comitiva, sem contudo se lhe faltar à descência, nem ao bom tratamento e comodidade, mas só acompanhando-o, e interceptando-lhe os meios de transporte, fazer indagações políticas ou filosóficas.

— Deus guarde a v. mce. — Palácio de São Luís do Maranhão, 12 de outubro de 1800 — *D. Diogo de Sousa* — sr. Francisco Diogo de Moraes.

Outras ordens semelhantes se expediram aos comandantes da Parnaíba, Aldeias Altas e Pastos Bons — *José Maria Frener*.

Em ofício de 12 do mesmo mês e ano, dirigido ao ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, acusa o ção das ordens régias a respeito ção das ordens régia a respeito desse objeto, e diz que fica na inteligência de embaraçar por todos os meios a viagem do *tal barão*, e de o remeter diretamente para Lisboa, se chegar a apreendê-lo".

Sociedade de Expansão Comercial de Pernambuco Ltda.
Cataventos Wincharger, Material elétrico, Motores ARMSTRONG a óleo e gasolina, Geradores.
Ferros da Belgo-Mineira, Cerâmica São Caetano, Tintas e Vernizes CH, Chapas e Telas perfuradas, Cimento Poty, Produtos NORGE, Laboratórios Sharp Dohme e Mead Johnson.
DISTRIBUIDORES
CONTA PRÓPRIA
REPRESENTAÇÃO
IMPORTAÇÃO
E EXPORTAÇÃO
Telegrama: SEPA — Caixa Postal: 23
Telefones: 9374 — 9554
214, AV. MARQUÊS DE OLINDA, 214
RECIFE — PERNAMBUCO

USINA CACAU'
COMPANHIA GERAL DE MELHORAMENTOS EM PERNAMBUCO
PRODUTORA DO AÇÚCAR
DIAMANTE
UM AÇÚCAR REFINADO, DA MAIS FINA QUALIDADE, VENDIDO EM EMBALAGENS ORIGINAIS DIRETAS
A PRODUÇÃO DE AÇÚCAR DA USINA CACAU'
Companhia Geral de Melhoramentos em Pernambuco, é de 500.000 sacos
RUA DO BRUM, 85
CAIXA POSTAL, 257
RECIFE — PERNAMBUCO

DANIEL RODRIGUES S. A.
IMPORTADORES E EXPORTADORES
LARGO DO PARAÍSO, 306
Recife Pernambuco

RONDO' DOS 30 ANOS

Muitos pensamentos
Foram os que pensei,
Poucos os caminhos
Os que caminhei.
Eu não fui escravo
Também não serei Rei
(Ah! se eu fôra Rei)
Acreditem amigos
Que o não serei.
Vi lindas mulheres
E outras verei,
Mas a que não veio
Foi a que amei.
Outra igual a ela
(Acreditem amigos)
Outra igual a ela
Jamais amarei.
Nasci marinheiro
Me formei em lei,
Nunca fui guerreiro
Quase guerreei,
Nasci andarilho
Parado fiquei,
Acreditem amigos
(Estou convencido)
Aqui morrerei.
Foram-se os navios,
Líricos veleiros,
E eu não viajei.
Agora já é tarde,
Já é muito tarde
Acreditem amigos
(Duvidar quem há-de?)
Não embarcarei.
Nunca em mar antigo
Me suicidarei,
Os meus sete mares
Não os singrarei,
Acreditem amigos
(E isso eu bem sei)
Que em mar profundo
Nos confins do mundo
Não me afogarei.



Sim, já fui menino
Não mais o serei,
Certo que o menino
Eu o guardarei,
Mas à minha infância
(Ah! a minha infância)
Não retornarei,
Acreditem amigos
Em bem sei,
Eu sei...

CARLOS MOREIRA



Uma campanha cultural no Recife

José Césio Regueira Costa

Uma tarefa fácil, mas tristíssima, seria a análise fria e objetiva do panorama brasileiro, sob o ponto de vista cultural. Uma análise que deixasse de lado certos aspectos mais ou menos fascinantes e que fosse rica em profundidade, revolvendo o problema por todos os lados, até deixar, em termos concretos, a verdade, sem véus de qualquer espécie.

Uma operação dessa ordem, não poderia ser influenciada pela existência de uma pequena elite que, inequivocamente, o país possui, mas, por outro lado, teria que encarar fria e corajosamente o problema doloroso das grandes massas ignorantes e improdutivas.

Temos homens brilhantes em vários setores — escritórios, clínicos, professores, físicos — seria preciso apenas citar os nomes de José Leite Lopes e o de Cesar Lattes — geógrafos, historiadores, críticos e poetas.

Mas, indiscutivelmente, não constitui, essa elite, uma fôrça ponderável, capaz de realizar grandes mudanças na paisagem cultural brasileira.

Conquanto seja coisa triste a confissão, precisamos de reconhecer a espécie de excrescência que essa pequena elite representa, isolada como se encontra, em nível muito alto, sem ligação quase com a grande massa —, o triste e ignaro "substratum" que constitui, pròpriamente a população do país.

Devemos ter sempre presente, que continuamos, deste lado do Atlântico, aquela tristíssima atividade notada pelo fino Eça em relação a Portugal, quando lhe apontava o hábito fácil de importar tudo do estrangeiro, desde os sapatos às idéias.

Ainda não criamos qualquer coisa de original, de independente, que traga dentro de si uma fôrça capaz de impor uma nova orientação, um outro rumo a trabalhos e pesquisas, não nos sendo possível, coisa triste mas verdadeira, voltar as costas à contribuição estrangeira nos vários campos culturais.

O outro lado do problema, todavia, é ainda mais triste. Se temos uma elite pequena, representada por um ou outro valor marcante, falta-nos uma massa média, que possuísse um mínimo de cultura, um pequeno patrimônio de conhecimentos exatos e sérios.

Não é demagogia repetir, aqui, as condições negativas em que se debate a grande população brasileira, tornando o problema do progresso cultural do país ainda mais difícil.

Porque, como lucidamente notava Bento Jesús Carraça, o progresso da inteligência de um povo não se faz, apenas, à custa das elites. Elas são grande coisa, na verdade, mas não são tudo. O progresso tem que ser feito por um esfôrço conjunto, contribuindo as massas com a sua forte dose de reflexos úteis e produtivos aos apelos das elites dirigentes, nos vários ramos da atividade intelectual.

Temos necessidades dos expoentes, é inegável. Mas temos ainda maior necessidade de uma população mediana e honestamente instruída capaz de ajuizar, não tanto intuitivamente, das atividades e dos movimentos dos seus dirigentes, — dirigentes, é claro, não no sentido político, mas no cultural.

No Recife desenvolve-se agora, através dos esforços da municipalidade, um louvável plano que visa, sobretudo, a criação de um honesto clima de curiosidade entre as massas.

O govêrno municipal acaba de criar bibliotecas populares em bairros de grande concentração de gente pobre, pondo-lhe à disposição livros didáticos, manuais técnicos, livros da grande literatura universal, revistas, monografias, tudo aquilo que mais de perto deva interessar ao povo alheio, menos por interêsse subalterno do que por necessidades vitais, e de certas atividades intelectuais.

A princípio foi um inquérito, realizado em bairro de grande concentração popular, — o bairro da Encruzilhada — inquérito que visava a indagar dos habitantes os seus interêsses em relação ao livro: obras preferidas, horários mais convenientes, autores de maior agrado, etc.

Depois, o plano das bibliotecas, plano que prevê a criação de pequenas mas elegantes, limpas e arejadas bibliotecas em vários subúrbios, organizadas segundo a técnica atual, que prevê, como se sabe, duas coisas importantíssimas, de ordem psicológica e extraordinariamente úteis em relação à criação do hábito da leitura: o livre acesso às estantes e a possibilidade de ser o livro retirado para leitura em domicílio.

Várias bibliotecas dessa espécie devem ser instaladas no Recife, uma na zona norte, outra no centro, outra mais, na zona sul; em tôrno de tais bibliotecas, outras menores, — espécie de satélites, agrupar-se-ão em tôrno das bibliotecas distritais, constituindo, todo êsse largo conjunto, uma densa rêde que, no futuro, dependerá de uma biblioteca central, a indispensável Biblioteca Municipal, que no Recife não poderá deixar de instalar-se mais dias menos dias.

Em Encruzilhada e em Santo Amaro, já a Municipalidade, através da Diretoria de Documentação e Cultura, instalou bibliotecas dessa espécie. A primeira, de zona; a segunda, satélite da primeira.

Numerosos frequentadores, sobretudo gente moça, estudantes, comerciários, operários, ainda com a roupa do trabalho, procuram volumes úteis às suas profissões. E' comum observar-se a permanência de costureiras, copiando modelos de *Vogue*, de *Mademoiselle*, jovens operários retirando, por empréstimo, manuais profissionais, estudantes atentos, colhendo notas nos dicionários; ou apontamentos na mais recente edição da *Enciclopédia Britânica*, que a pequena Biblioteca ufanamente oferece aos seus leitores.

Não se pode esquecer outro reflexo interessante do plano das bibliotecas populares, plano que se deve, inicialmente, ao antigo diretor de Estatística, Propaganda e Turismos, da Municipalidade, senhor M. de Souza Barros, — reflexo que é a criação de uma intensa curiosidade em tôrno das questões de biblioteconomia.

A Municipalidade, na verdade, recorrendo a funcionários que havia encaminhado aos cursos de biblioteconomia do Rio e de São Paulo, como bolsistas oficiais, abriu um curso dêsse gênero, logo frequentado por quase duas dezenas de estudantes curiosos.

Foi tão grande a animação despertada pela iniciativa da Municipalidade, elogiada aqui e ali pelas vozes mais autorizadas, que logo a reitoria da Univerdidade do Recife achou por bem instituir um curso de biblioteconomia, que vem funcionando com grande frequência, sob orientação de um antigo bolsista da Prefeitura, contando entre os seus cinco professores, um antigo bolsista da Municipalidade e três alunos do curso que fôra mantido pela Prefeitura.

Ademais, sob o ponto de vista dêsse interêsse em criar curiosidade pela cultura entre as populações pobres, a Municipalidade tem tomado outras providências, criando, por exemplo, a Discoteca Pública Municipal, que além de cabines individuais, isoladas a prova de som, com ar re[illegible] oferece um pequeno audi[illegible] de se realizam programas e[illegible] rios dias da semana, e, mais do que isso, — cursos de línguas, palestras, conferências, sôbre os mais diversos assuntos, — arte em geral, pintura, música, poesia, teatro, cinema, marionetes, etc. Há nessa Discoteca, uma biblioteca especializada, onde os frequentadores encontram livros e revistas brasileiros, americanos, ingleses e franceses, acêrvos de música sob seus vários aspectos. Esse esfôrço da Municipalidade é completado pela Orquestra Sinfônica do Recife, agora subordinada àquela Diretoria, que realiza concertos mensais em praças públicas, em colégios, cinemas de subúrbio, etc.

Não há negar, que se outras capitais brasileiras repetissem o exemplo, que o Recife está oferecendo nesse setor, um largo e decisivo passo estaria sendo dado em favor da melhoria da cultura das populações. Não sòmente o nível médio da inteligência dessas populações melhoraria de modo inequívoco como, mais facilmente, dessa massa amorfa sairiam valores capazes de renovar e engrossar as elites, — necessárias, sim, mas, de nenhum modo, únicas no sentido da melhoria da cultura, do progresso da civilização, na sua expressão mais honesta e mais pura.

Informação sôbre o teatro em Pernambuco

Hermilo Borba Filho

O Teatro Santa Isabel, cenário glorioso que êste ano comemora o 1.º centenário. Foi seu empreiteiro o pernambucano José Augusto de Araujo

O sr. Hermilo Borba Filho começou no Teatro de Amadores de Waldemar de Oliveira. A partir de 1944 escreve sôbre teatro

Mas o que êle tem sido, principalmenet, é um animador incansável do teatro na sua terra. Êle nasceu em Palmares.

O movimento dramático em Pernambuco é um dos de maior rendimento artístico do Brasil. E' uma pena que as outras capitais do país ainda não se tenham apercebido do que se faz aqui em relação ao teatro, a pureza do movimento, a honestidade das intenções e o que é mais importante, as realizações que se têm levado a cabo. Este movimento foi iniciado pelo sr. Waldemar de Oliveira, quando fundou o Teatro de Amadores de Pernambuco, mais ou menos no ano de 1940, estreando com a peça de Jules Romains, "Knock ou o Triunfo da

(Conclui na 8.ª pág.)

Recife terá moderno estádio

Por iniciativa do Comendador Artur Herman Lundgren, expoente da indústria pernambucana, Recife terá, dentro em breve, moderno estádio para a prática dos mais diversos esportes, notícia esta que, veiculada em primeira mão pela "Folha da Manhã" de Recife, no mês passado, causou justo contentamento entre os pernambucanos. Com o objetivo de levar a bom termo aquela arrojada iniciativa, o Comendador Artur Herman Lundgren enviou ao presidente e demais membros da Câmara dos Vereadores de Recife longo memorial, através do qual apresenta em detalhes o seu plano, comprometendo-se a construir um estádio com capacidade para 50.000 pessoas, e que disporá de quadras para basquete, tênis, voleibol; pistas para disputas de atletismo, piscinas para natação, rings para box, etc. Sancionada a lei votada pela Câmara Municipal, a Prefeitura concederá ao requerente ou aos seus legítimos sucessores a exploração do estádio pelo prazo de 20 anos, findo o qual o mesmo passará a ser propriedade da Prefeitura. Será, sem dúvida, mais um grande e inestimável serviço que prestará a Pernambuco o sr. Artur Lundgren, pois embora seja uma obra de grande vulto, o Estado e a Municipalidade sòmente entrarão com a cota de 5% sôbre o custo total da obra, que passará conforme acima foi dito, a ser propriedade da Prefeitura, sem quaisquer onus para a mesma, depois de 20 anos.



ARTUR HERMAN LUNDGREN

BRAMANTE "CARMEN"

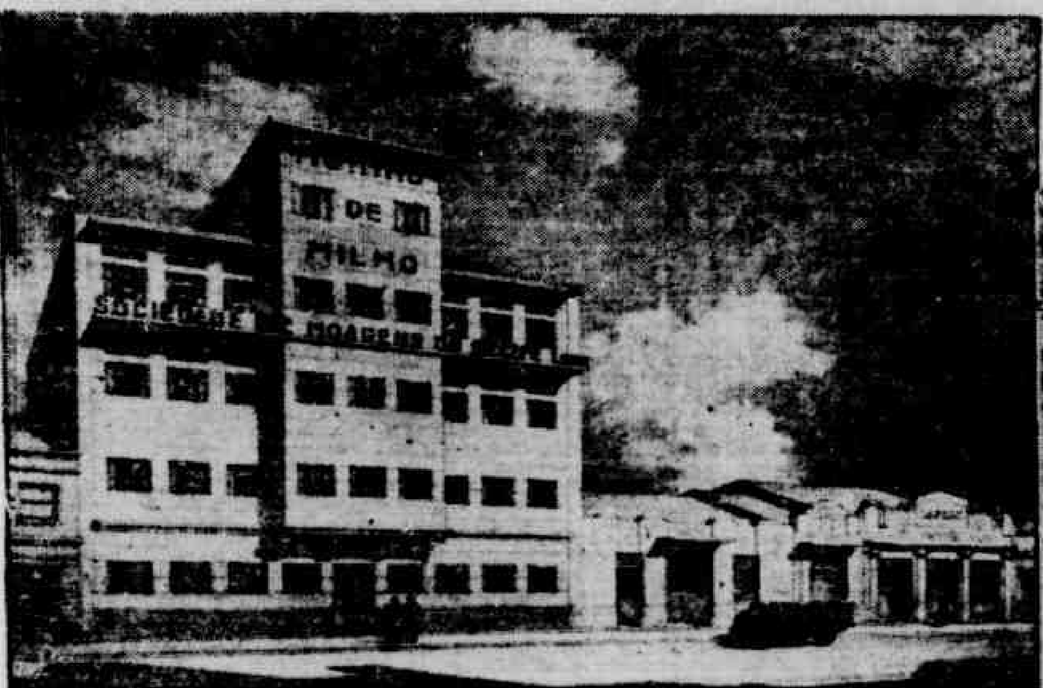
O MELHOR ARTIGO NO GÊNERO QUE SE FABRICA NO BRASIL

Próprio para lençóis —— Largura 2,20 cents.
Branco e Côres

Confecionado com Fiação escolhida nas Fábricas Brasileiras

OTHON BEZERRA DE MELLO - FIAÇÃO E TECELAGEM S.A.

FERNÃO VELHO — ALAGOAS



SOCIEDADE DE MOAGENS DO RECIFE LTDA.



Novos e modernissimas instalações da SOCIEDADE DE MOAGENS DO RECIFE LTDA., onde são produzidos os melhores cafés moídos e fubás do Norte do Brasil, que o público consumidor prefere e exige através das suas afamadas marcas: "Café São Paulo" – Extra Fino :: "Café São Paulo" – Bom :: "Café "Imperial" :: "Café Guanabara" :: "Café Liberdade" :: "Café Almirante" :: "Café Lafaiete". — Creme de milho Pó de Ouro. — Fubá Celeste, etc. etc. — Que constituem verdadeiros padrões de qualidade.

SOCIEDADE DE MOAGENS DO RECIFE LTDA. — RUA DIREITA N.º 90 — RECIFE — PERNAMBUCO

Plano de recuperação econômica de Pernambuco

Está empenhado, o Govêrno de Pernambuco, na realização de um vasto plano de trabalho destinado ao soerguimento da vida econômica e social do Estado.

Incentivar, no máximo, a produção prestigiando o capital e o trabalho, melhorar os índices de saúde e instrução do povo, amparar o pequeno lavrador facilitando-lhe meios de ação mais eficientes, elevar o padrão de vida das classes menos favorecidas, são e foram pontos chaves, visados neste árduo empreendimento pelo Govêrno pernambucano, para cuja execução todas as Secretarias de Estado e os seus departamentos não têm medido esforços.

Contou e conta, para isso, o Govêrno, com o apoio decidido de todas as classes produtoras do Estado, congregadas em torno de tão útil e louvável iniciativa.

Coube à Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio a parte principal dêste plano, no que diz respeito à lavoura e à criação, como o do financiamento e o da assistência técnica do agricultor, o desenvolvimento da produção e melhoria da sua qualidade, e o do transporte e abastecimento.

As demais Secretarias do Estado, que são a dos Negócios da Fazenda, a de Viação e Obras Públicas, a de Saúde e Educação, a do Interior e Justiça e a da Segurança Pública, não foram menores os encargos atribuidos nêsse plano de ação e de trabalho, dentro dos recursos disponíveis.

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

O plano de recuperação econômica do Estado, na parte relativa à Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio (SAIC) pode ser sintetizado no aumento da produção agrícola e dos rebanhos pela melhoria dos processos de cultivo e criação; no combate ao encarecimento da vida e no desenvolvimento do comércio e da indústria com a intensificação das exportações e do consumo interno. Nos títulos que se seguem, estão sumariados os empreendimentos que dizem respeito a êstes objetivos:

I) Mecanização das lavouras;
II) Disseminação dos campos de cooperação;
III) Assistência técnica ao lavrador;
IV) Defesa sanitária vegetal — combate às pragas da lavoura;
V) Disseminação da prática da adubação e da irrigação. Perfuração de poços;
VI) Pequena açudagem e perímetros de criação e granjas para fomento da pecuária e da avicultura;
VIII) Defesa sanitária animal — combate às molestias e assistência aos rebanhos;
IX) Renovação dos plantéis e distribuição de reprodutores pela venda a baixos preços;
X) Pesquisas científicas referentes à agronomia e à pecuária;
XI) Ensino agronômico e de química para formação de técnicos;
XII) Ensino da agricultura prática e da criação;
XIII) Propaganda do ruralismo e do cooperativismo;
XIV) Financiamento à lavoura e à pecuária por intermédio das cooperativas;
XV) Racionalização das colheitas, estocagem, embalagem e warrantagem;
XVI) Contrôle da qualidade dos produtos agrícolas — classificação para efeito de exportação e consumo;
XVII) Abastecimento, transporte, contrôle de preços, orientação da exportação;
XVIII) Desenvolvimento dos serviços de estatística, sobretudo do setor agro-pecuário.

PRODUÇÃO VEGETAL

Pernambuco tem ainda, grandes possibilidades agrícolas inexploradas. As suas terras férteis da zona da mata, propícias à cana de açucar e à cultura de cereais e frutas; as do agreste e sertão onde, o algodão de fibras longas, a mamona de alto teôr de óleo, o milho de baixíssima percentagem de umidade, e as fibras industrialisaveis, tão facilmente se desenvolvem, estão apenas exigindo maior intensidade de trabalho, e mais extensiva racionalização dos processos de cultura, para abundantes colheitas.

Tais elementos, lhes têm sido dados, dentro do vasto plano de fomento à produção, posto em prática pela Diretoria da Produção Vegetal, compreendendo, a mecanização da lavoura, por meio dos tratores que estão sendo encaminhados às diversas regiões do Estado, a distribuição aos agricultores de sementes selecionadas, de inseticidas, de enxadas e outros instrumentos agrícolas e o ensino da agricultura prática, através dos campos de cooperação.

Para a efetivação total do seu plano de atividades, conta a Diretoria da Produção Vegetal com as seguintes dependências:

a) SERVIÇO DOS ESTABELECIMENTOS AGRICOLAS

Este serviço tem a seu cargo as seguintes estações experimentais e aprendizados agrícolas: 1. Estação Experimental e Aprendizado Agrícola de São Bento, no Município de São Lourenço da Mata, com 1.100 ha. Dedica-se ao cultivo de cana de açucar bem como ao de mandioca, de milho, de algodão, de feijão, de arroz e de batata doce. Ainda dispõe de pomares, horta, estação sericícola, estábulo, cocheira, aviário, apiário e pocilga. Espera contar com um matadouro e uma instalação de laticínios, funcionando, na mesma, um Aprendizado Agrícola, cujos alunos se exercitam nos trabalhos de agricultura percebendo salários de aprendizes.

2. Estação Experimental de Cedro, em Vitória de Santo Antão, com 80 ha. Este estabelecimento é policultor, praticando, de preferência, a fruticultura.

3. Estação Experimental de Bengi, no Recife, com 27 ha, dedicando-se à distribuição de mudas de fruteiras e de plantas ornamentais e tendo a seu cargo o Campo de Enxertia de Itamaracá, que multiplica as afamadas mangas "Primavera".

4. Estação Experimental de També, com 255 ha, destinando-se à cultura de mandioca, de araruta, de abacaxi, de açafrão e de agave.

5. Estação Experimental de Caruaru, com 165 ha, vultivando milho, feijão, agave e mamona e tendo ainda a seu cargo estudos sôbre contrôle de erosão.

6. Estação Experimental e Aprendizado Agrícola de Santa Rosa, em Garanhuns, com 300 ha. E policultora, sendo a sua principal lavoura a do café. Seu aprendizado recebe, de preferência, filhos de agricultores.

7. Estação Experimental de Jatinã, na ilha do Estreito, no rio São Francisco, com 107 ha, destinada ao estudo da irrigação e à multiplicação de sementes e mudas, para fornecimento ao alto sertão.

8. Estação Experimental da Serra Talhada, com 300 ha, dedicando-se ao melhoramento e multiplicação do algodão mocó e a outras culturas propícias à região.

b) SERVIÇO EXPERIMENTAL

Este serviço, tem a seu cargo, aclimar, criar e melhorar as variedades de todas as culturas existentes no Estado, bem como as de importação. Faz a melhoria genética das culturas e estuda as diversas práticas agronômicas. O Serviço dá conhecimento dos resultados experimentais através de palestras e trabalhos técnicos, publicados no "Boletim de Agricultura" e em comunicados.

c) SERVIÇO DE FOMENTO E DEFESA

Tôdas as variedades e práticas novas que a experimentação fôr recomendando, são levadas a campo e ao conhecimento dos agricultores, e isso se faz por intermédio dêste Serviço.

Cinco são as zonas de fomento em que êle está dividido e cujas sedes estão localizadas nos municípios de Limoeiro, Caruaru, Garanhuns, Sertânia e Salgueiro.

d) SEÇÃO DE ENGENHARIA RURAL

Esta seção tem a seu cargo, projetos a executar, serviços de irrigação, drenagem, trabalhos topográficos, edificações e tudo que se prenda à engenharia rural.

e) PARQUE DA PRODUÇÃO VEGETAL

Organizado pela Seção de Engenharia Rural, tem a DPV, um projeto de construção de prédios apropriados às instalações dos seus serviços, ao qual deu o nome de Parque da Produção Vegetal. Neste projeto estão previstas acomodações para as seguintes dependências: Serviços dos Estabelecimentos Agrícolas, Fomento e Defesa, Museu Agrícola e Anfiteatro; Pavilhão de Floricultura; Pavilhão de Horticultura, Residências dos Técnicos; Vila Operária etc.

PRODUÇÃO AGRICOLA DE 1947

PRODUTOS	Quantidade (ton.)		Valor (mil Cr$)	
	Números Absolutos	%	Números Absolutos	%
Algodão em caroço	57.451	0,88	134.000	10,33
Alho	146	0,00	1.168	0,09
Amendoim	27	0.00	35	0.00
Arroz em casca	2.468	0,04	3 702	0,29
Batata dôce	26.650	0.41	15.990	1,23
Batata ingleza	310	0,00	310	0,02
Cacáu	13	0.00	33	0,00
Café beneficiado	22.180	0,34	98.950	7,63
Cana de açúcar	5.191.035	79,75	415.283	32,02
Cebôla	816	0,01	2.450	0,19
Côco da praia (1)	21.750	0,33	24.650	1,90
Fava	4.845	0,07	9.690	0,75
Feijão	28.493	0,44	53 747	4,14
Fumo em fôlha	1.669	0,03	11 613	0,90
Mamona (Bagas)	43.543	0,67	66.663	5,14
Mandioca (Raiz)	745.808	11.46	139.139	10,73
Milho	189.200	2,92	208.120	16,04
Tomate	40.657	0,76	5.000	0,40
Uva	25	0,00	150	0,01
Abacaxi (1)	27.500	0.42	16.500	1,27
Banana (1)	43.855	0,67	47.778	3,61
Laranja (1)	30.974	0,48	12.794	0,99
Manga (1)	14.000	0.22	10.500	0,81
Caroá	6.500	0 10	19.500	1,50
Borracha	22	0,00	132	0,01
Total	6.508.931	100,00	1.296.897	100,00

PRODUÇÃO ANIMAL

Constituindo a pecuária uma das riquezas de Pernambuco, é justo que lhe dispensasse e dispense o Govêrno, o máximo de cuidado, por meio de uma repartição com pessoal especialisado e amplos recursos de material.

A Diretoria da Produção Animal tornou-se uma das mais importantes repartições da Secretaria de Agricultura, ficando a seu cargo todos os assuntos pertinentes à pecuária e à criação, em geral.

O desenvolvimento dos rebanhos, a apuração das raças, a assistência aos criadores, consistindo esta em ensinamentos práticos, visitas de veterinários e técnicos, distribuição de sementes de plantas forrageiras, são partes de seu programa de atividades que vem sendo fielmente executado.

E o seu programa de ação se estende a todo o território de Pernambuco, através de fazendas experimentais onde os padrões de raça, mais desejaveis, são desenvolvidos, dos postos de monta, com reprodutores escolhidos e das granjas para o fomento da população avícola e da apicultura.

A organização atual deste importante Serviço, pode ser sintetizada da maneira que segue:

I) Serviço de Zootecnia;
II) Serviço de Fomento;
III) Serviço de Leite e Derivados;
IV) Escritório Técnico;
V) Divisão de Avicultura;
VI) Divisão de Registro Genealógico;
VII) Divisão de Agrostologia;
VIII) Divisão de Exposição
IX) Serviço de Psicicultura;
X) Serviço de Sericicultura;
XI) Usina Higienizadora do Leite.

AÇUDAGEM E IRRIGAÇÃO

Plenamente integrado no plano de fomentação à produção, vem o SAI dotando inúmeras fazendas de pequenos açudes, que tornam cultivaveis largos tratos de terras, antes inaproveitaveis. O seu plano de trabalho subdivide-se em:

I) Serviços de açudagem e irrigação, com financiamento através das cooperativas locais;
II) Serviços de construção de açudes públicos, custeados pelo Estado;
III) Serviços de açudagem e irrigação, nos quais o Estado se limita a dar assistência técnica.

Desde o início de suas atividades, até a presente data o SAI procedeu estudos a 535 serviços de açudagem e irrigação destinados a uma provisão dágua de 66.620.273 metros cúbicos.

Dentro do mesmo periodo foram concluidos 129 açudes, abrangendo 26 municípios das zonas do agreste e do sertão, com uma capacidade de 26.970.734 metros cúbicos.

FOMENTO DA PRODUÇÃO

O Serviço de Fomento da Produção tem como principal objetivo a realização do plano do Fomento. Consiste êste na aquisição, em grandes lotes, de material destinado à lavoura e à criação, para ser, posteriormente, vendido aos agricultores e aos criadores, por preços quase do custo.

PESQUISAS AGRONÔMICAS

O Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco é uma instituição de experimentação agrícola que vem desenvolvendo uma intensa atividade na região a que serve. Outros Estados, além de Pernambuco, e principalmente os do Nordeste, têm no IPA um órgão especialisado, pronto a atender quaisquer solicitações que estejam dentro do seu programa de trabalho e ação.

A sua organização técnica é um conjunto das diversas seções que, a seguir, vão discriminadas:

I) Seção de Entomologia;
II) Seção de Fitopatologia;
III) Seção de Matérias Primas;
IV) Seção de Solos;
V) Seção de Botânica;
VI) Seção de Veterinária;
VII) Seção de Bromatologia;
VIII) Serviço de Fiscalisação de Adubos e Forragens.

ENSINO AGRONÔMICO

Na apreciável propriedade "Pedra Mole", em Dois Irmãos, município do Recife, 11 quilômetros do centro da cidade, funciona a Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, circundada por 500 ha. de várzeas férteis, de vales e de ladeiras aproveitáveis.

ENSINO DE QUÍMICA

A Escola de Química de Pernambuco é uma instituição que tem prestado magnífica contribuição ao desenvolvimento da cultura técnica e científica do Estado.

COOPERATIVISMO

O Cooperativismo tem se desenvolvido, grandemente, em Pernambuco, desde 1938, cobrindo extensa área do seu território.

Através dessa rêde cooperativista, é que faz a Secretaria da Agricultura a parte de financiamento do fomento à produção.

Refeito do colapso pelo qual passou, a partir de 1945, decorrente da crise política que atravessou o Estado, na campanha da sua redemocratização, o sistema de cooperativas pernambumano, encontra-se pronto a prestar sua importante ajuda ao soerguimento tra-se pronto a prestar sua importante ajuda ao soerguimento econômico de Pernambuco.

Possui o Estado, atualmente, 82 cooperativas agro-pecuárias, com 32.723 associados e um capital realizado de Cr$ 13.952.792,50; 28 bancos cooperativistas com 2.981 associados e um capital realizado de Cr$ 9.326.217,40.

Além dessas organizações há, ainda, 63 cooperativas de diversas naturezas e 75 escolares.

CONTROLE DE QUALIDADE DA PRODUÇÃO AGRICOLA

O controle da qualidade dos produtos agrícolas pernambucanos é feito pelo Serviço de Classificação de Materias Primas e de Produtos Alimentares. Interpondo-se entre vendedor e comprador, com o certificado oficial da qualidade, defende o interêsse de ambos, evitando as fraudes e obrigando a que os produtos sejam negociados pelo seu justo valor.

PARQUE INDUSTRIAL

Pernambuco mantêm o maior parque industrial do norte e do nordeste do Brasil, notando-se que o número de suas fábricas cresce de ano a ano, oferecendo cifras de produção cada vez maiores.

Conta atualmente o Estado com 5.300 unidades fabris, entre grandes, médias e pequenas, acusando o último levantamento estatístico das indústrias, um operariado de cerca de 100.000 pessoas; um capital empregado de Cr$ .... 1.836.627.200,00 e uma produção global no valor de Cr$ .... 2.822.268.100,00. Esta cifra representa um pouco mais do dobro do valor da produção agrícola.

Os seus pontos de principal concentração são a zona da mata e o litoral, sendo que as pequenas fábricas se disseminam em todo o interior do Estado, inclusive zona sertaneja. O maior obstáculo para o seu desenvolvimento é a falta de combustível com que lida o nordeste brasileiro.

Pobres de reservas florestais, de quedas dágua, sem petróleo, tem que importar grande parte de energia com que movimenta as suas fábricas e os seus transportes. Grandes são as importações de gasolina, de "diesel-oil" e de "fuel-oil", sendo que, em 1947, comprou destes produtos, respectivamente, as seguintes cifras: Cr$ 40.397.168,00, Cr$ 19.096.344,00 e Cr$ 41.740.876,00.

Também de determinados produtos necessários à movimentação dessas indústrias, como a sóda, potassa, as anilinas, os cromados, os sulfatos e o enxofre. Em compensação, oferece a indústria pernambucana, aos mercados estrangeiros e nacionais, diferentes mercadorias, como açucar, tecidos, couros e peles curtidas, e trabalhos, óleos vegetais, tortas e farelos para alimentação e adubagem, doces em massa e em calda, as saborosas frutas pernambucanas, massa de tomates, massas alimentícias diversas, cimento, cerâmicos e tantos outros produtos, frequentes nas suas estatísticas de exportação.

EXPORTAÇAO DE TECIDOS PELO PORTO DE RECIFE 1943 a 1947

ANOS	País		Estrangeiro	
	Toneladas	Valor (mil Cr$)	Toneladas	Valor (mil Cr$)
1943	6.198	176.532	1.245	34.459
1944	5.536	222.945	863	38.603
1945	6.268	272.161	952	48.785
1946	10.228	446.126	548	38.062
1947	4.982	270.449	1.117	44.537

Fonte — Departamento Estadual de Estatistica.

EXPORTAÇAO DE AÇUCAR PELO PORTO DE RECIFE 1943 a 1947

ANOS	País		Estrangeiro	
	Toneladas	Valor (mil Cr$)	Toneladas	Valor (mil Cr$)
1943	228.875	311.795	19.832	31.208
1944	268.721	438.230	41.091	60.444
1945	225.603	453.383	12.006	25.316
1946	248.458	628.068	13.200	37.845
1947	196.247	568.699	37.528	132.642

Fonte — Departamento Estadual de Estatistica.

EXPORTAÇAO DE OLEOS VEGETAIS PELO PORTO DE RECIFE 1943 a 1947

ANOS	País		Estrangeiro	
	Toneladas	Valor (mil Cr$)	Toneladas	Valor (mil Cr$)
1943	681	3.370	3.071	11.971
1944	587	3.567	3.217	12.428
1945	564	4.286	3.013	13.304
1946	762	7.050	7.479	47.742
1947	933	18.576	6.231	68.591

Fonte — Departamento Estadual de Estatistica.

EXPOTAÇAO DE ALCOOL PELO PORTO DE RECIFE 1943 a 1947

ANOS	País		Estrangeiro	
	Toneladas	Valor (mil Cr$)	Toneladas	Valor (mil Cr$)
1943	4.645	14.631	—	—
1944	5.858	15.546	—	—
1945	4.955	15.698	—	—
1946	6.157	20.265	—	—
1947	5.918	17.337	1.923	6.439

Fonte — Departamento Estadual de Estatistica

O pintor Francisco Brennand é um dos novos valores artísticos da geração jovem pernambucana

Esta é a porta da Igreja de São Pedro dos Clérigos, cujo relêvo e entalhe foi admirado por quantos visitaram Recife. E' de notar que ao lado da expressão de fôrça, de solidez, de eternidade que se desprende dêste trabalho os traços de filigrana que lhe dão a levesa e o encanto e a atração que é bem o espirito brasileiro refletido nesta porta.

TOBIAS BARRETO

Um capítulo de história da filosofia no Brasil

A. Mosca de Carvalho

Jesuita pernambucano, professor de filosofia, o autor está preparando uma história da filosofia no Brasil. Aqui está um pequeno e brilhante estudo sôbre Tobias Barreto.

Não será fora de propósito lembrar mais uma vez o nome de Tobias Barreto. A imprensa do Recife refere-se nestes últimos tempos ao mestre de Escada. Essa insistência justifica a abertura deste artigo.

* * *

FILOSOFO À FÔRÇA

Porque Tobias Barreto, apesar do título que lhe conferiram de "filósofo de Escada", nada ou quase nada tem de filósofo. Foi um ledor de filósofos alemães. Umas vezes um simples expositor. Outras vezes, mistura uns filósofos com outros ou procura lançar uns contra outros num ódio mortal. Mas não passou desse jôgo. Ficou longe da genuina vocação e do verdadeiro espírito filosófico. A realidade, porém, é que quiseram fazer o homem *filósofo à fôrça*. E assim nessa farsa que lhe teceu uma platéia animadíssima, se debateu o espírito de Tobias Barreto em acrobacias perigosas para justificar o título que lhe tinham dado com tanta exuberância e generosidade. *Noblesse oblige*. Ser médico à fôrça, é sempre pior do que ser filósofo à fôrça: no primeiro caso, há o perigo de antecipar o ajuste de contas com muita gente. No segundo caso, há simplesmente o perigo de assassinar umas tantas ideias. Foi o caso de Tobias Barreto. Na sua farsa de filosofar à fôrça, foi assassinando, aqui e acolá uma série de filósofos alemães. Os franceses, êsses coitados, tiveram sorte mais infamante, pois quase todos morreram em *auto de fé*, por infidelidade à germanidade.

Tobias que não se morria lá muito de amores pela religião, (a não ser para cantar a beleza de suas musas lá no céu de sua poesia) quase toma ares de tartufo quando deparou com o volumaço de Guyau: *L'irreligion de l'avenir*. E quando enxergou o subtítulo do indigesto alfarrábio: *étude sociologique*, então, parece que se tomou de um furor taurino e arrematou, de pontas afiadas, contra o desditoso filho de "*Madame Lutetia*". A cultura francesa, o pecado de serem os franceses claros, sintéticos, o pecado maior ainda de saberem aproveitar tudo o que de bom, de belo e de verdadeiro podem colher nas searas alheias, mesmo na Germania, pagaram bem caro essas regalias. Comte e Littré foram então bem visados. Tobias chega mesmo a lançar repto ao fundador do positivismo, como se êle morasse ali em Botafogo, ou aqui no Recife, para os lados de Apipucos. Manda todos os contistas "bugiar, desde os leões da seita, até os gatos de nossos telhados". E com que seriedade o filósofo de Escala escreve: "Aventuro-me a adiantar o juizo da história, que será êste: Littré foi um profundo lexicógrafo, mas um filósofo medíocre" (IX, 264) (1). Ironia da história: se bem, se mal, o nome de Littré, apesar do epitáfio tobiesco, inda vai sendo lembrado de vez em quando, enquanto o nome do filósofo de Escada, no espaço de uma geração, vai encontrando cada vez mais menos degraus para subir ou para descer, conforme o ponto de vista...

A sua exposição do kantismo, por exemplo, uma das mais longas de Tobias, apesar dos intérpretes alemães de que se serviu, é falha e confusa. E tem ainda a ingenuidade de afirmar que o autor da crítica da *Razão pura* é claro na exposição de seu sistema. Tôda a sua preocupação, que tem quase ares de rapaz imberbe glostorado de noções de história da filosofia, é mostrar que Kant, consciente ou inconscientemente fez carapuças que se ajustam maravilhosamente aos positivistas. A gente chega, afinal, à conclusão do artigo, sem saber realmente qual é a atitude de Tobias. E no entanto Silvio Romero tem a preocupação religiosa de anotar que nesse artigo se contém uma das últimas profissões de fé do filósofo de Escada.

* * *

DOGMAS E SOFISMAS

Apesar de todo o seu ódio aos dogmas e à metafísica, Tobias lá teve também o seu fraco por uns dogmazinhos inofensivos. Um deles, que lhe serve de muleta a cada passo, é já bem conhecido: só é científico aquilo que está sujeito à experiência dos sentidos. E daí conclui decididamente que é sem nenhum valor qualquer outra forma de conhecimento que procure alcançar uma realidade supra-sensível. Apesar de tôda a sua argúcia deixa-se embair por sofismas como êste: "A metafísica envolve contradição porque vem a ser a ciência do incognoscível, do que não se pode saber, do que, de feito, não se sabe" (III, 152). Não vence também a aporia que expressou nestas palavras: "Teologia ou teodicéia, a ciência de Deus é impossível" (III, 117). Apesar de falar muito em metafísica, parece que Tobias Barreto não chegou a elaboração perfeita desse conceito, ainda que às vezes parece dar a entender que lhe tomou a pista.

Outro dogmazinho, em que se apoia, é o evolucionismo, tipo haeckeliano. E com que suficiência arremete contra uma síntese como a de Hegel e passa a louvar desmesuradamente as patacoadas de Haeckel.

Nos seus ataques ferinos contra a filosofia cristã, ou mais restritamente contra a Escolástica, acho-lhe uma justificativa. Encontrou quase sempre, no seu caminho, escolásticos compendiaristas de segunda classe. Tobias Barreto sabia alemão, mas talvez não tivesse gesto para ir às fontes latinas, para ler St. Tomas diretamente e não através de autores de segunda categoria. Mas ainda assim parece-me, algumas vezes, um adversário de má fé. Por exemplo, quando arremete furiosamente contra o pobre do padre dr. Jerônimo Tomé (III, 167). Toma a definição que o autor dera de virtude e refuta-a apenas com o argumento da galhofa. E' um processo desleal. Levou a coisa para um terreno onde, êle o sabia, não o poderia acompanhar a *virtude* do Reverendo. A crônica acaba com uma anedota no estilo *Conselheiro XX*. O leitor curioso poderá vê-la, consultando em alguma biblioteca pública, o tomo III, p. 176-177, das obras completas editadas pelo Estado de Sergipe. O público ao ler aquela crônica devia acreditar, ingenuamente, que o padre era como Tobias fartamente repetiu: um toleirão, um estólido, tolo, autor de uma "filosofia do chiste" (Desculpem-me os leitores: mas a citação é textual: III, p. 171). No entanto, Tobias não refutou absolutamente nada: passou o tempo todo na pilheria. E repetiríamos o que nessa mesma crônica êle aplica ao reverendo: Assim também *anch'io sono pittore*.

E' verdade que com o alemão que sabia bem poderia ter tido um conhecimento mais profundo da Escolástica através, por exemplo, de Kleutgen. Mas talvez não lhe soubesse ao paladar essa filosofia que apenas era ainda uma vaga promessa de ressurreição.

Quando Silvio Romero fala de Tobias tenho dificuldade em saber se o crítico fala a sério ou está com ironia. Assim quando nota a respeito de umas divagações sem importância que Tobias escreve sôbre Balmes e St. Tomas, alude à separação que o filósofo de Escada faz do espiritualismo católico e acrescenta: "deu início à reformação espiritual entre nós" (III, 123). Que se afastasse da filosofia cristã, passe; mas que deu início a uma reformação, é demais.

* * *

FILOSOFIA DA RELIGIÃO

Essa mesma hostilidade contra os filósofos de segunda categoria da Escolástica, guardou-a contra os teólogos em geral. Ao falar de teologia, o homem parece que se sente mordido por uma cobra, tal é o desandar em pilherias. Vejamos como traduz o provérbio latino: *Aliquando fas est insanire*. Traduzo primeiro para o leitor leigo, o latim litoral: algumas vezes tôda a gente tem o direito de disparatar, de dizer ou fazer tolices. Pois bem, êsse provérbio e assim que Tobias o traduz: "algumas vezes é bom ser teólogo (VIII, 309).

Acha que a teologia é sem dúvida uma variação "morfológica do capim". Seria longa a inumeração das irreverências religiosas tobiescas. Mas aqui, como no parágrafo anterior, acho em parte que o filósofo, agora armado até de comentador da Escritura, de exegeta, de filósofo da religião, tem razão. O ambiente religioso de seu tempo não lhe foi favorável ao seu espírito. Um catolicismo decadente nas classes cultas; e um catolicismo rotineiro entre o povo. E, fato curioso, Tobias que esteve perto da alma do povo, na poesia, não a compreendeu de maneira alguma quando se tratou de religião.

Além disso cercaram a sua infância apenas recordações negativas da religião (VIII, 102, 118). Sòmente uma ou outra recordação positiva lhe emolduram a sua piedade de criança. Lembra, comovido, aquela notação, mais estética do que religiosa, do ofício de Nossa Senhora entoado por "côro de vozes rústicas, que deixam transparecer a beleza das cantoras". E quase nada mais. Ele próprio constata que a "nossa religiosidade é mais epidérmica do que visceral" (VIII, 74). Como dizíamos, faltou-lhe compreensão da religião na sua forma popular: pois seria uma injustiça atacar a Igreja tanto em nome de uma pseudo-aristocracia intelectual, a gnose de uma classe privilegiada, como em nome de uma pseudo-democracia religiosa. Esta notação feita pelo próprio Tobias é trágica e verdadeira: "O povo brasileiro que ainda não sabe ler, já sabe entretanto rir-se de muita coisa respeitável e sagrada" (VIII, 78). Ora Tobias que não só sabia [illegible]

(Conclui na 8.ª pág.)

PERNAMBUCO DE ONTEM E DE HOJE EM FACE DA CONJUNTURA NACIONAL

BALANÇA COMERCIAL DEFICITÁRIA

Há 80 anos passados, por volta de 1870, Pernambuco e São Paulo estavam no mesmo pé de igualdade. Os índices demográficos desses dois Estados marchavam paralelamente. Também os orçamentos públicos. As vias de comunicação pernambucanas e paulistas seguiam rumos idênticos e o valor da produção de São Paulo e Pernambuco não marcavam entre uma e outra os extremos que hoje assinalam. E ninguém podia suspeitar que decorridos menos de um século tanto se distanciassem os dois Estados, em 1870 tão iguais e tão semelhantes nos seus registros econômicos, sociais e financeiros. A verdade, porém, é que São Paulo continuou o centro de gravidade da vida econômica do país, enquanto Pernambuco estacionou, ficou onde estava em 70, parou.

Por que?

As causas desse retrocesso, por estacionamento, são muitas. Diluem-se entre os mais diversos fatores, como a imigração estrangeira que o clima e o solo paulista propriciaram; as iniciativas práticas e poderosas nesse sentido; a implantação da economia cafeeira, com o seu poder de fixação e o privilégio das exportações fáceis, sem concorrência internacional e, além de inúmeros outros, a decisiva proximidade do centro em que se haveria de fixar o eixo da economia nacional.

Pernambuco, ao contrário, continuou vinculado à economia açucareira, que já vinha de longe. Permaneceu, no plano demográfico, preso ao secular vegetativismo das suas populações, à monocultura canavieira, embora evoluindo dos engenhos primitivos para as grandes centrais, mas sem recorrer aos reforços imigratórios a que São Paulo recorria e ao alargamento das suas culturas. Ao contrário, continuou vivendo da fertilidade das terras litoraneas — *a zona da mata* — e suportando, cada vez mais, nessa faixa estreita, o peso das suas regiões quase desérticas, do *agreste* e do *sertão*.

E numa luta constante contra os fenômenos naturais, luta já agora exaustiva em face das sub-economias instaladas pelo estacionamento registrado, foi sentido que se exauriam as suas riquezas nessa luta heróica mas que não produz as repercussões econômicas e sociais desejadas em face do esforço e do trabalho desenvolvidos.

Luta imensa, mas que entorpece o ritmo da formação de riqueza a que Pernambuco necessita, como consequência lógica do trabalho que sempre realizou, e que agora é ainda maior em face do atraso que o envolve, em relação a São Paulo.

Por volta de 1870, o Estado dispunha de uma robusta *renda social*, como indicam os índices da época, tal como São Paulo. Em face da atual conjuntura pernambucana, quando sub-economias embaraçam ou reduzem a velocidade da formação da riqueza social, a penúria orçamentária retira ao Estado o poder de organização técnica — de assistência à produção que a iniciativa privada não pode suportar, mas que supre, muitas vezes num clima de aventura. Riscos imensos, nem sempre vencidos pelo fracionamento das atitudes, e que deviam ser enfrentados por atitudes comuns, de conjunto e não fracionadas.

Resultado: apesar de vir sustentando o primado da produção açucareira nacional, Pernambuco, como o Nordeste, não dispõe de uma estação experimental à altura da importância da economia canavieira para a região.

A produção de plantas texteis, em que o algodão pontificava, no *agreste* e no *sertão*, entrou em declínio, por falta de *experimentação* e de *zoneamento* das variedades herbaceas e arboleas, hoje confundidas e prejudicando a uniformidade das fibras. As consequências desses males e desestimulantes levam a uma depreciação que explicam as causas do decrescimo dos plantios e das safras.

Voltou-se o agricultor sertanejo para a cultura das fibras, iniciando-se no caroá, sob a influência de uma propaganda que prometia largas possibilidades aos que a essa cultura se dedicassem. Hoje, porém, contrastando com a propaganda, a procura de caroá cai, no mercado interno como no externo, sob alegados fundamentos de dificuldades técnicas de tecelagem, o que invalida o produto como base de uma atividade agricola organizada e digna de confiança.

Com o agave, ou sisal, surgem novas perspectivas de radicação de uma cultura rendosa para as *zonas sertanejas*. Mas os estudos e as realizações ainda dependem, exclusivamente da iniciativa privada.

As oleaginosas, culturas tradicionais na pequena e fracionada *agricultura sertaneja*, como a mamona, estão entregues aos azares da dependência dos centros de consumo internacionais, a despeito das iniciativas de industrialização no país e no próprio Estado, e lutando, ao mesmo tempo, com a concorrência que lhe movem importantes e poderosos mercados mundiais.

Desprovida de meios para entrar na linha da exportação, a fruticultura, em face do regime de acôrdos orientados pelos interesses mais próximos do eixo econômico do país, vai se limitando ao consumo local, de que é exemplo o abacaxi, que os mercados do Rio da Prata consumiam, mas que agora estão praticamente fechados à sua importação.

Completando todo êsse quadro de dificuldades, de embaraços naturais e de estacionamento, complica-se o problema das *exportações* com o cambial, agravado pela desvalorização dos padrões monetários de vários países compradores, além da perniciosa disparidade de poder liberatório da nossa moeda interna e externa.

* * *

Como o Brasil, Pernambuco, com a sua economia enfraquecida, está também transformado num Estado importador, pelas incontestáveis vantagens que cercam as importações do estrangeiro, decorrência lógica quando se vive num regime de "moeda externa" supervalorizada em contraposição à desvalorização cada vez mais acentuada do cruzeiro de curso interno. A produção exportável dos setores agricola e industrial, por fôrça da valorização do cruzeiro de curso internacional, com a agravante das desvalorizações nas moedas de outros países, retira à produção nacional as condições de concorrência nos mercados mundiais.

Enquanto tôdas essas coisas, graves para a vida econômica do País e de Pernambuco, se passam, surgem no mundo outras zonas de concorrência às nossas produções, produções dispondo de assistência técnica e de crédito que não dispomos.

Ao Norte da África, em longitude semelhante ao Nordeste brasileiro, os Estados coloniais incrementam a agricultura de plantas texteis e oleaginosas, assim com a fruticultura e outras atividades semelhantes e concorrentes através de financiamento de baixo custo e longo prazo, obtidos em fontes de auxílio internacionais, o que torna mais crítica e menos remediável, em futuro próximo, a nossa posição no comércio internacional.

Não obstante, muito tem sido realizado em Pernambuco, graças ao esforço e à decisão da iniciativa privada, num ambiente de brasilidade que resiste aos embaraços e se não intimida pelas dificuldades de todos os tipos, algumas delas aqui apontadas.

Basta registrar que a produção de açúcar se elevou de 4.000.000 de sacas em 1939-40, para 7.985.000, em 1948-1949.

Mesmo assim, o movimento da importação e da exportação pelo pôrto do Recife é deficitário para Pernambuco, quer no intercâmbio com os demais Estados, quer com o estrangeiro, conforme indicam os seguintes quadros:



Para o edifício Arnaldo Bastos, o pintor Augusto Reinaldo fez êste belo mural, cheio de simbolismo e da alma pernambucana.

EXPORTAÇÃO PELO PORTO DE RECIFE
1939 a 1948

ANOS	Para o País		Para o Estrangeiro		Geral	
	Toneladas	Valôr (Cr$ 1000)	Toneladas	Valôr (Cr$ 1000)	Toneladas	Valôr (Cr$ 1000)
1939	328.231	486.002	109.370	113.197	437.601	599.199
1940	312.197	484.606	100.366	123.222	412.563	607.828
1941	352.287	630.996	75.105	112.119	427.392	743.115
1942	279.668	647.349	59.841	180.208	339.509	827.557
1943	309.149	767.899	57.537	142.638	366.686	910.529
1944	335.953	929.887	85.320	190.036	421.278	1.119.923
1945	298.755	1.094.511	54.428	185.997	353.183	1.280.508
1946	330.405	1.521.525	75.188	349.319	405.593	1.870.844
1947	279.198	1.391.164	166.357	537.808	445.555	1.925.972
1948	347.715	1.531.759	355.357	772.910	703.072	2.304.669

IMPORTAÇAO PELO PORTO DE RECIFE
1939 a 1948

ANOS	Do País		Do Estrangeiro		Geral	
	Toneladas	Valôr (Cr$ 1000)	Toneladas	Valôr (Cr$ 1000)	Toneladas	Valôr (Cr$ 1000)
1939	153.223	445.211	333.942	204.988	487.165	650.199
1940	166.556	480.446	358.325	231.319	524.881	711.765
1941	171.438	593.847	381.132	226.571	552.570	820.418
1942	158.467	637.611	424.722	259.892	583.189	897.503
1943	168.260	892.792	374.388	272.194	542.648	1.164.986
1944	182.249	1.295.025	291.511	267.207	473.760	1.562.232
1945	197.646	1.511.906	398.338	359.692	595.984	1.871.598
1946	215.230	1.672.130	359.669	509.870	574.899	2.182.000
1947	201.257	1.765.477	415.390	852.566	616.647	2.618.043
1948	222.741	2.123.331	435.145	925.804	657.886	3.049.135

Fonte — Departamento Estadual de Estatística.

SUPLEMENTO DE PERNAMBUCO

TRIBUNA DA IMPRENSA

ANO 2 — Sábado-Domingo, 1-2 de julho de 1950 — N.º 157

UM PERNAMBUCANO PARTICIPA DA DISPUTA DA "COPA DO MUNDO"

ADEMIR MENEZES, O "CRACK" QUE VEIO DO RECIFE PARA BRILHAR NO RIO

Chama-se Ademir Menezes. Moço ainda, andava pelos 20 anos — chegou ao Rio. Não se tratava de nenhum aventureiro, que vinha em busca da sorte, lutando ao acaso. Mercê de suas apresentações figurando na equipe do S. C. Recife — então possuidor de um dos melhores plantéis do país — quando aqui chegou trazia rumo certo: Alvaro Chaves. Ali ficou durante alguns dias, exercitando-se entre os tricolores. Não assinou contrato — é verdade, o que não implica dizer-se que não haja agradado. Ao contrário, muito queriam os tricolores tê-lo em suas fileiras. Mas, acontece que outros personagens intervieram. Precipitaram-se os acontecimentos e, como resultado, findou Ademir por ingressar no Vasco.

CAMPEÃO CARIOCA E VICE-CAMPEÃO SUL-AMERICANO

Foi vestindo a camiseta Cruz de Malta que pela primeira vez conseguiu Ademir sagrar-se campeão carioca. Isto, em 1945 e, além de campeão, chegou até o final do certame sem conhecer o amargor de uma derrota. Antes, já alcançara, em Santiago do Chile, o título de vice-campeão sul-americano. As suas atuações, entre os cruzmaltinos, haviam-no guindado à seleção nacional pela primeira vez.

No ano seguinte, repetiria a conquista internacional. Nessa oportunidade, porém, em Buenos Aires. Tal como em 1945, Ademir foi, então, uma das figuras dominantes da competição.

A TRANSFERENCIA SENSACIONAL

Foi por ensejo de seu retorno ao Rio que teve lugar a transferência mais discutida, talvez, do futebol brasileiro. Ademir resolveu deixar o Vasco. De nada adiantaram as "demarches" deste ou daquele paredro, de nada valeram os apelos que daqui e dali surgiram, para que permanecesse em São Januário. Transferiu-se para o Fluminense. Marchas e contra-marchas assinalaram os entendimentos. Ora era o seu pai — o "Coronel Menezes" — a afirmar que seu filho iria para o tricolor; ora era um paredro vascaino quem afirmava a disposição do profissional de permanecer onde se encontrava — isto é, em São Januário.

De uma forma ou de outra, porém, Ademir deixou o Vasco. Não faltou quem afirmasse estar definitivamente inutilizado para o futebol. Houve quem divulgasse laudos médicos para atestar a sua incapacidade física, ameaçado de mais isto e de mais aquilo.

Fracassaram as falsas Cassandras. Equivocaram-se as pitonisas que antecipavam o ocaso do jovem pernambucano.

SUPER-CAMPEÃO

Veio o Campeonato de 1946, e feito sob medida para colocar à prova a vitalidade de Ademir. Há muito, não conhecia o público metropolitano uma campanha tão árdua. Foi a do empate de 4 disputantes na primeira colocação, foi a do super-campeonato. E, para decepção daqueles que o viam decadente e condenado ao mais irremediável insucesso, lá estava Ademir, até o final da jornada, como um dos mais rutilantes valores da equipe que iria sagrar-se vitoriosa na competição — a do Fluminense. Colocara por terra tôda uma campanha de descrédito, ao mesmo tempo em que alcançava um título ainda inédito — o de super-campeão.

O RETORNO A SAO JANUARIO

Outras competições internacionais vieram e novos títulos alcançou o "crack" pernambucano. No Rio, porém, não conseguiu reeditar a proeza de anos anteriores. 1947 não foi ano que ficasse marcado por conquistas de maior relevo em gramados cariocas. Todavia, findo o seu contrato, outro acontecimento iria marcar a vida de Ademir — o seu retorno a São Januário. Novamente, houve marchas e contra-marchas, afirmações e desmentidos. Quem menos falou, foi o próprio jogador. Até que chegou ao momento de dizer sim ou não. Disse sim ao Vasco e assinou o compromisso.

"CRACK" MILIONARIO

Até hoje, não são conhecidas precisamente as bases do contrato que então foi assinado. Mais de 100 mil cruzeiros por cada ano de contrato, disseram uns; não chega a isso, afirmaram outros. Mas, a verdade, é que inúmeras vantagens foram-lhe oferecidas. Inclusive, a consolidação de sua posição como corretor. Um seguro de cerca de um milhão de cruzeiros, foi-lhe entregue, para processamento. E, só aí, ganhou mais do que a maioria dos "cracks" por um longo contrato. E não foi só. Houve mais um apartamento (estava noivo e casou-se logo após), e presentes deste ou daquele. Enfim, tudo fizeram para que em torno do "crack" se criasse uma legenda — a de "Milionário do Futebol".

NA "COPA DO MUNDO"

Hoje, Ademir prossegue em São Januário. Continua cercado do mesmo carinho, guardado pelo mesmo afeto quase paternal que lhe foi tributado quando ali entrou pela primeira vez, há quase dois lustros.

Hoje, não é apenas a torcida vascaina que o estimula e o incentiva. E' tôda a platéia brasileira que acompanha, ansiosa, os seus movimentos. Ademir é agora um dos vinte e dois componentes do plantel nacional para os jogos da "Copa do Mundo". Mais do que isso — é ponto de referência de tôda a estrutura do conjunto. E' o depositário das melhores esperanças do "aficcionado", como artilheiro, figurando no centro do quinteto atacante, ou como auxiliar no trabalho de ligação, atuando de "in-sider". Enfim, é o mesmo Ademir que tem brilhado em outras jornadas, que se tem imposto pelos seus méritos de "virtuose" da pelota. E é, também, a contribuição dos pernambucanos ao selecionado brasileiro, no momento em que os desportos de nossa terra vivem uma de suas mais difíceis campanhas.

NO VASCO

Hoje, Ademir continua brilhando no Vasco. Um outro nortista — o baiano Maneca — figura ao seu lado

PELA PRIMEIRA VEZ

Quando essa fotografia foi batida, Ademir estava pela primeira vez em São Januário. Walter e Sampaio ainda eram cruzmaltinos

TOBIAS BARRETO

(Conclusão da 6.ª pág.)

ler, mas sabia alemão, não ria também de tanta coisa sagrada?

• • •

OUTRA VEZ OS JESUITAS

Alguem havia de pagar a dívida de antipatia que Tobias foi encontrando, à sua volta, à medida que ia germanizando Escada e o Recife. E Tobias sacudiu para cima dos jesuitas a culpa. Foram êles, assegura Tobias (VIII, 105, 116) que criaram essa aversão à língua germânica. Bastava relembrar que Inácio de Loiola criou em Roma um instituto germânico, onde alemães, fugindo à *tolerância* da reforma protestante, pudessem formar-se e depois, com a mesma língua e com o mesmo espírito, voltar novamente à sua pátria. Outro fato, mais perto de nós: uma das bibliotecas dos jesuitas, no Brasil, conta perto de uns 30.000 volumes em alemão! Deve ser mesmo grande a germanofobia dos jesuitas. Pena é que no seu tempo, Tobias não tivesse encontrado um Fullop Muller, que mesmo dentro de uma perspectiva puramente racionalista, lhe tivesse dado, em alemão, num mosaico multicor, uma visão menos infiel do jesuitismo (vá o... ismo por conta dos *simpatizantes!*). Seria preciso ainda lembrar a regra de Santo Inácio que manda que todo o jesuita deve aprender a língua da terra onde reside? Lembrar os jovens estudantes jesuitas brasileiros que falam, e pregam e escrevem em alemão? Não sei se essa filiação de anti-germanismo linguístico atribuida aos jesuitas é mesmo original de Tobias ou foi bebida em alguma *Wissenschaft*... Mas também pouco importa mais essa gloríola para o filósofo de Escada. Será que êsse ranço de anti-jesuitismo ficou mesmo como seatro psicológico nos descendentes de Tobias? Pois há pouco tempo ainda aqui no Recife se falava "nessa tirania jesuítica do *magister dixit!*" Mais uma notação curiosa para os colecionadores de tiranias jesuiticas: e afinal qual foi a tirania que êles não exerceram?

• • •

CONCLUSÃO

Queríamos fechar os dois ou três parágrafos deste artigo com algumas conclusões mais breves. Dissemos, ao princípio, que Tobias Barreto não teve culpa de ser filósofo à fôrça. Resta-lhe o mérito bem interessante de ter sido um desbravador. Apontou caminhos. Alinhou nomes da filosofia e da cultura alemã, desconhecidos no pobre cenário da cultura brasileira de seu tempo. Despertou o gosto pelos estudos germânicos, ainda que, não sei se com vantagem, procurou desprestigiar o primado espiritual e intelectual da França na cultura do povo brasileiro. Numa época em que a política (como hoje ainda?) absorvia muitas vezes tôdas as atividades do homem culto, Tobias deu êsse testemunho desassombrado do gosto pela cultura, que nele tinha essa qualidade singular, de um polimorfismo bem rico. Do naufrágio de suas idéias filosóficas, salva-se, a meu ver, o seu estilo que nos leva ainda a ler Tobias Barreto com certo gosto. A sua ironia é mais interessante, como valor estético, do que o seu pseudo-valor filosófico. A sua leitura causa-nos o prazer malicioso que a gente tem em ver um homem arreliado, afobado. Prazer de moleque de rua que insulta o transeunte para sentir o prazer cínico de ver o cavalheiro ou a madame (Madame Lutetia!) a dizerem desaforos sôbre os meninos perdidos de hoje. Eu acho que sem muito boa vontade poderíamos encontrar antes em Nabuco, nos seus *Pensamentos soltos*, uma vocação de filósofo, *tipo pascaliano*, do que em tôda a erudição tedesca do filósofo da Escada.

Felizmente quase todos os "idolos" que Tobias tentou deitar por terra continuam de pé. O seu ódio à Escolástica e ao Catolicismo fizeram-lhe dizer sandices e irreverências contra Deus e o mundo. Seria o caso de filosofar com os nossos matutos: Só se atira pedra à árvore carregada de fruto, ou aos ninhos fecundos. Árvore sem fruto e ninho deserto, não desperta a atenção de ninguém.

No outono de sua vida, Tobias Barreto, que no íntimo era uma alma religiosa, brasileira, reconheceu êsse fruto e essa beleza. Morreu reconciliado com Deus e com a verdade católica. Êle poderia ter dito com um grande cientista convertido de nossos dias, A. Carrel: "Sòmente por saber pouquíssimas coisas é que destrui verdades tão belas".

O louvor exagerado às vezes incomoda. Não seria o caso de Tobias Barreto? Alguem lembrou, com dose de ironia que no caso do filósofo da Escada, o pedestal saíra mais avultado e mais importante que a estátua... Culpa de quem? De Tobias? Não; da platéia: da comissão encarregada do monumento.

(1) Citamos assim as Ob. completas de Tobias Barreto, ed.: do Estado de Sergipe, 1926.

INFORMAÇÕES SÔBRE O TEATRO EM PERNAMBUCO

(Continuação da 5.ª pág.)

Medicina", de então para cá apresentando grandes peças do repertório mundial. Embora nos desse espetáculos de pouco conteúdo artístico como *Primerose*, de Flers e Caillavet, *A Canção da Felicidade*, de Oduvaldo Viana, *A Exilada*, de Kistemaekers, *A Escada*, de Brieux, o Teatro de Amadores de Pernambuco apresentou-nos originais de grande envergadura como *Alto Mar*, de Sutton Vane, *A Dama da Madrugada*, de Alejandro Casona, *A Casa de Bernarda Alba*, de Lorca, *A Escola de Maridos*, de Molière. A sua temporada mais produtiva foi a do ano passado, não tanto pelos originais encenados, mas por contar com a direção de um experimentado homem de teatro que é Ziembinski, o qual teve oportunidade de experimentar uma encenação como a de *Nossa Cidade*, de Thornton Wilder e outra em sentido oposto como é o caso de *Esquina Perigosa*, de Priestley, sem contar com *Pais e Filhos*, de Bernard Shaw.

O Teatro de Amadores, aliás, se tem caracterizado pelo fato de contratar técnicos estranhos ao meio. Assim aconteceu com Turkov, que montou *A Comédia do Coração*, de Paulo Gonçalves, conseguindo realizar, com uma peça pouco acima da categoria de mediocre, um dos mais belos espetáculos plásticos que já temos visto. O sr. Adato Filho também foi contratado por êste conjunto, aqui apresentando-se, sem convencer, Guimerá, Pirandello, do seu trabalho se salvando *Escola de Maridos*, de Molière. Além de *metteurs-en-scène*, o Teatro de Amadores de Pernambuco trouxe um técnico em caracterização como José Jansen, que prestou ótimos serviços na sua especialidade, ministrando um curso rápido cuja principal finalidade foi aperfeiçoar os conhecimentos que o sr. Alderico Costa já possuía sôbre o assunto, transformando-o num bem regular caracterizador.

Com a vinda do sr. Adato Filho, em 1948, surgiu outro grupo teatral, o Teatro Universitário de Pernambuco, que estreou com *As Férias de Apolo*, de Jean Berthet, num espetáculo melancólico, sob a direção do próprio sr. Adato Filho. A êste espetáculo, já agora sob a direção do sr. Walter de Oliveira, seguiu-se *E' proibido suicidar-se na primavera*, de Casona, havendo Ziembinski dirigido para o TUP duas peças: *Além do horizonte*, de O'Neill e *Fim de jornada*, de Sheriff. Sem possuir um ensaiador próprio, como é o caso dos demais grupos da cidade, o Teatro Universitário se movimenta quando por aqui chega um Ziembinski ou um Adato Filho, embora possuindo atores da qualidade de um Paulo Alcântara e um Hélcio Pires, não sendo de mais lembrar-se que, neste particular, o Teatro de Amadores de Pernambuco possui uma Diná Rosa Borges de Oliveira, uma Vicentina Freitas do Amaral, um Otávio Rosa Borges, uma Carminha Carvalho, os irmãos Walter, Adelmar e Alfredo de Oliveira, constituindo êste elenco o mais numeroso da cidade.

O Teatro do Estudante de Pernambuco é responsável por várias iniciativas interessantes: o incentivo aos autores da terra — não se pode possuir um teatro nacional sem o aparecimento de autores — já havendo lançado dois deles: Ariano Suassuna e José de Morais Pinho; o lançamento de concursos de peças teatrais; o lançamento da Barraca — teatro ambulante — para espetáculos gratuitos junto às populações pobres; o patrocínio de conferências e cursos de teatro; a fundação de uma editora, cujo primeiro livro a sair será o de versos de José Laurênio de Melo, intitulado "Palhano"; a apresentação de vários grandes nomes da cena mundial: Tchekov, com *O Urso*; Sender, com *O Segrêdo*; Garcia Lorca, com *A sapateira prodigiosa*; Ibsen, com *A Casa de Rosmer* e *Quando despertarmos de entre os mortos*; Sófocles, com *Edipo-Rei*; sem contarmos as peças dos srs. Ariano Suassuna e José de Morais Pinho: *Cantam as harpas de Sião* e *Haja pau*, esta última uma farsa para bonecos que inaugurou um novo departamento do conjunto. Revelando um cenógrafo como Aloísio Magalhães; um eletricista como Salustiano Gomes Lins, um dramaturgo como Ariano Suassuna, o Teatro do Estudante de Pernambuco, com a sua editora, cogita sair do âmbito puramente teatral para se projetar em outros setores da cultura, revelando contistas, romancistas, dramaturgos, poetas, pintores. O seu programa para o corrente ano já foi traçado: *O Vento do Mundo*, de minha autoria; *Cabeça Pelada* e *O Auto de João da Cruz*, de autores que participaram do Concurso de peças da Secretaria de Educação, ainda não identificados, sendo que para a encenação dessas peças contará com a colaboração do Teatro Escolar.

Outros grupos ainda existem: o Clube Atlético de Amadores, que se propõe representar as comédias de Martins Pena, o Teatro Experimental dirigido por Isaac Gondim, que já montou *Tempestade*, de Mário Brasini, o Teatro Pernambucano do ator Elpídio Câmara, a Companhia Brasileira de Comédias do ator Barreto Júnior, ocupando o Teatro de Emergência Almare para êle construido pelo capitalista Ademar Costa Carvalho, o Grupo da Cidade de Catende, tendo à frente o dramaturgo Aristóteles Soares, autor de *Cana Brava*, *A Trovoada* e *Terra Queimada* e vários outros espalhados pelos subúrbios, sem contarmos com o Teatro do SESI, dirigido pelo ator Genival do Wanderley, que já nos deu uma apresentação de *Herois*, de Shaw e promete-nos para breve *O imperador Jones*, de O'Neill.

O ano de 1950 vai caracterizar-se, principalmente, pelas festividades de solenização ao primeiro centenário do Teatro Santa Isabel, com a participação de todos os grupos da cidade, além da vinda de companhias estranhas ao meio, como a do sr. Procópio Ferreira, a do sr. Sandro Polônio e, possivelmente, com a de Jean-Louis Barrault.

MOSSORÓ - GLÓRIA DO PASSADO

Campeão do primeiro Grande Prêmio Brasil — Em 23 apresentações, 11 triunfos — Vitorioso na Inglaterra — Cr$ 413.700,00 em prêmios

Mossoró, tordilho, filho de Kitchner e Galathéa, correu pela primeira vez no Hipódromo da Gávea em 31 de julho de 1932, chegando quinto colocado em um páreo de 1.300 metros. Apresentado mais 7 vezes nessa temporada logrou apenas 1 vitória, sob a monta de Inácio de Souza, em uma prova de 1.400 metros, com a dotação de Cr$ 5.000,00. Entrou "placé" mais 3 vezes, com dois segundos e um terceiro lugar. Revelando já nesse seu primeiro ano de pistas um de seus maiores predicados — a regularidade — sòmente em 3 ensejos não obteve colocação.

1933 — ANO DA CONSAGRAÇÃO

Iniciado o ano que lhe traria maiores glórias, obteve seu segundo sucesso, ainda montado por Inácio de Souza, em 1.600 metros. Em fevereiro, depois de três colocações, marcou mais um êxito vencendo um páreo em 1.500 metros, sendo, nessa oportunidade, pilotado por Justiniano Mesquita. A 23 de abril, credenciado por 2 novos triunfos, foi 4.º colocado no "Clássico Outono", em 1.800 metros, vencido por Young.

O PRIMEIRO CLASSICO

Em junho deste mesmo ano levantou o "Cruzeiro do Sul", o Derby Brasileiro, em 2.400 metros, com a dotação de .... Cr$ 30.000,00. Pilotado por Mesquita desforrou-se de seu vencedor no "Outono" que entrou segundo, derrotando ainda seu companheiro de cocheira Calcó e mais Yeoman, Algarve, Yéa, Biribi e Capucino. Novo sucesso clássico conseguiu pouco antes da prova máxima, laureando-se no "Clássico 16 de Julho", corrido em 2.400 metros, com .... Cr$ 25.000,00, levando de vencida novamente Young, Calcó e Niño, Capibaribe, Soneto, Arranha Céu e Concórdia.

O GRANDE PRÊMIO BRASIL

Consagrou-se definitivamente como o melhor animal da época vencendo a maior prova da temporada, criada naquele ano e dotada com Cr$ 300.000,00, prêmio, na ocasião, considerado elevadíssimo. Derrotou Mossoró, nesse primeiro "Grande Prêmio Brasil", disputado em 3.000 metros na pista de grama molhada, 20 adversários credenciados, como sejam Belfort, Calcó, Sueño Largo, Bosphore, Soneto, Conjurado, Catón, Myrthée, Double Steel, Origan, Kelani, Panache Royal, Carmel, San Salvador, Pariseo, Niño, Ultraje, Bel Ideal, Arranha Céu e Padishah.

Após vencer por "walk over" o "Clássico Distrito Federal" neste mesmo mês, foi embarcado para Pernambuco, encerrando assim, sua campanha na Gávea.

VITORIOSO NA INGLATERRA

No ano seguinte, isto é, em 34, foi embarcado para a Inglaterra, onde correu 3 vezes, vencendo uma carreira em 2.531 metros e colocando-se em segundo no "Swaffham Plate" em 3.218 metros e terceiro no "Bentick Plate", em 2.413 metros.

O REGRESSO

Trazido de volta ao Brasil foi servir no Haras Maranguape de propriedade de seu criador Coronel Frederico Lundgren. Como reprodutor já deu às pistas 13 corredores, todos ganhadores, dos quais a promissora "two years" Gorgona é o mais destacado.

Mossoró nasceu em 24-8-929 no Haras Maranguape localizado em Pernambuco. Enquanto esteve em atividades na Gávea ficou sob a orientação do competente Eulogio Morgado, que guarda do tordilho gratas recordações. Diz mesmo, a quantos falam do filho de Kitchner em sua presença, ter sido o animal que lhe deu maiores alegrias. "Foi um grande corredor, afirmou-nos. Valente como poucos, com aquele caminhar de cabeça baixa e olhar tristonho, Mossoró proporcionou-me grandes momentos, dos quais me recordo com saudades".

E assim foi Mossoró. Em pouco mais de 1 ano de atividade correu 23 vezes, obtendo 11 vitórias, 5 segundos, 3 terceiros e apenas 4 descolocações. Levantou em prêmios Cr$ 413.700,00, quantia sobremodo expressiva se atentarmos para a duração de sua campanha nas pistas de corridas e para as dotações dos páreos na ocasião.

BRILHAM NAS PISTAS OS PERNAMBUCANOS DO HARAS MARANGUAPE

Gorgona, o melhor produto do valente Mossoró, volta à repesagem depois de uma de suas vitórias, seguro pela senhorita Cora Miranda, filha do coronel José Cândido de Miranda, procurador do Estud, e por uma fan da tradicional coudelaria

Helás, um dos melhores produtos oriundos do Haras Maranguape seguro pelo ardoroso "turfman" Célio Miranda, genro do sr. Artur Hermann Lundgren

Palmeiras, outra destacada representante da criação pernambucana, leadeada pelos srs. Célio e Cromwell Miranda

MOSSORO' - orgulho da criação pernambucana

Se volvermos os olhos para a história do turfe brasileiro, depararemos sem dúvida, com a figura de Mossoró.

Quem diria, que aquele cavalinho tordilho, de fisionomia triste, nos daria a glória de levantar o Primeiro Grande Prêmio Brasil?

Criado com todo o carinho por Frederico Lundgren em sua fazenda de criação no Estado de Pernambuco, o valente nacional demonstrou logo, em seus primeiros contactos com as pistas, os excelentes dotes de corredor. Embora entrando sempre colocado, só veio obter seu primeiro triunfo, no Hipódromo da Gávea, em 21 de agôsto de 1932, dirigido por Ignácio de Souza. Nesse mesmo ano correu mais quatro vezes, sem contudo bisar o feito.

No ano seguinte reapareceu auspiciosamente; aliás, 1933 foi o seu ano de glórias. Levantou o "Cruzeiro do Sul", o "16 de Julho", o "Distrito Federal" (em walk over) e a prova máxima do turfe brasileiro, o Grande Prêmio Brasil, instituido naquele ano, com a dotação de Cr$ 300.000,00. Coube a Mesquita a honra de pilotar o extraordinário filho do Estado de Pernambuco, que derrotou Belfort, Calcó, Sueno Largo, Bosphore, Soneto, Conjurado, Myrthée e outros famosos parelheiros da época.

Depois dessa brilhante campanha em nosso hipódromo, foi embarcado para seu Estado natal, onde descansou por algum tempo, sendo, então, enviado para a Inglaterra para colher mais um louro, vencendo uma prova em 2.531 metros. Em seguida foi segundo e terceiro, respectivamente, no Swaffham Plate e Bentick Plate.

Regressando ao Brasil foi servir no Haras Maranguape, iniciando sua vida de reprodutor.

Seu primeiro produto, a tordilha Mossoroina, logrou cinco triunfos na Gávea. Vieram depois Potentado, Matapiruma, Motocolombó, Severo, Pirajá, Dulipé, Maripoza, Jandaya, Edúnio, Adail e Pilantra, todos ganhadores.

O seu melhor produto, todavia, surgiu na geração deste ano. Trata-se da promissora Gorgona, por Solidaric. E' uma potranca jeitosa e que vem ocupando posição de destaque na turma, tendo levantado em impressionante estilo o "Clássico Pereira Lima", figurando honrosamente em outras provas.

Mossoró prossegue em suas atividades. Sua última cobertura foi feita em Arypunan. E, se melhores "cracks" não enviou às pistas não lhe cabe a culpa. Ofereçam éguas de classe ao tordilho e verão como os resultados serão mais positivos.

STARTER